

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Vinicius Sant'Ana Machado

**AS VOZES E OS SILÊNCIOS SOBRE A TORCIDA GERAL DO GRÊMIO
NAS PÁGINAS DE UM JORNAL**

Porto Alegre

2011

Vinicius Sant'Ana Machado

**AS VOZES E OS SILÊNCIOS SOBRE A TORCIDA GERAL DO GRÊMIO
NAS PÁGINAS DE UM JORNAL**

Monografia de Conclusão de Curso submetida ao curso de Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2011

Vinicius Sant'Ana Machado

**AS VOZES E OS SILÊNCIOS SOBRE A TORCIDA GERAL DO GRÊMIO NAS
PÁGINAS DE UM JORNAL**

Conceito final:

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*O sábio não é o homem que fornece as verdadeiras respostas;
é o que formula as verdadeiras perguntas.*

Claude Lévi-Strauss

RESUMO

O estudo percorreu, a partir de uma ruptura no modo de torcer promovida por alguns torcedores do clube de futebol *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e dos olhares dirigidos aos mesmos pela imprensa, as representações produzidas pelo jornal Zero Hora sobre a torcida Geral do Grêmio no período de 2003 a 2008. Realizou-se uma revisão de literatura que investigou o universo das torcidas de futebol, desde as *hinchadas* sul-americanas até as torcidas do Grêmio. Posteriormente, procedeu-se à análise de conteúdo com base nas edições de Zero Hora que noticiaram as ações da torcida Geral do Grêmio no recorte temporal escolhido (2003–2008). Foi possível inferir sobre as vozes e os silêncios de Zero Hora e o distanciamento da pretensa neutralidade do discurso midiático. Concluiu-se que, quando investigou as ações da Geral do Grêmio, Zero Hora inclinou-se a oferecer aos leitores a violência levada a efeito pela torcida Geral do Grêmio dentro e fora do Estádio Olímpico Monumental.

Palavras-chave: **futebol; torcidas; História.**

ABSTRACT

The study went through, from a rupture in the way of supporting promoted by some supporters of the football club *Gremio Foot-Ball Porto Alegre* and the looks headed to them by the press, the representations about Geral do Grêmio supporters association made by the newspaper Zero Hora between 2003 and 2008. A literature review that investigated the world of football supporters associations was conducted, from the South American hinchadas to the Gremio supporters associations. Afterwards, a content analysis based on the Zero Hora editions that reported the actions of the Geral do Gremio in the selected time frame (2003-2008) was performed. It was possible to infer about Zero Hora voices and silences and the alleged neutrality of the media discourse. It was concluded that Zero Hora, when investigating the Geral do Grêmio actions, has tended to offer to the readers the violence carried out by Geral do Grêmio supporters inside and outside the Olímpico Monumental Stadium.

Key words: **football; supporters associations; History.**

RESUMEN

El estudio siguió, a partir de una ruptura en el modo de alentar promovido por algunos aficionados del club de fútbol *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* y de la mirada dirigida a ellos por la prensa, las representaciones producidas por el periódico *Zero Hora* acerca de la hinchada *Geral do Grêmio* desde 2003 hasta 2008. Llevamos a cabo una revisión de la literatura, que investigó el universo de las hinchadas de fútbol, desde las hinchadas sudamericanas hasta las de *Grêmio*. Posteriormente, se procedió el análisis de contenido basado en las ediciones de *Zero Hora* que informaron las acciones de la hinchada *Geral do Grêmio* en el marco de tiempo elegido (2003–2008). Podría inferir acerca de las voces y los silencios de *Zero Hora* y la distancia de la supuesta neutralidad del discurso mediático. Se concluyó que, al investigar las acciones de la hinchada *Geral do Grêmio*, *Zero Hora* ha tendido a ofrecer a los lectores la violencia llevada a cabo por los hinchas de *Geral do Grêmio* dentro y fuera del estadio Olímpico Monumental.

***Palabras-clave:* fútbol; hinchadas; Historia.**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro de apresentação do <i>corpus</i> textual.....	33
Figura 2 – Percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (1998)	45
Figura 3 – Percentuais de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2001).....	46
Figura 4 – Percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2004)	47
Figura 5 – Número e percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2010).....	48
Figura 6 – Vista área do Estádio Olímpico Monumental e adjacências	84
Figura 7 – Distintivos das Torcidas Organizadas do Grêmio FBPA.....	100
Figura 8 – Os espaços do Estádio Olímpico Monumental	101
Figura 9 – Faixa em espanhol estendida no Estádio Olímpico Monumental	110
Figura 10 – A apropriação do idioma castelhano nas arquibancadas do Estádio Olímpico.....	110
Figura 11 – A valorização do portenho em detrimento do brasileiro	111
Figura 12 – A Geral do Grêmio: os trapos, as barras e as bandeirolas.....	112
Figura 13 – A Geral do Grêmio: comemoração nos 100 anos de Grenal.....	113
Figura 14 – A Geral do Grêmio: a bandeira do Rio Grande do Sul	116
Figura 15 – A Geral do Grêmio: a “República Rio Grandense”	116
Figura 16 – Quadro com o número de sócios do Grêmio FBPA por ano.....	120
Figura 17 – Quebra da grade de separação de setores por parte da torcida gremista.....	121
Figura 18 – A incineração dos banheiros químicos no Grenal 366.....	122
Figura 19 – A tentativa de contenção das chamas.....	122
Figura 20 – <i>Los Borrachos del Tablón, hinchada</i> de River Plate (ARG)	126
Figura 21 – A Geral do Grêmio.....	127
Figura 22 – <i>La Manya, hinchada</i> de Peñarol (URU)	128
Figura 23 – Geral do Grêmio: chuva de bobinas de papel	128
Figura 24 – <i>La Guardia Imperial, hinchada</i> de Racing (ARG).....	129
Figura 25 – A Geral do Grêmio: apoio no campo suplementar de treinamento do Grêmio	129
Figura 26 – <i>Garra Blanca, hinchada</i> de Colo-Colo (CHI)	130
Figura 27 – <i>Jugador Nº 12 (La Doce), hinchada</i> de Boca Juniors (ARG).....	131
Figura 28 – A Geral do Grêmio: os guarda-chuvas e as sombrinhas	131
Figura 29 – A Banda da Geral do Grêmio: dentro do estádio	133
Figura 30 – A Banda da Geral do Grêmio: apoio fora do Rio Grande do Sul	134
Figura 31 – A Banda da Geral do Grêmio: preparação para entrada no estádio	134
Figura 32 – A Banda da Geral: “trago, alento, amizade” e Rio Grande do Sul	135
Figura 33 – “Ecurinho”, a mascote oficial do S. C. Internacional	143
Figura 34 – O torcedor do S. C. Internacional fantasiado de gorila	143
Figura 35 – A assimilação do apelativo “macaco” por parte da torcida do S. C. Internacional..	144
Figura 36 – A assimilação do apelativo: faixa na torcida colorada.....	144
Figura 37 – Faixa de exigência da torcida Geral do Grêmio.....	148
Figura 38 – Protesto da torcida Geral do Grêmio.....	149
Figura 39 – Protesto da torcida Geral do Grêmio: mensagem à direção	149
Figura 40 – Faixa de protesto da Geral do Grêmio	150
Figura 41 – Apoio da Geral do Grêmio nas eleições à presidência do clube (2008)	151
Figura 42 – Geral do Grêmio nas eleições à presidência do clube (2008)	151

Figura 43 – Direção do Grêmio e lideranças da Geral do Grêmio.....	155
Figura 44 – A bandeira da Máfia Tricolor, exaltando o ex-jogador Everaldo	157
Figura 45 – Quadro de codificação por conectores verbais: Alma Castelhana	161
Figura 46 – Quadro de codificação por conectores verbais: Geral do Grêmio	161
Figura 47 – Quadro de codificação por tema: álcool e drogas (Alma Castelhana).....	170
Figura 48 – Quadro de codificação por tema: álcool e drogas (Geral do Grêmio)	171
Figura 49 – Quadro de codificação por palavra: violência (Alma Castelhana).....	172
Figura 50 – Quadro de codificação por palavra: violência (Geral do Grêmio).....	174
Figura 51 – Quadro de codificação por direção (Alma Castelhana)	179
Figura 52 – Quadro de codificação por direção (Geral do Grêmio).....	180
Figura 53 – Blocos de notícias publicadas com base em marcos desencadeadores	189

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	JUSTIFICATIVAS.....	14
2	A BÚSSOLA DA HISTÓRIA CULTURAL.....	17
2.1	O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO.....	19
2.2	DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: CLIVAGENS ENTRE ESPORTE, HISTÓRIA E JORNALISMO	23
3	MARCOS DE REFERÊNCIA METODOLÓGICA	29
3.1	A ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	31
3.1.1	O <i>corpus</i> textual	32
3.1.2	Análise de conteúdo informatizada: possibilidades e limitações.....	36
3.1.3	Codificação	38
4	O UNIVERSO DAS TORCIDAS E DOS CLUBES DE FUTEBOL: SINGULARIDADES E COLETIVIDADES DE UMA PAIXÃO	40
4.1	OS TORCEDORES DE FUTEBOL	40
4.1.1	Identidade e paixão clubística	40
5	AS TORCIDAS ORGANIZADAS	49
5.1	OS SÍMBOLOS DA IDENTIDADE	60
5.1.1	O cyberhooliganismo das torcidas organizadas.....	65
5.2	AS BARRAS BRAVAS.....	66
5.2.1	O aguante.....	72
6	O GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E SUAS TORCIDAS.....	79
6.1	A RIVALIDADE GRENAL	84
6.2	A VIOLÊNCIA NO CLÁSSICO GRENAL	88
6.3	AS TORCIDAS GREMISTAS	92
6.4	AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO GRÊMIO	98
6.5	A GERAL DO GRÊMIO	108
6.5.1	O “encorpamento” do espetáculo.....	117
6.5.2	A Geral do Grêmio sob o foco midiático: torcida organizada, firma ou hinchada?	120
6.5.3	A voz da Geral: uma análise dos cantos e xingamentos.....	132
6.5.4	O “racha” na Geral do Grêmio: arrefecimento nas arquibancadas do Olímpico, ebulição fora dele.....	152
7	AS VOZES E OS SILÊNCIOS IMBRICADOS NAS PÁGINAS DE ZERO HORA.....	160
7.1	AS PRESENÇAS (E AUSÊNCIAS) EM ZERO HORA: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA COM O PÚBLICO LEITOR	182
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
	REFERÊNCIAS	196
	ANEXO A – PANFLETO DIVULGADO NAS IMEDIAÇÕES DO ESTÁDIO OLÍMPICO MONUMENTAL ANTES DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DO GRÊMIO NA GESTÃO 2011/2012	216

ANEXO B – NOTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE OS INCIDENTES ENTRE A TORCIDA GERAL DO GRÊMIO E A TORCIDA MÁFIA TRICOLOR	217
ANEXO C – CHARGE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GERAL DO GRÊMIO E JOGADORES	218

1 INTRODUÇÃO

Qual time tem a camisa reserva igual à da Argentina? Uma torcida que entoa grito das organizadas dos hermanos e que em vez de faixas e bandeiras carrega “trapos” para o estádio? Dois atacantes gringos? Que se autointitulou um clube copeiro? Que faz da Libertadores a sua Copa do Mundo? E que estimula o sentimento de time com futebol menos brasileiro do Brasil? Se respondeu Grêmio... acertou.
Revista Placar, abril de 2009

O início do século XXI foi marcado por uma ruptura no modo como a torcida do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* apoiava e incentivava seus jogadores durante as partidas. Em meados de 2001, um pequeno grupo formado por pouco mais de uma dezena de torcedores, membros de uma torcida organizada do clube – a torcida Jovem do Grêmio – e insatisfeitos com a “maneira brasileira”¹ de torcer, onde, segundo eles, a incitação ao time ocorre somente no momento em que a equipe adentra ao campo ou quando ocorre um gol favorável, deixaram o setor do estádio que ocupavam para postarem-se nas tribunas populares (conhecidas como arquibancada geral), situadas atrás de uma das goleiras do estádio Olímpico Monumental. Esse ato deu corpo ao movimento modificador da forma como parte da torcida do Grêmio expressava estímulo e devoção ao clube. As camisetas da torcida organizada da qual faziam parte estes torcedores foram substituídas pelas camisetas do clube. Já os “bandeirões” deram lugar às bandeiras compridas e finas estendidas desde o anel superior da arquibancada até a mureta do anel inferior (conhecidas como “barras”), enquanto que as bandeirolas cederam espaço a novos estandartes com dizeres de amor e paixão ao time e jogadores (denominados “trapos”). Também foi adotado o uso de forte aparato pirotécnico, caracterizado essencialmente pelo emprego de sinalizadores de fumaça.

Esta torcida independente, autodenominada “Geral do Grêmio”, foi ganhando adeptos e tomando proporções outrora inimagináveis. O comportamento festivo e carnavalesco, particular às torcidas organizadas brasileiras, agora era agressivo, de forma constante e incondicional, além de incessante ao longo de toda a partida e independente do resultado ou de como o time do Grêmio se portasse durante os jogos. Os cantos eram entoados em castelhano/espanhol e os gols marcados pela equipe gaúcha mereceram uma comemoração especial e peculiar: a “avalanche”. Esta celebração consiste em descer os degraus das arquibancadas correndo, como se a torcida se

¹Expressão utilizada pelos próprios fundadores da torcida Geral do Grêmio. Ver BEHS, Leandro. *Alma Castelhana*. In: *Revista Placar*. 1329 ed. São Paulo: Abril, 2009. p. 76.

tornasse um corpo só, uma massa homogênea, arrastando todos que estivessem pela frente, tal qual numa avalanche.

As manifestações da torcida Geral do Grêmio atraíram os olhares da imprensa, que passou, gradativamente, a emitir notícias sobre os seus movimentos. As primeiras reportagens surgiram em 2003 e, cada vez mais constantes, passaram a abordar os vários aspectos que envolviam a torcida e seus torcedores. Por fim, muitas destas notícias que passaram a estampar as páginas do jornal gaúcho Zero Hora difundiram, através da imprensa escrita, a expressão da violência causada *pela* Geral do Grêmio e *à* Geral do Grêmio.

Posto isto, o presente estudo, primeiramente, lança olhares sobre o universo das torcidas de futebol, discutindo aspectos que cercam as torcidas organizadas brasileiras, os *barrabravas* sul-americanos e as torcidas do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Em um segundo momento, analisamos as reportagens sobre a torcida Geral do Grêmio veiculadas pelo jornal Zero Hora, com sede administrativa em Porto Alegre e circulação por todo o estado do Rio Grande do Sul. Quanto ao recorte temporal aplicado, utilizou-se o lapso cronológico posicionado entre os anos de 2001, período de composição da torcida Geral do Grêmio e 2008, ano em que foi deflagrado o processo de secção no corpo da torcida Geral do Grêmio, uma vez que o recorte documental analisado, ou seja, as edições do jornal diário Zero Hora, está compreendido dentro dessa passagem de tempo determinada. O presente estudo situa-se espacialmente na cidade de Porto Alegre – capital do estado do Rio Grande do Sul –, onde se encontram a sede do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e a administração do jornal Zero Hora.

Diante de tal espectro, emerge o problema de pesquisa: Quais as representações produzidas pelo jornal Zero Hora sobre a torcida Geral do Grêmio no período de 2001 a 2008?

Interesso-me aqui pela análise não somente da superfície das palavras impressas no papel espesso e áspero (do tipo *newsprint*) das edições de Zero Hora, mas pela profundidade daquilo que é dito – e silenciado – em cada reportagem que retrata as ações da torcida Geral do Grêmio, pois, como aponta Maffesoli (2008):

Cada um de nós é o que é porque conta uma história, verdadeira ou falsa. Qualquer relação, seja de amizade, seja amorosa, só terá sentido quando qualquer um dos protagonistas contar tal história. Uma história de família, por exemplo, contém muitos não-ditos: algo da ordem da certeza, mas não da veracidade.

Assim, empenho-me em tirar o véu que permite observar só a superfície, penetrando na medula do tema, no campo obscuro do não-dito. Espera-se que uma pesquisa histórica de maior fôlego consiga organizar um amplo panorama, visando analisar os discursos e os silêncios nas notícias veiculadas no jornal Zero Hora. Consideramos, de acordo com Bonetti (2008, p. 185) a mídia impressa como “um aparelho ideológico de dominação e assujeitamento”, mas que, dicotomicamente, apresenta uma “polissemia inevitável”, vindo a “alimentar o domínio público com versões mais complexas e diversificadas acerca das questões contemporâneas – *mesmo que nem sempre o queira*”². Trata-se de buscar o flagrante e o oculto, o manifesto e o incerto ou, como ilustra Michel Maffesoli (2008), aquilo que opera dentro da lógica de um lençol freático, que não se vê, mas que é evidente; é a profundidade que se encontra na superfície das coisas.

Se todo historiador tem pelo menos um dos pés apoiados em seu tempo (BARROS, 2005), o corrente estudo funda os dois pés na contemporaneidade. O tema aqui tratado, ocorrido na década passada, ainda possui desdobramentos na atualidade, é corrente, conserva as características das personagens e os efeitos de suas ações. Ou, como explica Da Matta (2000),

[...] um evento mais próximo no tempo é um fato ainda se desenrolando entre nós. Um episódio que não esgotou suas ondas de impacto. Daí, certamente, as dificuldades de uma interpretação “fria” acadêmica e a multiplicidade de interpretações políticas. Trata-se de um episódio “quente”, que se desenrola diante dos nossos olhos, e que ainda depende de nossa ação sobre ele (p. 128).

Portanto, tal disposição das coisas só aumenta a cautela na manutenção do equilíbrio entre o envolvimento ético – uma vez que “vivi” os acontecimentos aqui abordados, seja presente nos jogos do Grêmio, seja como leitor do jornal Zero Hora ou até mesmo debatendo o tema numa informal conversa entre amigos – e o distanciamento crítico, tão essenciais na pesquisa histórica.

1.1 JUSTIFICATIVAS

O presente estudo apresenta relevância científica e acadêmica por investigar e coletar dados que contribuam para preencher as lacunas bibliográficas existentes ao tratar da torcida Geral do Grêmio. Conforme as noções apresentadas mais adiante no Quadro Teórico, existem lacunas no campo das produções científicas direcionadas a focar a Geral do Grêmio. Não

² Grifo do autor.

obstante, a maior parte da escassa produção textual sobre a Geral do Grêmio provém da cobertura jornalística que as mídias impressas levam a efeito. Logo, muito daquilo que se diz sobre a torcida é ponderado através dos olhares da imprensa e surge carregado pela doxa midiática. Assim, busco perceber, por meio de um aporte teórico e metodológico, o assunto através de outros vieses, a fim de, até mesmo e se for o caso, confrontar as manifestações da imprensa acerca da Geral do Grêmio.

Acredito pesar também, a favor da relevância científica e acadêmica, a busca pelos diálogos interdisciplinares. A interdisciplinaridade, aqui promovida pela conexão entre Esporte, História e Jornalismo, é um contributo que concorre para a quebra das análises baseadas num sistema fechado, finito e acabado em si mesmo. Expandindo os olhares, é possível derrubar os paradigmas inerentes a cada domínio e a rigidez e brutalidade de suas “verdades” absolutas.

Na vida cotidiana, são de domínio público as discussões sobre o esporte e, no caso brasileiro, do futebol. Todos se sentem idôneos para discutir futebol, dentro e fora dos estádios, nas conversas de bar, nas reuniões de família. São habituais também as conversas informais sobre as notícias presentes nas páginas dos jornais diários. Há duas décadas ou mais, os cientistas sociais pouco se ocupavam com as discussões sobre o universo do futebol, uma vez que essa preocupação fazia parte do cosmos do jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas de rua (HELAL, SOARES & LOVISOLO, 2001). Estes mesmos cientistas sociais acreditavam que o futebol fazia parte dos processos de alienação das massas, afastando o povo das verdadeiras preocupações (*idem*). Porém, uma mudança no pólo das discussões, a partir de um olhar científico sobre o futebol e suas manifestações, se deu e, com isso, conteúdos foram entremeados.

Assim, em primeira instância e como as demais produções acadêmicas, este estudo tem por objetivo fazer com que as atividades científicas transponham os muros da Academia. Acima de mero exercício de erudição, almejo, através das noções aqui desenvolvidas, não manter o conhecimento científico enclausurado e isolado nos limites desta Escola, mas conectá-lo à sociedade e algumas de suas expressões. São esforços para devolver à sociedade – em forma de noções e compreensões dos fenômenos através de diferentes pontos de vista – aquilo que a sociedade oferece à vista para ser estudado e debatido, sem pretender esgotar os assuntos, mas sempre abrindo novos espaços para mais discussões e debates.

Mesmo reconhecendo que o tema do futebol e de suas torcidas já tenha sido percorrido exaustivamente por pesquisadores de diversos campos do conhecimento, atribuo o ineditismo

temático do presente estudo ao fato de percorrer os caminhos das torcidas do Grêmio e, principalmente, da torcida Geral do Grêmio. Há flagrante carência de pesquisas que desenvolvam tais temas. Em termos metodológicos, a abordagem carrega algo de particularmente novo, por empreender uma análise de conteúdo aplicada às reportagens do jornal Zero Hora que abordam a torcida Geral do Grêmio, utilizando a ferramenta de computador QSR NVivo 7.

Em relação à viabilidade deste estudo, a pesquisa é concretamente exequível mediante as condições propostas, dada a facilidade no acesso às fontes em arquivos e em bibliotecas. O acervo de Zero Hora foi consultado diretamente em sua sede em Porto Alegre. No local, foram coletadas as reportagens necessárias e os dados foram registrados num *drive* de armazenamento. Quanto às fontes impressas, estas foram consultadas *in loco* no sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) espalhado pelos quatro campi da instituição de ensino superior. Outras fontes *on-line* foram examinadas via *internet*.

2 A BÚSSOLA DA HISTÓRIA CULTURAL

Práticas sociais podem valer como discursos, silêncios falam, ausências revelam presenças, coisas portam mensagens, imagens de segundo plano revelam funções, canções e músicas revelam sentimentos, piadas e caricaturas denunciam irreverência, senso de humor e deboche.
Sandra Jatahy Pesavento

O presente estudo deitou raízes na abordagem teórico-metodológica da História Cultural, no que se refere ao campo histórico no qual tal pesquisa se inseriu. A História Cultural (ou “Nova História Cultural”³) surgiu a partir de uma crise vivenciada pela História, especialmente nas décadas de 60 e 70 do século XX, quando o saber histórico não ocupava mais um lugar de destaque dentre as ciências sociais, prestando-se a cumprir papel auxiliar no campo científico à medida em que parecia juntar e ordenar dados para que as outras ciências (Sociologia, Política, Economia...) procedessem à interpretação dos mesmos (PESAVENTO, 2008).

Assim, após esta reconfiguração no modelo de se pensar a cultura através do saber histórico, foram deixados para trás velhos paradigmas e moldes ortodoxos, a fim de se “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (*ibidem*, p. 15). Chartier defende, no seio da (Nova) História Cultural, a revalorização do sujeito e dos grupos, como atores conscientes capazes de atribuírem sentido ao seu mundo (ARÓSTEGUI, 2006), onde ocorre a “passagem da análise objetiva das realidades sociais em si mesmas à do discurso e da representação que os sujeitos se fazem de tal realidade” (*idem*, p. 220). Chartier (2002) cita como principal objeto da História Cultural a busca por identificar o modo como uma determinada realidade social, em diferentes espaços e épocas, é construída, pensada e dada a ler. Pesavento (2008) consegue descrever minuciosamente os alicerces desta nova realidade no campo da História Cultural:

Não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais a era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. Uma era de

³ Expressão utilizada por autores como Hunt (1992), Aróstegui (2006) e Pesavento (2008), onde é posto em saliência o novo voo que a História passa a alçar a partir da década de 80 do século XX, quando uma série de pesquisas passou a dar um novo entendimento à ação histórica e um novo tratamento às fontes históricas, principalmente àquelas de natureza textual (ARÓSTEGUI, 2006). Pesavento (2008) aponta que tal expressão remete à lembrança da existência e do rompimento com “uma velha, antiga ou tradicional História Cultural” (p. 14), onde o entendimento de cultura estava ligado à “manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites” (*idem*).

dúvida, talvez, da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que acontece terá, no futuro várias versões narrativas (p.15-16).

Não obstante, a História Cultural mostra que é praticável a reedificação do passado enquanto objeto de pesquisa, mediada pela tentativa de atingir a percepção dos indivíduos no espaço contemporâneo (valores, aspirações, ambições, receios, medos, paradigmas...), entremeando uma análise inclusivamente descontínua da História (*idem*).

Outro conceito presente nas doutrinas da História Cultural – e que serve de norte para o presente estudo – é a assertiva proposta por Burke (2006, p. 35), onde declara categoricamente: “A tentação a que não deve sucumbir o historiador cultural é a de tratar os textos e as imagens de um período determinado como espelhos, como reflexos não problemáticos de seu tempo”. É o esforço do historiador para não romantizar a História, discernindo entre a ficção e o real potencial das fontes enquanto documentos capazes de estabelecerem verdades sobre o passado (PESAVENTO, 2008).

Portanto, a dimensão da História Cultural concorre, particularmente, nesta pesquisa, para dirigir os esforços na busca pela compreensão da alteridade de olhares e sentidos que repousam sobre a torcida Geral do Grêmio, incrustada nas notícias veiculadas no jornal Zero Hora, ao longo de seis anos (2003 – 2008). Busca-se depreender como os agentes históricos (torcida e imprensa escrita) se percebem e são percebidos dentro da cultura popular. As palavras de Diehl (2001) parecem contribuir enormemente para reforçar as aspirações a que busca o presente estudo, ao passo que

[...] dirige seu olhar histórico sobre os teores factuais, os quais carregam consigo rastros de *identidade*, de *sentido*, e dizem o que os atores pensavam e queriam quando acionavam os processos históricos com suas (inter)ações, reconstruídas via pesquisa numa espécie de mosaico histórico” (p. 49).

Outro campo histórico, dentro da abordagem cultural da História, no qual o presente estudo mergulha é a *História do tempo presente*. Tal campo da História se abeira de acontecimentos em pleno desenvolvimento, inacabados, onde o historiador é contemporâneo e, portanto, testemunha ocular do processo que ainda possui desdobramentos (PESAVENTO, 2008). Desta maneira, “o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já

acabado, de que se conhecem o fim e suas conseqüências. Não se trata, pois, da construção *ex-post* de algo que já ocorreu por fora da experiência do vivido” (*idem*, p. 93). O fato de a História ainda estar em curso e de o historiador ser observador e/ou partícipe da mesma produz riscos dos quais o pesquisador deve se acautelar. É o caso, fundamentalmente, de refutar o envolvimento direto com o objeto de estudos, resguardando o distanciamento que deve ser mantido para que a pesquisa não seja contaminada por paixões e posicionamentos que possam arrebatá-lo o historiador.

2.1 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

A fim de tornar claro o presente tratado, é fundamental dar significado a alguns conceitos recorrentes ao longo do estudo. As concepções de *identidade* serão apresentadas mais densamente no início do Capítulo 4 – subseção *4.1.1 Identidade e Paixão Clubística*. Outro conceito que merece ser examinado é o de *representação* – mais precisamente, as *representações coletivas/sociais*. A representação, enquanto “relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga” (CHARTIER, 1991, p. 184), quando transportada para o campo social, revela-se como uma configuração do conhecimento, elaborado e compartilhado grupalmente, com um objetivo de cunho prático, contributivo para a construção de uma realidade comum a este conjunto social (JODELET, 2002). Chartier (1991) desvela estas noções relativas à representação, enquanto realidade contraditoriamente construída por um conjunto de sujeitos, que impõe práticas com vistas a fazer reconhecer determinada identidade social (como marcadora de uma maneira própria de ser e de perceber-se) e, em esferas coletivas ou singulares, tais “representantes” buscam fincar pé de modo visível e perpétuo em relação à existência do grupo, comunidade ou classe.

O contexto social, então, produz as “alegorias” que os atores sociais deverão carregar para encenar um conjunto de representações, dentro de cada grupo, que os unificará e os fará serem reconhecidos no palco da sociedade. Ao mesmo tempo em que a representação faz ver uma ausência (por força da ação do imaginário e das aspirações a querer ser algo, desempenhando determinado papel ou ocupando determinado espaço), é o oferecimento à vista de uma presença, da coisa ou da pessoa, apresentada publicamente (FURETIÈRE, 1727 *apud* CHARTIER, 1991). Chartier (1991) explica tal acepção posicionando a representação como “o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de

repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é” (p. 184). No mundo das *representações*, há a produção de estratégias e práticas que se inclinam para a imposição de autoridades, concepções próprias do mundo social, domínios e valores, num campo de concorrências e competições na busca pelo poder e pela dominação (CHARTIER, 2002). De forma não neutra, lutas são travadas pelos indivíduos, singular e coletivamente, no *theatrum mundi*⁴, com o propósito de legitimar um projeto reformador que demarque poder e domínio de posições sociais sobre os *outsiders*⁵ – aqueles que não se enquadram no grupo e, portanto, são menosprezados por este, porém capazes de fazer trepidar a ordem já estabelecida – e, ao mesmo tempo, marcar e justificar escolhas e condutas dentro do próprio grupo.

Durkheim, na obra *As formas elementares da vida religiosa*, denota a indispensabilidade da realização de reuniões sociais que marquem a representação coletiva e o fortalecimento dos laços que unem os atores:

Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de manter e reafirmar, em intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que constituem sua unidade e sua personalidade. Pois, bem, esta refeição moral não pode ser obtida senão por meio de reuniões, de assembléias, de congregações onde os indivíduos, estreitamente próximos uns aos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns; daí, as cerimônias que, por seu objeto, pelos resultados que produzem, pelos procedimentos que empregam, não diferem em natureza das cerimônias propriamente religiosas. Que diferença essencial há entre uma assembléia de cristãos celebrando as datas principais da vida de Cristo, ou de judeus festejando a saída do Egito ou a promulgação do decálogo, e uma reunião de cidadãos comemorando a instituição de uma nova constituição moral ou de algum grande acontecimento da vida nacional?⁶ (2003, p. 651).

E segue, descrevendo as cerimônias religiosas como uma festa:

[...] toda festa, mesmo quando é puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem por efeito reunir os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar assim um estado de

⁴ Surgida na Antigüidade e popularizada ao longo da Idade Média, a expressão *theatrum mundi* (teatro do mundo) desvela a criação mental de que o mundo seria um grande espetáculo conduzido por Deus e representado pelos seres humanos (BRÜGGER, 2003). Termo dos mais antigos na sociedade ocidental, o *theatrum mundi* remetia ao propósito moral maior de entender os retratos da arte praticados pelos sujeitos na vida cotidiana e era recorrentemente empregado para recordar a vaidade aferrada às realizações humanas, concebendo o ideal de que todos os homens poderiam vir a se tornarem atores no mundo onde Deus era o último gestor da cena (*idem*).

⁵ Ver tal tema de forma substancial em ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

⁶ Traduzido livremente pelo autor.

efervescência, às vezes até de delírio, que não carece de parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e de suas preocupações regulares. Por isso observam-se em todas as partes as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de excitações que levantem o nível vital, etc. (p. 586).

Assim, o que é uma partida de futebol senão uma reunião festiva, do mesmo modo como o são os eventos desportivos, os concertos de *rock*, os festivais de dança e as touradas, por exemplo? Neste contexto, a representação parece estar intimamente ligada ao universo do futebol, como mostra Franco Júnior (2007, p. 394):

É verdade que o futebol não é realidade em si, mas fuga do real, representação imaginária. Ele, contudo, não se diferencia nisso do cinema, do teatro, da literatura e das artes em geral. Assim como essas formas culturais, o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer outra manifestação contemporânea. [...] Ao atuar onde melhor lhes convém, os profissionais do futebol fazem a mesma coisa que outros especialistas da representação – atores, cantores, escritores, jornalistas, pintores, escultores. [...] Mas nesse esporte o sujeito de maior carga religiosa e emocional é o torcedor, não o jogador. Este, mesmo quando incorpora aquela carga no desempenho do seu papel, continua produzindo uma representação.

Dunning (1985) classifica as formas modernas de desportos (*exempli gratia* o futebol, o boxe, o rúgbi...) como *representações* ritualizadas e civilizadas de combates, onde a tensão, o uso da força física e a violência são controlados racional e instrumentalmente, sendo as regras e as convenções adotadas, além da presença de um juiz, os principais fatores de contenção dos desportos, onde busca-se atingir o estado de catarse⁷, através da liberação das tensões.

Desde os primórdios do desporto, o futebol parece ser campo fértil para o desenvolvimento de representações dentro e fora dos gramados. Na Inglaterra do século XII, no ano de 1174, surgem os primeiros atestados da prática de jogos com bola, quando, durante as

⁷ A catarse (do grego, *kátharsis*), segundo considerações do filósofo grego Aristóteles, seria uma manifestação no mais alto grau da purgação e da purificação, essencialmente buscada nas tragédias encenadas na Grécia Antiga, capaz de produzir no espectador a liberação de sensações e o afloramento de sentimentos de compaixão, humor incômodo e temor (HOLLANDA, 2009a). Para Aristóteles, o grau de sucesso atingido pelas obras trágicas, do ponto de vista técnico, poderia ser avaliado a partir da identificação entre a trama e a platéia e o poder do drama de despertar prazer e diversão, após a tensão desenvolvida no desenrolar do enredo (sustentada pela música, pela dança e por todo o ambiente plástico-sonoro do espetáculo), culminando no estado de catarse, caracterizado pelo gozo, calma e relaxamento alcançados quando o excesso de emoções transbordava e se esvaía (*idem*).

comemorações da festa popular de Schrovetide (celebrada na Terça-Feira Gorda do calendário cristão), a bola utilizada representava a cabeça do chefe invasor ao festejar-se a expulsão dos dinamarqueses (FRANCO JR., 2007). Violentíssimo, o futebol de Terça-Feira Gorda, disputado entre grupos vizinhos, era capaz de proporcionar ossos partidos e narizes ensangüentados, sendo considerado passatempo favorito da população em muitas regiões da Inglaterra e repudiado pelo Estado enquanto desperdício de tempo, ameaça à paz e à ordem pública (ELIAS & DUNNING, 1985). A selvageria e turbulência provocadas por esta forma primitiva de futebol – e que, afora o mesmo nome, não se pode incorrer no erro de comparar com o futebol moderno – provocavam conflitos com as autoridades (*idem*), denotando uma possível forma de representação da existência (negada ou rebaixada) de grupos sociais subalternos, porém forte e presente no campo das representações simbólicas. Porém, ao avanço da civilização humana, caracterizado por mudanças no código de conduta e sensibilidade dos homens, seguiram-se transformações marcantes no futebol inglês emergido no século XIX, decorrente, entre outras causas, do aumento da sensibilidade à violência (ELIAS & DUNNING, 1985).

Sob o ponto de vista revelado pelas *representações*, ao drama que se desenrola nos gramados pelos jogadores, treinadores, comissão de arbitragem e todos aqueles que participam diretamente de uma partida de futebol, segue-se uma ebulição de sentimentos particulares e coletivos nos torcedores, uma vez que (furtando-me de uma assertiva de Esslin sobre a dramaturgia, para traçar uma analogia com a realidade de um espetáculo de futebol): “o autor e seus intérpretes são apenas metade do processo total: a outra metade é composta pela platéia e sua reação. Sem platéia não existe drama. Uma peça que não é encenada é apenas literatura” (1976, p. 21). Assim, o futebol faz aparecer *representações espaciais* (e, conseqüentemente, de poder e hierarquias) por parte da torcida, dentro e fora dos estádios – a diferença de símbolos e sentimentos entre torcedores que ocupam as arquibancadas gerais ou as tribunas sociais/cadeiras nos estádios (nos estádios), além dos torcedores da capital e os do interior do estado, ou da zona sul e da zona norte da cidade... –, *representações de lugares* – bairros, cidades, estados ou nações –, *representações de estilos* – futebol-arte versus futebol-força –, *representações de gênero* – onde os padrões de agressividade masculina, presentes na sociedade, estendem-se aos domínios do futebol, nas lutas que fazem emergir líderes e nas forjas de reputações, conservadas através dos confrontos para demonstrar ao próprio grupo e aos outros a masculinidade –, etc. Portanto, a metáfrase da idéia de Arno Vogel (1982 *apud* DAOLIO, 2005), para quem a sociedade realiza

uma representação de si para si mesma através dos rituais, é fundamental no entendimento do futebol como canal de expressão ritual e impelidor de questões sociais mais profundas.

2.2 DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: CLIVAGENS ENTRE ESPORTE, HISTÓRIA E JORNALISMO

Para desenvolver o estudo, foram travados alguns diálogos interdisciplinares, envolvendo, basicamente, (1) o Esporte – no caso, o futebol e suas torcidas –, (2) o Jornalismo – com ênfase para a imprensa esportiva, materializada nas páginas do jornal Zero Hora – e (3) a História – sob o domínio da História Cultural, como descrito anteriormente. O futebol e, mais precisamente, as torcidas de futebol receberam um olhar minucioso ao longo do Capítulo 1 deste estudo. Saliento, ainda, que, ao manter um diálogo entre estes três campos do conhecimento, tenho por objetivo proporcionar o que Melo (1997) conceitua como “rompimento dos rígidos limites epistemológicos” (p. 58), extraindo de cada área as contribuições mais valiosas para a estruturação de um estudo conciso e abrangente.

A interação entre História e Jornalismo, sob a ótica de Romancini (2007), é marcada pela influência recíproca derivada não só do fato de os historiadores buscarem nos jornais elementos que sustentem as narrativas a serem elaboradas em suas pesquisas, bem como dos jornalistas que, por vezes, têm papel central (e polêmico) na cobertura da “história imediata”. Em relação ao Jornalismo, tratando-se da mídia impressa, é preciso ter em conta algumas considerações acerca das palavras e notícias que emanam das páginas dos jornais. De Luca (2005) faz apontamentos para o desprestígio dos jornais, durante o século XIX e nas primeiras décadas do século XX, enquanto fontes desprovidas de objetividade, verossimilhança, credibilidade e fidedignidade, por força dos “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (p. 112), contidos nos periódicos. Segundo Prost (1998 *apud* DE LUCA, 2005), a mudança na maneira de apurar a “verdade” por trás das linhas dos jornais se dá a partir do enfraquecimento no interesse pelo que dizem os textos, voltando as atenções para a “maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam” (p. 114) e “pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem” (*idem*).

Como alerta Glénisson (1986 *apud* DE LUCA, 2005), parafraseando Pierre Renouvin, ao se recorrer aos meios de comunicação impressos como fontes de pesquisa histórica, há de se

cercar de cuidados relativos às fontes de informação, à tiragem do periódico, às áreas de difusão, às possíveis aproximações dos gestores da publicação com instituições de caráter político e grupos econômicos e/ou financeiros, etc. Zanchetta Jr. (2008) vai além, debatendo sobre a função histórica, atribuída aos jornais, de legitimadores e guardiões das instituições sociais, a quem respondem por força de uma série de interesses definidores da agenda diária das publicações – o que é ou não noticiável e como a notícia deverá ser construída –, assim afirmando:

A agenda tem uma dinâmica fluida, marcada por relações públicas e privadas que se estabelecem entre os diversos agentes responsáveis pela produção e consumo dos materiais de imprensa, e que contribuem decisivamente sobre o que será e o que não será notícia (p. 15).

Além disso, Camargo (1971 *apud* DE LUCA, 2005) discorre sobre a ameaça de “ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade” (p. 117).

É forçoso ter em vista que a pretensa neutralidade e objetividade da mídia impressa parece ser uma manobra de alcance da legitimidade do discurso jornalístico. A notícia veiculada no jornal é a informação convertida em produto de consumo, à medida que relata um fenômeno social – que despertou ou venha a despertar o interesse coletivo ou de, pelo menos, um grupo expressivo de sujeitos –, não podendo ser considerada como a fiel tradução da realidade, por se tratar de uma narração de um fato acontecido (LUSTOSA, 1996). O discurso “realista” dos periódicos ganha amparo e sustentação a partir de uma série de dispositivos utilizados diariamente, conforme a assertiva de Bonetti (2008, p. 189):

Daí a frequência com que, nas matérias jornalísticas, são utilizadas fotografias, tabelas de porcentagem e de incidências estatísticas, citações ou referências a pessoas ou organizações que, no contexto da situação ou assunto de abrangência, tornam-se personagens de transmissão incontestável da “verdade dos fatos”.

Sobre as ilustrações fotográficas, principalmente, o autor é ainda mais incisivo e ríspido em suas palavras, quando afirma que

[...] nada mais são que recortes descontextualizados do acontecimento que está sendo coberto, configurando, em conjunto, uma versão do acontecimento, sustentada, por sua vez, por intencionalidades – conscientes ou inconscientes –

de todo corpo de produtores da notícia, o que acaba por produzir efeitos de real (*idem*).

Apesar de reconhecer que, por vezes, a fotografia cumpre a funcionalidade supra-exposta por Bonetti, julgo que o universo imagético possui caráter polissêmico capaz de tornar fecunda a investigação por parte do historiador prevenido e detentor de sólida metodologia para análise da fotografia como fonte de pesquisa.

A fotografia⁸, surgida no século XIX, trata-se da “captura da imagem-luz através de um aparelho provido de material fotossensível em seu interior” (SCHVAMBACH, 2008, p. 153), sendo fixada tal imagem visível em suporte material. Le Goff (1990) salienta a importância da invenção da fotografia como instrumento de preservação da memória coletiva:

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida à Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. [...] O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica (p. 465-466).

Oliveira Jr. (1993) posiciona a fotografia como uma representação racionalizada, configurada por “um sujeito (fotógrafo), que no ato de representar converte o objeto (a realidade exterior) numa imagem (a representação)” (p.35). Pesavento (2008) examina o papel da imagem que, ao mediar o mundo do espectador e o do produtor – assim como no caso do discurso, onde o texto serve de mediador entre o universo da leitura e o da escrita –, tendo como referência a realidade, dá formas à representação do imaginário⁹. Dentre os ofícios da imagem, existe uma função epistêmica, ao dar conhecimento a algo; uma função simbólica, ao permitir acesso a um determinado significado; e uma estética, como produtora de sensações e emoções em quem a observa (*idem*). Esta apreensão de tempo e espaço que é a ilustração fotográfica, longe de ser

⁸ O início do século XX marcou um grande consumo das imagens por parte da nova sociedade burguesa, sedenta por novas tecnologias, nova percepção do homem na sociedade, no tempo e no espaço, além de novas concepções artísticas. Portanto, dentro desta ebulição de novos modelos e conceitos advindos da Revolução Industrial, parece a fotografia agregar a evolução científica com o mundo das artes (SCHVAMBACH, 2008).

⁹ O imaginário, segundo Barros (2005), pode ser entendido como um universo marcado pela complexidade e interatividade que engloba a produção e trânsito de imagens visuais, mentais e verbais, e reúne sistemas simbólicos diversos, além de incidir diretamente na construção de representações.

crível materialização da realidade, abre-se como a assimilação de um momento hábil a gerar múltiplas interpretações sobre os objetos capturados pela câmera.

Segundo Schwambach (*idem*, p. 159), “com o reconhecimento das imagens como documento, o caráter de verdade e coerência estabelece relação dialógica com o pesquisador, a fotografia testemunha a existência de um possível passado, mas não sustenta uma realidade”. Além disso, “a imagem inebria nosso olhar, somos atraídos por seus signos, ela desloca nossa imparcialidade de julgamento e acabamos caindo na apreciação estética” (*idem*, p. 160). É maior ainda a gama de interpretações que a fotografia possui ao se analisar o meio em que ela está inserida. No caso do meio impresso, Kossoy (2002) percorre pontualmente alguns modificadores de sentido que rondam as fotografias impressas nas páginas de jornais e periódicos:

Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que “ilustram”, das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc. (p. 54).

Sobre este tópico, Gaskell (1992) observa que o significado prontamente legível relacionado às fotografias, por vezes, só é gerado pela combinação com uma legenda, sendo que legendas diferentes sobre uma mesma fotografia, freqüentemente, produzem significados antagônicos ou contraditórios. A imagem, na mídia impressa, cumpre a função dual de informar e, concomitantemente, presta-se a persuadir o leitor/observador, reforçando uma notícia ou podendo mascarar uma informação. Conforme Gaskell (*idem*, p. 266): “Uma das áreas de discussão atuais mais interessantes em relação à imprensa e à documentação fotográfica diz respeito ao papel do fotógrafo nos acontecimentos que ele ou ela descreve”, sendo pouco provável não se julgar o fotógrafo como um participante.

Portanto, uma vez que utilizei farto material imagético na composição do presente estudo, creio ter buscado, como sugere Schwambach (2008), anular emoções advindas de possíveis experiências/conhecimentos culturais prévios, empenhando toda imparcialidade necessária para “diminuir o ato de criação de realidades, nas possíveis leituras que a fotografia comporta” (*idem*, p.158), uma vez que a fotografia, como todo e qualquer material do passado, deve ser tratada como potencial evidência para o olhar atento do historiador (GASKELL, 1992). Pesavento (2008, p. 88) também apresenta explanação auxiliar à postura do pesquisador quando do trato com imagens:

[...] a imagem tem, para o historiador, sem dúvida, um valor documental, de época, mas não tomado no seu sentido mimético¹⁰. O que importa é ver como os homens se representavam, a si próprios e ao mundo, e quais os valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar, com o que se atinge a dimensão simbólica da representação.

A autora ainda aponta ressalvas quanto ao advento e à acessibilidade dos meios computadorizados, facilitadores da manipulação da imagem.

Acerca dos meios eletrônicos, destaco a *internet*¹¹ como ferramenta imprescindível na celeridade pela busca de dados e informações. Frutos (1998) dá vulto à importância da internet na contemporaneidade:

[...] a Internet vincula-nos ao resto do mundo conectado e permite procurar e acessar uma enorme quantidade de dados armazenados nos diferentes servidores da rede. Podemos visitar alguns museus virtuais, até cidades, bibliotecas, ludotecas e todo ambiente digital que cresce diariamente, além de explorar territórios desconhecidos na rede, e já que tudo está conectado a tudo na internet, procurar (e encontrar) informações é uma das funções mais utilizadas na Internet (p. 315).

Por esta característica da *internet* de facilitar a aproximação, o acesso, a obtenção e o trato das informações disponíveis em meio digital, a imprensa seguiu uma tendência natural e apropriou-se da *internet* como ferramenta capaz de promover o *webjornalismo*¹². Mattoso (2003) discorre sobre esta nova maneira com que as informações e notícias se fazem apresentar após a concepção das mídias digitais:

É preciso compreender que a internet trouxe novas formas de se produzir informação, transformando o webjornalismo em um imenso caleidoscópio de possibilidades: a convergência de áudio, vídeo e texto, a não linearidade do

¹⁰ Assim como os discursos, as imagens encontram no real um referente, não podendo ser consideradas a mimese da realidade que buscam retratar (PESAVENTO, 2008).

¹¹ *Internet* pode ser definida como uma gigantesca coleção de redes de computadores interconectados que se estendem dinamicamente pelo mundo – usando cabos de fibra ótica, torres de rádio e satélites –, disponibilizando serviços e dados através deste complicado mosaico de computadores e programas (ECK, 2002). Criada na década de 1960 do século passado, em meio às aflições da Guerra Fria, a *internet* foi concebida por militares norte-americanos, temerosos por um possível ataque soviético, como alternativa para disseminar informações através de uma rede de computadores que interligava as principais bases militares dos Estados Unidos (MARTINS & ZILBERKNOP, 2002).

¹² O *webjornalismo* (ou jornalismo digital) surgiu no final do século XX e início do século XXI, revolucionando o modelo de produção e distribuição das notícias, ao convergir texto, imagem e som – explorados em todas suas potencialidades – e reunir características do rádio, do jornal impresso e da televisão para converter isto tudo em recursos multimídias (MATTOSO, 2003).

hipertexto, a interatividade da multimídia e a velocidade de giro. A transformação de todos esses recursos citados em conteúdos noticiosos de qualidade é hoje o grande desafio do jornalismo no século XXI. A internet tornou possível a quebra de recepção da informação, levando o repórter para um caminho sem volta. Um caminho de experimentações que findará na descoberta de uma nova linguagem técnica, muito mais livre e rica. Os suportes digitais oferecidos pelos grandes veículos digitais já começam a explorar de forma inteligente essa gama de opções: além da convergência multimídia, já existem conteúdos encontrados somente nas versões eletrônicas, o uso de *links*, livre acesso a banco de dados, arquivo com edições passadas, notícias em tempo real e uma série de outros serviços (p. 20-21).

A disposição eletrônica dos jornais e a nova forma de distribuição da informação permeadas pela *internet* colaboraram, inclusive, para o processo de redução dos assinantes de exemplares de jornais impressos (RIGHETTI & QUADROS, 2009).

Por outro lado, a mesma “revolução” que torna o acesso fácil e direto às informações disponíveis nas redes mundiais e as transmissões de falas e imagens em tempo real que aceleram o processo de cobertura da notícia e configuram-se como elementos vitais nos atuais processos de funcionamento e rotina jornalística, incidem massivamente sobre a maneira como as notícias são produzidas (ALDÉ, XAVIER & BARRETOS, 2004), desvelando um quadro marcado pela “emissão dispersa e capilarizada, fundamentalmente não-hierárquica, em que emissores alternativos e atores políticos marginais podem tentar produzir eventos noticiáveis, procurando atrair a atenção dos jornalistas e, conseqüentemente, espaço valioso no noticiário” (*idem*, p. 12).

Logo, justifico a utilização de diversas fontes oriundas das mídias digitais no presente estudo por força dos seguintes fatores: (1) escassez de informações sobre a torcida Geral do Grêmio em mídias impressas e maior volume de dados sobre a mesma em meio digital; (2) acesso a determinadas informações sobre torcidas de futebol da América Latina, processo que seria praticamente inviável sem a utilização da *internet*; (3) alcance e disponibilização de imagens veiculadas nas mídias digitais, como forma de ornar o estudo e corroborar informações textuais por meios de fotografias. Invoco os fatores positivos disponibilizados pela *internet* – que, acredito, superam os riscos de fraudes, embustes e ficções de dados – como forma de demonstrar que a consulta a fontes provenientes dos meios digitais pode ser de extrema valia, respeitados os cuidados básicos em busca de dados fidedignos e críveis, relativos ao tratamento destas mesmas fontes.

3 MARCOS DE REFERÊNCIA METODOLÓGICA

O método é como uma “bússola”. É, antes de mais nada, um sistema de orientação no trânsito dos caminhos que é preciso seguir para obter certezas. E nesse sentido o método é uma garantia. Se de alguma forma pode-se falar da superioridade do conhecimento científico sobre outras formas de conhecimento é pela superioridade de seu método.

Julio Aróstegui

Algumas considerações iniciais sobre a pesquisa histórica – e as etapas fundamentais de constituição do processo metodológico que a cerca – são relevantes para dar luz e tornar lógica a marcha pela busca minuciosa de averiguação das “realidades”. Primeiramente, os elementos basilares que suscitam esforços na construção da pesquisa histórica parecem emergir por duas vias distintas: 1) o “ineditismo” e a originalidade decorrentes de novos fenômenos, novas abordagens, novas fontes, novas comparações e/ou conexões entre as coisas, ou 2) as insatisfações/inquietações com os fatos existentes, ocasionadas por novas curiosidades sociais e/ou novos modos de ver e de teorizar acerca do tema. Segundo Aróstegui (2006, p. 477), “um fenômeno é identificado desde o momento em que pode ser isolado de outros, ao menos mentalmente, que seus contornos podem ser delimitados e que uma explicação a seu respeito pode ser esboçada”. Reconhecido o fenômeno a ser abordado pelo pesquisador, este há de encontrar um procedimento que assegure a explicação do tema abordado, propondo sempre afirmações críveis e demonstráveis do ponto de vista científico. Cabe ao pesquisador caminhar em direção da objetividade, afastando-se dos vícios da subjetividade – interesses, preconceitos e preferências –, eliminando possíveis pontos de vista individuais e estabelecendo uma distância segura entre aquele que leva a efeito o enunciado e o processo de produção do que é dito.

Para tanto, as ciências se utilizam do método, conjunto de prescrições ou princípios normativos do modo de proceder, lógica e sistematicamente, à observação e análise concisa do objeto de estudo, como forma de validação ou refutação de hipóteses elaboradas para solucionar um problema não resolvido, uma pergunta não respondida, uma anomalia ou um novo fenômeno, que são os pontos de partida para qualquer tarefa de pesquisa (*ibidem*). No entanto, deve-se ter claro que o método científico não busca o esgotamento – e nem possui tal pretensão – das possibilidades operativas do processo de conhecimento da “realidade” (*idem*), servindo mais como um caminho que *pode* ser seguido, através de orientações abertas. O método, portanto,

pode ser arrostado como um alerta dos passos que não devem ser tomados durante a realização de um tratado científico.

Seguindo esta senda e sabedor da importância do método para o resultado exitoso na pesquisa científica, empreendi uma busca laboriosa por uma pauta metodológica verdadeiramente aberta, fazendo vir à memória as palavras de Febvre (1992):

[Há que se utilizar] os textos, sem dúvida. Mas *todos os textos*. E não somente os documentos de arquivo em favor dos quais se criou um privilégio – [...] um nome, um lugar, uma data; uma data, um nome, um lugar – todo o conhecimento positivo [...] de um historiador descuidado do real. Mas um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação [...]. Os textos, evidentemente: mas *não somente os textos* (p. 13)¹³.

Por conseguinte, e entendendo a metodologia como uma proposta descerrada, foi necessário debruçar-me sobre as *fontes históricas*¹⁴. De maneira primaz, procedi à observação documental e bibliográfica, defrontando-me com fontes de origens variadas, como livros, periódicos, fotos, jornais, vídeos e, como anteriormente mencionado, farto material multimídia disponível em meio digital. Valendo-me da operação metodológica intitulada *heurística*¹⁵, esforcei-me para dar tratamento às fontes, coletando-as de forma sistematizada e exaustiva, classificando-as pelo grau de relevância e examinando-as sob a perspectiva do potencial informativo/historiográfico das mesmas. Secundariamente, realizei a análise documental, a fim de estabelecer a fiabilidade e adequação das informações coletadas com a pesquisa em curso. Como referencial para a etapa do processo basal do estudo, orientei-me pela proposição afirmativa de Marc Bloch, medievalista francês que, ao lado de Lucien Febvre, foi fundador da Escola dos *Annales* (BURKE, 1997): [...] os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os que aparentemente são mais claros e mais fáceis, só falam quando se sabe interrogá-los¹⁶ (BLOCH, 2001, p. 86). Os desdobramentos desta operação resultaram no quadro teórico e no capítulo 4 – *Considerações sobre o Universo das Torcidas e dos Clubes de Futebol: Singularidades e Coletividades de uma Paixão* – deste estudo.

¹³ Traduzido livremente pelo autor.

¹⁴ Um conceito de fonte histórica que me agrada é o que a define como “todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que procede da criatividade humana, através do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social do tempo” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491).

¹⁵ Ver Diehl (2001) para aprofundar o conceito de heurística.

¹⁶ Traduzido livremente pelo autor.

3.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

No capítulo 7 – “As Vozes e os Silêncios Imbricados Nas Páginas de Zero Hora” –, põe-se em obra o processo de análise de conteúdo (AC) de reportagens do jornal Zero Hora, relacionadas com a torcida Geral do Grêmio – antes alcunhada de Alma Castelhana. A análise de conteúdo trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações – uma vez que “tudo que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (HENRY & MOSCOVICI, 1968 *apud* BARDIN, 1977, p. 34) – que visa à obtenção de indicadores (quantitativos ou não), através de métodos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, para que, a partir destes indicadores, seja possível tecer inferências de conhecimentos relativos às condições em que tais mensagens são produzidas/recebidas (BARDIN, 1977). Paisley (1969 *apud* BAUER, 2002) destaca a aplicação objetiva e sistemática de regras de categorização no processamento da informação em que o conteúdo da informação é transformado. No caso dos documentos textuais, objetiva produzir inferências de um texto focal em relação ao seu contexto social, de forma objetiva (BAUER, 2002). Tais inferências válidas produzidas a partir de um texto podem ser sobre os emissores, a própria mensagem transmitida ou a audiência da mensagem (WEBER, 1985 *apud* BAUER, 2002). Para Bardin (1977):

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por essa atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de «desocultação», responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura «normal» do leigo, é ser agente duplo, detective, espião... (p. 11).

Vários são os possíveis domínios de aplicação da AC segundo Bardin, a saber: lingüístico (escrito e oral), icônico (sinais, grafismos, imagens, fotografias, vídeos...) e outros códigos semióticos, portadores de significação (música, comportamentos, espaços, tempo, sinais patológicos, etc.). A autora salienta, ainda, que a análise de conteúdo permite conhecer “variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (*idem*, p. 46), o que reforça a ampla gama de campos onde a AC pode ser empregada. No caso específico

deste estudo, o código que serve de sustentáculo para a pesquisa é de raiz lingüística, materializado no suporte escrito das reportagens de jornais (o que envolve uma massa de pessoas no processo de comunicação).

Na fase de pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante pelo universo da mídia impressa, a fim de estabelecer um contato primário com o material a ser analisado posteriormente. Evidencio aqui que tal etapa favoreceu na construção de hipóteses emergentes, haja vista que deixei-me invadir pelas primeiras impressões, impulsos e direcionamentos que as linhas dos jornais fizeram saltar à vista, tendo em conta que os esforços posteriores seriam voltados para inferir sobre outras realidades que não aquelas óbvias em cada reportagem, pois, segundo Aróstegui (2006) “a rigor, nenhuma realidade presente ou passada nos é dada de imediato: é preciso *inferi-la*” (p. 528). Nesta etapa, o universo de documentos de análise foi demarcado, ao passo que optei pela exploração das reportagens do jornal porto-alegrense Zero Hora como fonte suscetível de aplicação das técnicas de AC e fornecimento das respostas aos problemas e hipóteses levantados.

3.1.1 O *corpus* textual

O *corpus* textual é o conjunto de textos reunidos e organizados para serem submetidos ao processo analítico (BARDIN, 1977). Para Bauer (2002), o *corpus* de texto representa e expressa aquilo que uma comunidade pensa e escreve, sendo, desta maneira, um conjunto de textos reais (e idôneos para a investigação) pertencentes a um código lingüístico determinado (SALOM, MONREAL & STUART, 2001). Sánchez *et al.* (1995) apresentam algumas implicações às quais a escolha do *corpus* deve se submeter, além apontar a suscetibilidade deste *corpus* à manipulação mediante procedimentos eletrônicos:

Um corpus lingüístico é um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou ambos) sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade de maneira que sejam representativos do total do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, e dispostos de tal modo que possam ser processados mediante computador com o fim de obter resultados vários e úteis para a descrição e análise¹⁷ (p. 8-9).

¹⁷ Tradução livre feita pelo autor.

Dessa forma, a AC, sob a luz do exame minucioso do *corpus*, permite a reconstrução de “indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (BAUER, 2002, p. 192). A partir deste conhecimento, o *corpus* foi definido mediante índices freqüenciais para a ocorrência das expressões (unidades de registro) “Alma Castelhana” e “Geral do Grêmio” inculdas nas reportagens de Zero Hora, que constituíram uma amostragem que compreende desde a primeira aparição dos termos, em trinta e um de julho de 2003, até a reportagem de trinta e um de dezembro de 2008, que pôs termo ao *corpus*. No total, foram selecionadas noventa reportagens ao longo de seis anos, conforme a tabela a seguir:

Figura 1 – Quadro de apresentação do *corpus* textual

CORPUS DE TEXTO: NÚMERO TOTAL DE REPORTAGENS						
UNIDADE DE REGISTRO	NÚMERO DE REPORTAGENS (subdividas por ano de publicação)					
	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Alma Castelhana	1	6	8	2	—	—
Geral do Grêmio	—	—	12	23	18	16
TOTAL POR ANO	1	6	20	25	18	15
TOTAL DO CORPUS	85					

O número total de palavras nas reportagens que se referiram à torcida como “Alma Castelhana” foi de 9.507 palavras, com o uso de 47.707 caracteres, sem contar os espaços; enquanto isso, nas reportagens que usaram a expressão “Geral do Grêmio”, o número total foi de 27.945 palavras e 139.660 caracteres (sem espaços). Logo, o *corpus* textual total foi composto por 37.452 palavras e 187.367 caracteres.

Para a constituição do *corpus*, foram respeitados alguns critérios propostos por Bardin (1977), a saber:

- a) exaustividade: complementado pelo critério de *não-seletividade*, significa que, definido o campo do *corpus*, não se pode deixar de fora nenhum elemento por qualquer que seja a motivação (dificuldade de acesso, não-interesse...);
- b) representatividade: a amostra deve ser parte representativa do universo da amostragem, a fim de que os resultados obtidos possam ser extrapoláveis e suscetíveis à generalização;

- c) homogeneidade: os documentos selecionados devem primar pela homogeneidade, passando por precisão criteriosa quando da escolha, de forma que não apresentem singularidades em demasia;
- d) pertinência: devem ser selecionados documentos adequados (enquanto fonte de informação), correspondendo ao objetivo que suscita a análise.

Com base no que foi exposto, foram coletadas matérias jornalísticas (reportagens, notícias e entrevistas) em detrimento das colunas e demais sessões de Zero Hora, por acreditar que estas últimas revelam uma opinião – mesmo que plausível – e não possuem o caráter de “imparcialidade” e “transparência” associadas às reportagens jornalísticas. Para definir o conceito de reportagem, tomo emprestado aquilo que diz Guirado (2004) acerca do tema:

Reportagem é o nome que se dá a matérias jornalísticas mais longas, em geral ocupando espaço de página inteira, ou, eventualmente, meia página ou um terço de página. Seu conteúdo (um fato do dia que tenha causado grande impacto ou um evento ligado a problemas políticos, econômicos, ou ainda relacionado à editoria de Cultura, Política, Saúde, Educação, [Esportes] etc.) há que ser investigado, pesquisado até o desenlace da questão ou até o seu esgotamento. É da natureza da reportagem revelar a origem e o desenrolar da questão que ela trata. Assim, de alguma forma, a reportagem responde, ou busca responder – em tese – aos interesses sociais. A própria etimologia [...] comprova que o verbo *reportar* tem sua origem no latim *reportare* “regressar com, tornar a trazer; trazer uma notícia, uma resposta”. O substantivo repórter vem do inglês *repórter*, que data, no seu sentido atual, dos princípios do século XIX; provém do verbo *to report*, “narrar” (p. 22).

Assim como a reportagem, o objetivo primordial da notícia é a informação, com dados referenciais basicamente relacionados a fatos e pessoas (SODRÉ & FERRARI, 1986). À notícia, cabe tornar público um fato por meio de uma informação, perpassando por três elementos (fato, informação e público), onde “público” e “informação” possuem peso maior que “fato” (*idem*). Daí a assertiva de Charnley (*apud* SODRÉ & FERRARI): “Notícia não é a morte do ditador, mas o relato que é feito dessa morte” (p. 17). Portanto, e apenas como forma de esclarecimento, é possível depreender algumas diferenças entre reportagem e notícia, sendo, geralmente, a reportagem mais extensa que a notícia, por possuir maior riqueza de detalhes; a notícia aparece atrelada ao tempo presente – o que é notícia hoje pode não ser amanhã –, enquanto a reportagem pode ser mais flexível e tratar sobre o passado ou até mesmo o futuro; e, enquanto a notícia busca

anunciar um fato, a reportagem procura contextualizá-lo e detalhá-lo (SODRÉ & FERRARI, 1986).

Sobre o jornal Zero Hora, cumpre dizer que pertence ao Grupo RBS, empresa de comunicação multimídia que abrange os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Segundo seu *site* (www.rbs.com.br), a RBS, mais antiga afiliada da Rede Globo, produz e distribui informações jornalísticas, de entretenimento e de serviços através de suas emissoras de rádio, televisão, jornais e portais de *internet*. Quanto à mídia impressa, a rede de jornais do Grupo RBS é constituída por oito títulos distribuídos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Dentre estes, encontra-se Zero Hora, jornal fundado em quatro de maio de 1964 e atual líder em circulação paga no território gaúcho e sexto jornal do país – conforme o Instituto Verificador de Circulação (IVC)¹⁸.

O jornal Zero Hora é um periódico diário com cerca de cento e setenta mil assinantes, tiragem diária de cento e oitenta e quatro mil e oitocentos exemplares (e tiragem dominical de duzentos e oitenta mil exemplares), distribuído por todo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e pelas capitais Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, além de ser entregue em Punta del Este, no Uruguai. Zero Hora supera outros dois periódicos diários de Porto Alegre: o *Correio do Povo*, com circulação média diária de cento e cinqüenta e sete mil, quatrocentos e nove exemplares, e o *Diário Gaúcho*, com cento e cinqüenta mil, setecentos e quarenta e quatro exemplares (oitavo e nono lugares no *ranking* dos dez maiores jornais brasileiros, respectivamente). Composto por vinte e quatro cadernos segmentados e cerca de setenta e cinco colunistas, Zero Hora é um jornal do tipo tablóide¹⁹ – mede 38 cm de altura e pouco mais de 11 cm de altura –, impresso em papel

¹⁸ In: ECONOMIA. **Em ano de PIB recorde, circulação de jornais cresce 1,5% em 2010**. Portal IG. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos/em+ano+de+pib+recorde+circulacao+de+jornais+cresce+15+em+2010/n1237971626214.html>>. Acesso em: 13 maio 2011.

¹⁹ O tablóide é um formato de jornal menor que o tamanho padrão (conhecido como *standard* ou *broadsheet*, com página de 22 polegadas de altura por 12-13 de largura), medindo em torno de 11 polegadas de largura por 13-15 polegadas de altura (KANIGEL, 2006). Dividido geralmente em cinco colunas por página, cada página do tablóide é igual ou ligeiramente maior que a metade do tamanho dos jornais em formato *standard* (MELLO, 2003) – ou seja, um jornal *standard/broadsheet* de oito páginas equivale a um tablóide de 16 páginas, por exemplo. Kanigel (2006) explica que o tablóide é mais fácil de ser tipografado, uma vez que oferece menos opções e geralmente inclui menos reportagens em cada página, quando confrontado com o formato *broadsheet*. Além disso, por culpa de seu tamanho reduzido, torna-se mais prático e manejável para ser lido num ônibus ou numa mesa (*idem*). Mesmo que o formato *standard* seja empregado na produção dos principais jornais brasileiros (como o carioca *O Globo* e os paulistas *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*) e norte-americanos (caso do *The New York Times*, do *USA Today*, do *The Wall Street Journal* e do *The Washington Post*, entre outros), o formato tablóide é uma tradição no Rio Grande do Sul (NUNES, 2006) por força da influência de diagramadores espanhóis e argentinos em meados do século XX no estado, fato que alça o Rio Grande do Sul ao posto de pioneiro na produção de tablóides no Brasil, segundo Ricardo Stefanelli, diretor de Redação de Zero Hora (In: **ZH RESPONDE**. Disponível em:

de imprensa do tipo *newsprint*, colorido na maior parte de suas páginas (pela combinação das tintas de cores ciano, magenta, amarelo e preto) e com tipologia caracterizada pelo uso da fonte *Walbaum* para títulos, *Times New Roman* para textos e *Zurich* para legendas de fotos²⁰.

3.1.2 Análise de conteúdo informatizada: possibilidades e limitações

Acompanhando os avanços da Informática e a vertiginosa proliferação de computadores pessoais no final do século XX, a metodologia da análise das comunicações (dentre elas, a análise de conteúdo) experimentou um aperfeiçoamento advindo das ferramentas computadorizadas de análise e tratamento de dados quantitativos e qualitativos. Especialistas americanos, desde a década de sessenta do século passado, já utilizavam tais recursos, aos quais atribuíam grande importância (BARDIN, 1977). Holsti (1969) afirma que os computadores são ferramentas capazes de pôr em prática qualquer tarefa, desde que o analista por trás da máquina proponha instruções não-ambíguas. Assim, é fundamental ter em conta que o computador não pode realizar todas as operações da análise de conteúdo, necessitando de uma preparação prévia do material documental e de uma grande previsão das regras de codificação por parte do pesquisador (BARDIN, 1977).

A utilidade da Informática para a análise de conteúdo se manifesta, conforme Bardin, através da (1) celeridade no processo (até mesmo em relação aos cálculos estatísticos, como, por exemplo, para mensurar frequências de ocorrências ou representatividade no corpus textual, pois enormes volumes de dados podem ser examinados e em grande velocidade), do (2) aumento de rigor na organização da investigação (haja vista que o computador não aceita ambigüidades), da (3) manutenção da flexibilidade (uma vez que novas instruções podem ser introduzidas no programa de forma contínua e que os dados já classificados podem originar novas hipóteses/pesquisas), (4) da manipulação de dados complexos e do (5) estímulo da criatividade e da reflexão (dado que o analista não está preso a tarefas laboriosas, não-fecundas e longas). O zelo em fazer uso do computador como suporte à análise de conteúdo, porém, está:

<<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/index.jsp?uf=1&local=1&action=getZhRespondeMateria&newsID=a2270242.xml&treeName=Responde§ion=zhresponde&origem=zhresponde>>. Acesso em: 13 maio 2011).

²⁰ Cf. Atendimento ao Leitor ZH.

[...] na condição de não tomar o computador por um mágico (obter-se-á à saída o que se coloca à entrada, tanto o mau como o bom, o inútil como o útil), na condição de não concentrar o esforço na técnica esquecendo a pertinência e a produtividade em termos de resultados. Isto sucede muitas vezes numa fase de descoberta de um instrumento, tanto mais que os investigadores não são insensíveis à aparelhagem. Produzem-se então como diz Holsti «estudos de grande precisão e de pouca importância» (p. 174).

3.1.2.1 A Ferramenta QSR NVivo 7

A introdução de *softwares* criados para tratamento de dados qualitativos no cenário acadêmico ocorreu por volta de 1980, sendo gradativamente utilizados nas pesquisas sociais dos centros acadêmicos norte-americanos e europeus (LAGE, 2011). Atualmente, é possível, com a utilização do *software* adequado, realizar tarefas das mais simples (como contagem de palavras) às mais complexas (como a geração de mapas conceituais) a partir do material analisado (*idem*).

Em meio ao universo de tais *softwares*, destaca-se o NVivo 7, ferramenta de análise de dados qualitativos assistida por computador. Criado pela desenvolvedora de *softwares* QSR International (antiga Qualitative Solutions and Research Pty Ltd.), situada na cidade australiana de Melbourne (WONG, 2008), o NVivo 7, lançado em fevereiro de 2006, é o resultado da fusão de dois *softwares* prévios: o N6 – uma evolução do NUD*IST, acrônimo de *Non-Numerical, Unstructured Data Indexing, Searching and Theorizing* – e o NVivo 2 (SORENSEN, 2008). O NVivo 7, entre outras funções, pode ser empregado para explorar tendências; construir e testar teorias; gerenciar, codificar, interpretar e analisar dados qualitativos, eliminando-se a necessidade de muitas das tarefas manuais associadas à análise qualitativa (*idem*).

* * *

Em vista disso, na presente pesquisa, o *corpus* textual proveniente das reportagens do jornal Zero Hora foi obtido na sede de Zero Hora em Porto Alegre. Os arquivos foram salvos em formato .pdf, para posterior conversão em arquivos de texto (.doc ou .rtf), a fim de introduzir os dados no NVivo 7 em busca da manipulação dos textos. Após, foram realizadas *fishing expeditions* (BARDIN, 1977) no *corpus* digital, ou seja, análises exploratórias para conhecer o que os textos “falavam” ou “deixavam de falar” e, a partir de tais “expedições”, foi possível

sistematizar a codificação para transformação dos dados em bruto do *corpus* na representação/expressão do seu conteúdo.

3.1.3 Codificação

Para Holsti (1969 *apud* BARDIN, 1977, p. 129), a “codificação é o processo pelo qual os dados em brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes ao conteúdo”. Ou seja, para dar tratamento ao material previamente coletado, constituído e preparado, é necessário codificá-lo.

Em relação à codificação, utilizou-se o seguinte processo:

- a) foram criados códigos (*nodes*) relativos ao tema **VIOLÊNCIA**, associado à torcida “Geral do Grêmio” (anterior e erroneamente conhecida como “Alma Castelhana”). Nesta fase, as unidades de registro elegidas foram as palavras – ou “predicados”, aqueles comentários do tema, os termos que qualificam os objetos da atitude (BARDIN, 1977): substantivos, verbos/locuções verbais e adjetivos/locuções adjetivas – utilizadas no *corpus* para noticiar manifestações de violência;
- b) foram criados códigos relativos aos predicados impressos nas notícias que veiculavam os temas **DROGAS** e **ÁLCOOL** associados à torcida;
- c) foram codificados todos os **conectores verbais** – que ligam os objetos de atitude e os termos qualificadores no enunciado (*idem*) – relacionados às ações da torcida Geral do Grêmio/Alma Castelhana e da Polícia (Brigada Militar/Polícia Civil);
- d) foi realizada a codificação de cada notícia envolvendo a torcida Geral do Grêmio/Alma Castelhana com base na direção do texto. A direção, segundo Bardin (1977),

[...] é o sentido da opinião segundo um par bipolar. [...] A opinião pode ser positiva ou negativa, amigável ou hostil, aprovadora ou desaprovadora, optimista ou pessimista [...]. Entre dois pólos nitidamente orientados existe eventualmente um estado intermédio, a neutralidade, ou a ambivalência (p. 202).

Assim, atribui-se a cada notícia uma **direção (positiva, neutra ou negativa)**, conforme qualificações imputadas à torcida em cada relato jornalístico de Zero Hora.

Tal conjunto de métodos para tratamento dos dados deu origem aos quadros a serem analisados e discutidos no capítulo 5. Desde já, é forçoso expor que se procedeu à análise

qualitativa dos dados, mesmo que, por vezes, a análise de conteúdo tenha se debruçado sobre indicadores *quantitativos* (contagem de palavras, frases, temas, unidades de registro e de contexto; porcentagem de representação de uma unidade sobre o todo...) para, a partir destas presenças (e outras ausências), elaborar deduções e inferências – lembrando as palavras de Bardin (1977, p. 142), “[...] a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação”, uma vez que “compreendeu-se que a característica da análise de conteúdo é a *inferência* [...], quer as modalidades de inferência se baseiem ou não em indicadores quantitativos” (*idem*).

4 O UNIVERSO DAS TORCIDAS E DOS CLUBES DE FUTEBOL: SINGULARIDADES E COLETIVIDADES DE UMA PAIXÃO

[...] a devoção inflama um coração inclinado à ternura, e dirige ao cérebro espíritos animais que também o inflamam, e daqui procedem os êxtases e arroubos.

Montesquieu

É mais difícil deixar de amar um clube do que uma mulher.

Mário Filho

4.1 OS TORCEDORES DE FUTEBOL

4.1.1 Identidade e paixão clubística

O futebol, esporte amplamente difundido e popular em território nacional, desperta interesses, produz euforias e mobiliza turbas que se ocupam de suas práticas. Segundo Araújo (1982), “trata-se do fato de ser um esporte capaz de congrega multidões em torno si”. A categorização do futebol como um desporto das massas já remete a uma concepção de igualdade e indiferenciação, onde o número de espectadores é muito mais importante que a qualidade diferenciada destes; pressupõe-se que todos num estádio são, acima de tudo, torcedores de futebol (*op. cit.*). Sobre esta prática de se assistir jogos de futebol em estádios, datam do final do século XIX, na Inglaterra – berço do *football* amador e profissional –, as primeiras partidas a contar com a participação de espectadores (REIS, 2003, p. 85). A relação entre o futebol e seu elevado prestígio dentre os espectadores/torcedores parece advir das altas descargas de tensão e ansiedade no que tange à expectativa do desenrolar e desfecho das ações de jogadores e equipes em campo (*idem*, 2006). Historicamente, o crescimento no número de espectadores de futebol foi evento harmônico em relação ao aumento de adeptos à prática futebolística, fato constatado por onde quer que o futebol tenha se disseminado (*idem*, 2003, p. 85).

Segundo o parágrafo dois do Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei Federal N° 10.671, de 15 de maio de 2003): “Torcedor é toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”. Hollanda (2009a) aponta para a terminologia usada na definição dos espectadores de futebol ao redor do mundo:

No final do século XIX, a Inglaterra consagraria dois termos específicos para fazer menção ao espectador de futebol: *fan*, abreviação de *fanatic*, palavra de raiz religiosa ligada, por um lado, à idéia de devoção e doação e, por outro, à de exaltação e idolatria; e *supporter*, derivação de *to support*, verbo que implica defender, apoiar, incentivar. Se na França o léxico seria vertido em sua integralidade, *le supporter*, o mesmo não ocorreria em outras regiões latinas da Europa e da América do Sul, onde o futebol primeiro se espalhou. Na Itália, por exemplo, a categoria adotada na década de 1920 seria uma expressão de origem médica, *tifosi* ou *tifoso*, aquele que é acometido por uma febre (*tifo*), o que remete à imagem do estado febril de quem é contagiado por uma enfermidade incontrolável ou de quem vê alterada a normalidade de sua conduta em virtude da elevação térmica do corpo, decorrente da excitação e do transtorno emocional a que está sujeito um indivíduo no ápice de uma partida (p. 98).

Carmona & Poli (2006) discorrem sobre o fato de que a expressão “torcer”, com sua conotação desportiva, é exclusividade brasileira, forjada pelos

[...] lenços torcidos pelas grã-finas, que deviam manter a pose ao acompanhar as partidas do início do século. Por isso, abaixavam as mãos e torciam discretamente os lenços, extravasando a tensão. Os homens iam de chapéu, abaixavam o chapéu e acabavam por torcê-lo também. Coelho Neto, pai de Pinguinho – autor do primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo –, escreveu uma crônica sobre futebol em que citava as mulheres como “torcedoras” (p. 167).

A platéia, nesse período histórico, é local de confluência das elites sociais, bem como fator de distinção sócio-econômica, e a imprensa já possui lugar de destaque na cobertura das notícias “intra-campo” – equipes em confronto, resultado dos *matches* –, bem como dos eventos “extra-campo” – o público presente, as vestimentas, etc. (PEREIRA *et al.*, 2000). Nogueira (1993 *apud* TOLEDO, 1996) ilustra este torcedor – que outrora retorcia acessórios do vestuário ao comparecer nas tribunas em dias de jogos – como uma extensão dos jogadores nas arquibancadas:

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas do seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus (p. 11).

Tal trecho se apresenta em consonância com a relação entre futebol e o torcedor, assim definida por Dramisino (1997):

Em outros esportes se pode falar de espectadores, mas esta denominação jamais pode captar e transmitir a profundidade e complexidade que opera em um futebolista genuíno. O torcedor não só forma parte do espetáculo, e sim chega, muitas vezes, a se converter em um fator determinante para o rendimento desportivo das equipes²¹ (p. 57).

O torcer, para Gutierrez (1980), significa incentivar sua equipe de predileção por meio de gritos, assobios, cânticos, saltos, bandas, aparatos pirotécnicos, etc. O torcedor, portanto, é livre para tomar parte do espetáculo e influenciar e ser influenciado por ele. Araújo (1982) recorda o fato de que “a torcida é a ‘camisa 12’²², uma entidade que assiste, mas que também deve fazer ‘pressão’, participando, assim, do jogo”.

Embute-se a idéia de identidade como sentimento permeador do vínculo criado entre clube/agremiação de futebol e seu torcedor. A identidade cria possibilidades ao indivíduo para descobrir quais são suas idéias e desejos, sendo capaz de reconhecer a si mesmo (“eu” individual) e o seu entorno (“nós” coletivo); pressupõe-se solidez neste sentimento de identidade, a fim de que, em situações de incerteza ou rechaço, o sujeito seja capaz de ser firme na manutenção de seus critérios e seu comportamento, vindo a modificar-se somente por convicção individual e não por medo externo (FERRANDO & OTERO, 1998 *apud* REIS, 2006). Pesavento (2008) percorre as acepções de identidade enquanto sentido simbolicamente construído, a fim de organizar um sistema de compreensão que posiciona o pertencer no vórtice de seu significado:

A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (p. 89-90).

²¹ Tradução livre feita pelo autor.

²² Muitas torcidas organizadas de clubes brasileiros fazem referência ao fato de ser a camisa 12, ou seja, o décimo segundo jogador de suas equipes. É o caso das torcidas Camisa 12 do Sport Club Corinthians Paulista, do Avaí Futebol Clube, do Sport Club Internacional, do Esporte Clube Vitória e do Clube Náutico Capibaribe, além da Torcida Fla 12, representante do Clube de Regatas do Flamengo.

Labarthe-Tolra & Warnier (1997) apontam o caráter transitório da prática identitária, discorrendo que “a identidade nunca está definida de uma vez por todas. É um processo de inclusão no interior e exclusão no exterior” (p. 409).

Segundo Damo (2002), “torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações (p. 12)”. Reis (2006) segue tal linha de pensamento, extrapolando tal conceito para a esfera futebolística, ao apontar que essa identificação, em indivíduos desprovidos de uma identidade própria, pode levá-los a não discernir entre suas vidas e suas equipes, ou entre suas vidas e a vida de um ídolo (jogador). Desta forma, passam a viver suas emoções através dos acontecimentos esportivos, dos sucessos e das derrotas de seu clube de predileção. Por esse olhar,

[...] o ato desportivo gera um processo comunicativo de transferência de identidade que, uma vez produzida, leva o torcedor a viver intensamente a incerteza do resultado. Essa identificação justifica as frases ouvidas quotidianamente sobre os jogos, como por exemplo: “Ganhamos”; “O juiz nos roubou”. Essas são sempre construções gramaticais em primeira pessoa do plural, em que o torcedor se inclui como protagonista do espetáculo (FERRANDO & OTERO, 1998 *apud* REIS, 2006, p. 41).

Este protagonismo no ato de torcer baseia-se na identificação coletiva e no já referido sentimento de pertencimento do qual o torcedor se apropria. A identificação coletiva de um grupo de torcedores ou de um povo pelo futebol agrega uma multidão de aficionados que, por sua vez, faz com que os atletas não compitam sozinhos. Nesta esteira de pensamento, Byington (1982) compara o espetáculo coletivo futebolístico com a ritualística teatral, tendo como base a identificação dramática entre os espectadores e o desenrolar pungente dos papéis vivenciados em campo pelas personagens principais, ou seja, os jogadores. O autor majora esta idéia, ao discorrer que fenômenos ritualísticos de natureza plural, como o futebol e demais esportes coletivos, o cinema, o circo, as touradas, os festivais de música e dança, etc. geram uma identificação

proporcional ao entusiasmo demonstrado pela assistência. A comparação pode chocar, mas tais espetáculos têm simbolicamente a mesma função psicológica que as religiões: ligar a Consciência às suas raízes, ou seja, ao Arquétipo Central do Self, organizador do desenvolvimento psicológico da alma individual e coletiva. Prova disso é que, em inúmeras culturas, estes espetáculos existiam como um ritual propiciador dos deuses, como bem exemplificam os jogos olímpicos dedicados a Zeus. O gesto do jogador vencedor, erguer a Copa no final, é um símbolo da Apoteose, comunhão do indivíduo com o Todo (*idem*, s.n.).

Para conter a hiperestimulação – a “alma transbordante dos mais exaltados” (*idem*, s.n.) –, há uma delimitação física entre jogadores e espectadores (o fosso de água, os alambrados de concreto, as telas de aço ou as forças policiais presentes nos estádios, que separam o campo das arquibancadas), com a finalidade de refrear os ânimos e manter a identificação emocional nos limites aceitáveis, para que o torcedor possa, “atingir, com segurança, o grau intenso de empolgação necessária para que [...] se torne também agente do drama que se desenrola” (*idem*, s.n.).

O sentimento coletivo corre o risco de se tornar exacerbado na medida em que alguns torcedores dedicam suas vidas a sua torcida, vivendo por ela e para ela, perdendo quaisquer outras referências, uma vez que a experiência compensatória experimentada no ritual de torcer por sua equipe lhes confere identidade (REIS, 2006); não obstante, o sentimento partilhado do pertencimento a um determinado grupo é elaborado concomitantemente com o posicionamento defronte àqueles que estão fora da esfera grupal de identidade (PESAVENTO, 2008), submetendo ao jugo os que estão à margem, hostilizando-os ou simplesmente depreciando-os. Gil (1998) salienta esta identidade como algo que transcende alguns aspectos (sexo, raça e classe social), mas, por sua vez, também é transcendida por outros aspectos criados pelo próprio ritual, “por exemplo, a adesão a uma equipe de futebol em particular frente ao sentimento similar de outros participantes do ritual²³”.

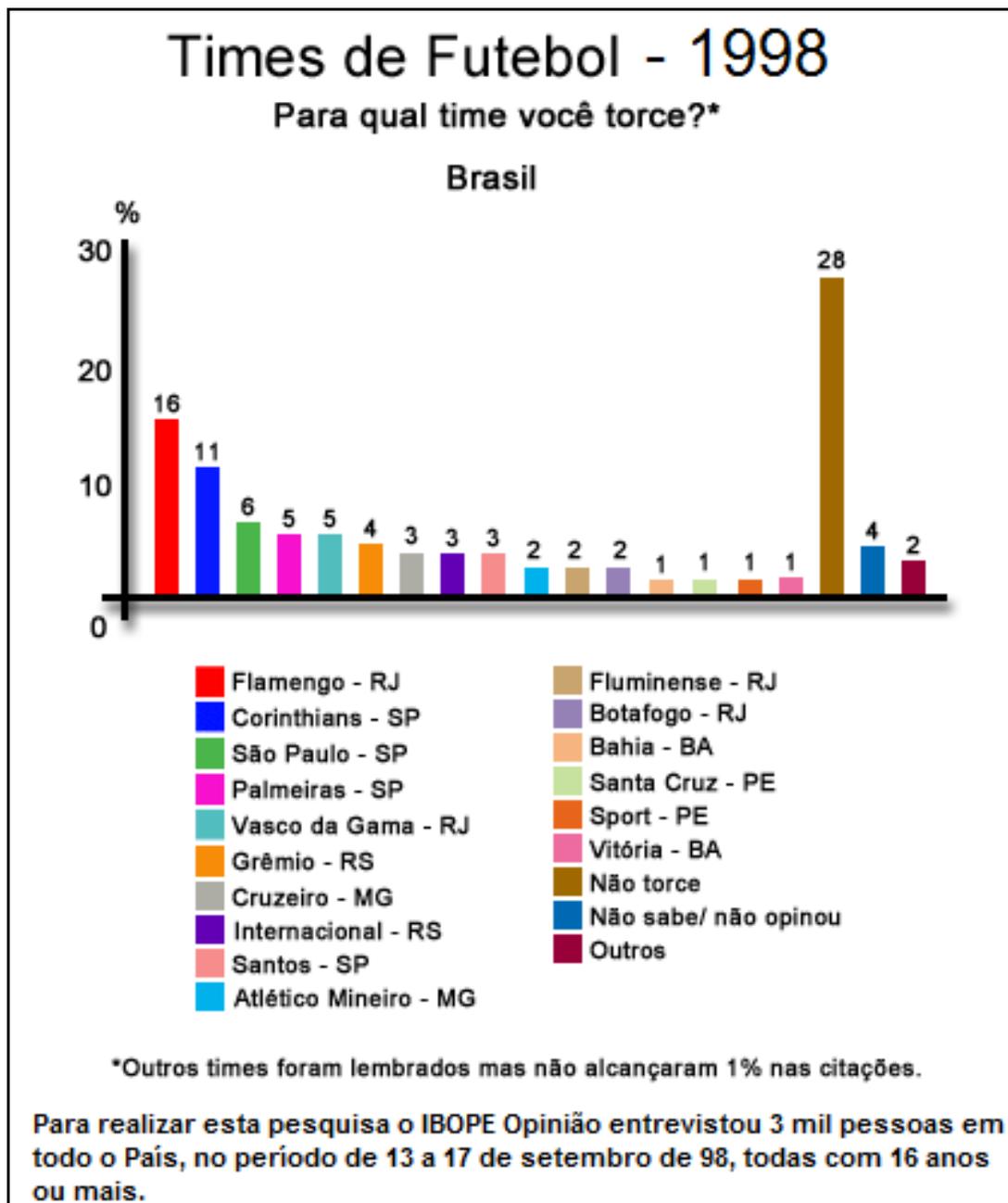
A iniciação de um torcedor de futebol se dá pela escolha de um clube pelo qual torcer, mobilizando os laços de sociabilidade mais próximos, podendo fidelizar torcedores de uma mesma agremiação por três ou até quatro gerações dentro da esfera familiar (DAMO, 2002). Segundo Reis (2006, p. 8): “Torcer por um time é uma condição herdada dos pais desde o nascimento; dificilmente há mudança nessa herança, normalmente paterna, presente principalmente em filhos do sexo masculino”. Mesmo assim, seguir torcendo por um clube implica “participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família. Vivencia-se concretamente o pertencimento na rua, no estádio, em pleno domínio público” (DAMO, 2002, p. 12). Esta opção pelo “clube do coração” é o marco inicial – e também a pedra fundamental – da trajetória do indivíduo como torcedor de futebol. Ao comparar a política com a torcida de futebol, o poeta e cronista brasileiro Carlos Drummond de Andrade ilustra esta paixão clubística: “apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para

²³ Tradução livre feita pelo autor.

outro partido [político], nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro” (apud DAMO, 2002, p. 11).

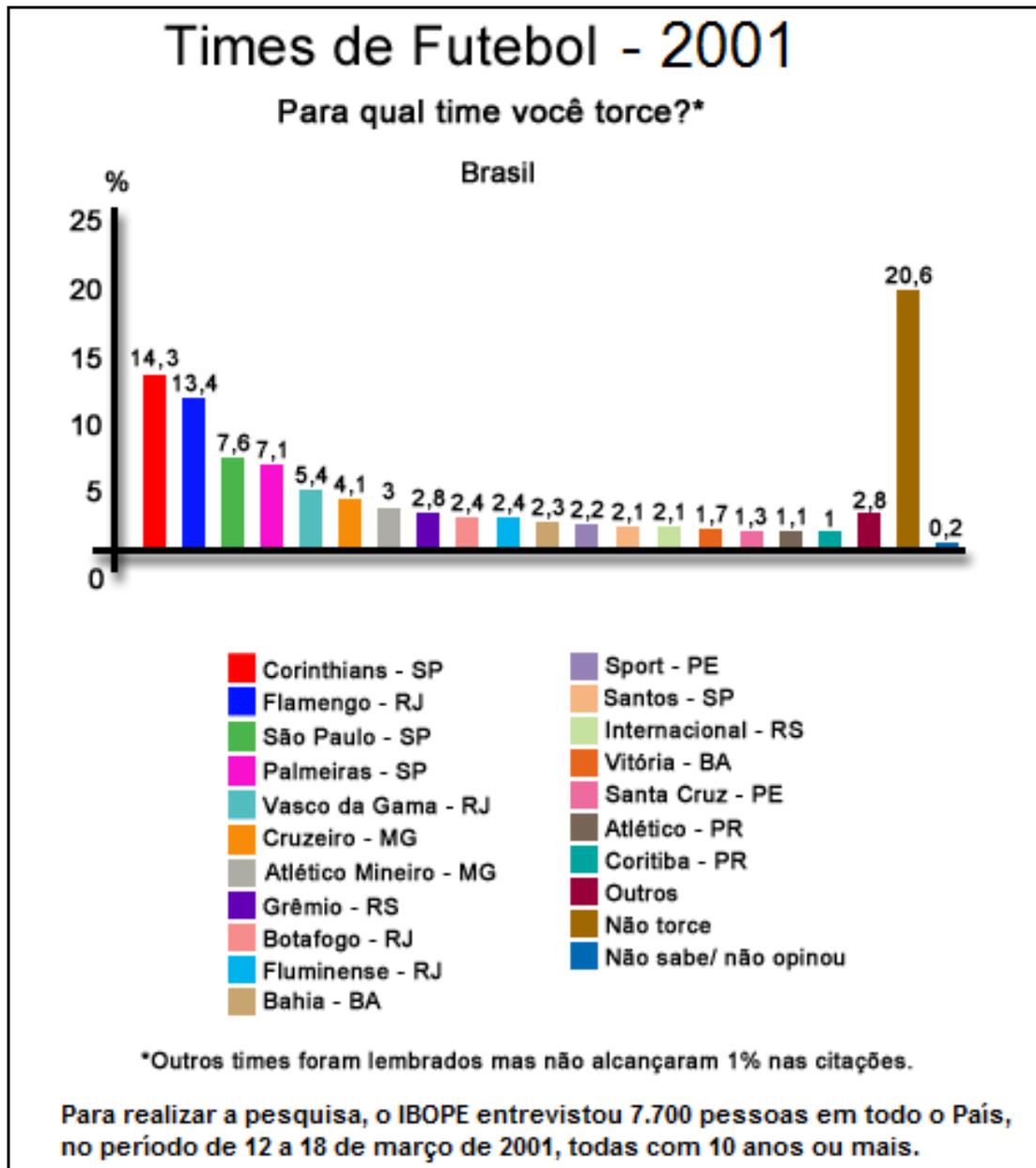
Através dos quadros subsequentes, pode-se perceber a porcentagem de indivíduos que torce para determinado clube de futebol do Brasil e seu crescimento ao longo de mais de uma década (1998–2010).

Figura 2 – Percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (1998)



Fonte: IBOPE.

Figura 3 – Percentuais de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2001)

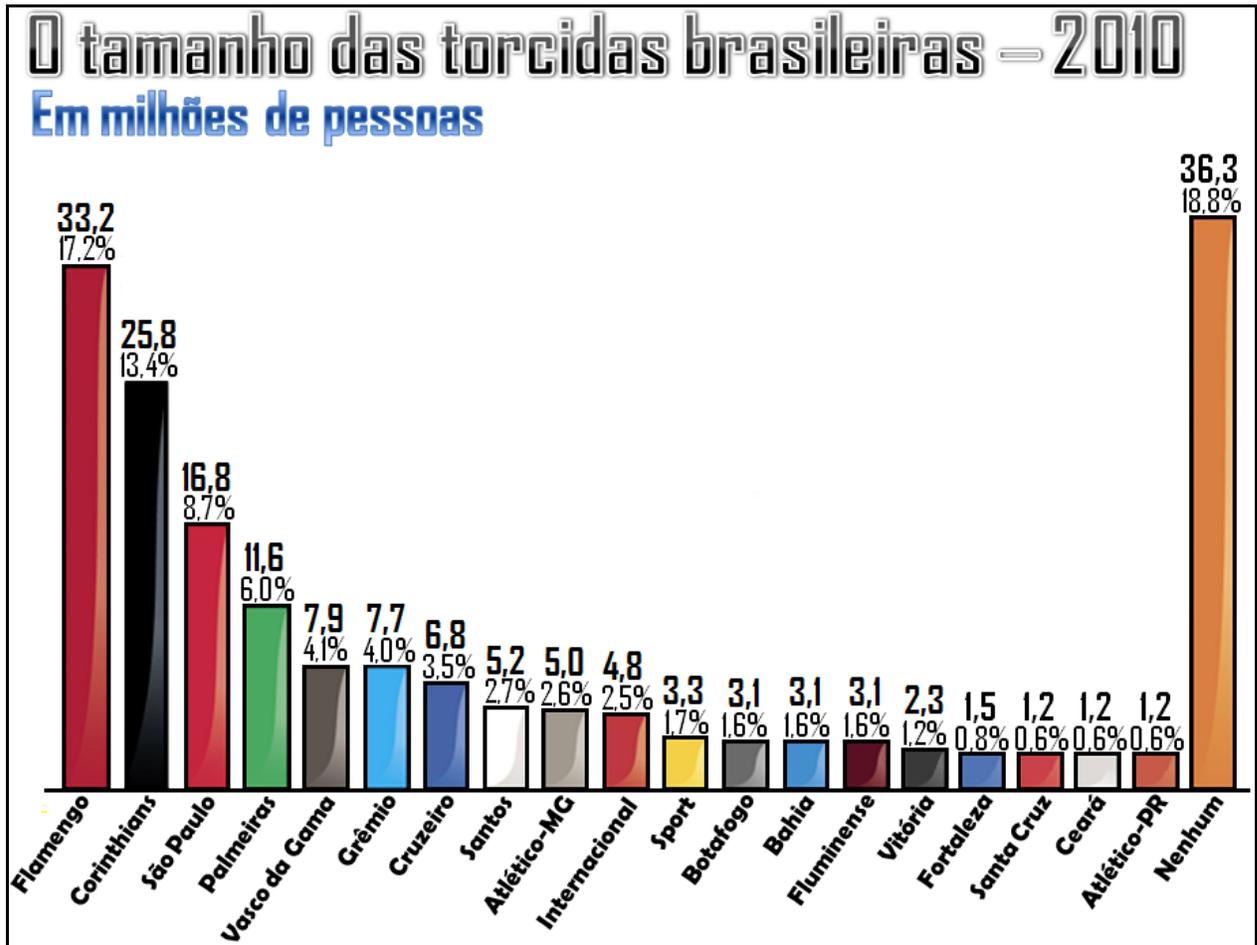


Fonte: IBOPE.

Figura 4 – Percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2004)

Fonte: IBOPE.

Figura 5 – Número e percentual de torcedores por clubes brasileiros de futebol (2010)



Fonte: Adaptado do *site* do Grêmio FBPA..

5 AS TORCIDAS ORGANIZADAS

*Flamengo, Flamengo/ Tua glória é lutar
Flamengo, Flamengo/ Campeão de terra e mar
Charanga Rubro- Negra do Flamengo*

*A gente gosta de bater nos porco/ De dar porrada e de dar paulada
A gente bate, bate, bate forte/ E não quer parar
Grito de guerra da Gaviões da Fiel*

A presença de “grupos fiéis de torcedores” desde os anos 40 do século passado, personificados através dos torcedores-símbolo, notabilizados pela devoção e paixão desmedidas aos times é destaque na produção textual de Toledo (1996). Correia Sobrinho (1997 *apud* CORREIA SOBRINHO & CÉSAR, 2008) assim define tal modelo de torcida:

A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube.

Representantes de toda a torcida, os torcedores-símbolo:

[...] mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa. O objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deviam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas (AREOSA, 1974 *apud* TOLEDO, 1996, p. 21).

Os torcedores-símbolo serviam de chefes da torcida, equipando um pequeno grupo de torcedores com uniformes e instrumentos musicais de percussão, cobrando dos mesmos apenas empenho na animação musical dos jogos. Foi o caso da Charanga²⁴ Rubro-Negra, criada em 1942 pelo torcedor-símbolo Jaime Rodrigues de Carvalho, para apoiar o Clube de Regatas do Flamengo ao som de marchinhas de carnaval e solenes hinos do clube (HOLLANDA, 2009b). Na final do Campeonato Carioca daquele ano, Jaime²⁵ e mais quinze músicos – tocando instrumentos de

²⁴ Segundo Hollanda, a palavra **charanga** possui dois significados: tanto quer dizer pequena orquestra musical de instrumentos de percussão e sopro, quanto música desafinada, numa conotação pejorativa da gíria nativa.

²⁵ Ao torcedor-símbolo Jaime também é atribuído outro feito que rompeu com os comportamentos paradigmáticos das torcidas à época. Jaime e sua Charanga foram os responsáveis por introduzir nos estádios brasileiros as camisetas

percussão, clarins, pistom e um trombone – causaram espanto aos demais torcedores flamenguistas, que trajavam terno e gravata e portavam-se nos estádios de maneira semelhante àquela vista em platéias de teatros, cinemas e óperas (*op. cit.*). Além de apoiar os atletas do quadro clubístico do Flamengo, a Charanga Rubro-Negra ainda buscava atrapalhar e intimidar as equipes rivais, posicionando-se atrás da goleira do guarda-metas adversário e tocando seus instrumentos desafinadamente, com o intuito de desconcentrá-lo²⁶ (*op. cit.*). Acompanhando a senda de vitórias do Flamengo entre 1942 e 1944 – nesse período, o clube se sagrou, pela primeira vez, tricampeão carioca –, a Charanga conseguiu se firmar.

Em 1950, o torcedor-símbolo Jaime foi eleito para chefiar a torcida da Seleção Brasileira na Copa do Mundo que marcou a inauguração do estádio Maracanã. Orientando os demais torcedores nos dias de jogos, em harmonia com o discurso da imprensa²⁷, Jaime e a Charanga viram seu prestígio aumentado, em virtude do comportamento digno apresentado nas arquibancadas, até mesmo após a derrota para o selecionado uruguaio na final. A mulher de Jaime, no Campeonato Sul-Americano de 1954 disputado na Argentina, foi a responsável pela confecção da maior bandeira da Seleção até então – oito metros por dez –, utilizada para concentrar os torcedores num mesmo local do estádio.

Apoiando a equipe na Gávea, no Maracanã, ou seguindo de trem para acompanhá-la em no torneio Rio-São Paulo, a Charanga Rubro-Negra ganhou valorização da imprensa esportiva²⁸, cujos estímulos nas décadas de 1950 e 1960

da equipe de pertencimento, substituindo os trajes de gala por camisas do Flamengo, confeccionadas artesanalmente por seus integrantes (HOLLANDA, 2009b).

²⁶ Em 1943, na partida entre Flamengo e São Cristóvão ocorrida no estádio da Gávea pelo primeiro turno do Campeonato Carioca, a direção do São Cristóvão tentou impugnar o resultado da partida, alegando que a Charanga atrapalhara o goleiro rival em quatro cobranças de pênaltis (o resultado da partida foi 4 a 0 para o Flamengo). Tal fato deflagrou um discurso de repúdio à Charanga. Hollanda (2009b) assim definiu esse sentimento: “Foi o bastante para dirigentes de outros clubes tentarem banir a orquestra em definitivo. Não conseguiram, pois o então presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Neto, achava que a música contribuía para atenuar as brigas entre os torcedores e para abafar os palavrões, cada vez mais ouvidos durante as partidas. Vargas Neto era cronista do Jornal dos Sports e compartilhava os mesmos princípios de seu diretor, Mário Filho, jornalista que se dedicava, desde a década de 1930, a promover as escolas de samba e o futebol profissional na cidade como verdadeiros espetáculos de massa” (s.n.).

²⁷ A imprensa apregoava, a fim de demonstrar à Europa a capacidade de organização da nação em um uma Copa do Mundo, a inconveniência de arremessar objetos no campo e do emprego de palavrões na tribunas, e recomendava a chegada antecipada ao estádio, a fim de evitar tumultos (HOLLANDA, 2009b).

²⁸ Na década de 60, o Jornal dos Sports retomou a realização do *Duelo de Torcidas* – competição criada em 1936 e desenvolvida nos anos 50 –, competição que reunia um júri para avaliar o desempenho das torcidas nas arquibancadas, levando em consideração critérios como qualidade e vibração da bateria, originalidade e criatividade de fantasias, quantidade e tamanho de bandeiras, etc., levando às arquibancadas alguns critérios valorativos presentes nos desfiles carnavalescos das escolas de samba (HOLLANDA, 2009b).

[...] acabariam por impregnar os jogos de uma ambiência carnavalesca. Os cronistas não mediriam esforços para descrever, por meio de metáforas, a beleza proporcionada pela agitação de sirenes, flâmulas, confetes, serpentinas, estandartes e balões multicoloridos. Em tom grandiloqüente, Mário Filho se referia ao “rumor oceânico da multidão” e aos “abalos sísmicos” provocados pelo frenesi da torcida. Já Vargas Neto salientava “as cachoeiras de papéis picados”, que produziam uma “cascata de arco-íris”. Nelson Rodrigues, por sua vez, imprimia à comemoração dos gols o timbre poético que lhe era característico : “no ar, por muito tempo, o grito em flor” ; “no mar, uma flora de bandeiras flamengas” (HOLLANDA, 2009b, s.n.).

Na década de 1960, Jaime, adoecido, afastou-se das arquibancadas, fato que abriu uma lacuna na liderança da Charanga e gerou uma crise no comando. Com isso, um grupo de dissidentes da torcida criou uma torcida própria, a Poder Jovem. Concebida em período histórico marcado pelo rebeldia juvenil mundial – com destaque para o movimento da juventude francesa de 1968 –, a nova torcida queria participar do cenário futebolístico de maneira diferente,

[...] protestando e criticando as atuações da equipe, procedimento inconcebível para Jaime de Carvalho, que não admitia vaias ou qualquer tipo de hostilidade aos jogadores. Com o questionamento de sua autoridade, o ato de torcer tomaria outros rumos, gerados pela cisão na unidade da torcida (HOLLANDA, 2009b, s.n.).

O lapso histórico compreendido entre o final da década de 60 e início dos anos 70 pode ser analisado, então, como momento de significativas mudanças na participação dos torcedores junto aos seus clubes/agremiações. Toledo (1996) afirma que

A década de 70, por outro lado, usufruindo os dividendos das conquistas do futebol brasileiro dos períodos anteriores, e cenário da construção de um projeto de identidade nacional engendrada no período militar, tão bem expresso em frases muito populares na época, tais como *Ninguém segura este país* ou *Todos juntos, Vamos, pra frente Brasil*, suscitou novos contornos à problemática da participação dos torcedores no futebol dentro de um contexto mais complexo e dinâmico [...] Os anos 70 marcam um período crucial para a consolidação do futebol como *mania nacional* (p. 24)

Nesse período, a busca desenfreada pelo desenvolvimento econômico – deflagrada do processo de aceleração urbana –, somada ao encaminhamento das políticas públicas por parte do Estado Militar brasileiro, gerou o “esvaziamento do sujeito social, no sentido coletivo do termo, e a desarticulação das relações na esfera do público, reforçando as individualizações e as

atomizações dos movimentos sociais, incluindo os movimentos de jovens [...]” (PIMENTA, 2003, p. 41). Assim, o poder de mando da industrialização produziu interferências na esfera político-econômica, tornando instáveis as bases sociais emergentes, com a prevalência do interesse do capital em detrimento da identidade social dos jovens – cuja expressão se deu através da negação do outro, da disputa e do prazer pela violência (*idem*, 2000).

Consoante às transformações nos aspectos políticos, econômicos e socioculturais, cuja incidência marcou o futebol nesse lapso histórico – que passa a ser um esporte das massas incentivado pelo Estado e pela mídia –, o vínculo entre o torcedor e o futebol também suscita novos horizontes que perpassam a mera paixão pelo clube. (*op. cit.*). Um fenômeno que acompanha a explosão do desporto futebolístico no Brasil é o agrupamento de torcedores de forma organizada. Lopes & Maresca (1992) destacam a gênese das torcidas organizadas, avultando “[...] sinais de autonomização crescente do futebol profissional, cada vez mais bem estabelecido como um mundo à parte, com regras próprias e tropas especializadas [...]” (p. 132). Consoante a essa idéia desponta a proposição de Hollanda (2008), que cumpre que a

[...] amplitude e a ressonância logradas pelos esportes, com a entrada da televisão na transmissão dos jogos e com a criação de uma rede clubística nacional proporcionada pelo Campeonato Brasileiro, ensejam mutações na ordem de grandeza dos clubes e nas formas de identificação de seu público. Novas demandas de vinculação levam ao fracionamento das organizações torcedoras, que gozavam então de um *status* de homogeneidade, de exclusividade e de oficialidade perante os clubes. Fruto do crescimento e da disputa pelo poder de influência nos clubes, as torcidas organizadas desencadeiam fissuras nas formas de torcer, com a abolição do apoio incondicional como único desígnio associativo. A contestação, o protesto e a pressão figuram como novas formas de intervenção de grupos, que passam a apresentar de maneira progressiva um perfil juvenil majoritário em suas fileiras. Esse segundo ciclo é descrito por jornalistas e por pesquisadores como a inflexão das torcidas uniformizadas às torcidas organizadas, diante da passagem de gerações que vivenciam distintas acepções no ato de torcer (p. 49-50).

Toledo (1996) enfatiza que o surgimento das torcidas organizadas acompanhou o contexto sócio-cultural da época, infundindo, de forma gradativa, novas formas de “sociabilidades, desfrute do futebol como lazer e hábito, fundamentando um outro modo de torcer diverso do comportamento usual observado” (p. 26). O autor cita que, para alguns, as torcidas organizadas são confrontadas como “braços armados” de dirigentes de futebol, além de servirem como cabos eleitorais de

políticos; porém, o certo é que seu surgimento é marcado pela “mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido pelo país” (p.28).

As torcidas organizadas são agrupamentos de indivíduos identificados e simpatizantes com um clube de futebol, teoricamente sem fins lucrativos, com uma dada organização que vai além da mera uniformização de seus membros, buscando incentivar o time de predileção durante as partidas e defender a integridade coletiva na confrontação física e/ou verbal com os rivais (PIMENTA, 2004a; TOLEDO, 1996). Algumas delas possuem um organograma estabelecido com certa complexidade, a partir da estruturação organizada e clara de “cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias”, ou seja, extremamente burocratizadas; todavia, muitas torcidas mantêm o molde chefe/comandado (TOLEDO, 1996, p. 27) para pautar suas relações de subordinação. No primeiro caso, as torcidas organizadas burocrático-militares estabelecem

[...] uma estrutura típica do exército com um espaço institucionalizado (com firma reconhecida em cartório, hierarquia, controle, disciplina, regras de conduta e relações burocráticas. Difere, no entanto, por haver eleições bi-anuais e pagamento de mensalidade feito pelos sócios (PIMENTA, 1997, 2004a *apud* HRYNIEWICZ, 2008, p. 32).

A primeira torcida organizada do Brasil²⁹ é o Grêmio Gaviões da Fiel (do Sport Clube Corinthians Paulista), fundada em primeiro de julho de 1969, nascida, segundo Toledo (1996), da “necessidade sentida por alguns de ocuparem um espaço político até então não reivindicado enquanto *torcedores comuns*” (p. 31); assim, passaram a exercer pressão política junto ao clube, em antagonismo à passividade dos torcedores-símbolos, atravessando a escolha e demissão de jogadores, técnicos e dirigentes (*op. cit.*).

Atraídos pelas vestimentas (camisetas e bonés), pela virilidade, força e coesão grupais, pelos cânticos de guerra e coreografias, pelo estilo de vida, pela transgressão às leis e por todos os aspectos estético-lúdico-simbólicos imbricados no modelo organizado de torcer, a massa de jovens passou a buscar a filiação nesses grupos, onde o torcedor “não é mais um mero espectador do ‘jogo’”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua

²⁹ A Torcida Jovem do Flamengo, oficialmente fundada em 6 de dezembro de 1969, já existia de maneira informal desde 1967, sob o nome de *Poder Jovem* – assim como a Torcida Jovem do Botafogo, criada em 9 de setembro de 1969, mas atuante há pelo menos um ano sob a mesma designação de *Poder Jovem* (HOLLANDA, 2008). Além dessas, a Força Jovem do Vasco – com fundação oficializada em 1970, porém criada em 1969 – e a Torcida Young-Flu (com criação em 12 de dezembro de 1970, porém descendente da Jovem Flu de 1967) também parecem ter suas raízes fixadas anteriormente ao surgimento da Gaviões da Fiel (*op. cit.*).

masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe” (PIMENTA, 2000, p. 125). Correia Sobrinho (1997 *apud* CORREIA SOBRINHO & CÉSAR, 2008) sinalizam para o caráter legal das manifestações das torcidas organizadas entre os jovens:

Ao contrário de outros fenômenos de expressão juvenil, como as gangues, por exemplo, e até mesmo do fenômeno torcedor inglês, os *hooligans*, as nossas torcidas estariam atuando dentro do que denominamos de “esfera da legalidade”, dentro do espaço aonde são reconhecidas como legais e legítimas representantes dos clubes, por torcedores, imprensa e o público de modo geral [...] (p. 6).

Sobre o *hooliganismo*, é necessário dizer que trata-se de um termo usado para descrever o comportamento desordeiro e violento de torcedores de clubes profissionais e seleções nacionais de futebol – conhecidos como *hooligans* –, freqüentemente evidenciado antes, durante e após as partidas de futebol. Existem várias teorias para explicar a origem da palavra *hooligan*. Seguem aqui as duas mais populares: a primeira delas surgiu numa obra literária de 1899, *Hooligan Nights*, de Clarence Rook, onde é narrado o comportamento do jovem desordeiro e violento Patrick Hooligan, condenado pelo assassinato de um policial (PIMENTA, 2004b); a segunda versão, mais popular, aponta que o termo remete a uma família de imigrantes irlandeses, de sobrenome *Houlihan*, que vivia em Londres no século XIX, à qual são atribuídos atos de violência e de não-sociabilidade de seus membros, que aterrorizaram o distrito londrino de *East End* (WILLIAMS & WAGG, 1991 *apud* KONTOS & BROTHERTON, 2008; COSTA, 1992 *apud* TOLEDO, 1996; PIMENTA, 2004b). A proliferação de *hooligans* no futebol é observada desde o fim do século XIX. A partir da Copa do Mundo de 1966, ocorrida na Inglaterra, os *skinheads* se aproximaram das torcidas, o que ocorreu posteriormente com outros grupos que buscavam expressão através do futebol (TOLEDO, 1996). Tais subculturas juvenis, por vezes delinquentes e marginais (BUFORD, 1992 *apud* TOLEDO, 1996) foram englobadas pela mídia sob o rótulo comum de *hooligans*. É latente entre os *hooligans* o forte apelo nacionalista e a xenofobia, com ações pautadas pelo anonimato – os *hooligans* procuram confundir-se entre a multidão de torcedores e não utilizam simbologia *hooligan* ou camisetas que os identifiquem (TOLEDO, 1996). Toledo ainda salienta que as aproximações tecidas pelo discurso recorrente veiculado na mídia brasileira entre as torcidas organizadas e os *hooligans* é improcedente. Em primeiro lugar porque enquanto os *hooligans* prezam a transgressão deliberada e o anonimato, as

organizadas vislumbram um lugar dentro do futebol como agentes oficiosos do espetáculo, reconhecidos pelos dirigentes e jogadores do clube, pela polícia e pelos veículos de comunicação. Em segundo lugar porque as torcidas organizadas, distante dos *hooligans* europeus, não pregam ideologias nacionalistas em seus discursos e práticas, sendo mais descomprometidas com uma ética específica e tornando seus “agrupamentos mais fluidos, dinâmicos e abertos” (op. cit., p. 130). Por fim, enquanto os *hooligans* parecem unificar interesses e canalizá-los em suas ações – por exemplo, almejam protestar de forma mais efetiva quando buscam o enfrentamento direto com a “ordem estabelecida (indivíduo/Estado)” –, as organizadas reúnem “vários grupos de interesses divergentes, sentimentos e expectativas”, reproduzindo, “em alguma medida, a diversidade da sociedade mais abrangente” (op. cit., p. 134).

Se a década de 1970 foi marcada pelo *boom* no futebol brasileiro com o surgimento massivo³⁰ das torcidas organizadas, os anos 80 foram enodados por uma queda no público e violência nos estádios, além da venda de jogadores expoentes para o exterior e dos altos preços cobrados pelos ingressos em oposição à pobreza populacional (TOLEDO, 1996). Mesmo assim nesse lapso de tempo deu-se a consolidação definitiva – em níveis de organização burocratizada, de participação clubística e participação no mundo da bola – dessas formações e agrupamentos de torcedores³¹ (op. cit.). Reis (2003) refere-se a esse período como sendo o auge das organizadas, “com bonitos espetáculos de coreografias nos estádios, assim como seus cantos e hinos entoados durante quase todos os jogos” (p. 85), e ainda aponta o fato de tais manifestações não serem ressaltadas “pela imprensa como um elemento importante do espetáculo esportivo” (*idem*, 1998).

Somente na década de 1990 presenciar-se-ia, com a entrada de capital privado e externo, o reinvestimento no futebol (op. cit.). Pimenta (1997 *apud* REIS, 2006) discorre sobre o

³⁰ Neste período, surgiram algumas das mais tradicionais torcidas organizadas, como a Raça Rubro-Negra (Clube de Regatas Flamengo), a Força Jovem Vasco (Clube de Regatas Vasco da Gama), a Torcida Young Flu (Fluminense Football Club), a Torcida Tricolor Independente (São Paulo Futebol Clube), a Torcida Jovem Camisa 12 (Sport Club Corinthians Paulista), a Torcida Uniformizada Palmeiras (Sociedade Esportiva Palmeiras), a Força Jovem do Santos (Santos Futebol Clube), a Máfia Azul (Cruzeiro Esporte Clube), a Torcida Jovem do Grêmio (Grêmio Foot-Ball Porto Alegre), a Torcida Organizada Os Fanáticos (Clube Atlético Paranaense), a Torcida Organizada Império Alviverde (Coritiba Foot Ball Club) e a Torcida Organizada Bamor (Esporte Clube Bahia), entre outras. Fonte: **ORGANIZADAS Brasil. O Portal das Torcidas Organizadas**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/index.php>>. Acesso em: 2 dez. 2009.

³¹ Aqui surgem outras célebres torcidas organizadas, caso da Mancha Verde (Sociedade Esportiva Palmeiras), Galoucura (Clube Atlético Mineiro), Super Raça Gremista e Torcida Organizada Garra Tricolor (Grêmio Foot-Ball Porto Alegre), Vila Vasqueira (Clube de Regatas Vasco da Gama) e Fanático (Clube Náutico Capibaribe). Fonte: **ORGANIZADAS Brasil. O Portal das Torcidas Organizadas**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/index.php>>. Acesso em: 2 dez. 2009.

movimento de encorpamento das principais organizadas de São Paulo, ocorrido no decorrer dos anos 1990:

De 1991 em diante as organizadas de maior porte cresceram significativamente, para espanto até de seus dirigentes. A “Mancha Verde” tinha aproximadamente 4.000 (quatro mil) sócios e [em 1996] tinha 18.000 (dezoito mil); a “Independente” tinha 7.000 (sete mil) associados, [em 1996 tinha] mais de 28.000 (vinte e oito mil); e a maior torcida do Brasil, a “Gaviões da Fiel”, cresceu de 12.000 (doze mil) registros para 46.000 (p. 21).

A crescente violência da década antecedente não se dissipou, ganhando contornos ainda mais marcantes. Sobre as principais formas de violência exercidas pelas torcidas organizadas no interior e fora dos estádios, estudos da Polícia Militar do estado de São Paulo apontam algumas mais marcantes, a saber: (1) conflitos generalizados entre facções de torcedores rivais, protagonizados em calçadas e vias públicas, (2) depredações de veículos de transporte público, (3) ofensas ou ataques a cidadãos sem vínculos com o universo do futebol e (4) porte de armas e artefatos explosivos (CAPEZ, 1996 *apud* HRYNIEWICZ, 2008). Porém, parece ser o confronto entre duas torcidas organizadas de São Paulo, ocorrido em 1995, no estádio Pacaembu, um marco na violência e na repressão às organizadas (PIMENTA, 2000; REIS, 2006; TOLEDO, 1996). O jornal Folha de São Paulo assim divulgou a notícia à época:

As torcidas de Palmeiras e São Paulo travaram uma guerra, ontem, no estádio do Pacaembu. A batalha, de socos, paus e pedras, aconteceu em seguida à conquista, pelo Palmeiras, da Supercopa São Paulo de Juniores, pouco depois do meio-dia. Segundo balanço oficial, 80 torcedores e 22 policiais saíram feridos. Um dos feridos graves é Paulo Serdan, presidente da Mancha Verde, a maior e mais violenta torcida organizada do Palmeiras, atingido no olho esquerdo³².

Dias após, o mesmo jornal assim noticiou a morte de um torcedor são-paulino na *Batalha Campal do Pacaembu* (PIMENTA, 2000):

Márcio Gasparin da Silva, 16 [anos], morreu ontem no Hospital das Clínicas, em São Paulo. É a primeira vítima fatal da briga entre torcedores de São Paulo e Palmeiras, dia 20, na final da Supercopa de Juniores, no Pacaembu. Torcedor do São Paulo, Gasparin estava internado desde o dia 20, em coma (estado de inconsciência em que se mantêm apenas a circulação e respiração). [...] Gasparin

³² MOREIRA, Mário; DAMATO, Marcelo. *Torcedores brigam em jogo de juniores e adiam estréia do Corinthians no Brasileiro*. Folha de São Paulo. São Paulo: 21 ago. 1995.

sofrera múltiplos traumatismos cranianos, provocados por agressões, durante a briga no Pacaembu. Uma pneumonia agravou seu estado nos últimos dois dias³³.

Esse caso, com ampla cobertura midiática, suscitou à época inúmeras discussões, servindo de pedra fundamental para o combate à violência atribuída às torcidas organizadas ao longo da década de 1990 (PIMENTA, 2000; REIS, 1998, 2003, 2006). Fernando Capez, promotor público de São Paulo, foi a figura destacada junto ao Poder Público, designada para tomar medidas frente ao aumento da violência em espetáculos desportivos (PIMENTA, 2000; REIS, 2006). As determinações punitivas proibiram o ingresso de torcidas organizadas nos estádios, através do impedimento da entrada de torcedores trajando vestimentas ou portando acessórios com distintivos ou outros símbolos que fizessem alusão aos grupamentos organizados, além da proibição às bandeiras e instrumentos de percussão (REIS, 2006). A edição do dia 27 de agosto de 1995 do jornal Folha de São Paulo informou sobre as sanções infligidas às torcidas organizadas:

A Federação Paulista de Futebol anunciou a proibição de qualquer peça de roupa de torcida uniformizada nos estádios de São Paulo. A proibição se estende também às torcidas organizadas de outros Estados. Os chefes das principais torcidas organizadas de São Paulo acertaram acordo. Pressionadas pelas proibições, as torcidas organizadas propuseram a criação de um “código de ética”. A proposta é punir a torcida envolvida em ato de vandalismo, que ficaria três meses sem poder utilizar faixas, bandeiras e instrumentos musicais³⁴.

E continuaria noticiando no dia ulterior:

O episódio de violência no Pacaembu criou uma reviravolta nas torcidas organizadas de São Paulo. Quinta passada, a Federação Paulista de Futebol proibiu a entrada em estádios de torcedores com camisas de times e faixas, bandeiras e instrumentos musicais. Segundo estudo feito pela PM, o uso da camiseta faz com que os jovens se sintam mais fortes e fiquem anônimos nos estádios³⁵.

Além dessas medidas, houve proibição da venda de bebidas alcoólicas no interior dos estádios, fato que causou indignação por parte de alguns clubes, preocupados com o prejuízo

³³ FONTENELLE, André; RIBEIRO, Arnaldo. *Morre torcedor do São Paulo vítima do conflito no Pacaembu*. Folha de São Paulo. São Paulo: 29 ago. 1995.

³⁴ *CONFRONTO deixou 102 feridos*. Folha de São Paulo. São Paulo: 27 ago. 1995.

³⁵ *ORGANIZADAS sofrem reviravolta*. Folha de São Paulo. São Paulo: 28 ago. 1995.

financeiro em dias de jogos (REIS, 2006). Afora as iniciativas empreendidas no âmbito legal, houve mobilização da sociedade civil, com ênfase para os esforços acadêmicos em debater o estreitamento entre futebol e violência, por meio de palestras³⁶ que reuniam jornalistas esportivos, ex-jogadores, políticos, juristas, sociólogos, psicólogos e professores universitários (REIS, 1998, 2006).

Contudo, as organizadas não tardariam a empregar esforços pela retomada de seu espaço. Em meados de 1996, já agiam de forma a recuperar seu protagonismo no universo do futebol. Assim informou o jornalista Mauro Tagliaferri nas páginas da Folha de São Paulo, em 25 de agosto daquele ano, sob a manchete “Eles estão de volta”:

As torcidas organizadas paulistas armam uma ofensiva para retornar aos estádios. Alguns dos principais líderes das agremiações, como o presidente da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo, afirmam que podem "lavar as mãos" e abandonar a orientação pacifista a seus comandados. [...] A proibição ao ingresso de torcedores uniformizados nos estádios foi obra da Federação Paulista de Futebol em 24 de agosto de 95. [...] Com a medida, a quantidade de ocorrências em partidas de futebol em São Paulo diminuiu. As organizadas, porém, estão retornando aos estádios. Sem usar camisas e faixas, os torcedores se agrupam e cantam hinos. Uma proposta da FPF [*Federação Paulista de Futebol*], da PM [*Polícia Militar*] e do Ministério Público – a criação do sócio-torcedor – reavivou a esperança dos uniformizados³⁷ de voltar à legalidade, fiscalizados pelos respectivos clubes. A demora na concretização da medida, porém, inquieta os dirigentes das torcidas, que pedem o fim do período de "castigo".

Com o retorno das organizadas – ainda que em encontros fora dos estádios, sem nada que as identificasse, como, por exemplo, o uso das camisetas (REIS & CARRO, 2005)–, a violência, anteriormente diminuída pelo efeito pacificador das medidas proibitivas, também voltou a ganhar corpo. As torcidas organizadas que protagonizaram o incidente no Pacaembu – a Mancha Verde e a Independente –, ganharam novo fôlego nos estádios. Segundo os *sites* oficiais dessas torcidas (www.manchaalviverde.com.br e www.independentenet.com.br, respectivamente), a Mancha Verde retomou suas atividades em 1997, conseguindo, já ao final desse ano, deslocar uma “caravana histórica” com noventa ônibus de torcedores no traslado até o Rio de Janeiro para

³⁶ Nesse cenário, Pimenta (2000) destaca o seminário *A Violência no Esporte*, promovido pela Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, com realização na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), em 1996, sob a coordenação de Júlio Lerner. Posteriormente, tais debates seriam compilados em um livro, de mesmo nome.

³⁷ Por uniformizados, entenda-se aqui torcedor organizado.

assistir à final do Campeonato Brasileiro contra o Vasco da Gama. Já a Torcida Independente reconhece seu retorno a partir da mudança de nome – passou a se chamar Grêmio Esportivo Recreativo e Cultural Tricolor Independente – e de direção administrativa, em 11 de novembro de 1998. O regresso das organizadas carregou consigo a imposição da violência, seja pela retomada no campo dos enfrentamentos simbólicos, seja pelos confrontos físicos reais. Moura (2000) exemplifica tal prática, citando a última semana do Campeonato Paulista de 1999 como período em que constam diversas ocorrências policiais, adjetivadas pelos mesmos de “lamentáveis” e “deploráveis”, recebendo ampla cobertura da imprensa. Logo,

[...] manifestações violentas no futebol tornaram-se uma questão de segurança pública. Com efeito, em 2003 foi criado o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT). Um dos argumentos que justificaram a criação do EDT foi a necessidade de aperfeiçoar as normas de sociabilidade nos espaços públicos e privados das diferentes práticas esportivas que congregam um público elevado (CAMPOS *et al.*, 2008, p. 12).

A respeito do Estatuto do Torcedor (Lei Federal nº 10.671, de 15 de maio de 2003) e do contexto histórico-social que permeou sua concepção, será lançado um olhar mais minucioso no capítulo subsequente. Em relação ao retorno das organizadas, é mister ressaltar que o Grêmio Gaviões da Fiel conta hoje, em seu quadro social, com mais de oitenta mil sócios, sendo considerada a maior torcida organizada do país, fato esse que corrobora o fortalecimento das organizadas nessa década, mesmo com medidas de prevenção à violência. Ainda aqui, cumpre mencionar a aproximação entre as organizadas e a política. Toledo (1996) discorre que

O domínio do futebol introjeta-se na cultura do povo, dos torcedores, como um exercício de memória, sociabilidade, convivência, mediação de interesses, drama e política, compreendido em um sentido mais amplo. Sob este aspecto, e de modo geral, pode-se afirmar que os valores observados na cultura política brasileira estão encarnados também na conduta dos indivíduos enquanto torcedores (p. 147).

O autor ainda reforça tal idéia:

Um significativo exemplo foi a participação de algumas Torcidas Organizadas nas manifestações das *diretas já* em 1984 ou nos comícios pró-*impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. [...] Ainda que concebam, de modo geral, a classe política e os próprios partidos como *um bando de ladrões*,

estes torcedores organizados, ainda assim, votam, opinam e possuem interesse político (p. 147-148).

Assim, percebe-se que o número de membros de uma organizada possui caráter decisivo em períodos de eleições políticas, externa e internamente ao clube. No primeiro caso, surgem as coligações entre candidatos/partidos políticos e torcedores organizados, servindo esse últimos como cabos eleitorais. Nas disputas internas do clube, aos torcedores organizados – do mesmo modo que são sócios nas organizadas, muitos também integram o quadro social³⁸ do clube – é delegado o poder de voto (e veto) em eleições e decisões intraclubísticas. Alguns desses torcedores chegam a aceder à ocupação de lugares nos conselhos deliberativos dos clubes, o que lhes confere maior atuação nos bastidores políticos do clube.

5.1 OS SÍMBOLOS DA IDENTIDADE

Os dias de jogos sempre foram aqueles onde os torcedores organizados puseram em ação todos os símbolos e marcas que denotam seu pertencimento e identidade com o agrupamento em que se inserem (TOLEDO, 1996), através de

[...] práticas de resistência ou de questionamento da ordem social, traduzidas em músicas, roupas, expressões corporais, cortes de cabelo e uma série de comportamentos pontuados por condutas sem laços com a coletividade [social]. Além disso, cultivavam sentimentos de revolta contra regras sociais e desprezo pelas autoridades constituídas, acompanhados de atitudes de extrema agressividade (PIMENTA, 2004a, p. 252).

As torcidas organizadas, por toda a simbologia e ações colocadas em prática nos estádios (no incentivo e nos deveres que realizam em função do clube, nos sacrifícios, na assiduidade e na devoção), crêem ocupar posição privilegiada no torcer. Ocupam as arquibancadas para incentivar, preferindo os elogios e a exaltação do clube em detrimento das vaias, críticas e cobranças, e

³⁸ Alabarces, Garriga Zucal & Moreira (2008) esclarecem que “os clubes de futebol são associações civis administrada e representadas pelos dirigentes que procedem do setor de sócios. Estas instituições cobram uma cota mensal acessível que lhes permite manter um corpo estável e numeroso de afiliados. Estes adquirem, além de ingressar gratuitamente ao setor popular do estádio, o direito de participar das atividades que as instituições oferecem” (p. 2).

repudiando os chamados “corneteiros”³⁹ (MORATO, 2005). Assim, despontam diferentes signos e comportamentos expostos nos estádios, nos deslocamentos para os mesmos e nas viagens para acompanhar a equipe em seus jogos na condição de visitante. As vestimentas estão no rol destes símbolos. Através da camisa, jaquetas e/ou do boné, os torcedores misturam o *design* das camisas oficiais dos clubes – cores, distintivo (emblema, escudo), mascotes, etc. – com nomes e símbolos exclusivos das organizadas (TOLEDO, 1996.). A camiseta é vista como a marca distintiva que denota o pertencimento ao grupo, revelando o afeto ao time e à organizada, concomitantemente, uma vez que ela

[...] demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. [...] A camisa demarca uma certa *distância simbólica* entre aqueles que a usam dos *torcedores comuns*. Assim, o simples fato de se encontrar um [torcedor organizado] [...] na rua suscita, por parte de muitos, uma inquietação, temor, ódio, respeito maiores que se encontrasse um *torcedor comum* vestido com a camisa do time (*op. cit.*, p. 57-58).

Hryniewicz (2008) infere sobre a importância sobressalente da camisa no mundo simbólico das torcidas organizadas, ao apontar que os torcedores organizados temem muito mais perder a camisa nos embates físicos do que propriamente a briga.

Enquanto as vestimentas são as marcas simbólicas ostentadas principalmente nas ruas, as bandeiras e faixas ocupam espaço fundamental nos estádios. Em matéria do Diário Popular de 4 de dezembro de 1992 (*apud* TOLEDO, 1996, p. 58), nota-se a importância reservada às bandeiras:

A torcida uniformizada do Verdão vai levar amanhã ao Morumbi a maior bandeira do mundo – 80 por 40 metros – que custou US\$ 10 mil [114 milhões de cruzeiros]. [...] Segundo Paulo Serdan, presidente da Mancha Verde, “teremos ainda mais 150 bandeiras [...].

O Grêmio Gaviões da Fiel, através de seu *site* oficial (www.gavioes.com.br) alardeia possuir, atualmente, “o maior bandeirão do país” – as dimensões da bandeira são cento e quarenta e três metros de comprimento por trinta e cinco metros de altura, com peso estimado em cerca de duas

³⁹ Os “corneteiros” são vistos pelas organizadas como aqueles torcedores que ocupam as partes cobertas dos estádios – localizações tidas como aquelas que apresentam as melhores acomodações nos estádios – e que só cobram e criticam a equipe. Morato (2005, p. 93) esclarece que “corneteiros usufruem seus direitos [de crítica e cobrança] antes de realizar seus deveres” de incentivo e apoio à equipe.

toneladas. As bandeiras a serem tremuladas – menores que os “bandeirões”, são aquelas hasteadas em imensos mastros de bambu –, requerem certa habilidade no seu manuseio e na elaboração de uma coreografia, pela força física e senso estético empregados para tal – o que confere a seus encarregados certo privilégio na estrutura da torcida organizada (MONTEIRO, 2003). Assim como as camisas, bonés e jaquetas, as bandeiras e faixas são troféus em disputa pelos torcedores, sendo humilhante vê-las em poder de rivais (TOLEDO, 1996). Às faixas é conferida a função de demarcar e delimitar o território ocupado nas arquibancadas em dias de jogos⁴⁰ (*op. cit.*).

Outro demarcador da identidade das torcidas organizadas é a bateria. Composta por instrumento musicais de percussão (como o surdo, o repique, o chocalho e o tamborim), sendo algumas vezes acompanhada por instrumentos de sopro (caso das cornetas), a bateria é uma das heranças das charangas que marcaram a “fase romântica” de incentivo das torcidas aos clubes. É o elemento sonoro responsável por imprimir ritmos específicos às manifestações das torcidas, cumprindo com “a marcação dos cantos, *gritos de guerra*, dos hinos, dos xingamentos e é a responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias, pelo tremular das bandeiras e entusiasmo dos integrantes” (*op. cit.*, p. 60). Formando um corpo à parte dentro do próprio agrupamento organizado, os percussionistas da bateria possuem *status* privilegiado no grupo, em virtude da habilidade e domínio da prática instrumental (*op. cit.*). A bateria, de modo geral, é vista como elemento de prestígio no universo da torcidas organizadas. No *site* oficial do G. E. R. C. Tricolor Independente, a busca pelo reconhecimento e ocupação do lugar de melhor bateria é destacado como “ponto de honra”. No *site* oficial do Grêmio Gaviões da Fiel, surge a seguinte fala a reforçar a importância da bateria: “A Gaviões [da Fiel] possui até uma escolinha de Bateria, com intuito em formar ritmistas com raízes na própria torcida. Hoje, cerca de 30% dos integrantes da Bateria são pessoas que vieram da escolinha” (www.gavioes.com.br). Isso mostra a aproximação entre as torcidas organizadas e as grandes escolas de samba⁴¹. Em São Paulo,

⁴⁰ As faixas também podem servir como forma de protesto e descontentamento com os clubes, dirigentes e/ou jogadores; para se prestarem a essa utilidade, são posicionadas de cabeça para baixo nas marquises dos estádios, demonstrando publicamente repúdio ou reivindicação por algo (TOLEDO, 1996).

⁴¹ Sobre as interseções entre o samba e o futebol, Soares (1994) tece apontamentos da apropriação do “esporte bretão” pelas classes populares da sociedade, como tradução de um dos símbolos de formação da identidade – conjuntamente com o samba e o carnaval – do Rio de Janeiro, do carioca e, por extensão da ideologia, do brasileiro; o autor salienta a ligação “sempre presente entre o futebol, o samba e a malandragem, elementos que constituem um eixo de construção de identidade” (p. 45). Da Matta (*apud* SOARES, 1994) denota que existe a noção de que o futebol irrompe como fenômeno dedicado a refletir alguns dramas da sociedade brasileira. Toledo (1996) explica que futebol e samba, como fenômenos tipicamente urbanos, tiveram desenvolvimento em concomitância desde o início

algumas organizadas possuem integrantes em sua bateria que compõem, concomitantemente, a bateria das escolas de samba que desfilam no carnaval paulistano. Toledo (1996) faz notar que em São Paulo, até o ano de 1993, seis torcidas organizadas tomavam parte dos desfiles carnavalescos, sendo elas: a escola de samba Gaviões da Fiel (*Sport Club Corinthians Paulista*) e os blocos de carnaval Camisa 12 (*Sport Club Corinthians Paulista*), Torcida Jovem (Santos Futebol Clube), Torcida Uniformizada do Palmeiras (Sociedade Esportiva Palmeiras), Tricolor Independente (São Paulo Futebol Clube) e Clube Desportivo Pavilhão Nove (*Sport Club Corinthians Paulista*). O autor observa que a participação em desfiles carnavalescos – blocos e escolas de samba – “confere uma outra possibilidade de sociabilidade e visibilidade social para estas organizações de torcedores. O samba limpa o eventual estigma e a fama de violentos trazidos do futebol, ameniza os confrontos e possibilita uma maior abertura a outros grupos e segmentos sociais” (p. 152). No carnaval, os torcedores organizados passam de coadjuvantes (no futebol, os protagonistas serão sempre os jogadores) a atores sociais principais nas ruas e sambódromos, despindo-se das marcas que carregam – violência, fanatismo e intolerância – e encontrando, na condição de sambistas, ritmistas, passistas e artesãos, a inversão de valores e papéis sociais, em comparação com aqueles vivenciados no universo futebolístico (*op. cit.*). Tal análise se mostra em consonância com a idéia popular de que o “malandro”, o transgressor aprovado, constrói sua reputação através da habilidade e talento – derivados da improvisação advinda das ruas – para reverter situações adversas (SOARES, 1994). Assim, o torcedor organizado vislumbra no samba a possibilidade de aplacar o discurso que paira sobre as atitudes violentas e todas transgressões socialmente reprovadas.

Tatuagens representam símbolos que marcam a identificação contígua e permanente com o clube e com a organizada. Realizadas em pontos de fácil visualização, inscrevem no corpo sentimento de pertencimento, conduta e lei do grupo (CLASTRES, 1988 *apud* TOLEDO, 1996). Pires (2005) observa que a tatuagem possui a “[...] propriedade de deixar visível, de tornar material e, mais do que isso, de tornar parte do próprio corpo físico uma atribuição mental [...]” (p. 76). Através da estética, são portados os signos – distintivo/dístico, mascote ou palavras alusivas ao clube ou à torcida – que aproximam o torcedor de seu agrupamento organizado e o distinguem de dos demais grupos.

do século XX, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. O mesmo autor ainda ilustra essa aproximação: “No fim da década de 20 os sambas já traziam a linguagem peculiar e competitiva do futebol em suas letras, como testemunham os sambas de *Cartola* da Mangueira e de *Bidê* do Estácio [...]” (p. 88).

No que diz respeito aos “gritos de guerra”, Toledo (1996) afirma que os cantos e xingamentos proferidos como gritos de guerra nas arquibancadas pelas vozes dos torcedores organizados evidenciam confrontos sociais pautados pelos estereótipos entre classes, oposição entre gêneros e papéis atribuídos/desempenhados pelos mesmos, fissuras entre aquilo que é público e privado, relações de poder, etc. O mesmo autor classifica os “satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçado, alguns criativos” (p. 64) gritos de guerra naqueles onde prevalecem os incentivos (à equipe e jogadores), os protestos, as intimidações (torcidas rivais, jogadores, juízes) e a auto-afirmação da torcida (frente, principalmente, às demais organizadas). O uso recorrente dos palavrões, utilizados para vocalizar a agressividade e reforçar as relações de poder nos gritos de guerra, não é prática recente, como relata Areosa (1974, *apud* TOLEDO, 1996, p. 67):

[...] Outro tipo de violência – o menos grave – que se torna mais intenso de jogo para jogo é o *palavrão*. Não o palavrão gritado numa explosão de raiva contra o juiz, o beque que dá uma cacetada ou o atacante que perde um gol feito, mas o palavrão *gritado em coro* durante a partida inteira, por qualquer motivo – ou sem motivo, só para fazer graça. Mesmo pessoas que não ligam muito para o linguajar já começam a não levar suas mulheres aos estádios [...].

Dessa forma, o palavrão nos gritos de guerra cumpre com a função de expressar emoções, alegrias, tensões, tristezas, na demarcação exacerbada e estabelecimento das diferenças entre torcidas, equipes, poder público, etc. (TOLEDO, 1996).

Já o confronto físico rata-se aqui dos embates físicos violentos, de natureza racional, manifestada quando alguns torcedores organizados (ou o grupamento todo) tencionam, de forma premeditada, promover agressões violentas contra seus rivais, com a presença – ou não – das brigas (REIS, 1995 *apud* REIS, 2006). Pimenta (2004b) observa que os confrontos não ocorrem por obra do acaso e coincidência, mas são manifestações programadas, embasadas em táticas de militares – ação de batedores, linha de frente e retaguarda, caças, emboscadas, emprego de armamentos (coquetel *molotov*⁴², bombas de fabricação caseira, armas de fogo, estiletos, canivetes e quaisquer outros capazes de gerar lesão nos rivais – e empregadas contra os adversários sempre que forem julgadas necessárias. O autor ainda cita que, em dias de jogos, as

⁴² O coquetel *molotov* é uma bomba de fabricação caseira, composta de uma garrafa cheia de líquido combustível com um pavio no gargalo. Recebeu esse nome na época da Segunda Guerra Mundial dos soldados soviéticos, numa homenagem ao seu chanceler Viatcheslav Mikhailovitch Molotov (Revista Repórter FECESP, 1997).

organizadas saem de suas sedes em comboios de ônibus, protegidas por batedores⁴³ (carros ou motos) e um ônibus na “linha de frente” – com torcedores extremamente preparados para possíveis embates –, além dos “caças”, que, seguindo o entorno do comboio, prestam-se a resgatar pessoas e/ou objetos mantidos/tomados pelos rivais. Muitas vezes, são maquinadas emboscadas contra as torcidas adversárias, contando com o elemento surpresa no confronto.

5.1.1 O cyberhooliganismo das torcidas organizadas

Segundo Rocco Junior (2007), os *cyberhooligans* são

[...] torcedores que utilizam sua habilidade manipulação da tecnologia para estimular a violência entre os diversos agrupamentos organizados de torcedores de futebol, [...] colocando este instrumental a serviço das intenções bélicas do agrupamento torcedor a que pertence, contribuindo para a disseminação da cultura das torcidas organizadas na Internet (p. 42-43).

Pimenta (2004a) aponta a década de 1990 como período em que os *hooligans* europeus passaram a utilizar sistemas de comunicação, com destaque para a *internet*, com o intento de divulgar assuntos internos e incentivar atividades do movimento. No dia 9 de agosto de 1999, veiculou-se a primeira notícia do uso da *internet* para articular uma briga, envolvendo torcedores (“*hooligans*”) da equipes inglesas *Cardiff City* e *Milwall*, num jogo da divisão intermediária do futebol profissional na Inglaterra, dando início à figura do *cyberhooligan* (ROCCO JUNIOR, 2007).

Rocco Junior (2007), em estudo acerca dos *sites*⁴⁴ das principais torcidas organizadas de São Paulo, inferiu que estas ferramentas de difusão de dados permitiram às torcidas – afora a proposta de divulgação de dados pertinentes à história da organizada, formas de associação, compra de produtos e divulgação de eventos – propalar textos repletos de um discurso agressivo voltado para o menosprezo a adversários e aos “torcedores comuns”, autoridades e ordem social vigente. Além disso, demonstram preocupação exagerada com a exaltação à própria instituição organizada em detrimento dos clubes que defendem.

⁴³ Cabe ressaltar, como o faz Pimenta (2004b), o vocabulário tático-militar utilizado corriqueiramente nas ações cumpridas pelas torcidas organizadas.

⁴⁴ *Site* (ou *web page*) é uma palavra diminutiva para *website* (do inglês, *web* = teia e *site* = sítio); representa uma coleção de páginas ou documentos localizados na *internet*, utilizada para incorporar, disponibilizar e executar diversas mídias, tais como textos, fotografias, músicas, animação, sons, etc. (STIM, 2009).

Porém, os torcedores parecem utilizar outras vias dentro da própria rede mundial de computadores para promover agendamentos de brigas e relatar ostensivamente depredações ao patrimônio público e privado. É o caso do *Orkut*⁴⁵, como constatou a reportagem do Jornal Folha de São Paulo do dia 1º de dezembro de 2005:

Via internet, corintianos e palmeirenses já agendam brigas para o domingo. A troca de ameaças começou ontem, um dia depois de a CBF ignorar pedido da Polícia Militar paulista para antecipar para sábado os jogos envolvendo Palmeiras e São Paulo. A idéia era evitar encontros dessas torcidas com a do Corinthians, que pode celebrar a conquista do Nacional no mesmo dia. Não é a primeira vez que palmeirenses e corintianos marcam confrontos em sites. Diogo Lima Borges, o Muñoz, 23, membro da Mancha Alviverde, foi morto por um disparo de arma após briga também agendada na página de relacionamentos Orkut, no dia 16 de outubro, na estação Tatuapé, antes de Palmeiras x Corinthians. Agora, outra comunidade do site de relacionamentos Orkut, localizada ontem pela Folha, mostrava entusiastas das duas equipes combinando novo confronto em estações do Metrô⁴⁶.

Dessa forma, os confrontos entre organizadas ocorrem na e por meio da *internet*, diminuindo os limites entre a realidade cotidiana e as mídias virtuais (ROCCO JUNIOR, 2007). Em rápida busca pela *internet*, foi possível constatar que as principais torcidas organizadas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre possuem *sites* oficiais e algumas delas também mantêm comunidades no *Orkut*, corroborando o objeto de pesquisa do autor supracitado.

5.2 AS BARRAS BRAVAS

O termo *barra brava* apresenta alta frequência de aparição no *corpus* textual sobre o qual incidiu o procedimento de análise de conteúdo e discurso desse estudo. Assim, torna-se fundamental a compreensão do significado histórico-cultural imbricado no universo em que tais grupos de torcedores se inserem. As *barras bravas*⁴⁷ (ou somente *barras*) – também conhecidas como *bandas*⁴⁸ (GIL, 2007) ou *los pibes* (ALABARCES, 2007) – são grupos de torcedores de

⁴⁵ Orkut (www.orkut.com) é um *website* de relacionamentos, criado pelo turco Orkut Buyukkokten, com a finalidade de aproximar pessoas nas suas diversas comunidades em virtude de afinidades (ROCCO JUNIOR, 2007).

⁴⁶ TOMAZ, Kleber; TORRAGA, Tales. *Na internet, torcedores já armam briga no domingo*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1 dez. 2005.

⁴⁷ O termo ainda pode aparecer grifado como (o) *barrabrava*, para se referir, individualmente, a cada um dos sujeitos que compõem as *barras bravas*.

⁴⁸ *Banda*, do espanhol, possui conotação pejorativa e significa bando, quadrilha, facção.

equipes sul-americanas, famosos por incentivar incondicionalmente seus times com cantos e pirotecnia, postados nos setores populares dos estádios. O nome *barra* é uma alusão ao sobrenome de José Barranta, imigrante italiano que viveu desde pequeno com sua família no bairro La Boca, em Buenos Aires (CANCIO, 2002 *apud* FRAUSTO, 2005). Barranta, famoso pela alcunha de “*El Abuelo*”, nasceu em Spilinga – um povoado italiano na região de Catanzaro, Calábria – em 1953. Iniciou sua ascensão à frente da torcida boquense⁴⁹ como lugar-tenente de Quique, “*El Carnicero*”, onde permaneceu por cerca de duas décadas, até ser condenado e preso em maio de 1997, culpado pela morte de dois torcedores do *River Plate* ocorridas em 1994⁵⁰.

Empregam em seus rituais de torcida os “trapos”⁵¹ (bandeiras com dizeres de incentivo à equipe ou alusões à história do clube e seus jogadores, além de localidades onde vivem seus torcedores), barras (as faixas verticais), fogos de artifício, sinalizadores de luz e fumaça, bobinas de papel, papéis picados, sombrinhas, balões, além de instrumentos musicais diversos, como bumbos, taróis (caixas), chimbaus (pratos de choque), trompetes e apitos. Garriga Zucal (2007) aponta três qualidades distintivas entre as *barras* e o resto dos espectadores, a saber:

- a) *Fidelidade*: esta associação de sujeitos se proclama a única capaz de ser incondicionalmente fiel à equipe, ainda que para tanto supere o percurso de grandes distâncias, as condições climáticas desfavoráveis, contínuas derrotas ou descenso de categoria;
- b) *Fervor*: mantém-se torcendo com devoção em todos os momentos (antes, durante e após as partidas), aos saltos e cantos coreográficos, sem que para eles importe o resultado do jogo (derrota, vitória ou empate);

⁴⁹ Como é conhecida a torcida do Clube Atlético Boca Juniors, de Buenos Aires.

⁵⁰ *EL final de un símbolo*. Clarín digital. Buenos Aires: 20 fev. 2001. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/2001/02/20/d-04601.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

⁵¹ Dentro da esfera identitária das *barras*, parece o “trapo” ocupar lugar de destaque na hierarquia simbólica de suas práticas, uma vez qualificado como “verdadeira metonímia da paixão por uma equipe” (GIL, 2007, p. 300). Tal autor classifica o “trapo” como instrumento indispensável, sendo sua defesa “uma questão de honra para as hinchadas que, em caso de perdê-lo, ficarão estigmatizadas por seus adversários” (*op. cit.*). Aquela que o defendeu ou o subtraiu de uma *barra* rival, manteve sua honra e/ou obteve um troféu; em contrapartida, a *barra* que não sustenta a posse de um “trapo” torna-se infame e desacreditada. Garriga Zucal (2007) apresenta o trapo (*bandera*) como um bem simbólico que relaciona três finalidades claras e distintas: (1) serve como ícone de identificação e distinção, (2) consagram o fervor festivo e colorido do apoio incondicional à equipe e (3) marcam a força da *barra brava*, na busca da sua defesa como ponto de honra, no seu transporte e na negociação com as forças de segurança dos estádios para poder adentrar com as mesmas.

c) *Violência*: acredita colocar à disposição do clube toda a violência capaz de impugnar ações de *barras bravas* de equipes rivais, que operam na tentativa de ofender e macular a honra e a virtude da *hinchada*.

Formadas por torcedores conhecidos como “*bravos*”, “funcionam como uma *barra* de alento pertinaz, muito bem identificada, e que delimitam seu território de ação. Em muitas ocasiões é uma *barra* reverenciada, e em outras, temida e rechaçada pelo resto dos torcedores”⁵² (DRAMISINO, 1997, p. 64). Dentro dessa esfera, não há como conceber uma *barra* sem seu “*jefe*” (chefe). Figura central, é quem dá as ordens aos seus comandados e tem acesso direto às malhas sociais e políticas, por vezes relacionando-se com esportivos e políticos (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008). Sua fama, reputação, honra – fatores que o fizeram aceder tal posto – derivam do prestígio advindo dos feitos passados, como enfrentamentos, combates e lutas contra *barras* rivais, contra a polícia⁵³ ou, até mesmo, contra torcedores do mesmo clube (*op. cit.*). A sustentação de sua posição de liderança também é mantida através da luta e de doses de carisma (ALABARCES & GARRIGA ZUCAL, 2008). Possui, logo abaixo de si na linha hierárquica da *barra*, um grupo reduzido de colaboradores denominado de suas *piernas* (suas “pernas”, assim definidos pela lealdade que apresentam) ou de “*los soldados*”; abaixo dos *soldados*, aparecem *la tropa*, restante dos *hinchas* que formam *la banda* (*op. cit.*)

Protagonistas de diversos incidentes violentos dentro e fora dos estádios, as *barras bravas* são popularmente conhecidas como *el grueso de la hinchada*⁵⁴. Dramisino diz que nas *barras* há a forte presença da violência, do machismo, do racismo, do álcool e das drogas (*idem*, p. 64). Segundo Romero (2000), as primeiras *barras bravas* – enquanto organizações – datam de 1958. Surgidas na Argentina e descendentes das *barras fuertes*⁵⁵, as *barras bravas* são fruto do impacto sociopolítico da queda do presidente Juan Domingo Perón (AGOSTINO, 2002, p. 250) em 1955, e da industrialização do futebol após o desastre argentino na Copa do Mundo na Suécia em

⁵² Tradução livre feita pelo autor.

⁵³ A força policial é acusada pelas *hinchadas* de intervir arbitrariamente e repreensivamente dentro e fora dos estádios de futebol. Além disso, parece assumir atitude desafiadora, o que levaria as *barras* à confrontá-la, para que os torcedores pudessem mostrar sua força (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008).

⁵⁴ Do espanhol “o grosso da torcida”. ZUCAL, Jose Garriga. *Haciendo amigos a las piñas: violencia e redes sociales de una hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007. p. 103.

⁵⁵ Termo cunhado pelo jornal argentino La Razón, em outubro de 1958, para explicar o que eram os grupos de torcedores já conhecidos no futebol daquela nação, temidos pelos dirigentes dos clubes locais por sua violência. O La Razón, periódico de peso na época, vendia cerca de 500.000 exemplares e mantinha posição ideológica respeitável, daí a popularidade do termo original. Fonte: *LOS ORÍGENES de un mal sin remedio*. In: Clarín digital. Buenos Aires: 15 mai. 2000. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota2/r-02401d.htm>>. Acesso em: 9. set. 2009.

1958⁵⁶. A aparição de tais grupos organizados, sistemáticos, institucionais e, fundamentalmente violentos, tem seu marco histórico basilar na morte do torcedor argentino Alberto Mario Linker, em Liniers (bairro de Buenos Aires), no estádio José Amalfitani – conhecido como *El Fortín* – do clube *Vélez Sarsfield*, em outubro daquele ano. O jovem estudante de dezoito anos, *hincha* de Boca Juniors, foi atingido na cabeça por uma granada de gás lacrimogêneo, disparada por um policial (ROMERO, 2003), na partida entre *Vélez Sarsfield* e *River Plate*. Tal fato trouxe publicamente à tona a existência de grupos de torcedores mais radicais, que vieram, no início da década de 60, a constituir as *barras bravas* com todas suas características atuais (ROMERO, 1997), se tornando “profissionais” e funcionais, do ponto de vista clubístico, e passando a ser socialmente reconhecidos e aceitos:

A violência passou a ser instrumental e organizada desde cima, sobretudo para contrabalancear a notória desvantagem de ser visitante, somada às intimidações, pressões, insultos e prepotências para todos os gostos e calibres a cargo dos [torcedores] locais, com consentimento dos dirigentes e vista gorda da polícia respectiva. A implementação de grupos financiados, com [poder de] decisão e uma mística próprias que equilibraram a suposta confiança aumentada, somada a necessidade de contar com um **grupo de choque**, necessário, já fazem sua apresentação à sociedade com a primeira vítima em uma das tantas batalhas que começaram a se desembaraçar de maneira irregular, [...] com o uso de armas de fogo: foi em 1962, a vítima Miguel Clemente Ferreira, de 22, pertencente à [barra brava] local. As vítimas pertenciam à [barra brava] de Atlanta e a arma usada foi das catalogadas de guerra, uma das chamadas pistolas 45, dado que o matador estava fazendo a conscrição na Prefeitura (p. 47).⁵⁷

As *barras bravas* passam a funcionar, então, como uma força paramilitar de segunda a sexta-feira, controlando os treinamentos do plantel de jogadores de sua equipe, e no domingo produzem o espetáculo nas canchas – como forma de combate à pressão exercida pela *hinchada* rival nos estádios das equipes adversárias, na condição de visitante –, além de alguns desastres que terão repercussão na mídia (ROMERO, 2003); passam a controlar todas as informações dentro do clube. De posse destas informações, as *barras bravas* começaram a receber ajudas de custo de dirigentes de futebol. A presença nos jogos em estádios rivais, outrora paga com “*uno*

⁵⁶ A seleção argentina foi eliminada logo na primeira fase. Após ser derrotada pela Alemanha Ocidental (3x1), vencer a Irlanda do Norte (3x1) e ser novamente derrotada, desta vez pela Tchecoslováquia (6x1), a equipe alcançou a posição final de 13º lugar.

⁵⁷ Tradução livre feita pelo autor.

*choripán*⁵⁸ y una Coca”, passou a ser remunerada com “ingressos e em dinheiro vivo, e presença e *status* de reconhecimento dos jogadores. Viajar grátis e entrar [nos jogos] grátis também. Exigem isso como se fossem parte do espetáculo, e são⁵⁹” (*idem*, 2003). As formas de incentivo recebidas pelas *barras* vão desde facilidades nos preços dos transportes em traslados a outras províncias ou ao exterior, ou no próprio estádio, onde se permite a entrada – e armazenamento, dentro de salas das próprias instituições desportivas – de instrumentos e bandeiras de apoio, junto com faixas que exibem legendas convenientemente orientadas (YOGUI, 2008). Segundo o jornal argentino Clarín, os ingressos destinados aos *barrabravas* – como são conhecidos os torcedores que integram as *barras* – chegam por três vias distintas⁶⁰: a) o clube, ou às vezes o próprios jogadores, fornecem as chamadas “entradas de protocolo”; b) o clube entrega às *barras bravas* talonários inteiros de ingressos, para que os usem ou os revendam; c) o clube vende nas bilheteiras os talonários pertencentes às *barras bravas* e repassa o dinheiro obtido às mesmas.

Na atualidade, as *barras*, como um “ofício”, converteram as paixões clubísticas em verdadeiras profissões, sendo contratadas até mesmo por candidatos políticos em épocas de eleições. É o caso contado em outra edição do Clarín argentino:

Dizem que, então, a pesada *banda* do River [Plate] cercou o município em troca de uns 25 mil dólares: pintou paredes, colou cartazes, agitou bandeiras e manteve a ordem nos atos do pré-candidato. E, por seus contatos nas periferias, o grupo de ação “apoiou” nas urnas com milhares de votos. [...] o profissionalismo com que atuaram “Los Borrachos [del Tablón]” assombrou. Com uma organização e uma estratégia “militar” impecáveis, lembram que às noites chegavam a trabalhar coletivamente e que sempre contavam com veículos de apoio. Em uma noite colidiram ambos setores com uma só tacada: houve um ferido de arma branca e um militante foi baleado⁶¹.

⁵⁸ O *choripán* é um sanduíche típico da gastronomia argentina, comumente vendido nas imediações dos estádios de futebol. Trata-se de uma refeição composta de um pão francês, recheado com chouriço assado – daí o nome *choripán*.

⁵⁹ Gil (2007) apresenta o termo *luquear* para definir a ação de exigir, imperiosamente, dinheiro ou insumos – tais como combustível e camisetas oficiais do clube para rifar, entre outros – junto a figuras importantes ligadas à direção do clube, a fim de empreender a organização de diferentes tarefas (traslado a outras cidades na condição de torcida visitante, manutenção do estádio e da sede da *barra*, etc.).

⁶⁰ **LOS HILOS secretos de la violencia - Entradas**. Clarín digital. Buenos Aires: 14 mai. 2000. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota1/d-07504.htm>>. Acesso em: 9 set. 2009.

⁶¹ **LA OSCURA mano de obra de muchos políticos**. In: Clarín digital. Buenos Aires: 16 mai. 2000. Disponível em <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota3/d-04602.htm>>. Acesso em: 11 set. 2009. Tradução livre feita pelo autor.

Em reportagem do jornal Clarín de 6 de setembro de 2006, Yarroch elenca, ainda, outras formas de subsistência financeira empregadas pelas *barras bravas*. Assim, se beneficiam: do dinheiro que recebem de dirigentes, técnicos, jogadores, políticos e algumas personalidades famosas da mídia; da representação de jovens jogadores nas categorias de base; da venda de drogas nos estádios; do controle dos estacionamento nos arredores dos estádios; do que arrecadam em shows de *rock* pela revenda de ingressos e por seu trabalho como seguranças; do *merchandising* de produtos (camisetas, chaveiros, fotos, etc.) que elas mesmas fabricam e obtêm dos patrocinadores de seus clubes; das camisetas autografadas e dadas de presente pelos jogadores, para serem rifadas.

Um trecho de uma reportagem veiculada no Clarín ilustra a atuação das *barras* dos clubes argentinos *Boca Juniors* e *River Plate* num domingo de “Superclássico”, como é chamado o *derby* entre as duas equipes:

Ali se encontraram hoje, duas horas antes do superclássico, para o ritual dominical: o reparte de entradas (como as relações com os dirigentes estão frias, mendigaram-nas junto ao plantel [de jogadores]) e o consumo pré-jogo de vinho em caixinha para alguns, maconha para outros ou o que vier. Estarão, como sempre, as *bandas* de Lugano e de Lomas, dirigidas pelo atual líder, Santiago Lancry. A Rafael Di Zeo – o outro capo⁶² – e a Oso Pereyra, a Justiça os proibiu de ir ao estádio. Fernando Di Zeo está detido em Villa Devoto.⁶³

Segue, enfatizando a ação da *barra* contrária:

River não tem só uma boa equipe: também [...] conta com uma *boa* barra brava. Neste começo de século, a *barra* do River [...] é a melhor organizada e a mais respeitada do futebol argentino: semeia terror por onde passa, seja uma cancha de futebol ou um ato político. Tem muito bem ganha a fama da *barra* mais temida. [...] Aparte, “Los Borrachos” vendem sua violência a alguns políticos e guardam parte do dinheiro que ganham os guardadores de carros. Para alimentar a lenda, Alfredo Davicce declarou no [jornal esportivo] Olé em 1998 que a *barra* ‘vende cocaína debaixo das bandeiras. Estão todos filmados...’. Pessoas

⁶² *Capo*, do italiano, é a denominação dos comandantes – ou capitães – das *famílias* da Máfia siciliana, que agem como gerentes controladores de sua própria célula da família e supervisionando a operação de atividades específicas. Na Argentina, utiliza-se tal expressão como referência aos líderes (*jefes*) das *barras bravas*, responsáveis pelo planejamento das viagens, aluguel de ônibus, transporte dos *trapos*, obtenção e divisão dos ingressos, compra de material pirotécnico, entre outras tarefas (GARRIGA ZUCAL, 2007).

⁶³ **BOCA: la lucha por el poder**. In: Clarín digital. Buenos Aires: 14 mai. 2000. Disponível em <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota1/d-07601.htm>>. Acesso em 8 set. 2009. Traduzido livremente pelo autor.

próximas aos *barras [bravas]* apontam um cabeça, Tio Rico, como o fornecedor das drogas.⁶⁴

Não obstante, deve-se compreender as práticas e os signos que permeiam tais comportamentos, construindo as diferentes dimensões legitimadoras das noções de pertencimento e identidade/alteridade imbricadas nos gestos, discursos e corpos dos *barrabravas*.

5.2.1 O *aguante*

Dentro do universo das *barras bravas*, não há como compreender as ações protagonizadas pelos *hinchas* sem perpassar o conceito de *aguante*. Etimologicamente⁶⁵, *aguante* carrega as acepções de suportar, agüentar, resistir. Gil (2008) dá à prática do *aguante* o significado eminentemente defensivo de “suportar ‘lo que venga’” (p. 151), através de atitudes e persistência para alentar o quadro de jogadores, agüentando toda e qualquer eventualidade (*idem*, 1998), o que pode ser ilustrado a partir desta assertiva:

A agitação coordenada dos braços em cada canção, os movimentos para os lados, os punhos bem altos e, muito especialmente, os saltos harmônicos sobre as tribunas compõem uma série de elementos-chave para estabelecer a superioridade sobre um rival que é ‘amargo’⁶⁶, que não se move e não grita⁶⁷.

Para Elbaum (1998), o *aguante* possui características marginais, explosivas, manifestadas de maneira espontânea e teatral. Alabarces, Garriza Zucal & Moreira (2008) definem o *aguante* como “uma categoria polissêmica que conjuga diferentes significados e provoca distâncias e distinções entre os espectadores [...], para as hinchadas, o *aguante* funciona como um sistema de honra e prestígio” (p. 1). Tais autores vinculam o *aguante* e sua manutenção, infalivelmente, ao enfrentamento físico, à luta corporal e à violência, como formas de demonstrar bravura, valentia e

⁶⁴ *RIVER: la barra más temida*. In: Clarín digital. Buenos Aires: 14 mai. 2000. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota1/d-07701.htm>>. Acesso em 8 set. 2009. Traduzido livremente pelo autor.

⁶⁵ O dicionário Michaelis traz a seguinte definição para a palavra *aguante*, quando de sua tradução da língua espanhola para a portuguesa: *aguante* (sm): **1.** Tolerância, paciência. **2.** Resistência, vigor, ânimo.

⁶⁶ *Amargo* é a “categoria que se utiliza para os sujeitos e torcidas que não demonstram fervor para cantar e que, sobretudo, abandonam uma equipe nas circunstâncias difíceis” (GIL, 2007, p. 293). Tal termo surge no âmbito dos rituais das *barras bravas* como um estigma, um rasgo de conotações negativas (GIL, 1998) imprimido àqueles que “se opõe à capacidade de festejo, à vitalidade e ao ‘*aguante*’” (GÁNDARA, 1997).

⁶⁷ Tradução livre feita pelo autor.

coragem, cujo efeito, perante o coletivo de torcedores, é o pertencimento, o reconhecimento e o posicionamento hierárquico dentro da *barra* que se insere – e, por conseguinte, com as *barras* rivais (*op. cit.*).

O *aguante* é uma “disputa material que outorga um bem simbólico” (ALABARCES & GARRIGA ZUCAL, 2007, p. 145). A regra oculta impõe que os níveis de *aguante* crescem conforme maiores se apresentem as vicissitudes em meio às lutas, seja pela inferioridade numérica ou pela força dos oponentes (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008). Assim, a exposição ao *aguante* revela um modelo que distingue os *possuidores* – aqueles que, por portarem prestígio e honra, confirmam seu pertencimento à *barra* – e os *desprovidos* de *aguante* – a quem só restam a desonra e a exclusão (GARRIGA ZUCAL, 2001; ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008). Logo, as *barras bravas* operam no estabelecimento de grupos reduzidos de torcedores (*hinchas*) em voluntariosa oposição àqueles que os cercam – sejam *barras* rivais ou torcedores da mesma equipe por elas defendida, mas componentes de outras facções –, na busca pelo espaço e reconhecimento, repreendendo e agredindo aqueles que não mostram o mesmo entusiasmo no torcer (GIL, 1998). Os *hinchas* postados em outras partes do estádio, por não apresentarem o apoio que só as *barras* acreditam possuir, passam a compor os “outros”, “os de fora”, ou seja, aqueles que não tem *aguante* e que nunca irão *poner el pecho*⁶⁸.

5.2.1.1 A ação corporal na manutenção do *aguante*

Inicialmente, é mister levar a efeito um entendimento sobre as noções usuais da prática corpórea dentro do ritual desportivo dos torcedores, cujas manifestações nas arquibancadas dos estádios e nas cercanias dos mesmos exercem e sofrem influências no microcosmo futebolístico. A supressão dos usos habituais do corpo age, no espaço futebolístico, operando a ocultação da normatividade que rege o desempenho tido como socialmente adequado (GIL, 1998). Para Le Breton (1995), a pedra fundamental para toda a manifestação dos corpos que se desdobra nas tribunas dos estádios é o contato físico, uma vez que

⁶⁸ Tal expressão, traduzida por “pôr o peito”, significa, no discurso das *barras*, a ação de enfrentar rivais na defesa das cores do clube, entrando (ou “pondo o peito”) em combates, sem nunca recuar ou correr (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008).

[...] se os corpos têm que tocar-se, ou só roçar-se, se impõe uma breve escusa para metabolizar a transgressão do proibido que está implícito no contato. A menos que a multidão venha a impô-lo em uma espécie de fusão torpe e suspenda, provisoriamente, a proibição. Imerso na multidão, o indivíduo volta a encontrar a condição comunitária, as fronteiras pessoais e as do corpo se dissolvem. É o único momento em que o contato e a proximidade física dos demais não apresentam incômodo (p. 133)⁶⁹.

A partir disso, as múltiplas conotações atribuídas ao *aguante* dentro da cultura *barra brava* parecem perpassar pelas práticas corporais para atingirem sua legitimação. O suporte incessante à equipe se dá pelo uso do corpo nas coreografias e cantos sustentados intermitentemente durante as partidas, passando pela resistência às intempéries climáticas (chuva, calor, frio) e à precariedade dos estádios. Somam-se a isso os esforços despendidos pelos *barrabravas* ao percorrerem extensas distâncias geográficas em viagens para alentar a equipe no papel de *hinchada* visitante. Mas parece existir um elemento-chave nos usos dos corpos e nos discursos das *barras*. Podemos entender o *discurso* como conjunto de enunciados de um determinado campo do saber articulados entre si e historicamente construídos num cenário de disputas pelo poder (FOUCAULT, 1995 *apud* GOELLNER, 2008). Ainda para Michel Foucault, o discurso é aquilo “que pode ou deve ser dito em determinada posição e em uma situação dada” (FOUCAULT, 1969 *apud* GÁNDARA, 1997). Para Bakhtin, “[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falara sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico” (1998, p. 86). Assim, pode-se perceber que o discurso parece não se relacionar diretamente com o real, mas sim com outros discursos tecidos sobre o real. Fairclough (1992 *apud* IÑIGUEZ, 2004) ainda aponta o caráter social do discurso, “configurado pelas situações, estruturas e relações sociais, pela ordem e pela estrutura

⁶⁹ Tradução livre feita pelo autor.

social; mas, por sua vez, também configura todas essas coisas e incide sobre elas, seja consolidando-as, seja questionando-as; trata-se, portanto, de uma prática social, com origem e efeitos sociais” (p. 306).

Este elemento-chave que ocupa posição de destaque na cadeia hierarquia valorativa salta aos olhos, ao reger o sistema moral restrito ao contexto futebolístico (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008) é a violência desenrolada através dos embates corporais, que tem seus desdobramentos nas adjacências dos estádios. O comportamento emblemático da prática do *aguante* sustentado por meio da violência corporal e das práticas de luta é elucidado através das palavras dos autores anteriormente citados:

Para los hinchas, “aguantártela es no correr cuando se arman los combates, pararte...”. En este contexto, “pararse”, “plantarse”, “no correr” son formas nativas de referirse a la actitud loable del luchador que afronta el peligro cuando se “pudre”, cuando las barras enemigas se encuentran generalmente fuera de los estádios, em las calles, estaciones de tren y autopistas. Cuando se pudre, los protagonistas se paran o “plantan” para dar rienda suelta a la contienda corporal contra los adversarios. Esto implica exhibir El saber de las técnicas corporales de lucha (golpes, patadas, cabezazos, piñas) y manejar complementaria y exitosamente los instrumentos de la contienda (pedras, botellas rotas, pedazos de manera, cuchillos y armas de fuego) (p. 4)⁷⁰.

Desse contexto, podemos deprender dois constitutivos da essência do *aguante*: (1) o “não correr”, o “plantar-se” em situações desfavoráveis – mesmo que em menor número –, pois para as *hinchadas*, correr é um dos atos mais aviltantes em seu sistema moral, constituindo quadro onde a própria honra coletiva se vê sob suspeição e ameaça (GIL, 2007) – aquele que foge correndo não possui *aguante* (ALABARCES & GARRIGA ZUCAL, 2007); e (2) para ser um *hincha* com *aguante*, não basta apenas ser um exímio lutador, mas também se faz necessário tolerar toda a dor e os ferimentos produzidos ao corpo: “os lutadores têm que saber dar mas também saber receber [os golpes] e resistir”⁷¹ (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008, p. 4). A concepção de corpo se relaciona com uma constituição física resistente, capaz de suportar a dor – sem nunca demonstrá-la – e os excessos (como o álcool e as drogas) *poniendo el pecho* nas contendias físicas e no consumo de substâncias proibidas ou

⁷⁰ Optei por manter a citação na língua nativa em que a produção textual referida foi construída (o espanhol) por acreditar que a tentativa de traduzir tal trecho poderia macular a riqueza ilustrativa do texto, repleto de jargões característicos do discurso *barra brava*, que realçam a sua especificidade e suas particularidades.

⁷¹ Tradução livre feita pelo autor.

socialmente estigmatizadas (ALABARCES & GARRIGA ZUCAL, 2007). Neste ponto, torna-se fundamental atentar para a cultura e consciência corporais particulares ao universo das *barras bravas*. Cultua-se um modelo de corpo peculiar, que se difere daquele venerado em outros estratos sócio-culturais. O corpo reverenciado entre as *barras* é marcado por ventres roliços e caídos (atribuídos ao consumo exacerbado de álcool e drogas), braços e pernas grossos e musculosos (moldados no cotidiano do trabalho braçal pesado e das lutas corporais) e portadores de cicatrizes (como recordações de combates passados). A essa categoria costuma-se chamar de “los gordos”, aqueles que têm um “*buen lomo*” (bom lombo) ou “*pecho*” (peito) e que são “*grosos*” e “*duros*”. É importante salientar que tais corpos só se tornam legítimos a partir de suas experiências físicas passadas; em contrapartida, corpos forjados em ginásios e academias – *los patovicas*, denominação dada aos corpos fortes de fisiculturistas (ENTIN, 2003) – não são vistos com bons olhos pelas *barras*, uma vez que “são interpretados como corpos que alcançam dimensões aceitas e desejadas mas pelos meios errôneos” (ALABARCES & GARRIGA ZUCAL, 2007, p. 150).

5.2.1.2 Os cânticos aguantadores

Os cantos executados de forma cadenciada por milhares de vozes nos estádios de futebol são um gênero discursivo que parece reiterar, coletivamente, conteúdos ideológicos presentes na sociedade contemporânea; complexa trama de códigos e valores, marcam uma modalidade de discurso coletivo produzido e reproduzido anonimamente (GÁNDARA, 1997). Ao canto não se atribui um autor ou um rosto, mas sim uma voz uníssona e dicotômica que se desenrola na obscuridade para proferir demonstrações de amor/ódio, elogio/insulto, alegria/ tristeza e, sobretudo, ameaças, violências e intolerância. Além disso, os cantos compostos pelas *barras* carregam “metáforas e imagens de guerra, conquista e submissão sexual, destinados à hinchada rival. Este duelo verbal que se joga desde as tribunas tem um correlato direto com as lutas que se originam fora dos estádios entre as *barras* enfrentadas.” (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008, p. 3). Gándara (1997) percorre as condições de produção do discurso coletivo das *barras*, evidenciando que a polifonia ideológica – baseada em discursos vigentes na sociedade contemporânea, como o machismo, o racismo, a xenofobia, o sadismo, a

insolidariedade, o culto ao poder, etc. que, manifestados e expressos em outros âmbitos, sofreriam crítica e repúdio – encontra, nas canchas, formas de legitimar-se⁷² e vir à tona.

Em vista disso, a temática prevalente e recorrente, revelada nos cânticos das *barras bravas* empregados para construir a imagem da equipe do coração e estigmatização dos rivais, se debruça sobre diferentes tópicos apresentados por Gándara (1997). Os **insultos** e **deboches** são parte fundamental desta (des)construção da imagem dos adversários. São predominantes os insultos de caráter sexual, que apelam para a feminização ou prostituição dos rivais, imputando-lhes a subjugação e a passividade sexual e utilizando a homossexualidade (*los putos*⁷³) como marca infamante. Outros insultos recorrentes são os de cunho social – identidades e estratos sociais –, salientando posições socioeconômicas marginais, nacionalidades, raças, pobreza, etc. Aparecem neste rol insultos e deboches de acusação de cumplicidade entre as *barras* rivais e a polícia e a incapacidade de festejo e *aguante* (*los amargos*). As **ameaças** assinalam o discurso de agressão de ordem física – de ordem sexual (sodomização) –, ameaças de morte, ataques ao espaço físico adversário (estádios, bairros) e negação da existência/capacidade dos contrários.

Em relação ao **auto-elogio**, estes pontuam a densidade do sentimento, do compromisso e da fidelidade para com a equipe defendida. Além disso, relacionam-se com alguns dos tópicos anteriores, ao auto-exaltarem os seus pertencentes, sua superioridade numérica, a capacidade de submeter sexualmente os rivais, o machismo, a capacidade de violentar os contrários, a posse do *aguante*, etc. Nesse ponto, é mister ressaltar que o machismo presente no discurso das *bandas* – e do desporto em geral – parece ser fruto das relações entre sexo/gênero vigentes nas questões sociais fundamentais. Eric Dunning (1995) aponta o desporto como limite masculino, produzindo e reproduzindo a identidade masculina e as características estruturais da sociedade, que influenciam a divisão de poder entre os sexos e o grau de separação entre os mesmos. No futebol, Dunning dá a conhecer que, para os torcedores, o jogo consiste basicamente na expressão do

⁷² Essa legitimação parece ser construída através de duas questões que explicitam a distância entre o indivíduo e seu enunciado: (1) o enunciador individual se dilui sob a égide da enunciação coletiva, estabelecendo uma pluralidade de vozes que “desinibe” e “autoriza” a dizer “qualquer coisa”; (2) a carga situacional, onde o discurso é produzido em meio à disputa passional entre duas torcidas, sendo a paixão pelo clube o outro meio que “justifica” a descarga de violência em níveis verbais (GÁNDARA, 1997).

⁷³ Alabarces, Garriga Zucal & Moreira (2008) são vozes dissonantes na atribuição da expressão *puto* como referência ao homossexualismo dos rivais. Para esses autores, os “hinchas consideram como *puto* aqueles homens que são derrotados em um enfrentamento físico. Ser ‘puto’ não está relacionado com a homossexualidade, mas sim com a falta de ‘aguante’. A diferenciação entre ‘machos’ e ‘putos’ põe em cena a linguagem da subordinação. O macho é assim porque pode em um enfrentamento roubar os atributos masculinos de seus rivais; o domínio se expressa em uma retórica de luta corporal” (p. 5).

machismo. Esse “estilo masculino violento” advém, basicamente, dos fatores estruturais que pairam sobre as comunidades da classe operária baixa – estrato social de onde procedem os torcedores mais violentos. O elemento central que produz e reproduz a identidade masculina nessas classes é o fato de que os jovens, desde muito pequenos são deixados sozinhos pelos pais nas ruas, onde tendem a formar bandos para a defesa dos seus integrantes e da comunidade de seu entorno – as “gangues de vigilância”. Ali, onde o Estado não desempenha controle eficaz, operam normas próprias – carregadas de tolerância para com altos níveis de violência – empregadas nas relações entre vizinhos, nas relações de parentesco e, também, nas relações entre homens e mulheres. Assim, a violência, o domínio das técnicas de luta e o emprego da força física conferem prestígio aos seus detentores e suas práticas públicas adotam uma forma “expressiva” ou “afetiva”, sendo associadas a sentimentos agradáveis. Logo, o futebol, enquanto esporte de combate cujo principal conteúdo é a expressão da masculinidade de forma controlada e socialmente aceita, serve de palco para que os homens rudes das classes operárias ocupem as arquibancadas como sendo “território próprio” e perpetuem o machismo, reforçando e potencializando as diferenças de gênero.

A **comemoração da vitória** é cantada pela solenidade do festejo, elogiando o descontrole, o consumo abusivo de álcool e drogas e a realização da volta olímpica como sinônimo de títulos obtidos. As **invocações às hinchadas rivais**, através da metáfora e da metonímia, atribuem nomes de animais, cores, identidades aos bairros de origem, supostas atividades laborais, condições sociais, todos estes empregados como insultos de cunho pejorativo direcionados aos contrários. Em relação à **expressão da afetividade**, a afabilidade e o passional são expressos por meio da camiseta e das cores de sua equipe, do estádio e da torcida. Menciona-se o coração, a vida, o sangue, constituintes de um sentimento qualificado como inexplicável, descontrolado, imparável e infundável. No que concerne aos **verbos empregados**, utiliza-se comumente o verbo “ser” em estruturas de identidade e pertencimento (“sou de...”), o verbo “ter” em construções de solicitação (“tens que ganhar”), verbos de movimento (saltar, correr, bater), verbos no futuro para denotar as aspirações da *barras* e verbos no passado para lembrar feitos “épicas” e jogadores passados.

Por conseqüência, os cânticos *aguantadores* projetam, em níveis simbólicos, uma das maneiras de se exercer a onipotência através do auto-louvor e da desqualificação dos contrários, dando vozes à transformação, em cantos, daquilo que percebe como real (GÁNDARA, 1997).

6 O GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E SUAS TORCIDAS

*É preciso ser gremista para compreender essa força, essa motivação,
esse impulso que leva um torcedor a erguer um estádio.*

Hélio Dourado

O Grêmio é grande devido à grandeza do Internacional.

Rudy Armin Petry

*O torcedor do Grêmio é fanático, pode ser doente, alguns poucos
são reflexivos e ponderados, separam o jogo da consideração sobre o
adversário e as outras adversidades, mas todos, em pequenas graduações
para mais ou para menos, são gremistões, isto é, não há quase nada,
incluindo-se aí a família, amizades, casamentos, namoros ou outras
seduções da vida.*

Ruy Carlos Ostermann

Somos a banda mais louca, a banda louca da Geral

A banda que corre os macacos do Internacional.

Canto da torcida Geral do Grêmio

Fundado em 15 de setembro de 1903 por jovens filhos de imigrantes e açorianos, a concepção do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*⁷⁴ ocorreu entremeada por contexto fortemente alemão⁷⁵ e marcada pela expansão citadina de Porto Alegre. Diz-se que o Grêmio nasceu de uma bola: seu fundador, o paulista Cândido Dias da Silva, era o detentor da pelota emprestada à realização do jogo-exibição entre o primeiro e segundo quadro de jogadores do *Sport Club Rio Grande*⁷⁶, ocorrido em 6 de setembro de 1903, um domingo, no velódromo da União

⁷⁴ Na ata da reunião de fundação do Grêmio, redigida por Alberto Luiz Siebel, o nome grafado foi Grêmio *de* Foot-Ball Porto-Alegrense, com a preposição e o segundo hífen (OSTERMANN, 2000).

⁷⁵ Tem préstimo ressaltar que os alemães que habitavam a Porto Alegre do início do século XX eram os *Reichdeutsche* (alemães do Império), imigrantes que para cá vieram durante o período de forte e acelerada industrialização na Alemanha, herdeiros da unificação alemã e, por isso, nacionalistas altivos. Metódicos, não foram bem acolhidos nem pelos teutos (integrantes da primeira leva de imigração germânica para o Rio Grande do Sul, em 1824, estabelecidos na região do Vale dos Sinos, nos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo), nem tampouco pelos *Brummer* (soldados e mercenários prussianos contratados pelo Império para combaterem os Rosas na guerra do Paraguai). Enquanto os teutos e os *Brummer* estavam devidamente arraigados à cultura local e falavam um quase dialeto nas colônias, os *Reichdeutsche* se desentendiam com seus conterrâneos (falavam a língua padrão, o *Hochdeutsch*), mas trouxeram para a capital seu legado de preocupações com a organização, a disciplina e a formalidade, traspondo estes valores para seus esportes (atletismo, remo, ginástica e, especialmente, a esgrima) guiados pela medida, pela marca e pela distância (OSTERMANN, 2000; BUENO, 2005).

⁷⁶ O *S. C. Rio Grande*, clube de futebol mais antigo do Brasil, foi fundado na cidade gaúcha de mesmo nome por Johannes Christian Moritz Minneman, contando com influência e participação majoritariamente germânica na direção inicial do clube, consoante à esteira de formação da base desportiva no Rio Grande do Sul (MASCARENHAS, 2001). O mesmo autor posiciona os alemães como pioneiros nas reflexões pedagógicas de estímulo e sistematização dos exercícios físicos, prática intimamente ligada aos interesses militares e inspirada pela

Velocipédica, na Várzea (atual Parque da Redenção). Após a prática do *football* se tornar inviável, uma vez que a bola com que era disputada a partida havia murchado, Cândido Dias passou sua bola⁷⁷ às mãos do capitão do clube rio-grandino – para a alegria de uma multidão de mais de cinco mil pessoas, entre elas muitas damas, cavalheiros e crianças da distinta sociedade porto-alegrense –, com a exigência inapelável de que, findado o *match*, pudesse obter mais informações sobre aquele esporte praticado pelos alemães, ingleses e alguns poucos portugueses do *Sport Club Rio-Grande* (OSTERMANN, 2000). Cândido Dias, além das explicações sobre futebol, recebeu dias depois a primeira tradução da *Referee Chart*, cartilha destinada aos futuros árbitros e que tratava das primeiras leis, além de, num apêndice, ensinar alguns fundamentos do esporte bretão, como o *shoot* (chute). Segundo Mascarenhas (2005):

Já havia entre os setores privilegiados da mocidade local, de maioria germânica, interesse em iniciar a prática do esporte então em voga nos grandes centros civilizadores do Velho Mundo. A elegante exibição do referido clube rio-grandense-do-sul foi o impulso que faltava a este segmento social, já plenamente engajado no ciclismo e nas regatas, para inserir mais esta modalidade esportiva em seu leque de experimentações da modernidade (p. 63).

A partir daí, contando inicialmente com trinta e dois associados – mais de vinte fundadores que assinaram a primeira ata possuíam sobrenomes de origem alemã –, o Grêmio foi fundado na semana seguinte ao jogo-exibição do Rio Grande, em reunião na noite do dia 15 de setembro, ocorrida no Salão Grau, restaurante de um hotel porto-alegrense localizado na Rua 15 de Novembro (atual Rua José Montaury), tendo Carlos Luiz Bohrer (dono de uma alfaiataria) como seu primeiro presidente e Guilherme Kallfelz (dono de uma barbearia) como segundo secretário, somando um total de trinta e dois partícipes. Uma barbearia era usada como sede para envio de correspondências, para qualquer esclarecimento e como local de encontro nas reuniões

derrota da Prússia para as tropas napoleônicas no início do século XIX. A partir daí, o esporte, enquanto treinamento político, é inserido num “movimento de re-orientação do sentido da atividade física regular” (OLIVEIRA, 1994 apud MASCARENHAS, 2001, s.n.). Dessa forma, os imigrantes alemães estabelecidos no sul do Brasil modificaram um quadro de sedentarismo vigente na sociedade local, modificando hábitos e costumes e incidindo diretamente na vida atlética e esportiva (MASCARENHAS, 2001). Portanto, a colônia germânica valeu-se da ampla nacionalização e assimilação do futebol na pátria-mãe, no início do século XX, empenhando-se na fundação de clubes de futebol, seguindo os moldes ingleses – informações, regras e equipamentos do *football* (*idem*).

⁷⁷ A bola de Cândido Dias fora enviada por seus irmãos de Sorocaba (São Paulo) e se tornou a relíquia que distinguiu o Grêmio do *Fuss Ball Club de Porto Alegre*. Fundado na manhã do mesmo dia 15 de setembro de 1903, o *Fuss Ball Club* não possuía uma bola para jogar (*ibidem*).

da direção, que aconteciam também na alfaiataria, na barbearia e na “república” onde morava Cândido Dias (*ibidem*).

Mas o dono da bola que permeou o surgimento do Grêmio, então ocupante do cargo de guarda-esportes (zelava pela integridade do escasso material esportivo, inclusive da bola de futebol), veio a se desligar do clube na primeira importante reunião, quando a direção determinaria quais seriam as cores oficiais do Grêmio. Estavam posto em acordo que seria um clube tricolor, assim como o branco e o preto também eram unânimes. Porém, a terceira cor deflagrou o imbróglio: enquanto Cândido Dias pendia para o vermelho – como forma de aludir à bandeira paulista –, muitos outros membros da direção gremista depositavam seus votos na cor havana (em tonalidade marrom), proposto por Joaquim Ribeiro. Desgostoso, Cândido doou sua bola para o clube e se demitiu, vindo Kallfelz a assumir as funções de guarda-esportes. Posteriormente, o havana seria substituído pelo azul, quando, ao tentar adquirir no comércio local tecido de cor havana para confeccionar as camisas em azul e havana, os homens da direção gremista se depararam com a falta de tecido em tal cor. Rapidamente, a direção entrou em consenso, ampliando o azul da camisa e sendo confeccionada em flanela, “com xadrezes azul e preto com gola fina e sem bolso” (ACTA N° 3 *apud* OSTERMANN, 2000), além do boné preto, da gravata branca “regata”, dos calções pretos, com meias compridas igualmente pretas e “botinas claras” (*ibidem*).

Os primeiros anos de existência do ainda amador clube tricolor foram marcados pelos esforços da direção em criar uma base sólida. Neste sentido, o presidente Bohrer autorizou os sócios Augusto Koch e Oswaldo Siebel a procurarem um local reservado aos direitos do Grêmio, para que somente os jovens associados ao clube pudessem praticar o futebol. Numa análise do mapa da cidade de Porto Alegre, descobriram um espaço ao lado do Mato Mostardeiro, a *Schützverein Platz* (conhecida como a “Praça do Tiro Alemão”), área reservada aos piqueniques familiares (OSTERMANN, 2000). Dessa forma, o Grêmio adquiriu, em 1904, a respectiva quadra por 10 contos: ali foi erguida a Baixada dos Moinhos de Ventos, primeiro estádio do clube (*idem*), vicinal ao clube de atiradores Tiro Alemão (cujo vestiário era cedido aos jogadores do Grêmio em dias de jogos) e ao Prado da Independência (BUENO, 2005). Em 1911, o Grêmio adquiriu uma quadra de terra, adjacente à primeira, pelo mesmo valor, visando a acompanhar o crescimento do clube. No ano seguinte, era inaugurado o primeiro pavilhão, para que os espectadores pudessem assistir aos jogos com maior conforto. O local foi cercado e foram

instalados dois portões para que se pudesse, mais tarde, cobrar os primeiros ingressos junto aos espectadores. Assim, a direção tricolor fomentava a festa da torcida e, conseqüentemente, “o interesse irresistível pelo futebol” (*idem*, p. 32), despertando a afeição dos sócios pelo estádio da Baixada.

Em 1918, o pavilhão de madeira – conhecido como “Pombal” – sofreu restauração e ampliação, passando a abrigar a primeira sede própria do clube, consoante à crescente torcida, constituída de um salão nobre para as festas sociais, um escritório para receber as reuniões da diretoria e demais atividades administrativas, uma sala de troféus e uma cancha de bolão (BUENO, 2005; OSTERMANN, 2000). O Grêmio se manteria ali por meio século.

Com o crescimento massivo no número de sócios e os desgastes erosivos advindos do passar dos anos, a manutenção do pavilhão da Baixada se tornou insustentável. Uma vez que a área não permitia mais expansões, a alternativa mais plausível foi a construção de um novo estádio, a ser alicerçado num espaço mais amplo. Assim, no dia 19 de setembro de 1954, o Grêmio realizava o jogo inaugural do novo estádio, o Olímpico, erguido sobre uma área de cerca de setenta e cinco hectares localizada na Avenida Carlos Barbosa – onde antes se encontravam a Vila Caiu do Céu e o Arroio Cascatinha –, contra o *Club Nacional de Montevideo* (Uruguai), vencendo pelo placar de 2 a 0 (*idem*). O novo estádio – que na década de 80 passaria a se chamar Olímpico Monumental⁷⁸, quando o fechamento da parte restante do anel superior marcou a conclusão das benfeitorias – tinha capacidade

para 38 mil pessoas sentadas, pavilhão social completo, duas mil cadeiras cativas sob a marquise de 90 metros de comprimento, arquibancadas à volta de todo estádio, Tribuna de Honra, além de túneis, vestiários, gramado (com exemplar drenagem, de tecnologia mais avançada do que a do Maracanã, que fora inaugurado quatro anos antes para a Copa do Mundo), pista olímpica, iluminação, alambrado, muros, capela, restaurantes e bares (OSTERMANN, 2004, p. 36).

O estádio Olímpico Monumental, erigido por iniciativa do então presidente do Saturnino Vanzelotti, foi à época o maior estádio particular do Brasil. Cabe destacar a simbologia que cerca o estádio de um clube futebolístico. Mascarenhas (2005) salienta que os estádios

⁷⁸ **ESTÁDIO.** Memorial e Títulos. História. Site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio&language=0>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

apresentam uma trajetória de mudanças, em seu porte, localização, arquitetura e significado [...]. Enquanto paisagem simbólica, não apenas têm sua inscrição formal na configuração do território, mas precisam se reproduzir através de rituais públicos regulares (Cosgrove, 1998). Tal função nos estádios é cumprida pelos duelos clássicos entre grandes clubes rivais, que periodicamente aglomeram multidões e condensam tensões e conflitos identitários, compondo o calendário festivo e cultural local (p. 61-62).

Segundo Costa (1987 *apud* MASCARENHAS, 2005), um estádio de futebol pode ser entendido como um novo espaço institucional, apto tanto a mobilizar, grupalmente, uma nação inteira, quanto a, individualmente, cada torcedor ao seu modo. Outra característica particular ao estádio é a “monumentalidade do objeto e a recorrente divisão de ‘classes’ no seu interior: elite e autoridades na tribuna, setores médios nas cadeiras e o povo aglomerado em pé, na parte inferior do estádio, com péssima visibilidade do campo de jogo” (GAFFNEY & MASCARENHAS, 2004 *apud* MASCARENHAS, 2005). Damo (1998) ainda sustenta o prestígio atribuído ao clube que possui um estádio particular – ser o “proprietário” da “casa própria” –, fundamentado, basicamente, na concessão de permissão para promover quaisquer alterações substanciais na engenharia arquitetônica do estádio. Em Porto Alegre, os patrimônios dos clubes (em particular, os estádios Olímpico e Beira-Rio) ocupam espaço relevante no imaginário do torcedor, sendo motivo de escárnio e pilhéria⁷⁹ entre gremistas e colorados (*idem*).

Na atualidade, o estádio Olímpico Monumental ocupa uma área total de oitenta e três mil metros quadrados, com capacidade máxima para cinquenta e cinco mil espectadores, além de quarenta e cinco camarotes, vinte e seis cabines de imprensa, estacionamento interno, piscinas, gramado suplementar, centro administrativo, quadro social, Memorial e lojas no entorno do estádio⁸⁰, conforme figura seguinte:

⁷⁹ Os torcedores de Grêmio e Internacional, recorrentemente, utilizam a palavra “chiqueirão” para insultar o estádio rival. Além disso, os gremistas ridicularizam o estádio Beira-Rio, referindo-se a ele como o “aterro da Beira-Lago”, uma vez que a área doada inicialmente para a construção do estádio se localizava dentro do Guaíba – curso de água comumente chamado de rio, mas que descobriu-se ser, por suas características hidrográficas, um lago (FLORES, 2004) – e sofreu aterramento para que as obras do estádio pudessem ter início em 1959 (**BEIRA-RIO**. Site oficial do Sport Club Internacional. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=4&setor=29>>. Acesso em 28 jul. 2010).

⁸⁰ **HISTÓRIA**. Memorial e Títulos. Site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

Figura 6 – Vista aérea do Estádio Olímpico Monumental e adjacências



Fonte: Google Earth©.

Em Porto Alegre, o duelo que inflama o estádio Olímpico, atraindo e congregando milhares de torcedores com seus rituais e símbolos particulares e produzindo um cenário de tensões e paixões, é o Grenal.

6.1 A RIVALIDADE GRENAL

Em 1904, no dia 6 de março, Grêmio e *Fuss Ball* disputaram a primeira partida entre dois clubes da capital gaúcha (MACHADO & BUCHMANN, 2005). No mesmo ano, foi fundado um

torneio citadino, de nome *Wanderpreis*⁸¹, com o patrocínio do Banco Alemão, numa fórmula onde se sagrava campeão aquele que acumulasse três vitórias consecutivas, em partidas que ocorriam uma vez a cada seis meses (*ibidem*). Assim, os jogos entre Grêmio e *Fuss Ball* foram, ao longo de cinco anos, a expressão única do futebol amador em Porto Alegre. Mas foi aos dezoito dias do mês de julho de 1909 que surgiu a mais famosa rivalidade do futebol gaúcho, cujo aparecimento determinaria o descompasso do cenário bucólico do futebol citadino: o Grenal⁸². A edição do jornal *Correio do Povo* impressa nesta data aconselhava, prudentemente, sobre os cuidados e riscos de se assistir a tal jogo:

Somos obrigados, afim de evitar factos desagradaveis, a aconselhar aos espectadores a que não se pronunciem, por ocasião do jogo, em favor de um ou de outro team. [...] Achamos justo que se formem partidos sympathicos aos teams combatentes, porém que o entusiasmo seja sempre moderado, para honra dos jogadores. Como se sabe, em todos os matches numerosa é a assistencia nos grounds, notando-se, entre Ella, grande numero de senhoras e senhoritas, às quaes não se deve dar o desgosto de testemunhar discussões inconvenientes. Si fazemos esta pequena observação é porque desejamos ver o progresso do sport bretão, que está caindo no agrado da mocidade porto-alegrense⁸³ (*apud* NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004, p.18-19).

Duas mil pessoas testemunharam a vitória do Grêmio sobre o recém-fundado *Sport Club Internacional*⁸⁴, num jogo com dois tempos de quarenta minutos. A torcida do clube tricolor, ao som do apito que encerrava a partida, invadiu o campo da Baixada para carregar os jogadores nos ombros e comemorar o histórico score de 10 a 0 sobre aquele que se tornaria seu maior rival

⁸¹ Do alemão, “troféu móvel”.

⁸² A expressão **Grenal** foi cunhada pelo repórter e redator de esportes do jornal *Correio do Povo*, Ivo dos Santos Martins, que, cansado de sempre ter que escrever “Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense” e “Sport Club Internacional” quando de seus enfrentamentos, buscou uma maneira de encurtá-la. Sendo gremista, optou por colocar o Grêmio na frente e, dessa forma, criou tal expressão para definir este *derby* do futebol gaúcho em 1926. Porém, com medo que um secretário de redação colorado obstasse a veiculação da nova expressão no *Correio do Povo*, preferiu a divulgar pelas ruas de Porto Alegre com a ajuda de amigos. Somente em 1933 a palavra Grenal foi impressa numa página do jornal (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004, p. 42-43).

⁸³ Foi mantido o vocabulário particular usado à época de impressão do texto.

⁸⁴ O Sport Club Internacional, também chamado apenas de Inter, foi fundado no dia 4 de abril de 1909, num porão da residência de João Leopoldo Seferin (primeiro, porém breve, presidente do clube), localizada na Avenida Redenção (atual João Pessoa), num esforço promovido pelos irmãos Henrique, José e Luís Poppe (BRAGA, 2004), todos paulistas e com menos de vinte anos de idade (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004). Habitando Porto Alegre desde 1908, os irmãos Poppe, donos de uma próspera loja de roupas e praticantes do futebol já em São Paulo, tentaram ingressar numa sociedade desportiva tão logo chegaram ao estado. Ao procurarem a maior agremiação futebolística à época, o Grêmio, sofreram forte veto, quando lhes foi alegado que, por serem recém-chegados, não possuíam indicações e conhecidos ilustres em Porto Alegre (Idem). A alternativa foi empreenderem esforços na fundação de um clube de futebol próprio, o alvirrubro Sport Club Internacional.

(*idem*). Na sede dos Atiradores Alemães, clube situado ao lado da Baixada, jogadores e dirigentes gremistas solenizaram a vitória com cerveja e dança, enquanto a equipe do Internacional, “como rezava a boa educação”, homenageou, num brinde, os vencedores (*idem*, p. 21). Talvez tenha sido este o último episódio marcado apenas por pura cordialidade entre os clubes.

Para Mascarenhas (2005),

[...] Grêmio e Internacional apresentam uma trajetória plena de construção de identidades e alteridades, densamente relacionadas a lugares e grupos sociais. Enquanto entidades rivais e de ampla penetração social, convergem para si praticamente todas as tensões e identidades que permeiam a evolução da sociedade gaúcha no transcorrer do século, forças que se expressam no simbolismo da paisagem produzida (p. 62).

Tal autor apresenta a configuração sócio-cultural da cidade de Porto Alegre na primeira década do século XX, reconstruída nas particularidades do futebol quando da fundação de Grêmio e Internacional. A “cidade dos alemães” (SINGER, 1977 *apud* MASCARENHAS, 2005, p. 64) era marcada pela preponderância massiva de “dinastias econômicas germano-rio-grandenses-do-sul” (*idem*), em oposição aos estratos médios da sociedade porto-alegrense, cuja cobiça se voltava para a retomada da posição social de prestígio herdada dos fundadores açorianos da cidade – e perdida para os imigrantes teutões⁸⁵. Por este olhar, Mascarenhas aponta a criação do *Sport Club Internacional*, “ao que tudo indica”, como feito francamente intentado para concorrer com o germânico *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense*, elencando alguns elementos que corroboram e fundamentam tal idéia, a saber: a) o nome Internacional, como forma de “sinalizar abertamente uma postura pluri-étnica e cosmopolita, oposta ao caráter excludente do rival” (p. 64); b) a composição de sua diretoria era, primordialmente, encabeçada por indivíduos das camadas médias da sociedade porto-alegrense – comerciários, funcionários públicos, estudantes universitários... –, que ansiavam pela afirmação social, “sem o tom aristocrático de seu oponente” (*idem*); c) a escolha singular de “um terreno alagadiço cedido pela municipalidade, junto à comunidade negra e pobre do bairro Ilhota” (*idem*) como área para as primeiras práticas desportivas do clube, decisão que contrastava integralmente com a localização ocupada pelo

⁸⁵ Haesbert (1988 *apud* MASCARENHAS, 2005) constata que o discurso vigente à época imprime ao “colono europeu, agricultor, comerciante ou industrial” as noções de empreendedorismo e progresso; em contrapartida, o “pecuarista, de origem lusa, é retrógrado e conservador (p. 64). Mascarenhas (2005) ainda reforça a utilização de tais estereótipos no início do século XX, ao pôr em evidência o fato de que o adjetivo *europeu* era imputado aos descendentes de famílias de origem alemã, italiana e de outras nacionalidades do Velho Continente, mas não aos descendentes portugueses.

clube tricolor; d) a utilização das cores do clube (vermelho e branco) inspiradas na entidade carnavalesca Sociedade Veneziana, uma vez que o futebol era visto, nesta época, como uma prática higienista de aprimoramento do caráter, contrastando com quaisquer manifestações populares alegres e festivas (*idem*); e) a decisão de enfrentar, logo em seu primeiro jogo, o Grêmio, a fim de medir forças⁸⁶ e “marcar politicamente sua posição no cenário local” (*idem*, p. 65); e f) o acontecimento da primeira briga, com desentendimentos e agressões físicas entre jogadores, numa partida contra o Grêmio, já no ano seguinte à fundação do Sport Club Internacional, fato extraordinário no “elegante e pacífico ambiente fair play que caracterizava o futebol na época (*idem*, p. 65).

Ainda é possível citar aqui a escolha ulterior, por parte da dupla Grenal, de duas mascotes tão contrastantes. O Grêmio é representado pelo mosqueteiro – escolhido em 1946 após a publicação de um informativo que levava o mesmo nome⁸⁷ –, símbolo da honra, da nobreza e da valentia que, enquanto esgrimista, faz as vezes de um embaixador da elegância, da sobriedade e da precisão em gestos calculados, um ícone aristocrático, em franca oposição às premissas do futebol (*idem*). De modo contrário, na década de 50, o *Sport Club Internacional* adota o saci como mascote, considerado uma “expressiva figura folclórica regional a representar a malícia e os poderes obscuros de uma negritude excluída” (*idem*, p. 66).

Todos estes fatores convergem para configurar um futebol polarizado na capital gaúcha, com apenas duas fortes equipes. Diferente da disposição futebolística instituída em outros grandes centros do país, como é o caso de Rio de Janeiro – que conta com a força de quatro grandes clubes – e São Paulo – estado que apresenta três grandes agremiações –, a dicotomia estabelecida em solo porto-alegrense é aceita por muitos como aquela que concebe o clássico

⁸⁶ É curioso o fato de que, na reunião entre as diretorias de Grêmio e Internacional – aquela que precedeu o primeiro jogo entre as duas equipes –, o major Augusto Koch, então presidente do clube tricolor, aceitou o convite da comissão do Sport Club Internacional para ser o Grêmio o seu primeiro adversário, colocando à disposição o segundo quadro de jogadores do clube – atitude que irritou profundamente os colorados (qualificativo utilizado para fazer referenciar os simpatizantes do Sport Club Internacional). Após a tensão inicial que havia se instaurado naquela reunião, houve grande insistência por parte dos colorados para que o quadro principal de jogadores gremistas fosse utilizado. Assim, os dirigentes do Grêmio aceitaram a proposta. Porém, uma nova discussão teve início a partir do momento em que deveriam decidir qual clube iria arcar com as despesas do jogo, do jantar e do baile que aconteceriam depois de encerrada a partida. Os colorados argumentaram que os encargos financeiros deveriam ser seus, ao que prontamente replicaram os gremistas, ofendidos. Com a insistência colorada veio a ameaça de cancelamento da partida por parte dos tricolores. Somente assim a direção gremista conseguiu “convencer” a colorada e assumir todos os custos do jogo, do jantar e do baile (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004).

⁸⁷ **CURIOSIDADES.** *O Mosqueteiro.* Site oficial do Grêmio FBPA. Disponível em: <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_767&language=0>. Acesso em: 28 jul. 2010.

mais disputado do Brasil⁸⁸. Scliar (2000) assim define a oposição de forças vivenciada pelos torcedores em Porto Alegre:

Porto Alegre tem suas rivalidades políticas e culturais; mas em matéria de rivalidades nada se compara àquela que opõe gremistas e colorados. É algo tipo guelfos e gibelinos, tipo mouros e cristãos [...]. Em Porto Alegre, todo mundo sabe que vermelho é Inter e azul é Grêmio e a simples visão dessas cores é capaz de causar convulsão nos torcedores mais fanáticos. Mesmo os cronistas se dividem. Luís Fernando Veríssimo é do Inter. Já Paulo Sant’Ana, o colunista mais lido no Rio Grande do Sul, despontou na preferência popular quando resolveu acabar com aquela aparente neutralidade que os cronistas desportivos gostam de ostentar e assumiu publicamente a sua condição de gremista (p. 150).

Damo (1998) defende que o Grenal é uma disputa tradicional engendrada dentro e fora de campo. Também a violência – marca histórica do *derby* porto-alegrense – foi prática recorrente da disputa entre gremistas e colorados, tanto no gramado quanto nos espaços fora dele.

6.2 A VIOLÊNCIA NO CLÁSSICO GRENAL

No dia 17 de julho de 1910, realizou-se o segundo enfrentamento entre Grêmio e Internacional. O placar foi elástico, com o Grêmio aplicando 5 x 0 no rival. Mas aquela partida ficaria marcada como a quebra das boas relações entre as equipes. Quando Edgar Booth, atleta gremista, driblou toda a defesa colorada, acabou sofrendo uma brutal pancada desferida por Volkmann, zagueiro alvirrubro que não se conteve com “aquela falta de respeito” executada por Booth (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004). Os jogadores de ambas as equipes passaram a se agredir mutuamente, fato que quase decretou o encerramento prematuro da partida (*idem*).

No Campeonato da Cidade do ano de 1913, o Grêmio, após derrotar o Internacional e o *Frisch Auf* nas duas primeiras rodadas, acabou por abandonar o campeonato após travar uma

⁸⁸ A revista Trivela, publicação especializada em futebol, realizou uma pesquisa de opinião, em outubro de 2008, que contou com a participação de trinta profissionais da imprensa nacional e internacional, a fim de eleger os vinte e cinco maiores clássicos do Brasil e os vinte e cinco maiores clássicos do mundo. O Grenal foi eleito, em âmbito nacional, o clássico mais disputado, considerando-se como critérios de avaliação a rivalidade numa esfera local e a relevância futebolística de cada clássico. In: **GRE-NAL é eleito clássico mais disputado do país, segundo revista.** Site da Zero Hora. 12 out. 2008. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Esportes&newsID=a2237398.xml>>. Acesso em: 4 ago. 2010. A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) também destina uma página de seu site oficial para saudar aquilo que chama de “o duelo de rivalidade mais importante do Brasil”. In: **GRÊMIO Vs. INTERNACIONAL: Um século de Gre-Nais.** Site oficial da FIFA. Disponível em: <<http://es.fifa.com/classicfootball/stories/classicderby/news/newsid=1081676.html#un+siglo+gre+nais>>. Acesso em 4 ago. 2010.

contenda com a Liga Porto-Alegrense de Foot-Ball⁸⁹. O Grêmio organizou a formação de uma nova Liga, enquanto o Internacional continuou disputando a Liga Porto-Alegrense. Ambos foram vencedores nas ligas que disputaram e ambos se proclamaram campeões, depreciando o título do rival (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004). Esta situação perdurou por quase três anos, época em que não houve enfrentamentos entre Grêmio e Internacional. Porém, um estado de animosidade se estabeleceu entre as torcidas das duas equipes, como salientam Noronha, Coimbra e Souza (2004):

Os torcedores trocavam provocações nas ruas e nos cafés. Os gremistas diziam que o Inter só conquistara seus títulos porque não enfrentara o Grêmio, de quem os colorados jamais haviam arrancado um empate. Os colorados respondiam que a situação mudara, que o Internacional estava mais forte e que venceria o Grêmio, se os dois se defrontassem. Os times não precisavam entrar em campo para a rivalidade se aguçar (p. 27).

A mesma torcida que se afrontava nas ruas de Porto Alegre cobrava satisfações de seus clubes. Assim, em 31 de outubro de 1915, realizou-se um clássico Grenal na Baixada, uma espécie de “tira-teima” para ver quem estava com a razão. O jogo era para ser um amistoso, mas tão logo foi dada a saída de bola por parte do juiz, a cortesia foi deixada de lado. Numa partida violentíssima, o Internacional venceu pelo escore de 4 a 1 e, após seis anos, derrubou a invencibilidade tricolor (*idem*).

Em 1918, o Internacional já acumulava quatro vitórias consecutivas, enquanto o Grêmio permanecia sem vencer desde 1913. Entremeadado por uma crescente rivalidade, colorados e gremistas entraram em campo na Baixada em 4 de agosto para um confronto histórico manchado pela violência. Após o primeiro e único gol daquela partida, marcado pelo zagueiro uruguaio Garibotti e que punha o Grêmio em vantagem no placar, houve uma breve discussão sobre uma reposição de bola num lateral.

Não havia fosso separando a torcida do gramado, nem cães policiais a repelir invasões. De repente, estourou uma briga entre jogadores do Inter e torcedores do Grêmio. Foi o início de um tumulto que resultou em cerca de 100 feridos e

⁸⁹ A Liga – organizada em 1910 por iniciativa do diretor de campo do Grêmio, Osvaldo Siebel – era um torneio realizado entre todos os clubes de Porto Alegre, com premiação para o time vitorioso, disputado pelas seguintes agremiações: *Fuss Ball Porto Alegre, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Militar Foot-Ball Club, Esporte Clube Nacional, 7 de Setembro e Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf* (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004).

um preso. Torcedores, jogadores e dirigentes se agrediram a socos, pontapés e bengaladas. Até que o senhor Manoel Costa, empregado da Empresa Telefônica Rio-Grandense, sacou de uma faca e com ela riscou o ar, ameaçador, prometendo ferir quem se aproximasse. O meia Ribas, do Internacional, tentou contê-lo. Seria o último Grenal de Ribas. Manoel Costa enfiou 15 centímetros da lâmina na região ilíaca do jogador. Assustado, o jovem Octávio Telles de Freitas pulou para desarmar o funcionário da Telefônica e também foi ferido na perna esquerda. Soldados da Brigada acorreram e não conseguiram deter o valentão. Ele só entregou a faca ao presidente da Federação, o gremista Aurélio Py. O chefe de Polícia Ariosto Pinto, finalmente colocou Manoel numa viatura para levá-lo preso. Os torcedores não deixaram o carro sair. Queriam linchar Manoel Costa. Após muitas negociações, os policiais conseguiram levar o detido. Mas, na saída do estádio, populares apedrejaram a viatura, ferindo Ariosto na cabeça e Manoel na perna esquerda. Enquanto isso, Ribas dava entrada na Casa de Saúde. Em seguida, foi cloroformizado e operado pelos médicos Moisés de Menezes e Bernardo Velho. O Grenal não terminou. Restou o 1 x 0 para o Grêmio e muito rancor de parte a parte (p. 32-33).

A violência havia rompido e transposto os limites do gramado de jogo e, generalizada, perverteu torcedores e espectadores do décimo primeiro clássico.

Esta também foi a tônica do Grenal de número 22, disputado em 27 de junho de 1926, o “primeiro Grenal a ser conhecido como tal” (*idem*, p. 43) – ou seja, após esta expressão ser cunhada por Ivo dos Santos Martins. Num Grenal com recorde de público até então (sete mil pessoas), foi um torcedor do Internacional que, empunhando uma bengala, invadiu o campo de jogo e desferiu golpes com o objeto no juiz da partida, repetidas vezes, ocasionando a substituição do árbitro. Todavia, nem a nova arbitragem, nem tampouco a Brigada Militar conseguiu aplacar a ira da torcida. Um bando de brigadianos, fardados e armados, engalfinhou-se com outro grupo de torcedores, estendendo a confusão até o gramado e antecipando o final do tempo regulamentar de jogo em dez minutos (*idem*).

Na década de 1930, segundo Mascarenhas (2005), o clássico Grenal – seguindo a tendência de assumir e manifestar os símbolos e significados presentes no jogo de forças sociais – passa a reproduzir uma nova luta de classes em Porto Alegre, configurada pelo embate entre o “time dos patrões” (o Grêmio) versus a equipe dos negros e operários (o Internacional). Daí deriva a identidade clubística revertida num apelido, “o clube do povo”, que abriu suas portas aos negros e pobres. (*idem*), pois cinco anos antes, sob a direção de Antenor Lemos, foi permitido o ingresso do primeiro jogador negro no Internacional. A chegada do ponteiro-direito Dirceu, “no entanto, serviu mais como marco do que de abolição da discriminação. O Inter continuaria a desprezar os negros até os anos 30, pelo menos” (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004, p.

46). Por outro lado, o Grêmio só iria abrir suas portas para atletas negros em 1949, na primeira gestão do presidente Saturnino Vanzelotti, que “aos poucos foi amorenando o time” (*idem*, p. 79), inicialmente contando com a participação do meio-campista Hermes, negro e campeão de daquele pelo Grêmio. Quando indagados pelo fato de um jogador negro atuar pelo clube, os ortodoxos e preconceituosos conselheiros do Grêmio “diziam que o jogador tomava muito sol e era, isto sim, bronzeado” (*idem*). Com a contratação de Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha – jogador que, na década de 40, atuara com destaque pelo Internacional –, o Grêmio rompe oficialmente com o preconceito racial em fevereiro de 1952, trazendo o fato ao conhecimento de todos quando Vanzelotti assinou uma nota histórica com os seguintes dizeres:

A Diretoria do Grêmio Futebol Porto-Alegrense vem trazer ao conhecimento de seus associados e simpatizantes, por decisão unânime, que resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida, de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol. A decisão tomada com convicção, após cuidadoso exame da situação, ausculta, acima de tudo, não só as determinações de nossa Carta Magna, como a imposição expressa de nossos próprios estatutos (*idem*, p. 81).

Assim, Tesourinha fora, à época, considerado um duplo traidor: atraía, ao mesmo tempo, colorados e negros. Conseguiu, sendo “infiel” ao antigo clube, acentuar os contornos de uma eminente rivalidade.

Em 1954, no Grenal de número 133, que nem ao menos valia pelo campeonato gaúcho, Xisto – violento lateral gremista – desferiu um soco no rosto do atacante colorado Larry, recente contratação do Internacional. O mesmo Xisto, um ano antes, havia aplicado um pontapé no ponteiro-direito Luizinho, arremessando-o para fora do gramado e, após, apoiando a mão direita na nuca do colorado, esfregou seu rosto no chão (*idem*). Segundo Noronha, Coimbra e Souza (2004), “Xisto fazia em campo o que os mais raivosos dos torcedores do time, os ‘xiitas’ tricolores, tinham vontade de fazer tamanhas eram as surras que andavam levando” (p. 86).

No ano de 1992, ano do primeiro rebaixamento do Grêmio para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, ocorreu mais uma série de desentendimentos entre as equipes e entre suas torcidas, como relatam Noronha, Coimbra e Souza (2004):

[...] apenas 15.557 torcedores foram ao Olímpico, no dia 14 de junho, para assistir a mais um Grenal, vencido pelo Grêmio por 2 x 1. O encontro era amistoso, mas o comportamento de gremistas e colorados, tanto no campo como

nas arquibancadas, era de final de campeonato. Encheram-se de porrada. O zagueiro Célio Silva e o volante Élson, do Inter, foram expulsos do gramado pelo árbitro Olinto Preusler, e dezenas de torcedores foram expulsos do estádio pela Brigada Militar (p. 219).

Creio que não cumpre elencar aqui todos os episódios conturbados ocorridos ao longo de trezentos e oitenta e três Grenais, mas é mister apontar que tais fatos se prestam a preencher as linhas das páginas que contam a rivalidade Grenal e desempenham caráter fortemente ilustrativo da animosidade existente entre os clubes. Assim foi escrita a história dos Grenais, marcada pela violência dentro e fora dos gramados, dentro e fora dos estádios. Inúmeros foram os casos de brigas entre jogadores e entre as torcidas de Grêmio e Internacional, muitas vezes envolvendo e mobilizando os aparelhos de segurança de Porto Alegre, numa disputa que existe há mais de um século e parece não ter data para findar.

6.3 AS TORCIDAS GREMISTAS

No início do século XX, com o advento do futebol amador na capital gaúcha, os jogos de futebol recebiam mais espectadores do que torcedores propriamente ditos. A torcida era a assistência e o *football* “uma doce predileção da classe média de Porto Alegre”, assistido pelas “moças de chapéu e sombrinha” e “rapazes de gravata, camisa de gola revirada e bengala estocada na grama do ground [...]” (OSTERMANN, 2000, p. 26). Não havia arquibancadas nem grades que separassem aqueles que estavam aptos a jogar da maioria simpatizante. Na verdade, uma grande quantidade de bandeirinhas era cravada no solo, de modo a demarcar a área limítrofe para a prática do novo esporte bretão. De maneira respeitosa, muitas famílias se postavam às margens do campo e, do interior de suas faustosas carruagens, apreciavam o desenrolar do espetáculo (AMARO JÚNIOR *apud* OSTERMANN, 2000). Noronha, Coimbra e Souza (2004) também destacam a presença de considerável número de mulheres que freqüentavam o Fortim da Baixada para assistir aos jogos do Grêmio, gritando até ficarem roucas, torcendo e batendo palmas e colorindo os *grounds* com seus vistosos vestidos. Damo (1998) denota a grande freqüência com que as “torcedoras” são referenciadas nas antigas fontes letradas do Grêmio, “como se coubesse a estas o papel de co-participação [e] agitação” (p. 151).

Assim, o quadro de jogadores do Grêmio, nas duas primeiras décadas de existência, era reverenciado em sua maioria pelos sócios do clube e por demais simpatizantes da elite porto-

alegrense. Foram estes mesmos sócios e admiradores que colaboraram financeiramente para a construção do primeiro pavilhão de madeira erigido no estádio do clube à época, a Baixada, com capacidade máxima para não mais que quinhentas pessoas. Abrigando sócios e convidados, também reunia outros torcedores,

[...] às vezes um público de duas mil pessoas, mulheres de chapéu, vestidos longos e sombrinhas, crianças e elegantes cavalheiros – [que] se acomodavam ao redor do campo em cadeiras, entre as árvores, nos barrancos ou no interior dos primeiros carros com motor de explosão que podiam estacionar quase na beira do campo, e que serviam de flamante acomodação (OSTERMANN, 2000, p. 31)

Porém, o futebol, até então estimado dentro e fora do gramado pela parcela social abastada de Porto Alegre, atravessou uma fase de democratização, reunindo em seu entorno um público cada vez mais numeroso, mais modesto, oriundo “das periferias e dos grotões mais pobres da cidade” (*idem*, p. 18). O futebol se vulgarizava, sobressaindo outros esportes populares na região à época, como as corridas de cancha reta⁹⁰ e o ciclismo (*idem*). Até mesmo a construção do Estádio Olímpico demonstra a grande assimilação do futebol pelos porto-alegrenses e, neste caso, especificamente pelos torcedores do Grêmio, uma vez que no início dos anos 50, a Baixada já não comportava os pouco mais de seiscentos sócios do clube em dias de jogos, sendo constrangedor para a direção do Grêmio acomodar com cadeiras suplementares e pedidos de desculpas o público excedente (*idem*).

Mas a mudança de estádio, mais do que uma transformação no tamanho e na excelência do baluarte gremista, marcaria o último de, pelo menos, três passos em busca do rompimento com a fase amadora, a superação de uma crise e a reinvenção das tradições do clube, fatores que influenciaram e foram influenciados diretamente pela torcida do Grêmio. Na década de 40, o clube atravessou um momento turbulento, quando assistiu, indolentemente, ao rival Internacional alcançar a conquista do hexacampeonato gaúcho⁹¹, marca inédita no futebol local. Mais que os títulos perdidos, o Grêmio se ressentia pela perda da adesão popular:

⁹⁰ Decorrência lógica da importância que o gado equino representou para a história, a economia e a cultura gaúchas, a corrida em cancha reta se tratava de uma disputa rústica onde dois competidores (geralmente) corriam em linha reta, em campo aberto, até um ponto predeterminado, sem demarcação da pista ou arquibancadas, impulsionados pelas apostas em dinheiro (SCLIAR, 2000).

⁹¹ Após 30 anos de hegemonia gremista, o Internacional montou uma equipe que apresentava um “futebol veloz e de beleza plástica” (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004, p. 56). Os “negrinhos do Internacional” formaram o Rolo Compressor, como ficou conhecida a “máquina que passaria por cima dos adversários, esmagando-os sem nenhuma piedade durante toda a década de 1940” (*idem*, p. 58), responsável pela conquista de um hexacampeonato

Aquele ar aristocrático, de superioridade, era contestado até por alguns torcedores, preocupados com o “envelhecimento” da torcida. É verdade que aqueles que se tornaram gremistas nas décadas de vinte e trinta, quando o time esteve “por cima”, mantinham-se fiéis ao clube [...]. Entretanto, negros, jovens e populares em geral inclinavam-se ao colorado em proporções que comprometiam, ainda mais, o prestígio do clube da Baixada. Aliás, prestígio já se tornara um valor de ordem quantitativa. Em outros termos, a credibilidade e a grandeza de toda e qualquer agremiação futebolística já não era aferida apenas pela distinção de seus partícipes mas, cada vez mais, pela quantidade de pessoas que declaravam e atestavam seu pertencimento, independente de credo, cor, status ou seja lá o que for (DAMO, 1998, p. 109).

Os próprios torcedores do Grêmio reconheciam que “a segregação racial estava custando-lhes um preço excessivo, inclusive em termos financeiros” (*idem*, p. 140). Os dirigentes, no entanto, não planejavam extirpá-la, mesmo reconhecendo que o período era assolado pelas

[...] dificuldades para se adequar às novas exigências do profissionalismo, especialmente no que se refere às questões econômicas, salário dos jogadores e comissão técnica, compra e/ou aluguel do “passe” dos atletas, despesas com treinamentos, viagens e, até mesmo o Fortim da Baixada, orgulho dos primeiros gremistas, precisava ser substituído (p. 140).

Travou-se uma disputa entre duas esquadras opostas na diretoria do clube, os conservadores (cuja estima recaía sobre as tradições advindas do passado glorioso do Grêmio, subsidiado pela administração e moralidade ortodoxas⁹²) e os reformistas (que valorizavam a hegemonia futebolística em detrimento de quaisquer outras crenças consideradas retrógradas). Em meio à severa crise que mergulhou o Grêmio em agonia, os torcedores pareciam aumentar em intensidade a paixão e o pertencimento clubístico que alimentavam pelo Grêmio (*idem*).

Salin Nigri, então bibliotecário e assessor de contabilidade do Grêmio, foi a personificação deste impulso de ânimo da torcida aflorado em meio à crise da segunda metade da década de 40. Enquadrando-se na definição de torcedor-símbolo – já referenciada no capítulo 5

gaúcho (1940-1945) e de um bicampeonato gaúcho (1947-1948), com trinta e duas vitórias, dez empates e somente sete derrotas em quarenta e nove clássicos Grenais – disputados entre 4 de janeiro de 1940 e 30 de outubro de 1949. Marcando 147 gols (média de três gols por partida) e sofrendo 70 (média de 1,4 gol por partida) em Grenais, o Internacional obteve nesta década, no ano de 1948, sua maior goleada sobre o rival Grêmio, num 7 a 0 disputado na Baixada dos Moinhos de Ventos em 17 de setembro daquele ano (Idem).

⁹² Damo (1998; 2002) denota a postura dos neófitos dirigentes gremistas, desacostumados que estavam com as novas exigências impostas pelo profissionalismo. Ainda estimavam o “amor à camisa” e o respeito ao clube, tão presentes nas décadas anteriores, mas hesitavam em aceitar que o dinheiro era o novo mediador na relação jogador/clube e o salário regulava a intensidade da devoção destinada ao time. Na contramão da esteira do profissionalismo, a direção do Grêmio valorizava o apego, a dedicação, o *fair-play*, a abnegação, a entrega e a superação, “virtuosismos que, para os gremistas, eram incompatíveis com o dinheiro” (DAMO, 2002, p. 114).

deste estudo –, foi o responsável por organizar uma comitiva gremista, com mais de duas mil pessoas (entre passageiros sentados e em pé), que ocuparam dezoito vagões de trem lotados até Novo Hamburgo, acompanhando a delegação do Grêmio num jogo contra o Floriano (DAMO, 1998). A partida amistosa, realizada em junho de 1945, assinalava a estréia do argentino Beresi no time do Grêmio, vindo do Rio de Janeiro, fato que justifica parcialmente a motivação da torcida (*idem*). Fora dado o primeiro passo de incitação à participação ativa dos torcedores no apoio ao Grêmio.

A eficácia de Nigri – então com dezenove anos – para reunir número tão expressivo de torcedores nesta excursão o credenciou para reivindicar maior representatividade junto à organização da torcida. Ele viria a significar, para o Grêmio, o mesmo que Vicente Rao⁹³ significava para o Internacional, não obstante a desconfiança e cautela com que alguns dirigentes gremistas viam Salin, dada sua pouca idade para ocupar um cargo que pressupõe grandes responsabilidades. Assim, mesmo sendo vigiado atentamente por uma chefia imediata (Francisco Maineri), Salin Nigri foi promovido a chefe de torcida por Armando Ciaglia, então responsável pelo Quadro Social do Grêmio (*idem*).

A nova postura da torcida do Grêmio nos jogos trouxe maior estima pública. As faixas, os papéis picados e os foguetes à beira do campo foram recebidos com agrado pelo público nos jogos, tornando-se indispensáveis e elevando a popularidade do clube, mesmo diante das críticas e do ceticismo de uma parcela de gremistas, descontentes diante do “[...] futuro carnavalesco da torcida. Para eles, aquilo era coisa da torcida do “outro”; o Grêmio era diferente, sem tanto estardalhaço”⁹⁴ (*idem*, p. 151). O “outro”, claro, era o Internacional. Acusado por Vicente Rao de

⁹³ Vicente Lomando Rao, a quem se atribuiu a criação da expressão “Rolo Compressor”, atuou brevemente como jogador do Sport Club Internacional na década de 20. Por ser sujeito muito franzino e de pouca resistência física, além de beber e fumar em demasia, abandonou a posição de *center-half* do Inter, para, das arquibancadas coloradas, escrever seu nome na história do clube, quando, na década de 40, assumiu o cargo de chefe de torcida do Internacional (TERRA, 2001). Nesta época, já abandonara seus vícios, ganhara peso e tornara-se o primeiro Rei Momo do carnaval de Porto Alegre. Durante seis anos, foi o responsável pela aparição das grande bandeiras nos estádio onde o Internacional jogasse, dos foguetes, das serpentinas e do barulho de sinos e sirenes que acompanhavam a entrada da equipe colorada em campo. Além disso, foi o fundador da primeira torcida organizada do Inter, a Camisa 12, em 1969. In: **VICENTE Rao. Rolo Compressor – Anos 40**. Site oficial do Sport Clube Internacional. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=1&setor=1&secao=4>>. Acesso em: 9 ago. 2010.

⁹⁴ Cumpre salientar que, segundo Damo (1998), o termo “torcedor” era pouco utilizado nos antigos periódicos que tratavam sobre o Grêmio; para tanto, eram empregados os marcadores “associados” e “simpatizantes”.

ter imitado a torcida do Internacional⁹⁵, Salin iria buscar o componente diferencial, a fim de fortalecer a alteridade entre gremistas e colorados.

A resposta veio através de outra faixa, com a seguinte inscrição: “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio”⁹⁶. Mesmo não infundindo ânimo em sua primeira aparição – uma derrota por 4 a 2 para o Renner na abertura do Campeonato Gaúcho de 1946 (*idem*) –, a faixa esteve presente durante todos os jogos do Grêmio naquele certame, vencido pelo Grêmio, o que deu vulto ao lema, incorporado ao clube. O *slogan* cumpriu tamanha importância que, em 1953, acabou sendo agregado ao segundo hino do clube, criado por Lupicínio Rodrigues⁹⁷.

Num domingo, aos dezenove dias de abril de 1953, Lupicínio Rodrigues e mais alguns gremistas estavam reunidos no bar/restaurante Copacabana⁹⁸, à espera do bonde que os levaria até o campo da Timbaúva, no bairro Santana, para o confronto com o time do Força e Luz (*idem*). Por culpa de uma greve no sistema de transportes em Porto Alegre e, conseqüentemente, a ausência de bondes nas ruas, a impaciente trupe gremista, da qual também fazia parte Salin Nigri, decidiu tomar o rumo até o local do jogo a pé. Entrou em cena o compositor Lupicínio, que inspirado pelo afã dos torcedores em estarem “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio”, rabiscou num pedaço de papel, ali mesmo numa das mesas do Copacabana, os primeiros fragmentos que

⁹⁵ Vicente Rao, sensível às mudanças de comportamento instauradas na torcida gremista, tratou de insinuar o plágio gremista, dirigindo remoques aos rivais através da enorme faixa onde se liam os seguintes dizeres: “Imitando crioulo, hein?” (Revista Beira Rio 25 Anos, 1984 apud DAMO, 1998, p. 151).

⁹⁶ A inspiração da frase surgiu a partir da excursão de trem arregimentada por Nigri, quando todos comentavam que a torcida era formidável, seguindo o Grêmio onde quer que o Grêmio fosse, viajando junto com o time (NIGRI apud DAMO, 1998). A autoria do lema é motivo de controvérsia e disputa em sua criação: Salin Nigri afirma que criou a frase e que o diretor Alfredo Obino apenas autorizou a compra da faixa, escrita e levada ao jogo pelo próprio Salin (DAMO, 1998; NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004). Outra versão dos fatos reza que Alfredo Obino criou e instituiu a frase (DIENSTMANN, 1987; *Site* oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense).

⁹⁷ Lupicínio Rodrigues (1914-1974), cantor e compositor negro, nasceu na Ilhota, localidade pertencente ao Bairro das Enchentes, sítio pobre de Porto Alegre – onde hoje se localiza a Cidade Baixa. Ali achava-se o núcleo habitacional que formava uma das favelas porto-alegrenses na década de 50; historicamente ligado à população negra e operária, foi palco dos carnavais de bairros da décadas de 20 e 30 (GERMANO, 2008), reduto de talentosos boêmios que, como o próprio Lupicínio, animavam a noite de Porto Alegre (SCLIAR, 2000), e berço do rival Sport Club Internacional (DAMO, 1998). Quando criança, Lupicínio fora meia-direita do quadro mirim do Externato São Sebastião, onde compôs ala com Tesourinha, amigo de infância e futuro craque de Inter e Grêmio (OSTERMANN, 2000). Sempre sensível aos apelos do futebol, era gremista convicto e apaixonado. Lupicínio é tido como o compositor da “dor-de-cotovelo” (*Idem*), por culpa das histórias contadas e cantadas em suas composições, “retrato de sua vida envolta em amores, boemia, frustrações e sonhos” (BEHAR, 1967, p. 230). Falecido em 27 de agosto de 1974, “por intransigência de Paulo Sant’Ana, foi velado no Salão Nobre do Estádio Olímpico com a insubstituível honra de gremista” (OSTERMANN, 2000, p. 86)

⁹⁸ O bar/restaurante Copacabana, sito à esquina das atuais avenidas porto-alegrenses Getúlio Vargas e Aureliano de Figueiredo Pinto, foi adquirido em 1939, por imigrantes italianos oriundos da cidade de Morano Calabro (In: **HISTÓRIA**. *Site* oficial do Restaurante Copacabana. Disponível em: <<http://www.restcopacabana.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2010). À época de criação do hino do Grêmio, o Copacabana fazia parte do bairro Ilhota e era refúgio da boemia em Porto Alegre, por ser um bar de encontro da “antiga comunidade africana” (DAMO, 1998, p. 154). Reuniam-se ali “poetas, músicos, seresteiros, comilões e bêbados razoáveis” (OSTERMANN, 2000, p.85)

foram cantados durante todo o percurso até a Timbaúva e que, dali para frente, iriam integrar o Hino Oficial do Grêmio: “Até a pé nós iremos/Para o que der e vier/Mas o certo é que nós estaremos/Com o Grêmio, onde o Grêmio estiver”.

Damo (1998) ressalta que, destoante da maioria dos hinos oficiais de clubes brasileiros de futebol⁹⁹, o Hino Oficial do Grêmio (também “Hino do Cinquentenário”) exalta a pessoa do torcedor, priorizando a fidelidade e a autonomia da torcida:

[...] no caso do hino do Grêmio, as dádivas são dirigidas aos torcedores: o “nós” aparece duas vezes no refrão do hino. Há uma certa dramaticidade em “até a pé nós iremos” e “mas o certo é que nós estaremos”, que nada mais é do que uma prova de fidelidade ao clube, mesmo que às vezes esta paixão não seja correspondida, como no caso do Grêmio daquela época. Porém, nada pode ser mais expressivo daqueles tempos difíceis do que “para o que der e vier”, a rigor, a única frase que Lupicínio inseriu por conta própria no refrão (p. 154)

Ainda há, no hino, outra estrofe de exaltação à torcida, cantada na primeira pessoa do plural, o que corrobora a dedução lógica de Damo (1998), a saber: “Nós como bons torcedores/Sem hesitarmos sequer/Aplaudiremos o Grêmio/Onde o Grêmio estiver”. Apenas a estrofe “Cinquenta anos de glória/Tens imortal tricolor/Os feitos da tua história/Canta o Rio Grande com amor” dirige louvores para glorificar o clube.

Assim, o hino do Grêmio – criado por um compositor negro – e o fim da segregação racial – advindo da contratação do primeiro atleta negro a jogar pelo clube, Tesourinha –, serviram para regenerar moralmente a efígie do Grêmio, desgastada pela acusação de ser um clube elitista e racista. Somados à construção de um novo estádio, parecem compor a tríade que fez cessar o passado de amadorismo do clube e inseriu-o na esteira do profissionalismo, na década de 1950.

As rupturas com o tempo pretérito, engendradas pela nova direção, fizeram soprar ares de prosperidade sobre o clube tricolor. Na metade dos anos 50, o clube – não mais da Baixada, mas

⁹⁹ Podemos tomar como exemplo alguns dos primeiros versos dos hinos oficiais de grandes clubes da elite do futebol nacional. É o caso do hino do Corinthians (“Salve o Corinthians/O campeão dos campeões”), do Santos (“Agora quem dá bola é o Santos/O Santos é o novo campeão/Glorioso alvinegro praiano/Campeão absoluto desse ano”), do São Paulo (“Salve o tricolor paulista/Amado clube brasileiro/Tu és forte, tu és grande/Dentre os grandes, és o primeiro”), do Flamengo (“Uma vez Flamengo/Sempre Flamengo”), do Botafogo (“Botafogo, Botafogo/Campeão desde 1910/Foste herói em cada jogo...”), do Cruzeiro (“Existe um grande clube na cidade/Que mora dentro do meu coração”) e também do Internacional (“Glória do desporto nacional/Oh, Internacional/Que eu vivo a exaltar/Levas a plagas distante/Feitos relevantes/Vives a brilhar/Correm os anos, surge o amanhã/Radioso de luz, varonil/Segue a tua senda de vitórias/Colorado das glórias/Orgulho do Brasil”).

agora da Azenha¹⁰⁰ e do Olímpico – iniciou uma campanha vencedora, consagrada por um pentacampeonato (1956-1960), e invadiu a década de 60 com a mesma ventura, atingindo um heptacampeonato (1961-1968), até hoje mantida como a maior marca alcançada pelo Grêmio no que diz respeito à competição estadual¹⁰¹. O período exitoso só nutria o afeto dos torcedores pelo clube.

Mas na década de 1970, o Grêmio e sua torcida presenciaram a escalada vitoriosa do rival Internacional, em âmbito regional – com a conquista do octacampeonato gaúcho (1969–1976) – e nacional – com os três títulos do campeonato brasileiro (1975, 1976 e 1979). A resposta gremista para os feitos colorados viria das arquibancadas na segunda metade da década, seguindo os novos contornos do futebol – o já referido *boom*, segundo Toledo (1996) – e da manifestação de pertença ao clube: as torcidas organizadas.

6.4 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO GRÊMIO

Segundo Ostermann (2000), as grandes torcidas organizadas do Grêmio surgiram a partir da herança deixada por outras torcidas de menor expressão “que foram se organizando e chegando ao estádio com suas bandeiras e faixas” (p. 84). Dentre estas pequenas, pode-se destacar a Torcida Independente Força Azul, a Tigre, a Torcida Independente Gremista, a Máquina Tricolor, a Real Torcida Jovem e a Coligay¹⁰².

No dia 23 de outubro de 1977, surgiu a Torcida Jovem do Grêmio, por iniciativa de Nilson Correia e José Maria de Oliveira¹⁰³. Em 26 de setembro de 1981, foi fundada a Torcida Organizada Super Raça Gremista por iniciativa de treze torcedores reunidos nas sociais do

¹⁰⁰ Bairro porto-alegrense no qual se situa o estádio Olímpico Monumental.

¹⁰¹ De 1956 a 1958, o Grêmio venceu doze campeonatos estaduais, sendo interrompido em 1961 pela conquista do Internacional. Tal período é conhecido como “12 em 13” (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004; BUENO, 2005), por força das doze conquistas em treze campeonatos disputados.

¹⁰² Surgida em 1977, a Coligay fora uma torcida organizada presidida por Volmar Santos, gerente da casa noturna Coliseu, situada na Avenida João Pessoa e famosa por reunir os gays da capital gaúcha em festas marcadas pela descontração (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004). Integrada por homossexuais assumidos, que vestiam batas largas com letras enormes na frente para formar o nome do clube (Idem), eram responsáveis pela animação nas arquibancadas, com sombrinhas, chapéus e outros adereços (OSTERMANN, 2000). Porém, “não tinham a simpatia das demais torcidas organizadas do clube, não tinham apoio financeiro da diretoria, e apesar de toda a sua paixão pelo clube, a Coligay teve vida curta, sucumbindo diante do deboche e do preconceito” (NORONHA, COIMBRA & SOUZA, 2004, p. 188). Ostermann (2000) cita a coerção exercida sobre a torcida como principal fator para abreviar a breve duração da Coligay.

¹⁰³ *SITE oficial da Torcida Jovem do Grêmio*. Disponível em: <<http://tjovemdogremio.blogspot.com>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

Estádio Olímpico Monumental¹⁰⁴. A Torcida Organizada Garra Tricolor foi a última das três grandes organizadas do clube surgidas no final da década de 70 e início dos anos 80, sendo criada em 5 de outubro de 1982¹⁰⁵. Mais recente, a formação da Torcida Independente Máfia Tricolor data de 1995, como resultado da reunião de componentes das torcidas Jovem, Super Raça e Força Azul e, com base na Máfia Gremista, pequeno grupamento de torcedores criado em 1991 e incorporado pela Máfia Tricolor¹⁰⁶.

Presentes tanto nos jogos no Olímpico Monumental quanto nas disputas “fora de casa”¹⁰⁷, as torcidas organizadas do Grêmio tentaram impor as suas marcas distintivas, ocupando espaços diversos nas arquibancadas gerais e entoando gritos e xingamentos próprios. Fizeram uso da simbologia “herdada” das charangas e dos torcedores-símbolo do centro do país e de outras organizadas, com suas batucadas carnavalescas, bandeirões, imensas faixas e vestimentas que reforçassem a identidade coletiva dentro da organizada e, concomitantemente, salientassem os contrastes com outras organizadas do Grêmio – mesmo sendo todos gremistas, deve-se fazer respeitar e sobressair o “nós”, da Jovem (por exemplo) em detrimento “deles”, da Garra, da Raça, etc. – e/ou com os torcedores comuns.

Em contrapartida, nas mascotes que compõe os distintivos das facções torcedoras do Grêmio é possível perceber um padrão simbólico. Utilizando personagens fictícias¹⁰⁸ dos desenhos animados, das revistas em quadrinhos e uma mascote de uma equipe de futebol americano, as torcidas se apropriam destes símbolos que as “remetem, de algum modo, à esfera do incontrolável, do ingovernável, do imprevisível” (TOLEDO, 1996, p. 55-56), sendo “ferozes,

¹⁰⁴ **HISTÓRIA.** Site oficial da Torcida Organizada Super Raça Gremista. Disponível em: <<http://www.superracazonasul.hpg.ig.com.br/historia.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

¹⁰⁵ **TORCIDAS Organizadas do Rio Grande do Sul.** Site Organizadas Brasil. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/rs.php>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

¹⁰⁶ **HISTÓRIA.** Site oficial da Torcida Independente Máfia Tricolor. Disponível em: <http://www.mafiatricolor.hd1.com.br/mafia_historia.htm#>. Acesso em: 13 ago. 2010.

¹⁰⁷ No site oficial do Grêmio, consta que, na final do Mundial Interclubes, em 1983 – disputado entre Grêmio e Hamburgo no Estádio Nacional de Tóquio, Japão –, a “torcida gremista marcou presença principalmente com as faixas das torcidas organizadas Máquina Tricolor, Super Raça e Garra Jovem”.

¹⁰⁸ A Jovem utiliza o *Taz*, um diabo-da-tasmânia (lançado em desenho animado pela *Warner Bros.* e integrante da série de curtas-metragens de animação *Looney Tunes*, da qual também faz parte o célebre coelho Pernalonga) cuja principal característica é a fome incontrolável que aterroriza e faz debandar todas as demais espécies de animais. A Super Raça adotou o *Popeye*, o rude marinheiro dos gibis, de antebraços fortes e temperamento difícil. A Garra Tricolor faz uso da imagem de *Wolverine*, feroz e violento super-herói da editora de revistas em quadrinhos *Marvel Comics*, dono de poderosas garras retráteis. E a Máfia Tricolor se apropriou do *Leprechaun* (espécie de gnomo do folclore irlandês) mal-encarado e de punhos cerrados prontos para brigar, símbolo do time de futebol americano *Notre Dame Fighting Irish* (da universidade da cidade de Notre Dame, situada em Indiana, Estados Unidos).

criativos, escapando às condutas sociais, desrespeitando, no nível do imaginário, a ordem social (*idem*, p. 56).

Figura 7 – Distintivos das Torcidas Organizadas do Grêmio FBPA



Fonte: *Sites* oficiais das respectivas torcidas organizadas.

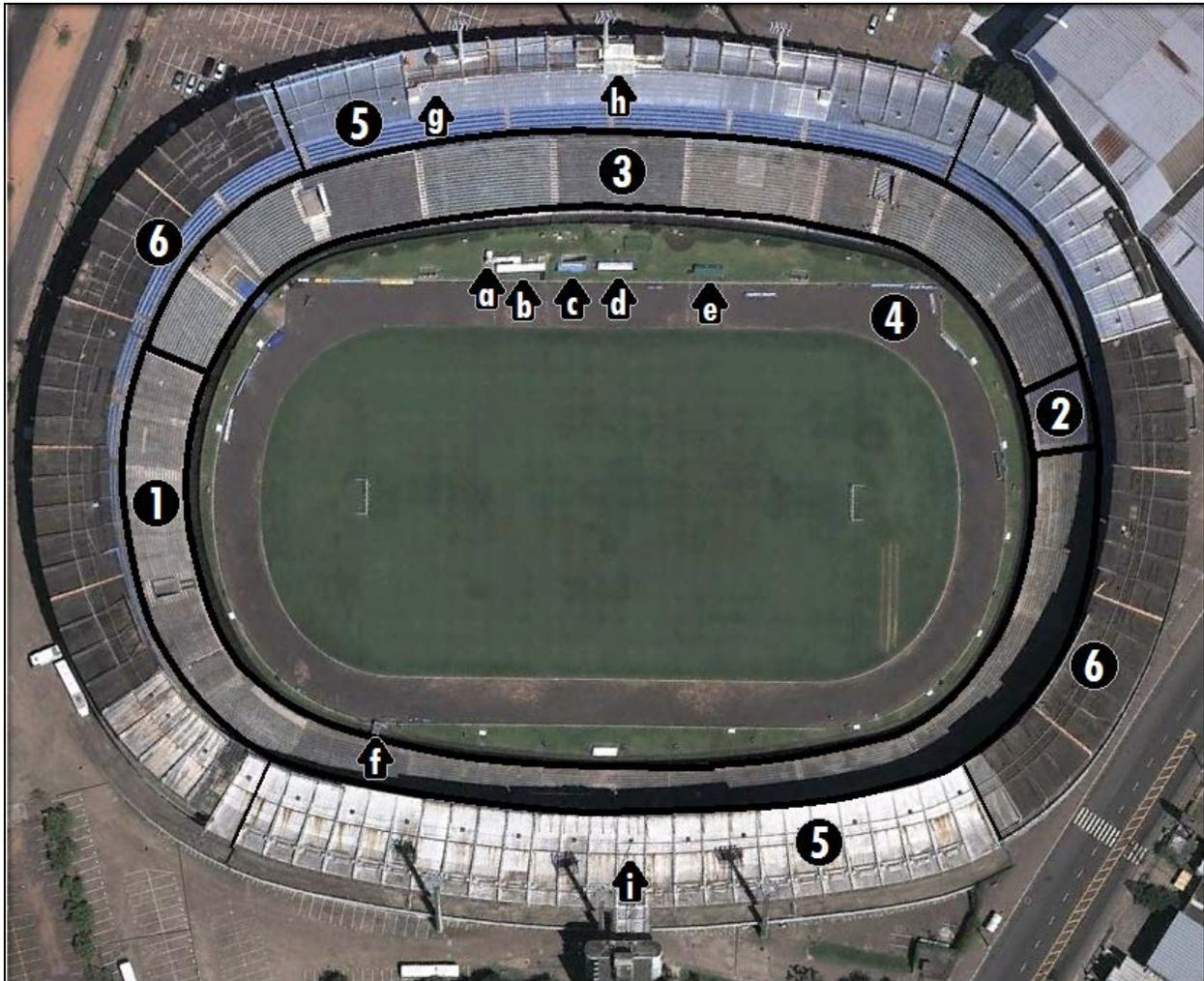
Sobre os espaços físicos¹⁰⁹ e simbólicos ocupados pelas torcidas organizadas no estádio Olímpico Monumental, Damo (2002) constrói a seguinte afirmação:

Não é mera contingência que as torcidas organizadas do Grêmio ocupem as arquibancadas inferiores ou, simplesmente, gerais. Elas são, por iniciativa própria ou por atribuição consensual, responsáveis pelo “agito”; palavras de ordem, xingamentos e coreografias. Delas partem, em geral, as manifestações de apoio ao time, seguidas, nesta ordem, pelos demais ocupantes das gerais, das sociais e, por fim, pelos do andar de cima (p. 81).

¹⁰⁹ As segmentações espaciais são um claro demarcador das distinções entre os torcedores de um clube, inclusive do ponto de vista hierárquico. A presença/ausência de cadeiras, a altura do ponto de vista e a distância entre o torcedor e o gramado de jogo influenciam diretamente no entendimento da partida e nas manifestações da torcida advindas desta interpretação. Damo (2002) afirma que o grau de valorização dos setores do estádio se dá “partindo-se da periferia para o centro e de baixo para cima” (p. 78), conferindo diferentes gradientes de legitimidade sobre a interpretação de jogo.

A figura 3 ilustra as segmentações espaciais do Estádio Olímpico Monumental:

Figura 8 – Os espaços do Estádio Olímpico Monumental



◆ **ANEL INFERIOR**

- ① Arquibancadas Gerais
- ② Arquibancadas Reservadas à Torcida Visitante
- ③ Arquibancadas Sociais
- ④ Pista Atlética

◆ **ANEL SUPERIOR**

- ⑤ Cadeiras Centrais
- ⑥ Cadeiras Laterais

⬆️ Túnel de Acesso da Arbitragem

⬆️ Reservado do Grêmio

⬆️ Túnel de Acesso do Grêmio

⬆️ Reservado do Policiamento e dos Fiscais da Federação

⬆️ Reservado da Equipe Visitante

⬆️ Túnel de Acesso da Equipe Visitante

⬆️ Cabines de Imprensa

⬆️ Tribunas de Honra

⬆️ Camarotes

Fonte: Adaptado do *software* Google Earth.

Nos anos 1990, consoante à boa fase vivenciada pelo clube (convertida em conquistas de títulos nos níveis regional, nacional e continental¹¹⁰), os rituais e símbolos das torcidas organizadas gremistas puderam ser percebidos mais claramente nas arquibancadas do Estádio Olímpico Monumental. Atravessaram um período de apogeu, ainda na primeira metade da década, quando a Jovem e a Raça pareceram ocupar o posto de maiores expoentes do universo das organizadas do Grêmio. Como exemplo, no jogo de volta pelas quartas-de-final do Campeonato Brasileiro realizado contra o Palmeiras no estádio Morumbi (em São Paulo), as torcidas organizadas lotaram cinco ônibus – mesmo contando com a participação de alguns torcedores “independentes” – para acompanhar a partida que daria a vaga às semifinais. Damo (1998), ao entrevistar o então vice-presidente da Super Raça, apresenta, através das palavras do torcedor, a relação concorrente entre as duas torcidas, mesmo naquela que seria uma celebração para o “todo” gremista:

É sempre assim [...]. A Jovem sempre é favorecida por este sujeito [*o diretor do Departamento Eurico Lara*] que não tem gabarito para o cargo que ocupa. [...] A Raça sempre é prejudicada, eles têm ciúmes da gente [...], eles não conseguem admitir que a Raça é a melhor, que bota mais gente no estádio, que vota pra presidente [...] (p.162).

A partir disso, é possível se debruçar sobre a relação tácita de interdependência entre dirigentes e torcida e, por extensão, sobre as regalias conferidas às organizadas:

As “organizadas” também não vão o time do Grêmio, ou não são orientadas para tal; a resignação parece constituir o ônus do acesso subsidiado pelo clube. São delas, porém, que partem, freqüentemente, os cânticos e xingamentos mais insultantes [destinados aos adversários] (Damo, 1998, p. 82).

Este atrelamento entre o clube e as organizadas gera prerrogativas e encargos para as partes envolvidas. As organizadas, diretamente vinculadas¹¹¹ ao Grêmio, são privilegiadas com descontos/isenções no preço dos ingressos, custeamento de viagens para jogos fora de Porto

¹¹⁰ Na década de 90, o Grêmio conquistou cinco Campeonatos Gaúchos (1990, 1993, 1995, 1996 e 1999) e uma Copa Sul (1999), na esfera regional; duas Copas do Brasil (1994 e 1997) e um Campeonato Brasileiro (1996), na esfera nacional; e uma Copa Libertadores da América e uma Recopa Sul-Americana (ambas em 1995), na esfera continental.

¹¹¹ Damo (1998) fundamenta que este vínculo é uma diferença essencial entre as torcidas organizadas de São Paulo e as de Porto Alegre: enquanto as torcidas porto-alegrenses estabelecem esta mutualidade com o clube, as torcidas paulistas possuíam – até o veto às torcidas organizadas nos estádios, instaurado em 1995 – independência administrativa e autonomia em relação aos clubes para os quais torciam.

Alegre e disponibilização de salas nas dependências do Estádio Olímpico Monumental para armazenamento de materiais (bandeiras, instrumentos, etc.). Isto legitima o clube a interceder junto às facções de torcedores, exercendo rigoroso controle sobre o que considera certo ou errado, aplicando punições e resolvendo tudo internamente, na medida do possível. Dessa forma, minimiza a intervenção da polícia e do Estado, resguardando a imagem do Grêmio (*idem*). Em mesma medida, a organizada retribui o “favor” da direção, agraciando o clube com a “festa” e apoio transmitidos das arquibancadas. No *site* oficial da Torcida Independente Máfia Tricolor, consta a seguinte asserção, a fim de refutar qualquer vínculo com a direção do Grêmio: “[A Máfia] sempre foi uma entidade totalmente independente, cujos integrantes sempre pagaram ingressos nos estádios”. Por outro lado, Tia Dalva, uma torcedora-símbolo do Grêmio, admite que integrava a Super Raça “para ganhar o ingresso” (DAMO, 1998, p. 180).

A burla às leis, traço tão característico das torcidas organizadas brasileiras – amplamente difundido na imprensa e discutido na literatura (TOLEDO, 1996; REIS, 1998, 2003, 2006; PIMENTA, 2000, 2003, 2004a, 2004b; MOURA, 2000; HRYNIEWICZ, 2008; CORREIA SOBRINHO & CESAR, 2008; CAMPOS et al. 2008) –, também pôde ser verificada nos grupos de torcedores organizados do Grêmio em, ao menos, duas ocasiões pontuais. Numa delas, em 1996, Grêmio e Palmeiras disputavam a partida de volta válida pelas semi-finais da Copa do Brasil¹¹². Tão logo o juiz apitou o final da partida, sentenciando a desclassificação gremista, iniciou-se um tumulto em campo por parte de jogadores e gandulas do Grêmio que, inconformados com o resultado, tentaram agredir a arbitragem. A revolta se estendeu às arquibancadas e o que se seguiu foi uma série de invasões campais por parte dos torcedores organizados,

[...] agressões aos jogadores do Palmeiras, tentativas de linchamento do árbitro e de seus auxiliares, confrontos com a polícia [...]. Além de assimilar a desclassificação havia o erro da arbitragem, uma dupla decepção que [...] serviu

¹¹² Na partida de ida, disputada no Estádio Palestra Itália (também conhecido como Parque Antártica), o Palmeiras havia vencido o Grêmio por 3 a 1. Portanto, o Grêmio buscava o placar favorável de 2 a 0, no estádio Olímpico Monumental, para passar à final da competição. Contudo, saiu em desvantagem no marcador, quando o defensor palmeirense Cláudio marcou 1 x 0 numa cobrança de falta logo no início da etapa complementar. O centroavante gremista Jardel, com um chute forte no canto direito do goleiro Velloso, e o atacante Zé Alcino, cabeceando uma bola cruzada por Paulo Nunes, puseram o Grêmio na frente no placar. O Grêmio precisava do terceiro gol para levar a partida para os pênaltis. E o gol saiu, quando Jardel aparou uma cruzamento do lateral-direito Arce. Mas o bandeirinha acusou um impedimento e o juiz, em conformidade com o auxiliar, anulou o gol – diga-se a propósito legítimo, de acordo com as imagens analisadas pela televisão, fato que acirrou a torcida do Grêmio.

para reforçar a coesão entre os torcedores e o pertencimento ao Grêmio (DAMO, 1998, p. 160).

Em outra ocasião, durante a partida entre Grêmio e São Paulo, válida pelo triangular classificatório na primeira fase da Copa Sul-Americana de 2003, o quadro de jogadores reservas do time paulista aplicou uma goleada de 4 a 0, no estádio Olímpico Monumental. Inconformados com o placar, nove integrantes das torcidas organizadas – identificados posteriormente pela Brigada Militar como pertencentes à Super Raça e à Garra Tricolor – pularam o alambrado das arquibancadas gerais e o fosso divisório e ingressaram correndo no gramado de jogo, aos dez minutos do segundo tempo, quando o Grêmio ainda era derrotado por 3 a 0 (jornal Zero Hora, 31 de julho de 2003). A direção prometeu, no dia posterior ao jogo, punir as torcidas organizadas envolvidas na invasão de campo (*idem*).

Contudo, em 2006, os laços entre as torcidas organizadas e os dirigentes do Grêmio estremeceram, após a crise estabelecida por culpa dos eventos tentados pela torcida gremista no Grenal de número 366, realizado no Estádio Beira-Rio no dia 30 de julho de 2006, quando houve, dentre outros tumultos, a queima de banheiros químicos arremessados para a via de circulação de segurança do estádio – os fatos ocorridos neste jogo serão descritos em maiores minúcias na subseção 6.5, “A Geral do Grêmio”. A direção do Grêmio, tendo em exercício o Presidente Túlio Macedo, divulgou a seguinte nota oficial na entrevista coletiva realizada no dia seguinte ao jogo e no *site* do clube, após uma reunião do Conselho de Administração:

NOTA OFICIAL

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, por seu Conselho de Administração, em face do episódio ocorrido no Estádio Beira-Rio no último domingo, dia 30 de julho, promovido por parte de seus torcedores, vem a público dar conhecimento de que:

- 1) Tomou atitudes preventivas, através de seu site e da distribuição de panfletos (fato de conhecimento geral), no sentido de orientar seus torcedores e prevenir atos de violência, incentivando a participação pacífica e ordeira no espetáculo público.
- 2) Repudia veementemente os atos de vandalismo cometidos, que, embora estejam situados dentro de um contexto e possam ser explicados, de modo algum podem ser justificados.

3) Suspendeu preventivamente, por tempo indeterminado, suas torcidas organizadas, até que sejam identificados e punidos os autores dos atos criminosos.

4) Coloca-se à disposição do Ministério Público, da Polícia Civil e da Brigada Militar, por todos os meios auxiliar na identificação dos autores dos fatos, a fim de que sejam punidos na forma da lei.

5) Solicita às autoridades competentes a abertura de inquérito policial ao mesmo tempo em que dá conta da instauração de sindicância interna para averiguar a eventual participação de associados do Grêmio no episódio.

6) Coloca-se à disposição do Sport Club Internacional para, por meio de suas diretorias, tomarem providências conjuntas no sentido de evitar que fatos semelhantes voltem a ocorrer.

Porto Alegre, 31 de julho de 2006.

Túlio Macedo
Presidente do Conselho de Administração

Flávio Vaz Neto
Vice-Presidente

Jorge Bastos
Vice-Presidente

Carlos Josias Menna de Oliveira
Vice-Presidente

Marco Antônio Scapini
Vice-Presidente

Reinaldo Lopes
Vice-Presidente

Fonte: *Site* oficial do Grêmio FBPA.

Outra medida adotada pela cúpula diretiva foi lacrar, “por tempo indeterminado”, as portas da sala destinada à Jovem, à Super Raça e à Garra Tricolor, no Estádio Olímpico¹¹³.

Os eventos ocorridos no Grenal 366 se mostraram emblemáticos do ponto de vista do controle público da segurança nos estádios porto-alegrenses. Motivada pela contenção da violência entre as torcidas de futebol, foi constituída uma comissão de trabalho, formada por membros do Ministério Público Estadual, da Brigada Militar, da Polícia Civil, da Federação Gaúcha de Futebol e dos clubes Grêmio e Internacional, com o propósito de analisar e estabelecer, através de oito reuniões, medidas que refreassem atos violentos como aqueles protagonizados pelos torcedores da dupla Grenal. Já no Grenal 367, ocorrido em 5 de novembro

¹¹³ **DIREÇÃO lacra sala das torcidas organizadas.** *Site* oficial do Grêmio FBPA. Disponível em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=616>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

de 2006 no Estádio Olímpico e válido pelo retorno do Campeonato Brasileiro, foram adotadas uma série de medidas: a) restrição de bilhetes destinados às torcidas organizadas, b) funcionamento de uma Delegacia de Polícia no entorno do estádio, com manutenção de uma estrutura necessária para a detenção daqueles que estivessem perturbando a ordem e a tranquilidade, c) cadastramento da torcida visitante, com a formação de um banco de dados digital compartilhado entre as administrações dos clubes, d) utilização de bafômetros nos portões do estádio, evitando a entrada de torcedores embriagados, e e) manutenção de uma lona escura na divisória entre as torcidas local e visitantes, inibindo as provocações entre os adversários¹¹⁴. Além disso, as direções de ambos os clubes resolveram, de comum acordo, que “a partir de agora o clube visitante é que será o responsável pelo pagamento de eventuais despesas provocadas por depredação ocasionada por suas torcidas na casa do rival” (*idem*). Sobrevieram, ainda, a instalação de câmeras de vigilância nos estádios e a numeração de ingressos para evitar superlotação.

O combate aos constrangimentos físicos perpetuados pelas torcidas organizadas nos estádios ganhou novo fôlego quando, da aproximação entre o Conselho Nacional dos Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União (CNPGE) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no início de março de 2007, foi chancelado um Protocolo de Intenções entre as duas entidades, com vistas a prevenir e reprimir a violência no futebol. A partir daí, passariam a vigorar uma série de medidas, incorporadas gradualmente pelas federações locais de futebol¹¹⁵. No Rio Grande do Sul, foram adotadas medidas preventivas como o fim da distribuição gratuita de ingressos para as torcidas organizadas, cadastramento e maior controle sobre as torcidas organizadas de cada clube e manutenção de uma lista atualizada dos torcedores impedidos de frequentar os estádios de futebol por força de decisão judicial.

No primeiro dia de abril de 2008, foi sancionada, no Palácio Piratini, em Porto Alegre, a lei proibitória da venda e consumo de bebidas alcoólicas nos estádios e ginásios (com mais de

¹¹⁴ GRECELLÉ, Ricardo. *Medidas para buscar a paz no futebol*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 31 out. 2006. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id9570.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

¹¹⁵ GRECELLÉ, Ricardo. *Debatido protocolo para banir violência*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 5 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id10457.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

cinco mil lugares) do Rio Grande do Sul¹¹⁶. Pouco menos de um mês depois, a lei se estendeu para todos os estádios do país, num adendo ao Protocolo de Intenções do CNPG e da CBF¹¹⁷, que deliberava o veto ao consumo e à venda de bebida alcoólica no interior dos estádios que sediassem eventos esportivos decorrentes de qualquer competição coordenada pela CBF, prevendo que qualquer pessoa flagrada portando ou consumindo bebida alcoólica dentro do estádio deveria ser imediatamente retirada e, caso apresentasse sinais de embriaguez ou de estar sob o efeito de entorpecentes causando eventuais tumultos, seria encaminhada ao Juizado Especial Criminal¹¹⁸. Os Juizados Especiais Criminais também foram instalados nos estádios porto-alegrenses naquele mesmo abril, a fim de atender as ocorrências nas dependências do clube e imediações, facilitando o acesso à Justiça e a celeridade no processo¹¹⁹.

No entanto, as normativas não conseguiram extirpar a violência nos estádios de Porto Alegre. Com pequenos núcleos reagrupados nas arquibancadas, os torcedores organizados da Super Raça, da Jovem e da Máfia Tricolor mantiveram a frequência aos estádios. Segundo a coleta de informações dos repórteres da Rádio Gaúcha, as torcidas mantiveram sítios de reuniões até mesmo na região metropolitana de Porto Alegre – caso da Máfia Tricolor, que se encontrava na Vila Elo Perdido, no município de Canoas. Outro grupo de torcedores da Super Raça estava baseado no bairro Cidade Baixa, na capital gaúcha¹²⁰. Mostras da “reorganização” das facções foram dadas quando, no dia 16 de novembro de 2008, na partida entre Grêmio e Coritiba, válida pelo Campeonato Brasileiro, uma briga entre torcidas do Grêmio vitimou dois rapazes, baleados nos arredores do Estádio Olímpico Monumental¹²¹. Os torcedores feridos eram componentes da

¹¹⁶ ROMAIS, Celio. *Sancionada lei que proíbe álcool nos estádios*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 29 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id14027.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

¹¹⁷ NUNES, Marco Aurélio. *Bebidas estão proibidas nos estádios*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 1 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id13771.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

¹¹⁸ NUNES, Marco Aurélio. *Protocolo veda bebidas nos estádios*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id13999.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

¹¹⁹ PFEIFER, Marcos Almeida. *Juizados Especiais Criminais nos estádios*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 3 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id13787.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

¹²⁰ MARTINS, Cid; FARINA, Jocimar & ALMEIDA, Fábio. *Violência Futebol Clube – Das torcidas organizadas para as Barra Bravas*. Clic Esportes. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,1478770,Violencia-Futebol-Clube-Das-torcidas-organizadas-para-as-Barra-Bravas.html>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

¹²¹ GRECELLÉ, Ricardo. *Violência entre torcidas: debate no RJ*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id16306.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.

Máfia Tricolor, enquanto a autoria dos disparos foi imputada a um torcedor da então maior torcida (não-organizada) do clube: a Geral do Grêmio.

6.5 A GERAL DO GRÊMIO

Emergida após os embargos incutidos pelo Ministério Público às torcidas organizadas de São Paulo na década de 90 e expandida em meio à criação do Estatuto do Torcedor, a torcida Geral do Grêmio surgiu no ano de 2001. Movidos por um descontentamento com a torcida organizada da qual faziam parte – a Torcida Jovem do Grêmio –, cerca de doze torcedores abandonaram a organizada e foram se reunir para torcer pelo Grêmio no setor do Estádio Olímpico Monumental localizado atrás de uma das balizas. Ali se localiza a arquibancada geral do estádio, setor popular e com ingressos vendidos a preços módicos. Assim, aos vinte e um dias do mês de outubro daquele ano, criou-se a Geral do Grêmio. Paulo Ricardo Pereira Saldanha, o “Paulão” – um dos idealizadores e fundadores da torcida –, afirmou:

No Brasil as torcidas têm um defeito muito grande: só torcem quando a equipe entra em campo e quando há um gol. Então [...] não queríamos isso e fomos por nossa conta. Localizamo-nos atrás de um arco, começamos a ir ao estádio com a camiseta do clube – não com a da torcida como se costuma aqui – e decidimos fazer como na Argentina: por mais que o Grêmio perca de goleada, seguimos alentando¹²² (*apud* PLUGEL, 2006, s.n).

Outro fundador da Geral, Marçal Alves dos Santos, acrescenta uma motivação que conduziu à criação de tal torcida: “Queríamos torcer de forma visceral, o que era impossível através do ‘modelo brasileiro’ de torcer. O Rio Grande do Sul tem uma cultura mais próxima dos argentinos e uruguaios que dos brasileiros” (BEHS, 2009, p. 76). A nova filosofia de torcer era embasada pelo apoio incondicional ao time, mesmo que o jogo ou o placar fosse desfavorável ao Grêmio. Como modelo de inspiração, inicialmente, estava a torcida dos argentinos do River Plate (*idem*). “Paulão” comentou sobre suas experiências pessoais e a influência argentina:

Na tribuna do Grêmio, vêem-se muitas camisetas do Boca [Juniors]. Agrada-me Racing [Club], pelas cores e porque a torcida é fiel apesar de não ganhar nunca. Por exemplo, uma vez fui ver a Academia em Avellaneda e, apesar do River

¹²² Traduzido livremente pelo autor, uma vez que o texto está transcrito em espanhol, por se tratar de uma publicação argentina.

[Plate] ganhar com baile, as pessoas não paravam de cantar. Isso me fez chorar (*apud* PLUGEL, 2006, s.n.).

Consoante a isto, as primeiras músicas entoadas pelo novo grupamento de torcedores eram cânticos executados nas canchas da Argentina, adaptados ao português (*idem*), mas proferidos com a manutenção de um forte sotaque espanhol, como explica “Paulão”:

No início, tomamos como referência muitas canções que se cantam lá [na Argentina] e passamos para o português. Depois adaptamos canções populares daqui, como Roberto Carlos, e até canções do Led Zeppelin ou Pink Floyd. Buscamos manter o ritmo do bumbo argentino porque a batucada brasileira não serve para o futebol (*idem*, s.n.).

Pode-se perceber a presença de alguns termos conservados em espanhol – ou derivados desta língua – nas músicas da Geral, a saber:

Eu vivo bebendo sempre **borracho**
 E o tele-entulho já foi chamado
 O descontrole já esta formado
 Grêmio, te dou a vida por este campeonato
 (Fragmento da música *Vou Torcer pro Grêmio Bebendo Vinho*, da Geral do Grêmio)

Eu sou **borracho**, sim senhor
 E bebo todas que vier
 Canto pro meu tricolor
 Meu único amor
 (Fragmento da música *Eu sou borracho, sim senhor*, da Geral do Grêmio)

Dale Grêmio, **dale dale** Grêmio
Dale grêmio, **dale** sem parar
 Esta **noche**, custe **lo** que custe
 Esta noite te **quiero** ver ganhar
 (Fragmento da música *Custe o Que Custe*, da Geral do Grêmio)

Figura 9 – Faixa em espanhol estendida no Estádio Olímpico Monumental



Fonte: Blog Feerdi.

Figura 10 – A apropriação do idioma castelhano nas arquibancadas do Estádio Olímpico



Fonte: Blog Tricolor.

Figura 11 – A valorização do portenho em detrimento do brasileiro



Fonte: Site Clic RBS.

Através das palavras de um dos edificadores da Geral do Grêmio, é possível perceber uma das marcas sonoras da torcida: o emprego do som hermético e monótono do bumbo, em franca substituição à batucada carnavalesca das organizadas, acompanhado pelo vai-vem dos braços estendidos na hora de cantar e pular (PLUGEL, 2006). A torcida adotou ainda, como ornatos, as barras – pedaços de pano compridos e finos posicionados transversalmente na arquibancada, afixados no anel superior e estendidos até o final da marquise mais baixa do estádio – e os “trapos”, bandeiras menores, sem mastro e com inscrições alusivas aos sentimentos pelo clube, por seus feitos e jogadores/treinadores históricos. Somou-se a isso o uso de forte aparato pirotécnico – com emprego de sinalizadores, fogos de artifício, rojões, bombas de fumaça, etc. –, além da utilização de bobinas de papel, rolos de papel higiênico, papéis picados e bandeirolas.

Figura 12 – A Geral do Grêmio: os trapos, as barras e as bandeirolas



Fonte: *Site Ducker*

Figura 8 – A Geral do Grêmio: a pirotecnia



Fonte: *Site Ducker*.

Figura 13 – A Geral do Grêmio: comemoração nos 100 anos de Grenal



Fonte: *Site Ducker*.

Quanto ao nome, neste período de despontamento, a torcida ainda não era distinguida como Geral do Grêmio. O locutor esportivo da Rádio Gaúcha¹²³, Pedro Ernesto Denardin, alcunhou a torcida recém-formada de “Alma Castelhana”, nome amplamente difundido até o momento em que a torcida se assumiu oficialmente como Geral do Grêmio. Interpelado sobre o uso de tal nome, o radialista teceu conjecturas, afirmando:

Temos muito em comum com os argentinos, eles são gaúchos, nós somos gaúchos, comemos churrasco e tomamos chimarrão como eles. É natural que nosso futebol também tenha traços dos *hermanos*. [...] E a alma castelhana¹²⁴

¹²³ Estação de rádio porto-alegrense, pertencente ao grupo de mídia RBS (Rede Brasil Sul), ao qual também pertence o Jornal Zero Hora.

¹²⁴ Castelhana, segundo Mancing (2004), era o dialeto espanhol falado na Espanha Central, composta por Castilla la Vieja e Castilla la Nueva – reinos que ocupavam o território central da Península Ibérica –, e que converteu-se na língua oficial do país e a língua primária de sua literatura. Levado para as Américas, é a língua falada nos países platinos fronteiriços ao Brasil (Argentina e Uruguai) e o termo é utilizado correntemente em alusão ao que provém destas nações.

representa um pouco do clube, que construiu sua história com times mais pegadores que técnicos (BEHS, 2009, p.76).

O discurso de Denardin, longe de ser excepcional, apresenta fortes precedentes, pois por diversas vezes é evocada uma forte aproximação entre o futebol praticado em solo gaúcho e aquele jogado nos países platinos, o que acaba se estendendo e implicando sobre a torcida. Plugel (2006), jornalista da revista argentina *Un Caño*, cita, de maneira pouco imparcial e sem grande fundamento científico que a

[...] raiz desta identificação futebolística com o *hincha* argentino está ligada a razões culturais que fazem com que o gaúcho esteja, muitas vezes, mais próximo da idiosincrasia do portenho do que do carioca ou do paulista; no Rio Grande do Sul, durante o inverno, faz muito frio, enquanto que no norte é verão sempre; no Rio de Janeiro as pessoas tomam água de coco na praia; no sul, a bebida preferida é o mate, conhecido como chimarrão (s.n.).

Sem embargo, Mascarenhas (2000) encontra embasamento substancial na história da introdução do futebol no Rio Grande do Sul, a fim de explicar esta aproximação, excedendo o simplismo e o empirismo para examinar aspectos que transcendem a vulgaridade das semelhanças entre o clima e os costumes. O autor percorre os meandros do passado do Rio Grande do Sul, apontando que a região, desatrelada que estava dos interesses agro-mercantis do restante do Brasil colonial, historicamente apresentou organização espacial muito semelhante aos demais países platinos, pois no início do século XVIII baseava-se economicamente na atividade pastoril rudimentar (preia do gado em vastas planícies) e oferecia à vista escassos núcleos urbanos e imensas estâncias (espaços sob instável e precária ocupação do homem), configurando-se numa paisagem muito próxima àquelas vistas na Argentina e no Uruguai. Há um estreitamento nestes laços quando, em 1828, foram aplicadas, de forma definitiva, as fronteiras internacionais entre Brasil e Uruguai, o que deflagrou o processo de contrabando do gado, livre de impostos e facilitado pela falta de fiscalização por parte de um Uruguai desorganizado e assolado por conflitos com a Argentina (*idem*). Assim, a região da Campanha Gaúcha desponta populacional e economicamente, tendo como expoentes os municípios de Rio Grande e Pelotas – localidades onde o futebol irá ascender com força no Rio Grande do Sul num primeiro momento –, cujo desenvolvimento sobrelevou o da capital Porto Alegre à época. O enlace platino é intensificado com a ampliação da malha ferroviária uruguaia até as fronteiras brasileiras, o que propiciou a

utilização do porto de Montevideu por parte dos pecuaristas gaúchos. Criou-se ali o que o autor chama de “unidade platina”, sendo o Pampa sul-rio-grandense uma região homogênea em relação à economia, à demografia, aos hábitos e costumes culturais – com ênfase para o uso dos mesmos trajes e do mesmo linguajar. Posto isto, a rota de penetração do futebol no Rio Grande do Sul se dá pelas cidades fronteiriças de Uruguaiana (que faz a tríplice fronteira entre o Brasil, Argentina e Uruguai) e Santana do Livramento (fronteira artificial com a cidade uruguaia Rivera), por “efeito cascata”: uma vez que o futebol se disseminou rapidamente na próspera capital argentina (trazido pelos ingleses que desembarcavam no porto de Buenos Aires) ao final do século XIX, os uruguaios, cuja rivalidade com a Argentina era intensa, reagem rapidamente, difundindo o futebol como exercício atlético e forma de propiciar à “raça latina” força e confiança (ROCCA, 1990 *apud* MASCARENHAS, 2000). Por conseguinte, o futebol se espraia para além destes países, adentrando o solo gaúcho pela região fronteiriça e se alastrando pela Campanha Gaúcha, transportado pela linha férrea até os grandes centros de Rio Grande e Pelotas (MASCARENHAS, 2000).

De qualquer modo, deve-se registrar aqui a declaração de “Paulão”, intimamente ajustada ao discurso sobredito:

Este estilo de torcida não creio que se expanda pelo Brasil porque as outras equipes não têm o espírito guerreiro do Grêmio, uma equipe que joga feio, agüenta atrás, distribui patadas e está longe do jogo bonito. Nós, como torcedores, temos este espírito, mas isso não acontece com as equipes cariocas, paulistas e do nordeste. Somos distintos a elas.

Imbuído do sentimento de separatismo, Paulo Ricardo Saldanha traz à lembrança que não se sente brasileiro, mas gaúcho, estando o Brasil mais ao norte da “República Rio-Grandense do Sul”¹²⁵; além disso, salienta seu pertencimento a um estado que lutou pela independência no século XVIII e se orgulha por se sentir diferente de todo o resto do Brasil, distante da imagem de alegria e carnaval, sentimento que afirma estar arraigado nos torcedores que seguem a Geral do Grêmio (PLUGEL, 2006).

¹²⁵ Dizeres estampados no brasão que compõe a bandeira do estado do Rio Grande do Sul.

Figura 14 – A Geral do Grêmio: a bandeira do Rio Grande do Sul



Fonte: *Site Ducker*.

Figura 15 – A Geral do Grêmio: a “República Rio Grandense”



Fonte: *Site Ducker*.

6.5.1 O “encorpamento” do espetáculo

O movimento tomou novos contornos, à medida que maior número de torcedores passou a ocupar o espaço onde outrora apenas doze indivíduos romperam com um paradigma nacional das torcidas, intimamente ligadas ao samba e ao carnaval – aquilo que chamavam de “modo brasileiro” de torcer. A Geral arrebanhava cada vez mais adeptos. Outra manifestação “importada” das torcidas castelhanas foi a *avalanche*, ritual de comemoração dos gols onde a torcida desce correndo os degraus da arquibancada geral até o limite inferior do setor popular, avançando como uma massa humana, coesa e homogênea. Plugel (2006) apresenta a preocupação por parte do Grêmio com as conseqüências catastróficas que a avalanche poderia trazer, caso ocorresse um acidente, de forma que “a Comissão Dirigente do clube teve que reforçar a parede que separa a tribuna do fosso de água para que não cedesse ante a pressão de milhares de pessoas desenfreadas carreira abaixo ao festejar” (s.n.). Esta comemoração, até então original nas canchas brasileiras, há muito já faz parte da saudação aos gols marcados por diversas *hinchadas*¹²⁶ latinas, como é o caso de *La Guardia Imperial* (também conhecida como *La N° 1*, da equipe argentina *Racing Club*), *La Caterva Aurinegra* (do clube uruguaio *Peñarol*) e *Guarda Albirroja Sur* (do *Independiente Santa Fé*, da Colômbia).

Porém, 2005 foi o ano cuja projeção da torcida sobejou. Dois fatores – intimamente relacionados – parecem contribuir fundamentalmente para o massivo assentimento dos torcedores à Geral do Grêmio. O primeiro, a ascensão à presidência do Grêmio por parte de Paulo Odone de Araújo Ribeiro, em seu terceiro mandato. Paulo Odone foi o primeiro presidente eleito pelo voto direto na história do clube e promoveu rápida aproximação com os membros da Geral, praticamente concomitante à ocupação de sua terceira vez no cargo. Segundo “Paulão”, “o presidente Paulo Odone sempre manteve a porta aberta para a interação, apostando numa torcida desacreditada por outras diretorias”¹²⁷. Bruno Ortiz, outro freqüentador da Geral, expressa opinião igualmente favorável à direção de Paulo Odone, salientando que

¹²⁶Do espanhol, torcidas. Carmona & Poli (2006) explicam a origem do termo *hincha* (torcedor), que deriva do verbo *hinchar*, ou seja, inchar, inflar: “A origem da expressão vem de um sapateiro uruguaio. Prudencio Miguel Reyes era um torcedor fanático, que inflava (ou “inchava” os balões do Nacional de Montevideú, e se destacava pelos berros de ‘*Arriba Nacional*’ nos jogos do time. Como muitos curiosos perguntavam quem era aquele sujeito, a resposta ‘*el que hincha los balones*’ acabou mudando o sentido do verbo. E Prudencio se tornou o primeiro *hincha*” (p. 167).

¹²⁷ **GERAL aprova Grêmio**. Site oficial do Grêmio FBPA. Disponível em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=3298&language=0>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

a direção atual derrubou barreiras impostas, permitindo o crescimento da torcida, além de promover um bom entendimento entre as partes, facilitando também na relação com a Brigada Militar. "O que mudou foi que a direção do Odone e a Brigada resolveram nos escutar. O resultado é que a festa é mais bonita", cita. Conforme Bruno, a torcida está mais forte e participativa que nunca (*idem*).

O segundo fator, a disputa – e conquista¹²⁸ – da Série B do Campeonato Brasileiro, considerada um desprestígio para qualquer clube brasileiro. O clube e a Geral do Grêmio promoveram esforços para incitar os torcedores a auxiliar o Grêmio na caminhada de retorno à primeira divisão¹²⁹ do Campeonato Brasileiro. Além disso, é importante salientar a forma como foi conquistada a taça da Série B. O retorno do Grêmio à primeira divisão do futebol nacional se deu num jogo considerado por muitos como um feito épico (CARMONA & POLI, 2006). Jogando como visitante no Estádio dos Aflitos contra o Clube Náutico Capibaribe em 26 de setembro de 2005, em partida válida pela última rodada do Campeonato Brasileiro Série B de daquele ano, o Grêmio se sagrou campeão ao derrotar o time da casa por 1 x 0, após uma seqüência extraordinária de fatos: a) aos trinta e um minutos do primeiro tempo, Bruno Carvalho, lateral do Náutico, desperdiçou um pênalti, cobrando-o na trave; b) aos trinta minutos da segunda etapa, o lateral gremista Escalona foi expulso após receber o segundo cartão amarelo, por colocar a mão na bola; c) quatro minutos depois, foi assinalado um pênalti a favor do Náutico, após a bola tocar o cotovelo do volante Nunes, do Grêmio; d) o árbitro Djalma Beltrami foi cercado e agredido, numa confusão que durou mais de vinte minutos e resultou na expulsão de três

¹²⁸ O retorno do Grêmio à primeira divisão do futebol nacional se deu num jogo considerado por muitos como um feito épico (CARMONA & POLI, 2006). Jogando como visitante no Estádio dos Aflitos contra o Clube Náutico Capibaribe em 26 de setembro de 2005, em partida válida pela última rodada do Campeonato Brasileiro Série B de daquele ano, o Grêmio se sagrou campeão ao derrotar o time da casa por 1 x 0, após uma seqüência extraordinária de fatos: 1) aos trinta e um minutos do primeiro tempo, Bruno Carvalho, lateral do Náutico, desperdiçou um pênalti, cobrando-o na trave; 2) aos trinta minutos da segunda etapa, o lateral gremista Escalona foi expulso após receber o segundo cartão amarelo, por colocar a mão na bola; 3) quatro minutos depois, foi assinalado um pênalti a favor do Náutico, após a bola tocar o cotovelo do volante Nunes, do Grêmio; 4) o árbitro Djalma Beltrami foi cercado e agredido, numa confusão que durou mais de vinte minutos e resultou na expulsão de três jogadores (o zagueiro Domingos, Nunes e o lateral Patrício), ficando o Grêmio com sete atletas em campo; 5) o pênalti cobrado pelo lateral Ademar, do Náutico, e defendido com os pés por Galatto, guarda-metas da equipe tricolor, aos cinquenta e nove minutos do segundo tempo; 6) aos sessenta minutos de jogo, o zagueiro capibaribe Batata é expulso, após cometer uma falta no meio-campo Anderson; 7) na seqüência do lance, a falta foi cobrada rapidamente e o mesmo Anderson, após receber a bola, entrou na área, passou por dois adversários e, chutando para o gol, consolidou a vitória do Grêmio, num jogo que se encerraria somente aos sessenta e nove minutos do segundo tempo.

¹²⁹ Vale dar vulto aqui à grave desonra que parece ser o fato de um clube disputar a Série B do Campeonato Brasileiro. Os termos “rebaixamento” e “queda” são utilizados para descrever a passagem do time desacreditado a jogar na Série A, considerada a elite do futebol brasileiro, para a Série B. Não obstante, em Porto Alegre, o feito gremista de disputar a segunda divisão nacional por duas vezes – em 1992 e em 2005 – é tema recorrente nas manifestações zombeteiras dirigidas à torcida do Grêmio por parte dos torcedores colorados, que, repetidamente entoam a plenos pulmões o grito “Áo, ão, ão, Segunda Divisão!” nos clássicos Grenais.

jogadores (o zagueiro Domingos, Nunes e o lateral Patrício), ficando o Grêmio com sete atletas em campo; e) o pênalti cobrado pelo lateral Ademar, do Náutico, e defendido com os pés por Galatto, guarda-metas da equipe tricolor, aos cinquenta e nove minutos do segundo tempo; f) aos sessenta minutos de jogo, o zagueiro capibaribe Batata é expulso, após cometer uma falta no meio-campo Anderson; g) na seqüência do lance, a falta foi cobrada rapidamente e o mesmo Anderson, após receber a bola, entrou na área, passou por dois adversários e, chutando para o gol, consolidou a vitória do Grêmio, num jogo que se encerraria somente aos sessenta e nove minutos do segundo tempo.

Logo, naquele ano o presidente Paulo Odone já realiza a primeira ação que convergiria os interesses da comissão dirigente e da torcida, harmonizando-os. O mesmo “Paulão” faz referência à inteligente manobra de Odone, ao destacar

a sensibilidade do presidente que, em 2005, aprovou a colocação de uma catraca no portão 10 (principal acesso da Geral) para os sócios. Isto motivou uma campanha de associação entre os torcedores que freqüentam o espaço, resultando numa grande adesão dos mesmos (*idem*).

Antes da iniciativa do presidente gremista, os sócios do clube só podiam ingressar no setor das sociais do estádio, não lhes sendo facultado o direito de ocupar as arquibancadas gerais. Com a instalação das catracas no portão 10, os sócios poderiam optar pela ocupação de um ou outro setor.

A empolgação da torcida com a Geral e com o time, permeada pela nova direção, foi comemorada pelo presidente Odone, que colheria os dividendos de seu novo manejo à frente do clube já no final daquele ano. Conforme reportagem veiculada no jornal Zero Hora, estampada pela manchete *O 12º jogador*, que exaltava a importância da torcida ao longo do ano, “nos 13 jogos da segunda divisão no Olímpico, o Grêmio contou com um total de 272.371 torcedores (média de 20.952 torcedores a cada partida), o que rendeu ao clube um total de R\$ 3,1 milhões em bilheteria”¹³⁰. Pode-se acrescentar, nesta conta, toda a receita do clube advinda do novo volume de associações, da mensalidade paga por estes novos sócios e da venda de camisetas e demais produtos licenciados pelo clube. Conforme dados fornecidos pelo supervisor do quadro social do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, Ben-Hur Caballero, seguem os números relativos aos sócios do clube a cada ano, tomando como marco o mês de junho:

¹³⁰ BEHS, Leandro. O 12º jogador. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 18 nov. 2005.

Figura 16 – Quadro com o número de sócios do Grêmio FBPA por ano

Ano	Número de Sócios
2001	14.418
2002	15.046
2003	15.423
2004	15.511
2005	18.543
2006	23.082
2007	52.455
2008	46.263

Fonte: Quadro Social do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

6.5.2 A Geral do Grêmio sob o foco midiático: torcida organizada, firma ou hinchada?

A partir desta avultança da Geral do Grêmio, a torcida foi posta em foco pelos suportes gaúchos de difusão da informação, com ênfase para as notícias veiculadas na mídia impressa. O primeiro acontecimento exaustivamente propagado nos meios de comunicação parece ter sido aquele ocorrido no Grenal de número 366, realizado no estádio Beira-Rio no dia 30 de julho de 2006. Neste incidente, parte da torcida do Grêmio depredou, aos treze minutos do segundo tempo da partida, os banheiros químicos¹³¹ disponibilizados na área do estádio destinada à torcida tricolor e, após arremessá-los para a via de circulação de segurança do estádio (espécie de fosso seco que, antigamente, servia de arquibancada para os torcedores colorados e era conhecido como “coréia”), os torcedores inflamaram as cabines sanitárias. Além disso, foram registrados outros episódios violentos antes mesmo da partida começar – caracterizados pela quebra de roletas e

¹³¹ O banheiro químico – também conhecido como sanitário compostável, sanitário portátil, banheiro seco, banheiro biológico ou banheiro ecológico – é uma cabine plástica para uso individual, comumente moldada em cerca de 2,1 metros de altura por 90 cm de largura, utilizada em eventos que contam com a presença de grandes turbas (ALVES, 2009). Fonte: ALVES, Bárbara Samartini Queiroz. *Banheiro seco: análise da eficiência de protótipos em funcionamento*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Tese de Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

catracas eletrônicas, janelas de vidro e danificação do refeitório das categorias de base do Internacional – e no primeiro tempo, quando gremistas investiram com ímpeto contra os torcedores colorados após derrubarem a grade que separava as duas torcidas, sendo contidos pela tropa de choque da Brigada Militar, após enfrentamento entre policiais e torcedores (marcado pelo arremesso de pedras e bombas por parte da torcida)¹³². Alguns integrantes da Geral, posteriormente, foram reconhecidos e indiciados como partícipes¹³³ naquilo em que o *site* oficial do S. C. Internacional classificou como um “ato de barbárie, indigno para uma torcida de futebol”.

Figura 17 – Quebra da grade de separação de setores por parte da torcida gremista



Fonte: *Site* oficial do S. C. Internacional.

¹³² **EMPATE no clássico tumultuado.** In: *Site* oficial do Sport Club Internacional. 30 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=2&setor=18&codigo=3563>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

¹³³ **LÍDER de torcida do Grêmio detido por tiros contra estádio do Inter.** UOL Esporte. 7 jul. 2008. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/07/07/ult59u163333.jhtm>>. Acesso em 6 ago. 2010.

Figura 18 – A incineração dos banheiros químicos no Grenal 366



Fonte: *Site oficial do S. C. Internacional.*

Figura 19 – A tentativa de contenção das chamas



Fonte: Banco de dados de Zero Hora.

Outro fato que merece vulto nesta senda de notícias veementemente divulgadas acerca da violência promovida por torcedores ligados à novel torcida gremista é a agressão ao então ex-presidente do *Sport Club Internacional*, Fernando Carvalho, e a um cinegrafista da RBS TV, imputada a membros da Geral do Grêmio – a agressão ao cinegrafista foi atribuída a outra liderança reconhecida da Geral, Rodrigo Marques Rysdyk (o “Alemão”) – no saguão do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, no dia 17 de janeiro de 2007¹³⁴.

Sobre Rysdyk, cumpre observar mais detidamente alguns aspectos de sua distinta posição na torcida, proeminente numa cadeia hierárquica informal e invisível que rege a Geral do Grêmio. “Alemão” aparece num documentário bretão, datado de 2007, cujo olhar recai sobre as torcidas de futebol do mundo inteiro, enfatizando a violência executada pelas mesmas. No filme, “Alemão”, com o rosto coberto pela camisa tricolor do Grêmio e por um boné, pondera sobre aspectos por ele estimados, após o entrevistador apresentar os torcedores da Geral do Grêmio como um grupo que se considera diferente de todas as outras torcidas brasileiras, tenciona ser independente do restante do Brasil, não possui uniformes, não estima o samba, mas gosta de beber:

Então *vamo* [sic] colocar três coisas: futebol, briga [para] defender o seu time e álcool. O Grêmio é o mais importante, mas o Grêmio, acompanhado de uma boa cerveja, e quebrar uns colorados e uns corinthians também é muito bom. [...] O Grêmio é minha religião, o Grêmio é minha vida. Sem o Grêmio eu não sou ninguém¹³⁵.

A entrevista tem continuidade quando o ator e repórter inglês Danny Dyer, ao explicar que, em todas as outras localidades em que esteve no Brasil, acabou ouvindo batidas, baterias e samba nas torcidas, interpela “Alemão” sobre onde estão estes componentes na Geral do Grêmio. “Alemão” não tarda a utilizar o discurso que parece ser consenso dentre os expoentes da Geral do Grêmio: “O Grêmio é diferenciado por isso, pelo seu povo. O nosso povo... A gente não é separado territorialmente, mas a gente é separado culturalmente” (*idem*). Atrás de “Alemão”, um grupo de torcedores escuta as palavras e, dentre eles, destaca-se a outra legitimada liderança, “Paulão”.

¹³⁴ **SUSPEITO nega agressão a Fernando Carvalho**. Site clic Esportes. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,1402482,suspeito-nega-agressao-a-fernando-carvalho.html>>. Acesso em 6 ago. 2010.

¹³⁵ In: **FOOTBALL Hooligans International**. Direção: Carl Callam & Daniel Riley. Intérprete: Danny Dyer. Reino Unido: Zig Zag Productions, 2007. 1 DVD (90min), son., color.

Mesmo dentro de uma torcida classificada como informal, como é o caso da Geral do Grêmio, onde não vigora um quadro de associados à torcida (fundamental às organizadas) e não há controle sobre os frequentadores do espaço ocupado pela torcida (numa espécie de “livre adesão”), parece subsistir um “organograma” invisível que permite a manutenção da relação entre comandantes e comandados, seja na criação das músicas, na formação de uma banda para tocar os instrumentos e ditar o canto e a coreografia do restante da torcida, na organização das viagens na condição de torcida visitante ou mesmo nas manifestações de protesto junto à diretoria e ao quadro de jogadores. Vigora a mesma característica que Pimenta (2004a) ressalta na organização dos *hooligans* europeus:

Um aspecto importante da organização de tais grupos é o contexto autoritário em que têm lugar as relações sociais, com base na “lei do mais forte” e em ideologias extremadas. No cotidiano, observam-se padrões inflexíveis e pouco democráticos de alianças e sociabilidade, com discursos defendendo diferenças sociais, raciais etc. intimamente associados à xenofobia tão em pauta na Europa (p. 256).

Até mesmo a tentativa de qualificar a torcida Geral do Grêmio acaba por ser frustrada, ao estacionar sobre a intersecção entre os conceitos de *torcidas organizadas*, *firma* e *hinchada*, não encontrando solo seguro para inscrevê-la unicamente num destes grupos de torcedores, pois parece, desde seu início, reunir alguns elementos destas três categorizações de torcida. Amaral (2008) cita a manutenção de bandeiras e faixas que exaltem o nome da Geral do Grêmio e o posicionamento constante na mesma área do estádio como aproximações com as torcidas organizadas. Porém, o fato de buscar um relativo anonimato de seus torcedores, bem como de suas ações – pela presença exclusiva da camisa do clube em detrimento dos uniformes próprios da torcida –, e a desburocratização na estrutura da torcida enquadram a Geral num perfil mais próximo dos *hooligans*, que “[...] são confundidos com os demais torcedores, pois não utilizam símbolos específicos, relacionados com a ‘firma’¹³⁶ a que estão vinculados” (PIMENTA, 2004a,

¹³⁶ A “firma” é o agrupamento de *hooligans* em torno de um chefe ou comandante, respeitado por sua “capacidade individual de aglutinar, em torno de si, pessoas afins” (PIMENTA, 2004a, p. 254). Os laços iniciais entre os torcedores que formam as firmas vão além da predileção por determinado clube de futebol: dão-se, por exemplo, em virtude de uma amizade de longa data (caso dos *Blades*, firma de *hooligans* do Sheffield United) ou por culpa da proximidade entre vizinhos de uma mesma área habitacional (como o que acontece com os *Headhunters*, firma formada por *hooligans* que moram numa vizinhança nos arredores de Londres) que, a partir da identificação com os valores e estilos do grupo, pautam suas ações pelos seus ideais de masculinidade, pela auto-afirmação permeada através do emprego da violência e pelo vínculo afetivo com determinado clube de futebol (idem).

p. 256); no “[...] cotidiano, na maioria dos casos, agem como pessoas comuns, que tem família e trabalham, mas, ‘aos sábados’, quando tradicionalmente são disputados os jogos dos campeonatos na Inglaterra, por exemplo, transformam-se em ‘incendiários’ e ‘arruaceiros’” (*idem*). Mas a Geral não se ajusta com os ideais *hooligans*, tão disseminados nas torcidas da Europa e caracterizados pelo enfrentamento deliberado com a ordem pública e o Estado (TOLEDO, 1996) e pelo envolvimento em questões políticas. Sobre o envolvimento político dos *hooligans*, Murad (2007) cita que é comprovada pelas autoridades responsáveis inglesas a participação de integrantes de associações políticas de extrema direita – caso do *National Front* e do *British National Party* – nos grupos mais radicais do *hooligans*. Murray (2000) ressalta que as posturas políticas são adotadas por várias torcidas ao longo da Europa. É o caso da cidade escocesa de *Glasgow*, onde a torcida do *Celtic* é nacionalista irlandesa (e católica, pelo lado religioso), enquanto a maior parte dos torcedores do rival *Rangers* é unionista (e protestante); da torcida da *Roma* (esquerdistas) e do *Lazio* (de direita) na Itália – que, ainda, poderiam deixar de lado a animosidade e marcharem juntos em favor do neofascismo de Gianfranco Fini –; do *Real Madrid* (apoiando o franquismo) na Espanha; do *Iannis* (que cultuava o neonazismo) da Grécia; e da disputa entre o *Ferencvaros* e o MTK da Hungria (que excedem o campo político e adentram em questões raciais, uma vez que os torcedores do *Ferencvaros* dirigiam ofensas anti-semitas aos rivais do MTK, que gozavam de um passado judaico). Miguélez (2008) cita o confuso caso das torcidas dos clubes holandeses *Ajax* e *Feyenoord*. A *F-Side*, firma de *hooligans* ligada ao *Ajax* reuniu, desde seu surgimento, jovens de todas as classes e bairros de Amsterdã e, acima de tudo, foi integrada por um forte núcleo de judeus. Seus maiores rivais são os *hooligans* do *Feyenoord*, de Roterdã, tidos como alguns dos mais violentos da Europa Ocidental e que, curiosamente, se dividem em duas correntes antagônicas entre si: a primeira segue uma linha neonazista, enquanto a segunda, formada por membros dos bairros marginais do porto de Roterdã, reúne torcedores negros e antifascistas. Ainda é possível ressaltar que os *hooligans* russos, junto com os sérvios, croatas e búlgaros, estão entre os mais politizados da Europa (*idem*).

Parece, portanto e afora as comparações recorrentes¹³⁷ na imprensa, ser o caso de aproximar a Geral do Grêmio com as *hinchadas* sul-americanas – assim como o faz Amaral (2008) –, pelo discurso uníssono (de afastamento/repúdio à *atitude carnavalesca* das demais torcidas brasileiras) que provém dos líderes da torcida e/ou pelas aproximações entre o modo de

¹³⁷ Cf. MARTINS, FARINA, & ALMEIDA; BORGES; NEVES e HOFMEISTER.

torcer platino e aquele empregado nas arquibancadas do Olímpico desde 2001 (“importação” de cantos das *hinchadas*, manutenção de um sotaque portenho na entoação dos cantos, instrumentos utilizados na percussão, aparatos pirotécnicos e emprego de outros símbolos).

Figura 20 – *Los Borrachos del Tablón*, hinchada de River Plate (ARG)



Fonte: La Pagina Millonaria.

Figura 21 – A Geral do Grêmio



Fonte: *Site Ducker*.

Figura 22 – *La Manya*, hinchada de Peñarol (URU)



Fonte: *Site Barra Brava*.

Figura 23 – Geral do Grêmio: chuva de bobinas de papel



Fonte: *Site Ducker*.

Figura 24 – *La Guardia Imperial*, hinchada de Racing (ARG)



Fonte: Site Barra Brava.

Figura 25 – A Geral do Grêmio: apoio no campo suplementar de treinamento do Grêmio



Fonte: Site Ducker.

Figura 26 – *Garra Blanca*, hinchada de Colo-Colo (CHI)



Fonte: *Site Barra Brava*.

Figura 18 – A Geral do Grêmio



Fonte: *Site Ducker*.

Figura 27 – *Jugador N° 12 (La Doce)*, hinchada de Boca Juniors (ARG)



Fonte: *Site Liga Fútbol*.

Figura 28 – A Geral do Grêmio: os guarda-chuvas e as sombrinhas



Fonte: *Blog Imortal Sonho*.

6.5.3 A voz da Geral: uma análise dos cantos e xingamentos

Os cantos e xingamentos no futebol compõem um gênero discursivo intimamente ligado a uma esfera da práxis (GÁNDARA, 1997), exterior, a partir do momento em que se dirigem à realização de algo que transcende o agente/indivíduo (MORA, 2001) para, através de uma modalidade do discurso coletivo produzida e reproduzida no anonimato da torcida, deixar “[...] transluzir uma voz supra-individual que se manifesta com características de coerência e coesão, com elementos que se repetem e homogeneízam a construção discursiva, mesmo quando são produzidos por diferentes *hinchadas*”¹³⁸ (GÁNDARA, 1997). Numa lógica de reforço à tradição e à repetição ritual, os cantos dos torcedores reafirmam o pertencimento dos locutores ao grupo de inserção, bem como evidenciam a exclusão do adversário (MAINGUENEAU, 2005), numa cerimônia complexa e antagônica que transforma o futebol e os estádios numa arena ritualizada onde são cristalizadas as relações de inclusão, exclusão, humilhação, barbárie (FERREIRO 2003). Para Ferreiro, as identidades dos torcedores (*hinchas*) são virtuais, uma vez que se inserem em espaços e momentos específicos, onde operam a lógica da divisão e do enfrentamento amigo/inimigo, podendo se transformar, em determinadas circunstâncias, num choque físico real. Moreira (2007) descreve o cenário no qual se desenrola esta disputa:

À medida que se desenvolve o repertório dos cantos, ao compasso do ritmo, os *hinchas* realizam uma performance física que inclui aplausos, saltos, movimentos compassados dos braços. Através dos cantos e ações corporais, gestuais e cinéticas, os *hinchas* desafiam seus adversários a um duelo pela posse simbólica do *aguante*. Os participantes competem por se impor como os *hinchas* que mais cantam e alentam sua equipe¹³⁹ (p. 11).

Valendo-me do estudo de Gándara (1997) – anteriormente referenciado na subseção 5.2.1.2, “Os cânticos aguantadores” –, cujo enfoque recai sobre a análise do discurso e dos cantos nas canchas argentinas, busquei examinar as músicas entoadas a plenos pulmões pela Geral do Grêmio, concatenando algumas aproximações entre a fala torcedora destes gremistas e aquela produzida pelos *hinchas* platinos. É mister salientar que a Geral, assim como o fenômeno que há muito acontece na Argentina e em outros países sul-americanos, constrói cantos complexos, incorporando várias músicas, construindo canções de várias estrofes e realizando coreografias em

¹³⁸ Tradução livre feita pelo autor.

¹³⁹ Tradução livre feita pelo autor.

massa, em oposição aos cânticos de alento mais simples e concisos de outrora. Trata-se de uma prática não improvisada, mas sim bem estruturada, ensaiada e exercitada exaustivamente antes mesmo de sua execução nas partidas (ROMERO, ARAGO & SANDOVAL, 2009). Com instrumentos de percussão – como caixas, pratos e bumbos –, a banda, além de escolher quais serão as músicas orquestradas, confere ritmo e compasso às canções entoadas e as diferenças de tons vocais na execução dos cantos “também cumprem um propósito fundamental, ao enfatizar que parte da letra guarda maior importância para toda a *hinchada*” (GIL, 2007, p. 48).

Figura 29 – A Banda da Geral do Grêmio: dentro do estádio



Fonte: Site Ducker.

Figura 30 – A Banda da Geral do Grêmio: apoio fora do Rio Grande do Sul



Fonte: Site Ducker.

Figura 31 – A Banda da Geral do Grêmio: preparação para entrada no estádio



Fonte: Site Ducker.

Figura 32 – A Banda da Geral: “trago, alento, amizade” e Rio Grande do Sul



Fonte: Site Ducker.

Quanto à enunciação, é possível perceber a recorrência do uso da primeira e segunda pessoas, com variáveis de amor/alento ou ameaça/insulto, quando se destina à própria torcida/equipe ou aos contrários/“inimigos”:

Vamos, vamos, Tricolor
 Vamos a ganhar
Eu te sigo a toda parte, aonde vá [sic]
 Cada vez **te** quero mais
 (Música *Vamos, Vamos, Tricolor, Vamos a Ganhar*, da Geral do Grêmio)

Por isso **eu** quero cantar
 Grêmio de coração
 Eu te sigo a toda parte
Tu é¹⁴⁰ [sic] sempre o campeão
 Inter, te conhecemos

¹⁴⁰ Oliveira (2009) ressalta que, em Porto Alegre, as formas tu/você têm a tendência de aparecer com a mesma flexão verbal, sendo possível encontrar também uma correspondência pronominal diferente daquela proposta pela norma padrão. Faraco (1996 apud OLIVEIRA, 2009) atenta para o fato de que esta correspondência dos pronomes preconizada pela gramática normativa só ocorre no português escrito, ou seja, na língua falada (formal ou informalmente) é comum esta variação entre o sistema pronominal e sistema verbal.

Grêmio não é como **tu**
 Colorado é tudo puto
 Vai tomar nesse **teu** cu
 (Fragmento da música *Eu Só Quero Vencer Lá No Chiqueiro*, da Geral do Grêmio)

O uso da primeira pessoa se associa ao apoio a própria equipe e à intimidação/ameaça ao rival, enquanto a segunda pessoa se refere em determinadas vezes a própria equipe/torcida e em outra à equipe contrária. Gándara (1997) salienta que

[...] no caso dos [estribilhos] destinados ao bando contrário, há sempre um interlocutor privilegiado, que é o inimigo histórico que tem cada equipe, ao que sempre se dedica algum canto, independentemente que esteja presente ou não nesse momento na cancha. Há também alguns relatos que poderíamos chamar “épicas”, de enfrentamentos entre *hinchadas* realizados muitas vezes em primeira pessoa¹⁴¹ (s.n.).

No caso da Geral do Grêmio, o inimigo histórico é, logicamente, o Internacional (e sua torcida, jogadores, dirigentes, estádio, etc).

A autora postula que, por meio da análise semântica¹⁴², é possível deduzir a construção da imagem da própria equipe e torcida, bem como da equipe e torcida contrárias. No que tange à análise semântica dos insultos e das burlas presentes nos cânticos da Geral, aparecem majoritariamente aqueles onde a homossexualidade e a feminização dos adversários são utilizadas como insulto, como são os casos a seguir:

Atirei o pau no inter
 E mandei tomar no cu
 Macacada filha da puta
 Chupa rola e dá o cu
 Ei, Inter, vai tomar no cu!
 Olê, Grêmio, olê, Grêmio
 (Música *Atirei o Pau no Inter*, cantada pela Geral do Grêmio na melodia de *Another Brick In The Wall*, da banda britânica de rock *Pink Floyd*)

¹⁴¹ Tradução livre feita pelo autor.

¹⁴² A semântica é o ramo da lingüística que “estuda o significado das palavras e as modificações de sentido que elas vão sofrendo através do tempo e do espaço” (MESQUITA, 2007, p. 119). Através do estudo do significado na linguagem, permeado pela reflexão cuidadosa sobre a língua que se fala e sobre a maneira como esta é utilizada, avança-se na tentativa de construir uma teoria do significado (HURFORD & HEASLEY, 2004). Cumpre dizer também que “não é tarefa da semântica determinar padrões de correção semântica, prescrever que significados as palavras devam ter, ou como devam ser usadas. A semântica, como a lingüística, descreve” (idem, p. 20). HURFORD, James R.; HEASLEY, Brendan. *Curso de Semântica*. Tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Canoas: Editora da Ulbra, 2004. Ver também: MESQUITA, Roberto Melo. ed. 9. São Paulo: Saraiva, 2007.

Ô, balancê, balancê

Escute o que eu vou te dizer

A puta da Guarda¹⁴³ foi baleada

Pau no cú do inter

(Música *Balancê*, da Geral do Grêmio, cantada na melodia de *Balancê*, marchinha de carnaval composta por Alberto Ribeiro e Braguinha)

Jamais temer

Não somos como os putos do Inter!

(Fragmento da música *Jamais Temer*, da Geral do Grêmio)

Outros insultos freqüentes são o uso do adjetivo “amargo” (que se opõe à capacidade de festejo, à fidelidade à sua equipe e à manutenção do *aguante*) e a referência à covardia dos adversários (“Quem não canta é amargo/Nunca vai sair campeão/ Inter cagão, Inter cagão” ou “Joguem com raça/Joguem com coração/Porque isso é Grêmio/Não é time cagão”).

No rol da análise semântica das ameaças, é possível observar a ramificação destas em (a) agressão às pessoas, com ameaças de morte e outras tentativas de agressão (como correr os adversários) e (b) agressões ao espaço físico (neste caso, encontra-se basicamente o estádio do Internacional), como nestes casos:

Hoje é uma noite especial

Você não pode perder

O Inter vai morrer, o Inter vai morrer

(Música *Hoje é Uma Noite Especial*, da Geral do Grêmio)

Macaco, vai pra puta que pariu

Correram da Geral no Beira-Rio

Macaco, pra sempre tu vai lembrar

Que o Grêmio já ganhou o Mundial

Vamos, campeão

Vamos a ganhar

Que o chiqueiro eu vou queimar

Onde eu estiver, sempre estará

A Banda Louca da Geral

(Música *Macaco, Vai Prá Puta Que Pariu*, da Geral do Grêmio)

¹⁴³ A Guarda Popular Colorada, criada em 2005, é a torcida do Internacional que parece equivaler, nas arquibancadas populares do Estádio Beira-Rio, à Geral do Grêmio. Porém, segundo reportagem do jornal Zero Hora de 12 de novembro de 2006, um dos principais idealizadores da torcida, Hierro Martins, inspirou-se em posições ideológicas do líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) do México, o guerrilheiro Subcomandante Marcos, para formar a torcida. In: OLIVIER, Diogo. Inspiração em líder zapatista. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 12 nov. 2006.

A banda louca de Paulão
 A banda louca de Paulão
 A banda que invade o chiqueiro
 Queima os banheiros
 E faz confusão
 (Música *A Banda Louca de Paulão*, da Geral do Grêmio)

No campo semântico do auto-elogio, as características postas em saliência são a profundidade do sentimento, a fidelidade e o compromisso, além da constância no apoio à equipe em momentos adversos ou seguindo a equipe em todas as localidades. Desponta também a capacidade de exercer a violência, comemorando feitos triunfais neste campo.

Ô, balancê, balancê
 Escute o que eu vou te dizer
 Fernando Carvalho foi pedalado
 Pau no cu do Inter
 (Adaptação¹⁴⁴ da música *Balancê*, da Geral do Grêmio, cantada na melodia de *Balancê*, marchinha de carnaval composta por Alberto Ribeiro e Braguinha)

Somos campeões do mundo
 E da Libertadores também
 Chora, macaco imundo
 Que nunca ganhou de ninguém
 Somos a banda mais louca
 A banda louca da Geral
 A banda que corre
 Os macacos do Internacional
 (Música *Somos Campeões do Mundo*, da Geral do Grêmio)

Gremista eu sou,
 E o Grêmio é a alegria do meu coração
 É minha vida, é minha paixão
 É um sentimento sem explicação
 E a mim não interessa em que campo jogar
 Local ou visitante eu quero é ganhar
 Nem a morte vai nos separar
 Até do céu eu vou te apoiar
 (Música *Gremista Eu Sou*, da Geral do Grêmio)

Vamos, Grêmio, vamos a ganhar

¹⁴⁴ Esta música surgiu após as agressões ao então presidente do Internacional, Fernando Carvalho, ocorridas no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Sobre o termo “pedalar”, cumpre a função de gíria utilizada para designar uma espécie de chute, aplicado de cima para baixo, lembrando em parte o movimento de impulso dado ao pedal em uma bicicleta.

Eu te sigo, te sigo aonde quer que vá
 Somos a torcida louca
 Que não pára de apoiar
 O que eu te peço é para ganhar
 O que eu te peço é para ganhar
 (Música *Te Sigo Aonde Quer Que Vá*, da Geral do Grêmio)

Fui numa festa na Geral do Grêmio
 É lá que rola a festa, sim, senhor
 Rapaziada é puro sentimento
 A que mais canta pelo Tricolor
 Senti na pele aquela energia
 Quando entrei naquela multidão
 Eles não param em nenhum segundo
 É pura alma, é pura emoção
 Quase no fim da festa,
 Na avalanche louca você se perdeu
 No meio da alegria, não teve aquele que não bebeu
 E dale dale dale Tricolor
 E dale dale dale Tricolor
 Tu vais vencer, és um campeão mundial
 (Música *Whisky a Go-Go*, cantada na melodia da canção homônima, interpretada pelo grupo musical Roupas Nova)

Somos um povo de luta, sim, senhor
 Nossa história é assim
 Eu sou tricolor, sempre tricolor
 Te amo na boa e na ruim
 (Música *Na Boa e Na Ruim*, da Geral do Grêmio)

É fundamental, aqui, dar relevo à valorização destinada à Copa Libertadores da América e ao Campeonato Mundial de Clubes por parte da dupla Grenal. O campeonato mundial conquistado, referenciado na canção, trata-se da Copa Intercontinental, criada em 1960 e que, a partir de 1980, passou a ser disputada no Japão em um jogo único, com o patrocínio promocional da empresa japonesa Toyota, por isso sendo chamada de Copa Toyota (REVISTA GOOOL n. 5 / dez. 1983). Tal competição, vencida pelo Grêmio em 1983 e disputada em 1995, reunia o vencedor da Copa da Europa e o ganhador da Copa Libertadores da América (*idem*). A Copa Libertadores da América – atual Copa Toyota Libertadores – também foi criada em 1960, como forma de estabelecer um intercâmbio competitivo entre os clubes sul-americanos (CARMONA & POLI, 2006), e recebeu este nome em homenagem aos grandes heróis responsáveis pela libertação de seus países na América do Sul (NAPOLEÃO, 1999). Segundo Poli & Carmona (2006), a “[...] Libertadores é marcada pela tradição, pela rivalidade e, principalmente, pelo duelo

entre Argentina, Brasil e Uruguai, países que a dominam desde seu surgimento” (p. 233), que, somando os títulos obtidos por equipes dos três países, reúnem ao todo quarenta e quatro conquistas (vinte e duas para clubes argentinos, quatorze para brasileiros e oito para uruguaios) num total de cinquenta e uma edições do torneio. A Libertadores da América, além de reunir os melhores colocados de cada campeonato nacional dos países da América do Sul (lembrando que a partir de 1998, representantes do México também entraram na disputa), premia o campeão em dinheiro e o classifica para a disputa do Campeonato Mundial de Clubes, competição cuja a organização foi assumida pela FIFA desde 2005. Posto isto, cumpre mostrar que o Grêmio valoriza ambas as competições (e suas conquistas) em detrimento de quaisquer outras, numa escala invisível de prestígio dos títulos conquistados. Damo (1998) aponta que a valoração da Libertadores da América e do Mundial Interclubes “[...] tanto do ponto de vista econômico quanto simbólico, ocorre, para a dupla Gre-Nal, a partir do final dos anos setenta e se intensifica nas décadas seguintes” (p. 106). Bueno (2005) denota a valorização conferida à conquista em Tóquio, em 1983, sendo considerado pelo Grêmio como “o jogo mais importante de sua história centenária” (p. 192) e “o 11 de dezembro de 1983, o dia em que a Terra parou” (idem) – que, afora a representação exagerada, posiciona o título como o mais valorado dentre aqueles conquistados pelo clube. Alberto Galia, vice-presidente de futebol do Grêmio, escreveu à época da conquista mundial do Grêmio: “[...] estamos vivendo nossos 80 anos no mais alto posto a que pode chegar um Clube e um time de futebol: Campeão Mundial Interclubes” (REVISTA GOOOL n. 5 / dez. 1983, p. 4). Damo (1998) cita Tóquio como a “Meca” dos gremistas e Bueno (2005) discorre sobre a “Operação Tóquio” – espécie de manobra metódica para montar supostas estratégias a fim de derrotar o clube alemão *Hamburgo Sport Verein*, em 1983, e que incluiu, no segundo semestre, viagens do treinador gremista Valdir Espinosa e do preparador físico Ithon Fritzen para a Europa (para estudar o rival), contratações dos craques Mario Sérgio e Paulo Cesar Caju e a decisão de poupar os titulares no restante dos jogos válidos pelo Campeonato Gaúcho daquele ano. Dessa forma, a torcida do Grêmio explorava tais conquistas como forma de deboche em relação ao rival colorado, prática que foi perturbada com as recentes conquistas da Libertadores (2006 e 2010) e do Mundial de Clubes (2006) pelo Internacional. Em contrapartida, a torcida alvirrubra responde aos gremistas, tentando minorar e desprestigiar a conquista da Copa Intercontinental, chamando-a apenas de Copa Toyota e recorrendo ao fato de a FIFA não reconhecer tal competição/título.

Já a vitória aparece intimamente enlaçada ao festejo, permeado pelo descontrole – é o “estar louco”, muitas vezes advindo do uso/abuso de álcool e drogas – e pela comemoração de feitos triunfais, conforme se pode notar nos seguintes cantos:

Ô, Imortal Tricolor
 Ganhas ou percas,
 Te sigo aonde for
 Ô Tricolor, amo você
 Como cerveja, cocaína, LSD
 Da Azenha à Tóquio, vou te apoiar
 E no Grenal a macacada vai chorar!
 (Música *Ganhas ou percas*, da Geral do Grêmio)

Quiero que legalize la marijuana
 Para fumar un porro por la mañana
 Quiero beber un vino e una e cerveza
 Para tener el Grêmio en la cabeza
 Yo soy, soy de Grêmio
 Soy, soy de Grêmio
 (Música *Quiero que legalize*, da Geral do Grêmio)

Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho
 E o Mundial é o meu caminho
 Na rádio toca o velho rock'n roll
 Lembro Renato, o Homem-Gol
 Nada mais apaga essa história
 Grêmio Imortal, macaco chora
 Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho
 E o Mundial é o meu caminho
 Eu vivo bebendo sempre borracho
 E o tele-entulho já foi chamado
 O descontrole já esta formado
 Grêmio, eu te dou a vida
 Por este campeonato
 (Música *Vou Torcer Pro Grêmio Bebendo Vinho*, cantada na melodia de *Bebendo Vinho*, de Wander Wildner)

Porém, a análise semântica dos apelativos utilizados para estigmatizar a torcida do rival Internacional deve receber um olhar mais detido, por trazer à luz o imbróglio que remete ao preconceito racial histórico existente na relação entre Grêmio e Internacional. O apelativo mais recorrente e utilizado para designar pejorativamente a torcida colorada é a palavra “macaco”. Segundo Damo (1998):

O termo “macaco” tem cunho notadamente racista; um eufemismo para substituir “negro”, “negrada” e assim por diante. É difícil precisar quando foi inventado, mas acredito que desde os anos quarenta os colorados sejam assim referidos. De qualquer forma, no final dos anos sessenta o termo já era de domínio popular, como indica um dos versos de “Desafio Gre-Nal”, uma trova gravada por Teixeira e Méri Terezinha mais ou menos nessa época. “[...] Faz um velho ficar novo/Vocês pra nós é barbada/Teu time é perna de pau/São uns frio não joga nada/Dez minutos bate a sede/O Grêmio é uma parede/Põe cinco golos na rede/Termina com a macacada” (p. 128).

Neste trabalho metafórico, utilizando o nome de um animal, a torcida do Grêmio vincula seus cantos com um conteúdo ideológico presente na sociedade humana, como é o caso da segregação racial. Damo lembra que:

Em geral, esses cânticos e xingamentos mais hostis limitam-se ao espaço dos estádios. Em meio à efervescência, até mesmo os gremistas negros ou de origem proletária se juntam ao coro. Fora dos estádios, porém, onde os sentimentos de pertença são mais frágeis, podem gerar constrangimentos (p.128).

Gándara (1997), seguindo a mesma linha, menciona que estas posturas, que em outros espaços não poderiam vir à superfície sem enfrentar a crítica e o repúdio, encontram nos cantos entoados nos estádios alguma forma de legitimação, permeada pela distância entre o sujeito e o enunciado, uma vez que a diluição do enunciador individual em uma enunciação coletiva, ou seja, a pluralidade de vozes que convergem em uma só – sem rosto – surge como desinibitória e autorizadora de se dizer qualquer coisa, bem como a carga situacional desvelada durante a partida, onde o passional justifica a concepção de que “vale tudo” para vencer o adversário. A autora ainda revela que é comum ouvir dos torcedores negativas como “não sou racista” ou “não sou xenófobo”, mas que não se constroem em cantar músicas carregadas de racismo, xenofobia ou outros insultos socialmente repudiados. Cumpre dizer que a torcida do Internacional, numa tentativa de assimilar o racismo, apropriou-se do apelativo “macaco”, como constata Damo (1998): “Eufóricos pela campanha no Brasileiro de 97, os colorados chegaram ao Estádio Olímpico [...] cantando *Ah! Eu sô macaco!* e saíram de lá em êxtase: o Inter aplicou 5 a 2 no Grêmio[...]” (p. 227). Trata-se de assumir ou reivindicar os insultos por parte da equipe/torcida a qual estes são destinados (GÁNDARA, 1997), como ilustram as figuras que seguem:

Figura 33 – “Ecurinho”, a mascote oficial do S. C. Internacional



Fonte: Blog Dupla Explosiva.

Figura 34 – O torcedor do S. C. Internacional fantasiado de gorila



Fonte: Site oficial do S. C. Internacional.

Figura 35 – A assimilação do apelativo “macaco” por parte da torcida do S. C. Internacional



Fonte: Site S. C. Internacional.

Figura 36 – A assimilação do apelativo: faixa na torcida colorada



Fonte: Site S. C. Internacional.

Sobremaneira, são preponderantes os cantos onde o apelativo “macaco” está inscrito. Além das músicas anteriormente apresentadas, os cantos subseqüentes lançam mão de tal termo:

Ô, macaco cagalhão
 Eu invadi o chiqueirão
 Tuas bandeiras tão na Geral
 Com a banda do Monumental
 Ai, ai, ai, ai, no aterro nós fomos buscar
 (Música *Macaco Cagalhão*, da Geral do Grêmio)

Geral do Grêmio é alegria
 Que canta mais alto
 Que qualquer torcida
 Que corre os macacos
 Que corre os caxias¹⁴⁵
 Que corre os xavantes¹⁴⁶
 Que corre a polícia
 Tricolor, Tricolor
 Tricolor, Tricolor
 (Música *Geral é Alegria*, da Geral do Grêmio)

Por fim, ainda há a expressão dos sentimentos presente nos cantos, muito intensa nos cantos da torcida do Grêmio. Manifesta-se em músicas com altos conteúdos afetivos, simbolizados por referências à camiseta, às cores da equipe, à torcida, à equipe, com menção ao coração, ao sangue, à vida, à alma, à raça. O sentimento experimentado pela torcida é qualificado como “imparável”, “inexplicável”, “inesgotável”, “incondicional”, “descontrolado”. São noções que podem ser claramente percebidas nos cantos que seguem:

Escutem de uma vez por todas
 Seus mercenários, o que vamos falar
 Tem que deixar a alma em campo
 Que atrás do gol vamos te apoiar
 Joguem com raça, joguem com coração
 Porque isto é Grêmio, não é time cagão
 Suor e sangue é o que queremos ver na camiseta
 (Música *Joguem Com Raça*, da Geral do Grêmio)

¹⁴⁵ Alusão aos torcedores da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e do Esporte Clube Juventude, ambos baseados no município serrano de Caxias do Sul, situado no nordeste rio-grandense.

¹⁴⁶ Alusão aos torcedores do Grêmio Esportivo Brasil – de Pelotas (município do sul rio-grandense) –, assim alcunhados após a invasão campal por parte da torcida, motivada por uma virada no placar sobre o rival Pelotas, num *derby* local em 1946. Um dirigente do Pelotas, pejorativamente, comparou a turba que comemorava aos índios do filme “Invasão dos Xavantes”, em cartaz à época. A partir daí, clube e torcida ficaram conhecidos como “xavante”. In: *SÍMBOLOS*. Site oficial do Grêmio Esportivo Brasil. Disponível em: <<http://www.gebrasil.com.br/clube/simbolos.php>>. Acesso em: 2 set. 2010.

Pra vencer, tem que ser mais copeiro
 Pra te ver campeão do mundo inteiro
 E dá-lhe tricolor
 Sou quem não te abandonou
 Essa é tua torcida
 É a tua gente
 Que te apóia sempre
 Não importa como estás
 (Música *Sou Quem Não Te Abandonou*, da Geral do Grêmio)

Esse amor descontrolado
 Nunca vou deixar de lado
 Sempre junto ao Tricolor
 Eu te sigo aonde for
 Com meu trapo e a bandeira
 Venho pela camiseta
 Hoje de qualquer maneira
 Nós temos que ganhar
 Já faz muito tempo que venho te apoiar
 Contigo na boa e na ruim muito mais
 Por isso eu te digo que de coração
 Te alentaremos para sair campeão
 (Música *Amor Descontrolado*, da Geral do Grêmio)

Esta fidelidade incondicional e imensurável, cantada pela Geral do Grêmio nos estádios, opera como outorgante nos casos de protestos e cobranças; a torcida se eleva à condição de perene, perpétua, postando-se acima de jogadores (“Passam os anos/Passam os jogadores, Geral está presente/Não pára de apoiar), da comissão técnica, dos dirigentes e da imprensa (“Imprensa vermelha/Vai tomar no cu!”¹⁴⁷), abaixo apenas da imagem do clube. Um canto de natureza nitidamente protestativa, que deu voz (e corpo) à inconformidade da torcida auto-intitulada superior e auto-legitimada a reivindicar mudanças em quaisquer situações que a desagradem, pode ser visto abaixo:

Não creio nas palavras desses dirigentes
 Falam que a Geral só tem delinquente
 O Grêmio é da torcida, é de sua gente
 Não é da imprensa, nem dos dirigentes
 E dá-lhe, dá-lhe Grêmio
 E dá-lhe, dá-lhe Grêmio
 Porque eu to tri louco
 E vou sair campeão
 (Música *Não Creio Nas Palavras*, da Geral do Grêmio)

¹⁴⁷ Este grito entoado pela Geral do Grêmio é um xingamento dirigido à imprensa gaúcha, acusada pela torcida de ser colorada e, portanto, partidária e parcial nas notícias que envolvem o Grêmio.

Um exemplo dessa pressão exercida pela torcida em relação à instituição clubística se deu quando, após um empate com a equipe do Figueirense no final de semana anterior àquele 4 de novembro de 2008 – uma terça-feira –, as principais lideranças da Geral do Grêmio tentaram invadir um treino do Grêmio no campo suplementar do Estádio Olímpico. Insatisfeitos com a perda da primeira posição no Campeonato Brasileiro e – mais importante para os torcedores – com a “mudança de atitude dentro de campo” e a falta de vibração do time nas últimas rodadas, os torcedores são barrados por nove seguranças quando tentavam adentrar o gramado e conversar com os jogadores. A direção do Grêmio acabou marcando a “reunião” para o final do treino. O vice-diretor de futebol à época, André Krieger,

[...] lança mão de pelo menos três argumentos para justificar a permissão do encontro. Primeiro, seguiu-se uma prática já estabelecida no clube, de dar acesso aos protestos da Geral. Segundo, os descontentes são sócios, logo, pagam os salários dos atletas, e têm direito a reivindicar. Terceiro: naquele momento, eles são 20. Depois, poderão ser 50, se a manifestação fosse contida (BEHS & BENFICA, 2008, s.n.).

Segundo a própria reportagem, um torcedor teria dito que o grupo de torcedores da Geral teria crédito para cobrar os jogadores, uma vez que, mesmo com os maus resultados, a torcida continuava “colocando uma média de 30 mil pessoas em jogos no Olímpico”. Aqui, cabe ressaltar a egolatria da Geral e de seus membros, cujo sentimento exacerbado de pertença os faz acreditarem que são eles os responsáveis pela alta média de público no estádio em dias de jogos, relegando o clube, a direção e a equipe a um segundo plano.

Para dar suporte visual às estas manifestações de protesto, muitas vezes cantadas nas arquibancadas, a torcida Geral do Grêmio também confecciona e emprega o uso de “trapos” e faixas, como meio de expressar os motivos de seus descontentamentos. Estes pedaços de panos – comumente ostentados nas marquises das arquibancadas com a finalidade de aludir a jogadores memoráveis, a conquistas emblemáticas, a sentimentos de pertença ou simplesmente para denotar a presença dos núcleos de torcedores de algum bairro ou cidade – já se dedicaram a revelar a cobrança por vitórias e até mesmo a insatisfação da Geral do Grêmio com a direção do clube.

Em 2007, na última rodada do Campeonato Brasileiro, o Grêmio – sem possibilidades de se sagrar campeão – enfrentaria o Corinthians, cujo principal objetivo era não ser rebaixado para a Série B, uma vez que figurava numa das últimas posições da tabela. A Geral do Grêmio, adiantando-se a uma possível facilitação por parte do Grêmio na partida (como forma de

contribuir para a permanência do Corinthians na elite do futebol brasileiro), estendeu e pendurou uma faixa na grade que cerca o campo suplementar do Estádio Olímpico, com os dizeres em letras garrafais: “GERAL DO GRÊMIO EXIGE A VITÓRIA” (Figura 23). Mais uma vez, salta aos olhos o tom imperioso utilizado pela torcida ao “exigir a vitória”.

Figura 37 – Faixa de exigência da torcida Geral do Grêmio



Fonte: Site G1.

Já em 2009, o Grêmio foi eliminado da Copa Libertadores da América após empatar em Porto Alegre por 2 a 2 com o Cruzeiro, numa partida que ficou marcada pelos eventos ocorridos fora do Estádio Olímpico Monumental, quando torcedores gremistas (dentre estes, vários sócios do clube) entraram em conflito com a Brigada Militar após serem impedidos de ingressar no estádio, mesmo portando ingressos e cartões de sócio¹⁴⁸. A torcida cobrou mudanças e a diretoria respondeu com a destituição de André Krieger do cargo de chefe do Departamento de Futebol,

¹⁴⁸ **COMANDANTE da BM defende ação no pátio do Olímpico.** Clic Esportes. 3 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/futebol-gremio,2567122,Comandante-da-BM-defende-acao-no-patio-do-Olimpico.html>>. Acesso em: 14 set. 2010.

substituído por Luis Onofre Meira¹⁴⁹. Mesmo assim, a Geral do Grêmio preparou uma manifestação para o jogo seguinte no Olímpico, contra o Atlético Paranaense e válido pelo Campeonato Brasileiro: impedidos pela Brigada Militar de entrar com os instrumentos musicais pertencentes à banda da Geral, a torcida confeccionou cartazes com algumas letras, onde se podia ler, de um lado, a frase “FELIZES AGORA?” e do outro “DIREÇÃO OMISSA”¹⁵⁰, como mostram as seguintes imagens:

Figura 38 – Protesto da torcida Geral do Grêmio



Fonte: Clic Esportes.

Figura 39 – Protesto da torcida Geral do Grêmio: mensagem à direção



Fonte: Blog Grêmio Sempre Imortal.

¹⁴⁹ *DUDA Kroeff confirma Meira no lugar de Krieger*. Clic Esportes. 3 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/sc/noticias/default,2567397,Duda-Kroeff-confirma-Meira-no-lugar-de-Krieger.html>>. Acesso em: 23 set. 2010.

¹⁵⁰ WERLANG, Hector. *Torcida protesta no Olímpico*. Clic Esportes. 5 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/futebol-gremio,2569046,Torcida-protesta-no-Olimpico.html>>. Acesso em: 23 set. 2010.

Alguns meses depois, novo protesto foi manifestado através de uma faixa colocada nas arquibancadas do Estádio Olímpico. No dia 18 de novembro de 2009, no jogo entre Grêmio e Palmeiras válido pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro, a torcida Geral do Grêmio ainda expressava sua insatisfação com a gestão do presidente Duda Kroeff e de seus auxiliares. O escolhido foi Luiz Onofre Meira, meses após assumir o posto de chefe do Departamento de Futebol. O dirigente foi interpelado por culpa de algumas declarações veiculadas na imprensa, onde reiteradas vezes defendeu o emprego da qualidade técnica em detrimento da garra como característica essencial num jogador de futebol¹⁵¹, indo na contramão do discurso apregoadado pela torcida gremista. O resultado foi a seguinte faixa estendida na arquibancada geral:

Figura 40 – Faixa de protesto da Geral do Grêmio



Fonte: Globoesporte.com.

¹⁵¹ ALLIATTI, Alexandre. *FOTO: em faixa, torcida do Grêmio cobra diretor de futebol*. Globoesporte.com. 19 nov. 2009. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Gremio/0,,MUL1384533-9868,00.html>>. Acesso em 23 set. 2010.

Porém, as manifestações da Geral do Grêmio propagadas através das faixas já enveredaram pelos vieses do sustentáculo e do apoio em algumas demonstrações públicas. Foi este o caso nas eleições para presidente do Grêmio, ocorridas em 18 de outubro de 2008, quando a Geral do Grêmio suspendeu faixas para apoiar uma das chapas que concorriam à presidência tricolor:

Figura 41 – Apoio da Geral do Grêmio nas eleições à presidência do clube (2008)



Fonte: *Site Perspectiva*.

Figura 42 – Geral do Grêmio nas eleições à presidência do clube (2008)



Fonte: *Site Perspectiva*.

Portanto, dentro daquilo que Damo (2001) chama de lógica segmentar, a Geral do Grêmio parece operar numa luta permanente por espaço e visibilidade dentro do universo clubístico, buscando a diferenciação e a imposição perante as demais torcidas por meio da forma e da intensidade de pertença. Acreditando demonstrar seu amor ao Grêmio com um “envolvimento militante, como se fossem um exército incumbido de defender verbal e fisicamente, se for preciso, a honra da nação-clubes de futebol” (*idem*), a Geral se permite exercer influência também nas questões político-administrativas do clube. Assim, esta “militância” pró-Grêmio” foi personificada pelos líderes da Geral do Grêmio visto que, segundo Behs & Benfica (2008), “[na Geral do Grêmio] há três torcedores profissionais, ou seja, que recebem salário proveniente dos próprios recursos da torcida organizada. Os profissionais ficam 24 horas à disposição da Geral, para diferentes tarefas” (s.n.). Em outra ocasião, um grupo de torcedores da Geral do Grêmio tentou extorquir os jogadores da equipe, após verem ser cancelado o apoio financeiro da direção no custeio às viagens dos membros da torcida¹⁵².

6.5.4 O “racha” na Geral do Grêmio: arrefecimento nas arquibancadas do Olímpico, ebulição fora dele

Os primeiros ruídos vindos da Geral do Grêmio reverberaram publicamente nas arquibancadas do Estádio Olímpico em 4 de novembro de 2006. No Grenal nº 367, válido pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro, a Geral do Grêmio deu sinais de que algo andava fora do compasso de outrora. Duas brigas, seguidas por correrias desordenadas, irromperam do núcleo das arquibancadas situadas atrás de uma das traves. Na mais violenta delas,

[...] um torcedor, tatuagem do Grêmio no peito e chapéu do Inter, saiu trocando socos com outros gremistas e provocou uma avalanche de pânico. Quem estava em volta e não quis entrar no caminho dos golpes se amontoou próximo à mureta do fosso e saiu de perto. Um gremista tentou arrancar o chapéu do Inter. Indignado, o dono recuperou o acessório com pancadas. A confusão só parou com as vaias do resto do estádio e quando outros geraldinos¹⁵³ passaram a gritar “tira o chapéu”¹⁵⁴.

¹⁵² Cf. CAMARGO, Gabriel. Protesto e medo. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 30 ago. 2006.

¹⁵³ Como são chamados, por vezes, os frequentadores das arquibancadas onde se posta a Geral do Grêmio.

¹⁵⁴ CAMARGO, Gabriel; OLIVEIRA, Leonardo. A paz ainda é um sonho. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 6 nov. 2006.

A partir deste episódio, certo estado de descontentamento eclodiu no âmago da Geral. Algumas antigas lideranças (idealizadoras e/ou fundadoras) da torcida assumiram uma posição de insatisfação diante das novas veredas pelas quais a Geral demonstrava avançar. A reportagem veiculada no jornal Zero Hora de 12 de novembro de 2006 empreendeu esforços para explicar o período de instabilidade e transição pelo qual passava a torcida:

Criada há cinco anos, a Geral do Grêmio não é mais a mesma. Apesar de reunir quase 4 mil pessoas atrás do gol da Avenida Cascatinha a cada jogo grande, a torcida mudou. Dentro e fora do grupo, há restrições ao comportamento de seus integrantes. As brigas internas – como a ocorrida durante o Gre-Nal e que desencadeou vaias no resto do Olímpico – são cada vez mais frequentes. O motivo é disputa pelo poder na Geral. – Dentro da Geral, há grupos com orientações distintas. E isso gera os conflitos – analisa um diretor do Grêmio, que prefere não se identificar. A ala mais radical da torcida – a que odeia colorados, policiais, jornalistas, gremistas que não cantam, gremistas que batem palmas durante as músicas e qualquer um que a contrarie – tomou conta da Geral do Grêmio. Em compensação, a ala “moderada” se afastou. – Estou terminando um curso de pós-graduação. Não viajei nenhuma vez neste ano e tenho ido a poucos jogos, mas é por falta de tempo – desconversa Alexandre Martau, um dos fundadores da torcida. A amigos, ele revela que não está satisfeito com a nova postura da torcida. Entre os integrantes que cercam os atuais líderes, Martau é ridicularizado e desprezado. Quando o time vence, é difícil notar diferença entre as duas facções, mas nas horas de crise isso se acentua. Martau nunca concordou, por exemplo, com torcedores que depredavam o Olímpico e apedrejavam a capela do estádio após derrotas na fase difícil de 2004, mas nunca teve controle sobre os demais. Para deixar claro: a Geral do Grêmio não conta com estrutura formal, Não há liderança definida. Os mais antigos e mais devotados conquistam o respeito dos novos. Para subir na escala, é fácil. Basta beber muito a cada jogo (tanto que eles se denominam de Borrachos), estar disponível para viajar com o Grêmio, cantar o tempo todo as músicas da torcida e, principalmente, arranjar confusões com a polícia. [...] Os incidentes no clássico do domingo passado provocaram reações impensadas até pouco tempo. Grande parte dos gremistas no Olímpico vaiou os integrantes da Geral. Uma prova são as críticas dos próprios torcedores pela Internet, insatisfeitos com as brigas entre gremistas¹⁵⁵.

Membros da torcida sempre buscaram a defesa do grupo, quando da ocorrência de ações violentas, argumentando que grande parte das brigas e tumultos fomentados nas arquibancadas eram promovidos por integrantes de outras torcidas do Grêmio que se misturavam à multidão anônima da Geral do Grêmio – caso, também, dos eventos ocorridos no Grenal 366, quando os banheiros químicos foram incinerados no Estádio Beira-Rio e alguns torcedores da Geral

¹⁵⁵ CAMARGO, Gabriel. O racha na Geral do Grêmio. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 12 nov. 2006.

apontaram os integrantes da Máfia Tricolor como verdadeiros orquestradores da depredação do estádio colorado¹⁵⁶.

Porém, tornou-se insubsistente para a torcida mascarar as ações operadas nos bastidores da Geral do Grêmio quando, em outubro de 2008, a imprensa noticiou a presença de dois grupos antagônicos dentro da Geral, com orientações políticas e ideológicas divergentes. Aquilo que parecia era nebuloso desvelou-se: enquanto um grupo apoiava Duda Kroeff, candidato à presidência do clube pela chapa da oposição, outros torcedores se reuniam para apoiar Antônio Vicente Martins, indicado pela chapa da situação para suceder Paulo Odone¹⁵⁷. Uma vez que a torcida é composta, em grande parte, por sócios do clube – para as eleições de 2008 ponderou-se que, dos 6 mil sócios com mensalidades em dia e, portanto, aptos a votar, pelo menos 2,5 mil eram participantes da Geral do Grêmio –, poderia ter força decisiva no pleito vindouro. Os privilégios concedidos pela gestão de Paulo Odone à cúpula da Geral do Grêmio – como a distribuição gratuita de entradas para jogos e custeio de viagens – surgiam na base da dissidência e pareciam aflorar o descontentamento de alguns líderes da torcida, dispostos a tentar reverter este quadro através da eleição de um novo presidente de oposição.

No dia seguinte à veiculação da notícia do “racha” na Geral, a direção do clube, através da figura do presidente Paulo Odone, buscou aproximar os líderes discrepantes e aplacar as animosidades existentes. Assim noticiou o *site* oficial do Grêmio:

O presidente Paulo Odone recebeu, no final da tarde desta quinta-feira, dois representantes da torcida Geral do Grêmio. O encontro serviu para esclarecer as questões que vinham sendo abordadas pela imprensa a respeito de um racha na torcida. Segundo o presidente, “os desentendimentos foram superados e a Geral segue sendo uma coisa só.” Odone afirmou ainda que a Geral sempre foi o incentivo extra para o Grêmio. Para Paulão, um dos líderes da Geral, divergências de idéias foram os maiores problemas: “Dentro de uma multidão existem algumas lideranças e eu tive algumas divergências de ideologia. Nunca houve um racha na Geral”, afirmou. Ele finalizou afirmando que o apoio será incondicional: “A Geral vai apoiar o Grêmio, que vai ser campeão com a nossa força”, disse. Já Rodrigo Alemão ressaltou o bom relacionamento que a torcida sempre teve com a atual direção: “Ao longo dos quatro anos, o trabalho foi excelente e o presidente Odone teve a humildade de nos chamar no momento complicado para ajudar o clube”, disse. Segundo ele, a Geral é a melhor torcida

¹⁵⁶ Cf. A MÁFIA é “barra pesada”. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 3 ago. 2006.

¹⁵⁷ Cf. BEHS, Leandro; BENFICA, Luís Henrique. Rachou Geral. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 15 out. 2008.

do mundo, é o 12º jogador e está "mordida": “Vamos empurrar o Grêmio para dentro do gol do adversário”, finalizou¹⁵⁸.

Por força da ebulição de notícias veiculadas em diversos tipos de mídias, foi possível observar que os dois principais e mais antigos líderes da Geral eram vozes dissonantes entre si dentro do mesmo grupamento de torcedores. Utilizando uma das marcas distintivas da Geral, cogitou-se a viabilidade de duas avalanches em arquibancadas opostas, por culpa da divisão da Geral em dois núcleos distintos¹⁵⁹.

Figura 43 – Direção do Grêmio e lideranças da Geral do Grêmio



Fonte: *Site* oficial do Grêmio FBPA.

Mas o que sobreveio foi inesperado e excedeu a estrutura de concreto do Estádio Olímpico. No dia 16 de outubro de 2008, após a partida contra a equipe do Coritiba, um violento conflito irrompeu nas cercanias do estádio. A particularidade do evento se deu pelo fato de duas torcidas do Grêmio estarem envolvidas num confronto, ao se defrontarem violentamente. A briga,

¹⁵⁸ **GERAL ao lado do Grêmio – Odone conversou com representantes.** *Site* oficial do Grêmio FBPA. 16 out. 2008. Disponível em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=6340>>. Acesso em: 5 out. 2010.

¹⁵⁹ Cf. **DUAS avalanches: eleições e suposto beneficiamento dividem a Geral.** *Site* globoesporte.com. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Gremio/0,,MUL799545-9868,00.html>>. Acesso em: 5 out. 2010.

que reuniu dezenas de torcedores e teve início na Rua José de Alencar, entendendo-se até a Rua Carlos Barbosa (ambas no entorno do Olímpico), resultou em dois feridos por projéteis de revólver: Lucas Ballardin, 19 anos, alvejado na cabeça e Marçal Alves dos Santos, 30 anos, ferido no abdômen¹⁶⁰, ambos ex-torcedores da Geral do Grêmio e então membros da Máfia Tricolor. Os veículos de comunicação, nos dias subseqüentes, procederam ao exame minucioso dos porquês que motivaram a contenda nas imediações do Estádio Olímpico, desvelando uma disputa repleta de interesses esconso, praticada nos bastidores do clube e da torcida Geral do Grêmio. Num primeiro momento, contemplou-se que, na raiz das motivações, pairavam pretensos preconceitos de cunho racial, homofóbico e de gênero, de modo que parte da torcida buscava obstar-se à participação de torcedores negros, homossexuais e à presença de mulheres na Geral do Grêmio¹⁶¹. Esta parcela torcedora, devota, impetuosa e norçada por tais ideologias, supostamente agia sob o cognome G.A.S. (Geral Ataque Surpresa), um “braço armado” da Geral do Grêmio que teria disseminado um vídeo na *internet*, onde assumia e comemorava a autoria pelos disparos ocorridos contra os ex-integrantes da Geral, dizendo que “o câncer começou a ser curado, vamos curar o câncer gremista nem que seja na bala”¹⁶².

Dessa maneira, um dia após a exibição pública do vídeo, começou-se a apurar as possíveis causas que estavam assentadas no cerne das disputas, postulando-se que estas seriam de natureza financeira. A tentativa do presidente Paulo Odone de reaproximar as lideranças da Geral se mostrou infrutífera e cerca de trezentos torcedores abandonaram a torcida, descontentes com os subsídios recebidos por alguns membros da cúpula da Geral, benefícios estes que chegariam a R\$ 70.000,00 mensais. Estes dissidentes – dentre eles, os dois torcedores feridos no jogo contra o Coritiba – uniram-se à Máfia Tricolor, mas sofreram ameaças dos antigos companheiros que permaneceram na Geral do Grêmio (muitos dos dissidentes retornaram para a Geral, com medo de sofrerem retaliações)¹⁶³. Tal configuração produziu elementos suficientes para que, no jogo contra o Coritiba, a colocação de uma bandeira (estampando o rosto do ex-jogador gremista

¹⁶⁰ Cf. AMORIM, Francisco. Briga entre torcedores termina com dois baleados próximo ao Olímpico. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 17 nov. 2008.

¹⁶¹ Cf. ALMEIDA, Fábio. Polícia estuda pedir a extinção das torcidas organizadas do Grêmio. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 18 nov. 2008.

¹⁶² Cf. *VIOLÊNCIA entre torcidas do Grêmio supera a rivalidade dos clubes*. Site UOL Esporte. 19 nov. 2008. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/11/19/ult59u178306.jhtm>>. Acesso em: 18 out. 2010.

¹⁶³ Cf. FERREIRA, Carlos; OLIVIER, Diogo. Dinheiro está no centro de disputas entre facções gremistas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 19 nov. 2008.

Everaldo¹⁶⁴) no local de permanência da torcida organizada Máfia Tricolor no estádio motivasse as represálias por parte da Geral do Grêmio, servindo de estopim para a ação armada desenrolada nos arredores do Olímpico, quando um primeiro torcedor teria sacado um revólver e disparado para cima, ao passo que um segundo torcedor teria lhe tomado a arma para, então, atirar nos torcedores da Máfia, conforme reportagem do jornal Zero Hora de 19 de novembro de 2008.

Figura 44 – A bandeira da Máfia Tricolor, exaltando o ex-jogador Everaldo



Fonte: Site Organizadas Brasil.

Por parte da instituição clubística, o novo presidente eleito, Duda Kroeff, prometeu, antes mesmo de assumir o cargo, lançar mão de novas medidas para cercar as operações das torcidas organizadas e da Geral do Grêmio. Dentre as inúmeras restrições cominadas às torcidas, a direção

¹⁶⁴ Everaldo Marques da Silva foi um lateral-esquerdo que ingressou nas categorias de base do Grêmio em 1957, atuando até 64 (período em que fora emprestado ao Juventude de Caxias do Sul, para retornar dois anos mais tarde ao tricolor porto-alegrense) e, em segunda passagem, até 1974, ano de seu falecimento. Único jogador gremista a integrar a Seleção Brasileira tricampeã da Copa do Mundo de 1970, no México, obteve reconhecimento por este êxito quando, por decisão do Conselho Deliberativo do Grêmio e em sessão solene, “perpetuou oficialmente a figura de Everaldo na história do Clube dedicando ao atleta a famosa estrela dourada na bandeira. Na ocasião, o jogador recebeu também o título de Atleta Laureado, além de duas cadeiras quitadas no Estádio Olímpico” (In: **EVERALDO Marques da Silva: uma estrela que brilha na bandeira tricolor**. Site oficial do Grêmio FBPA. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=everaldo&language=0>>. Acesso em: 20 out. 2010.

emitiu a decisão de suspender os subsídios destinados os grupos organizados de torcedores, através da previsão do

[...] fim dos repasses financeiros e da distribuição de ingressos às organizadas. Também haverá uma fiscalização, por parte do departamento de marketing, sobre a venda de produtos com a marca Grêmio. Só a Geral lucraria cerca de R\$ 70 mil mensais revendendo ingressos e comercializando produtos oficiais. A partir de 2009, caberá ao próprio clube contratar as empresas de ônibus que levarão os torcedores para jogos fora de Porto Alegre. A medida começará a valer já a partir do Gaúcho¹⁶⁵, a primeira competição na temporada. Será repetida uma prática adotada com sucesso em 2003. Naquele ano, cada ônibus levava dois seguranças, que impediam o consumo de bebidas alcoólicas e controlavam o comportamento dos torcedores nas viagens. Em jogos fora da Capital, a cota de ingressos destinada a torcedores do Grêmio será retirada por um funcionário na secretaria do clube adversário e repassada diretamente aos bilheteiros, que serão os responsáveis por controlar o acesso¹⁶⁶.

A Geral do Grêmio, através de uma nota de esclarecimento publicada no *site* oficial da torcida, empreendeu esforços para desassombrar os eventos ocorridos após o jogo entre Grêmio e Coritiba, conforme Anexo B.

Em relação aos aparelhos de segurança pública, a Comissão Mista de Segurança nos Estádios, composta por Promotores de Justiça de diversos estados do Brasil, reuniu-se em encontro na sede da CBF no Rio de Janeiro. Através da figura do Promotor de Justiça Renoir Cunha e por força de um dossiê contendo o histórico dos incidentes de violência entre torcidas no Rio Grande do Sul, foi discutida novamente a possibilidade de extinção das torcidas organizadas¹⁶⁷. Concomitantemente, a Polícia Civil de Porto Alegre se esmerou em investigar o caso e, através da Operação “Contra-Ataque”, identificou os possíveis envolvidos no conflito entre torcedores da Geral do Grêmio e da Máfia Tricolor. Temendo outro possível confronto, supostamente marcado para o dia 29 de novembro de 2008 (quando aconteceria um Grenal da categoria juvenil no Estádio Olímpico), a Polícia Civil, no dia 28, cumpriu nove mandados de prisão preventiva e dezessete mandados de busca e apreensão em Porto Alegre e região metropolitana (nos municípios de Canoas e Esteio). O resultado da operação foi a prisão de três

¹⁶⁵ Como é conhecido o campeonato regional do Rio Grande do Sul, oficialmente chamado de Campeonato Gaúcho.

¹⁶⁶ In: BENFICA, Luís Henrique. *Novo presidente gremista promete cortar dinheiro das torcidas*. clic RBS. 20 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.clickrbs.com.br/especial/rs/gauchao2009/19,0,2301144,Novo-presidente-gremista-promete-cortar-dinheiro-das-torcidas.html>>. Acesso em: 20 out. 2010.

¹⁶⁷ Cf. GRECELLÉ, Ricardo. *Violência entre torcidas: debate no RJ*. Agência de Notícias do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id16306.htm>>. Acesso em: 20 out. 2010.

integrantes da Geral do Grêmio (e supostos integrantes da G.A.S.), enquanto outros seis torcedores (dentre eles, o “Alemão” da Geral) não foram encontrados e, portanto, foram considerados foragidos. Os torcedores foram indiciados por crimes como formação de quadrilha, preconceito racial e tentativa de homicídio duplamente qualificado¹⁶⁸. Além das prisões, apreenderam-se ainda nove computadores e dois *laptops* – periciados em busca de material racista –, um fuzil calibre 7.62 e um revólver calibre 44 (*idem*). No dia 3 de dezembro de 2008, o último suspeito de ter disparado os tiros contra os dois torcedores da Máfia Tricolor se apresentou à Polícia Civil.

Ao encerramento do inquérito sobre a briga envolvendo a Geral do Grêmio e a Máfia Tricolor, numa investigação com duração de dezenove dias e que computou depoimentos de quinze pessoas diferentes¹⁶⁹ – entre testemunhas e acusados –, doze torcedores foram indiciados pelos crimes anteriormente referidos, mas apenas um permaneceu preso. Outros três torcedores tiveram seus casos arquivados pela Polícia Civil¹⁷⁰. Por fim, um juiz da 2ª Vara do Tribunal do Júri aceitou denúncia do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul contra três torcedores da Geral do Grêmio (*idem*).

¹⁶⁸ Cf. FARINA, Jocimar. Polícia prende integrantes de organizadas. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 29 nov. 2008.

¹⁶⁹ Cf. **DOZE torcedores do Grêmio são indiciados por tiroteio**. Site clic Esportes. 5 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,2320591,Doze-torcedores-do-Gremio-sao-indiciados-.html>>. Acesso em 26 out. 2010.

¹⁷⁰ BENFICA, Luís Henrique. Integrantes da Geral do Grêmio viram réus. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 31 dez. 2008.

7 AS VOZES E OS SILÊNCIOS IMBRICADOS NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

O jornal é uma tenda na qual se vendem ao público as palavras da cor que se deseja.
Honoré de Balzac

Quanto mais importância substantiva e perdurável tiver uma coisa ou pessoa, tanto menos falarão dela os jornais, e, em troca, destacarão nas suas páginas o que esgota a própria essência em ser um «sucesso» e em dar margem a uma notícia.
José Ortega y Gasset

A apreciação dos dados examinados por meio da análise de conteúdo – e confrontados com a base de informações coletadas no quadro teórico – culminou num estudo detido e minucioso das falas impressas no jornal Zero Hora sobre a torcida Geral do Grêmio. Foi possível considerar os discursos (e os silêncios) veiculados nas páginas de Zero Hora mediante a análise do que é (ou não) dito e de como isto é manifestado.

Logo, são apresentados os resultados, convertidos em uma série de quatro pares de quadros, a fim de dispor de forma organizada os dados coletados. O exame dos quadros, feito numa primeira mostra e com base numa análise quantitativa, enseja e provoca a discussão dos mesmos, a partir de um olhar qualitativo. Os dados quantitativos deste estudo são aqueles com base na contagem das palavras e frases e na porcentagem da representatividade destas no *corpus* textual, divididos em quatro pares de quadros. Por frase, pode-se entender “o enunciado ou o conjunto de uma ou mais palavras organizadas de modo que transmitam uma informação completa. O termo frase tem sido utilizado pelos lingüistas modernos com um significado bastante amplo, denominando qualquer enunciado com sentido completo. Consiste em uma unidade de comunicação lingüística que pode ser representada por uma ou por várias palavras e que pode apresentar ou não um verbo (MESQUITA, 2007, p. 447).

No primeiro par, os conectores verbais utilizados nas frases das reportagens para afirmar a existência das ações atribuídas à Polícia (tanto na figura da Brigada Militar quanto na da Polícia Civil) e à torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio foram codificados como unidades de registro; ou seja, tomou-se a palavra (neste caso, o verbo) como unidade de significação a ser codificada, correspondendo, portanto, ao segmento de conteúdo a ser considerado como unidade

de base, visando à categorização e à contagem da frequência (BARDIN, 1977). Seguem os dois quadros:

Figura 45 – Quadro de codificação por conectores verbais: Alma Castelhana

UNIDADE DE REGISTRO POR PALAVRA: CONECTORES VERBAIS ASSOCIADOS À POLÍCIA E À “ALMA CASTELHANA”	
POLÍCIA (BRIGADA MILITAR/CIVIL)	TORCIDA “ALMA CASTELHANA”
ACABAR [COM O TUMULTO]	AGLOMERAR-SE
ACOMPANHAR	AGREDIR
AJUDAR	ALCOOLIZAR-SE
APARTAR	APEDREJAR
AUTUAR	ARRANCAR
AVANÇAR [VAGAROSAMENTE A CAVALO]	ATEAR [FOGO]
CONTROLAR [A SITUAÇÃO]	BEBER
DETECTAR [MOVIMENTAÇÕES SUSPEITAS]	BRIGAR
DIALOGAR	CAUSAR [INCIDENTES E TUMULTOS]
ESCOLTAR	ENTOAR [HINOS E CÂNTICOS]
“ESTAR DE OLHO”	FAZER [A “AVALANCHE”]
FLAGRAR	FAZER [COBRANÇAS À EQUIPE E À DIREÇÃO]
GARANTIR [A SEGURANÇA]	FAZER [FESTA]
GOLPEAR [COM CACETETE]	IMITAR [OS BARRABRAVAS]
GUARNECER [COM VIATURAS E ARMAMENTO PESADO]	INVADIR [O CAMPO]
IDENTIFICAR	NÃO ASSUMIR [RESPONSABILIDADE]
IMPEDIR [INVASÕES DE CAMPO]	PREOCUPAR
INFILTRAR-SE	PROTAGONIZAR [CONFUSÕES]
INFORMAR	PROTESTAR
OBSERVAR	RECLAMAR
OCUPAR	TUMULTUAR
POLICIAR	
PRENDER	
PROIBIR	
PROTEGER	
REALIZAR [AÇÕES PREVENTIVAS]	
REFORÇAR [A SEGURANÇA]	
REVISTAR	
SEGUIR [OS PASSOS]	
VIGILAR	
TOTAL DE CONECTORES VERBAIS	TOTAL DE CONECTORES VERBAIS
30	21

Figura 46 – Quadro de codificação por conectores verbais: Geral do Grêmio

UNIDADE DE REGISTRO POR PALAVRA: CONECTORES VERBAIS ASSOCIADOS À POLÍCIA E À “GERAL DO GRÊMIO”	
POLÍCIA (BRIGADA MILITAR / CIVIL)	TORCIDA “GERAL DO GRÊMIO”
“ACABAR COM A FESTA”	ABRIGAR [EXPULSOS DE ORGANIZADAS]
ACONSELHAR	ACEITAR [OU NÃO A CONVIVÊNCIA COM A TORCIDA MÁFIA TRICOLOR]
AGIR [EM CASO DE BRIGAS]	

ALERTAR [PARA OS RISCOS DA PARTIDA]	ACENDER [SINALIZADORES]
ANALISAR [O PERFIL DOS ENVOLVIDOS]	ACERTAR [TIRO]
APREENDER [FACAS, SINALIZADORES, BOMBAS CASEIRAS...]	ACOBERTAR
ATENDER [OCORRÊNCIAS]	ACOTOVELAR-SE
ATUAR [INFILTRADO ENTRE OS TORCEDORES]	ACUSAR [A IMPRENSA DE SER VERMELHA]
AVANÇAR [VAGAROSAMENTE A CAVALO]	ADOTAR [OS CANTOS EM ESPANHOL]
AVANÇAR [SOBRE A MULTIDÃO]	AFIRMAR [QUE CANTOS SÃO UMA SÁTIRA]
CERCAR	AGLOMERAR-SE
CONCLUIR [AS INVESTIGAÇÕES]	AGREDIR
CONSIDERAR [FORAGIDOS]	ALEGAR [QUE TUDO O QUE É CRIADO PELO GRÊMIO É COPIADO PELO INTER]
CONTER [A FÚRIA]	ALIMENTAR [ÓDIO]
CONTROLAR [A BRIGA/SITUAÇÃO]	AMEAÇAR
CUIDAR [DA SEGURANÇA]	ANIMAR [COM SEUS HINOS EM LÍNGUA ESPANHOLA]
CUMPRIR [MANDADOS DE PRISÃO/ DE BUSCA E APREENSÃO]	APEDREJAR [O PATRIMÔNIO DO CLUBE]
DAR [UM TIRO DE BALA DE BORRACHA]	APELIDAR [OS COLORADOS DE MACACOS]
DENUNCIAR	APLAUDIR
DESCOBRIR	APOIAR [O TIME/PAULO ODONE E SEU CANDIDATO]
DETER [TORCEDORES]	ARMAR [CONFUSÃO]
DISPERSAR [O TUMULTO]	ARRANCAR [ARMAÇÕES DE FERRO]
ENCAMINHAR [A UMA DELEGACIA]	ARRASTAR
ESCOLTAR	ATEAR [FOGO]
ESTAR [PREOCUPADA/PRONTA PARA AGIR]	ATIRAR [CARRINHO DE PIPOCA DENTRO DO CAMPO/ PEDRAS NOS BOMBEIROS/ PEDRAS NOS COLORADOS/ UM COPO DE CERVEJA EM UM CINEGRAFISTA DA RBS]
FAZER [A REVISTA]	ATIRAR [NA CABEÇA/PARA CIMA]
FAZER [OS DESORDEIROS RETORNAREM AOS SEUS LUGARES]	ATINGIR [UM TORCEDOR DA MÁFIA TRICOLOR NO ESTÔMAGO E OUTRO NA CABEÇA]
FISCALIZAR [A COLOCAÇÃO DE FAIXAS NO ESTÁDIO]	AVARIAR
GARANTIR [VISTORIA MINUCIOSA NOS TORCEDORES]	BALEAR
IDENTIFICAR [EVENTUAIS FOCOS DE BADERNA/ IRREGULARIDADES]	BEBER [AGUARDENTE/CERVEJA/MUITO A CADA JOGO]
INVADIR	BRIGAR [ENTRE SI]
LAMENTAR [INCIDENTE ENVOLVENDO TORCEDORES]	CANTAR [O TEMPO TODO]
LAVRAR [TERMO CIRCUNSTANCIADO]	CAUSAR [DESCONFORTO]
LIBERAR [O AGRESSOR]	CELEBRAR [COM “AVALANCHES” CADA GOL]
MANTER [A ORDEM]	CERCAR
MOSTRAR [O PLANEJAMENTO DE AÇÃO DENTRO DO ESTÁDIO]	CHAMAR [DE MACACOS]
NÃO CONSEGUIR EVITAR [CENAS DE SELVAGERIA]	CHUTAR
OLHAR [AS IMAGENS DA TV E AS FOTOS DOS JORNAIS]	“CHUTAR O BALDE”
ORGANIZAR [A FILA]	CLASSIFICAR [OS COMPONENTES DA GUARDA POPULAR DE “MACACOS”]
PASSAR [ORIENTAÇÕES DE COMPORTAMENTO]	COBRAR [MAIS EMPENHO]
PEDIR [À DIREÇÃO DO GRÊMIO PARA INSTALAR BRETES/CALMA]	COLETAR [DINHEIRO PARA CONFECÇÃO DE BARRAS]
PERICIAR [COMPUTADORES]	COLOCAR [A CAMISA SOBRE O ROSTO/ UMA FAIXA IRONIZANDO O “APOIO” DA DIREÇÃO À TORCIDA/ UMA MÉDIA DE 30 MIL PESSOAS NO OLÍMPICO]
PERSEGUIR [TORCEDOR]	COMBINAR [VAQUINHAS PARA COMPRAR BOBINAS]
PRENDER [EM FLAGRANTE]	COMEMORAR [OS GOLS COM A AVALANCHE]
PROCURAR [MATERIAL ESTOCADO]	COMPARECER [À AUDIÊNCIA]
REALIZAR [AÇÃO PREVENTIVA/BUSCAS/REVISTA]	COMPROMETER [A BELEZA DA FESTA]
REGISTRAR [TERMO CIRCUNSTANCIADO]	CONTAR [COM MUITOS NEGROS E MULHERES NA TORCIDA/ COM O APOIO DO CLUBE/ COM O APOIO E O TEMOR DOS DIRIGENTES]
SEGUIR [OS PASSOS]	CONTINUAR [SENDO INVESTIGADA]
“SENTAR A BORRACHA”	CONVERSAR [COM OS JOGADORES]
SEPARAR [AS TORCIDAS]	DAR [APOIO AOS JOGADORES/ GUARIDA A TORCEDORES SUPOSTAMENTE RACISTAS/ INCENTIVO]
SER [IMPOTENTE DIANTE DO VANDALISMO]	
SURGIR [NUM INSTANTE SALVADOR]	
SUSPEITAR	
TER [ACESSO FACILITADO PARA FISCALIZAR A GERAL DO GRÊMIO]	
TOMAR [ASSENTO NA ARQUIBANCADA]	
VIGILAR	

AO TIME/ PONTAPÉ POR TRÁS/ TAPA NA CABEÇA/ TIROS PARA O ALTO/ UMA LIÇÃO]
DEBOCHAR
DECLARAR [APOIO AO CANDIDATO DA CHAPA 2]
DENOMINAR-SE [BORRACHOS]
DEPREDAR
DERRUBAR [GRADES DE PROTEÇÃO/ DIVISÓRIAS]
DESCUMPRIR [ACORDOS COM A BRIGADA MILITAR]
DESCER [CORRENDO AS ARQUIBANCADAS]
DESENCADEAR [VAIAS NO RESTO DO ESTÁDIO]
DISPARAR
DIZER [QUE NÃO SÃO RACISTAS]
EMPURRAR
ENCOBRIR [O RACISMO]
ENFRENTAR
ENROLAR [UM “BASEADO”]
ENTOAR [CANTOS RACISTAS NAS ARQUIBANCADAS/ OS GRITOS]
ENTRAR [EM CONFRONTO COM A MÁFIA TRICOLOR/ ENSANDECIDA NO ESTÁDIO]
ENTREGAR [UMA CAMISETA DO CLUBE AO PADRE MARCELO ROSSI]
ENVIAR [E-MAILS]
ENVOLVER-SE [COM AS DUAS CHAPAS ELEITORAIS QUE DISPUTAM A PRESIDÊNCIA DO CLUBE]
ESPREMER-SE [EM UMA ÁREA PEQUENA]
ESTAMPAR [FAIXAS]
ESTAR [EM VIAS DE COMBATE/ FORAGIDO]
ESTENDER [FAIXAS]
EXECUTAR [AS AÇÕES]
EXERCER [FASCÍNIO NOS ADOLESCENTES]
EXIGIR [REAÇÃO]
EXPULSAR
EXTORQUIR
FAZER [CIRCULAR NA INTERNET/ DISPAROS DE REVÓLVER/ UMA COBRANÇA DIRETA AOS JOGADORES]
FERIR
FESTEJAR [OS GOLS]
FCAR [ATRÁS DA GOLEIRA DA DIREITA/ ESCORADO NOS CARROS DOS JOGADORES/ IRRITADA COM O CANCELAMENTO DE DINHEIRO PARA VIAGENS]
FORÇAR [ARMAÇÕES DE FERRO MACIÇO]
FURTAR [PRODUTOS COLORADOS]
GANHAR [DINHEIRO COM EXCURSÕES E VENDAS DE INGRESSOS E DE PRODUTOS/ FORÇA/ STATUS]
GLORIFICAR [BRIGAS]
GRITAR [PALAVRAS DE ORDEM CONTRA O INTER]
IMPACIENTAR-SE
IMPEDIR [DE TRANSITAR/DE COLOCAR FAIXAS]
IMPORTAR [MÉTODOS VIOLENTOS DOS BARRABRAVAS ARGENTINOS]
INCENDIAR [BANHEIROS QUÍMICOS]
INCENTIVAR [O TIME DURANTE OS 90 MINUTOS]
INCITAR [A DISCRMINAÇÃO RACIAL]

INQUIETAR [OS DIRIGENTES]
INVADIR
LANÇAR [CADEIRAS, PEDRAS, GARRAFAS, COPOS/ CORDAS PARA IÇAR BOMBAS E SINALIZADORES PARA DENTRO DO ESTÁDIO]
LEVAR [TIRO DE BALA DE BORRACHA]
LUCRAR [CERCA DE R\$ 70 MIL POR MÊS]
MANTER [A COERÊNCIA/ BOA RELAÇÃO COM A NOVA DIREÇÃO]
MOLESTAR
MOSTRAR [SUA INCONFORMIDADE AOS DIRIGENTES]
MOSTRAR-SE [INDIGNADA COM A PROIBIÇÃO DA ENTRADA DE INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO, PAPEL PICADO, BANDEIRAS E FAIXAS]
NÃO ACEITAR [INGRESSO/ SER CHAMADA DE TORCIDA ORGANIZADA/ SER CULPADA]
NÃO ADMITIR COMPARTILHAR [A ARQUIBANCADA COM NEGROS, MULHERES, HOMOSSEXUAIS E CRIANÇAS]
NÃO COBRAR [MENSALIDADE]
NÃO CONTAR [COM ESTRUTURA FORMAL]
NÃO CONTENTAR-SE [EM FICAR NAS ARQUIBANCADAS ATRÁS DA GOLEIRA DA CASCATINHA]
NÃO ESCONDER [ADMIRAÇÃO PELOS JOGADORES ARGENTINOS DA EQUIPE]
NÃO ESTRAGAR [A VOLTA DO GRÊMIO AO ESTÁDIO]
NÃO GOSTAR [DE NEGROS, HOMOSSEXUAIS E MULHERES]
NÃO PASSAR [EM BRANCO]
NÃO RECEBER [INGRESSOS]
NEGAR [ENVOLVIMENTO COM O CRIME/ PARTICIPAÇÃO NO CASO]
OBRIGAR [A GUARDAR A BANDEIRA DO INTER]
OCUPAR [UM BOM ESPAÇO NAS ARQUIBANCADAS]
ODIAR [COLORADOS, POLICIAIS, JORNALISTAS, GREMISTAS QUE NÃO CANTAM, GREMISTAS QUE BATEM PALMAS DURANTE AS MÚSICAS E QUALQUER UM QUE A CONTRARIE]
OFENDER
ORGANIZAR-SE
ORQUESTRAR [TUMULTOS]
PARTICIPAR [DE ATENTADO]
PASSAR [A ARMA PARA OUTRO TORCEDOR]
PATROCINAR [ATOS DE HOSTILIDADE]
PEDIR [RAÇA AOS JOGADORES]
PISOTEAR
PÔR [FOGO EM BANHEIROS QUÍMICOS]
PRESENTEAR [A ATRIZ DEBORAH SECCO COM UMA MANTA]
PROMETER [NÃO FICAR CALADA/ SER PACÍFICA]
PROMOVER [CORRE-CORRE]
PROTAGONIZAR [TUMULTO]
PROVOCAR [A BADERNA NO GRE-NAL/ A IRA/ CALAFRIOS/ CONFUSÕES/ CONSTRANGIMENTO/ OS

COLORADOS/ OS ADVERSÁRIOS]
PULAR [O TEMPO TODO COMO OS ARGENTINOS]
QUERER [AJUDAR/ APENAS FAZER FESTA/ FALAR COM OS JOGADORES/ RECIPROCIDADE DOS JOGADORES/ SABER DE MÍDIA]
RACHAR
REAGIR [COM PALAVRÕES E CÂNTICOS CONTRA POLICIAIS]
REAGRUPAR-SE
REALÇAR [CARACTERÍSTICA MULTIRRACIAL DA TORCIDA]
RECEBER [AUXÍLIO/ O APLAUSO DOS JOGADORES]
RECOLHER [AGASALHOS E ALIMENTOS]
REPRESENTAR [PERIGO]
REPUDIAR [A GENERALIZAÇÃO]
REUNIR-SE [PARA BEBER]
REVENDER [INGRESSOS]
REVERENCIAR [REFORÇOS]
RIDICULARIZAR
SACAR [UM REVÓLVER]
SAIR [CORRENDO]
SAQUEAR
SER [APAIXONADA/ APLAUDIDA/ CONSIDERADO FORAGIDO/ DETIDO/ DEVOLVIDA À CIVILIZAÇÃO/ INDICIADO/ PERSEGUIDO/ PROIBIDO DE ENTRAR NO OLÍMPICO EM DIA DE TREINOS/ RECOLHIDO/ SÓCIO/ SUBMETIDO A JÚRI/ SUBVENCIÓNADA/ TEMIDA]
SIMPATIZAR [COM A ANARQUIA]
SOMAR [QUASE 40 MIL FILIADOS NO <i>ORKUT</i>]
SUBDIVIDIR-SE
SUGERIR [AS PÁRA-AVALANCHES]
TRANSFORMAR [EM ARQUIBANCADA O AEROPORTO]
TRANSFORMAR-SE [EM GRIFE]
TAPAR [O ROSTO PARA NÃO SER IDENTIFICADO]
TEMER [QUE O GRÊMIO SOFRA SANÇÕES]
TENTAR [ARRANCAR O CHAPÉU DO INTER/ EXTORQUIR JOGADORES/ FORÇAR A TIRAR A CAMISETA DO INTER/ IMPEDIR A COLOCAÇÃO DE UMA FAIXA DA TORCIDA MÁFIA TRICOLOR]
TER [A INTENÇÃO DE ACERTAR INTEGRANTES DA MÁFIA TRICOLOR/ ALGUM INTERESSE ALÉM DO CLUBE/ ALGUMA “COISINHA” NA CABEÇA/ CASO ARQUIVADO/ COMPORTAMENTO RACISTA/ CRÉDITO PARA COBRAR/ DE SER CONTIDO/ DIREITO A VOTO/ SALA NO OLÍMPICO/ UM COMPORTAMENTO INCOERENTE]
TIRAR [À FORÇA]
TOMAR [A ARMA]
TORCER
TRANSFERIR [A CULPA]
TROCAR [IDÉIAS DE DEPREDACIÓN/SOCOS]
USAR [A FRASE “MACACO IMUNDO/ EXPRESSÕES BÉLICAS]
UTILIZAR [O REFRÃO “CHORA, MACACO IMUNDO” EM SEUS HINOS]

	VAIAR
	VALORIZAR [QUEM BRIGA COM OS POLICIAIS]
	VANGLORIAR-SE [DE ENFRENTAR A BRIGADA MILITAR]
	VENDER [PRODUTOS COMO CANECOS, MANTAS, GORROS E ADESIVOS]
	VINGAR-SE
	VIRAR [RÉU]
	VOTAR [NA CHAPA QUE O PRESIDENTE ODONE APÓIA/ NAS ELEIÇÕES]
	XINGAR
TOTAL DE CONECTORES VERBAIS	TOTAL DE CONECTORES VERBAIS
56	172

A partir dos dados expostos nos quadros, é possível inferir acerca da presença majoritária de conectores verbais ligados à força policial que carregam como qualidades distintivas a sobriedade, a temperança e a eficiência na manutenção da ordem pública, com o mínimo de erros possíveis. Monet (2006) explica que, a partir do século XIX – época de ouro da racionalização do Direito criminal e da extensão do aparelho judiciário –, as organizações policiais se especializam na função de auxiliares da justiça penal, encarregando-se, fundamentalmente, de “reprimir as infrações às leis e aos regulamentos e de impedir movimentos coletivos que agitam [...] o próprio coração de cidades em plena expansão” (p. 23). Na Grã-Bretanha, no mesmo período, a polícia¹⁷¹ é vista como o setor da organização social com interesse, em primeira instância, pela manutenção da boa ordem, ou pela prevenção ou detecção das infrações penais (*idem*). A sociedade dos dias de hoje está acostumada com um aparelho policial com três dimensões distintas: “uma função social, uma organização jurídica e um sistema de ação cujo recurso essencial é a força” (*idem*, p. 24).

Com base nisto, torna-se praticável exemplificar o uso dos conectores verbais – oriundos de ambos os quadros (e relativos às ações da polícia) – inseridos nas três esferas funcionais que marcam, desde o início do século XIX, o aparelho policial:

¹⁷¹ Etimologicamente, existe um comum acordo em associar a palavra “polícia”, bem como “política”, ao termo grego *politeia* (Πολιτεία). Até Aristóteles, *politeia* remetia, de um lado, à Cidade (*polis*) – enquanto entidade distinta de outras comunidades políticas – e de outro à arte de governar, ou seja, o que mantinha a cidade em sua unidade. A partir de Platão e Aristóteles, o conceito de *politeia* ganha duas novas e diferentes ordens de realidade. A primeira diz respeito ao conjunto de leis e regras relativos à administração geral da *polis* (ordem pública, moralidade, salubridade, abastecimentos). Já a segunda aponta para os “guardiães da lei” (citados por Platão em *A República*) que carregam a função de fazer respeitar as regulamentações da administração da Cidade. Logo, é possível observar que, desde aquela época, há uma clara distinção entre as autoridades de polícia, cuja função é editar as regras, e as forças de polícia, encarregadas de fazer respeitar tais regulamentações, até mesmo pela força física, se preciso for (MONET, 2006).

- a) **Manutenção da boa ordem:** neste campo, os exemplos de conectores verbais presentes nas páginas de Zero Hora são: “ACABAR COM A FESTA”; ACABAR [COM O TUMULTO]; AGIR [EM CASO DE BRIGAS]; APARTAR; ATENDER [OCORRÊNCIAS]; AVANÇAR [VAGAROSAMENTE A CAVALO]; CONTER [A FÚRIA]; CONTROLAR [A BRIGA/A SITUAÇÃO]; DAR [UM TIRO DE BALA DE BORRACHA]; DISPERSAR [O TUMULTO]; ESCOLTAR; FAZER [OS DESORDEIROS RETORNAREM AOS SEUS LUGARES]; GARANTIR [A SEGURANÇA]; GUARNECER [COM VIATURAS E ARMAMENTO PESADO]; IMPEDIR [INVASÕES DE CAMPO]; MANTER [A ORDEM]; ORGANIZAR [A FILA]; POLICIAR; PRENDER [EM FLAGRANTE]; PROIBIR; PROTEGER; “SENTAR A BORRACHA”; SEPARAR [AS TORCIDAS]; SURGIR [NUM INSTANTE SALVADOR];
- b) **Prevenção das infrações penais:** os exemplos de verbos relativos à prevenção, por parte da polícia, das infrações penais ocasionadas pela torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio, segundo as notícias de Zero Hora, são: ACOMPANHAR; ACONSELHAR; ALERTAR [PARA OS RISCOS DA PARTIDA]; APREENDER [FACAS, SINALIZADORES, BOMBAS CASEIRAS...]; AUTUAR; CUIDAR [DA SEGURANÇA]; DIALOGAR; “ESTAR DE OLHO”; FAZER [A REVISTA]; FISCALIZAR [A COLOCAÇÃO DE FAIXAS NO ESTÁDIO]; GARANTIR [VISTORIA MINUCIOSA NOS TORCEDORES]; INFILTRAR-SE; MOSTRAR [O PLANEJAMENTO DE AÇÃO DENTRO DO ESTÁDIO]; OBSERVAR; PASSAR [ORIENTAÇÕES DE COMPORTAMENTO]; PEDIR [À DIREÇÃO DO GRÊMIO PARA INSTALAR BRETES/ CALMA]; PROCURAR [MATERIAL ESTOCADO]; REALIZAR [AÇÃO PREVENTIVA/ BUSCAS/ REVISTA]; REFORÇAR [A SEGURANÇA]; REVISTAR; SEGUIR [OS PASSOS]; TER [ACESSO FACILITADO PARA FISCALIZAR A GERAL DO GRÊMIO]; TOMAR [ASSENTO NA ARQUIBANCADA]; VIGILAR;
- c) **Deteção das infrações penais:** quanto às ações policiais, com vistas a detectar as infrações penais atribuídas à torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio nas reportagens de Zero Hora, são: ANALISAR [O PERFIL DOS ENVOLVIDOS]; DETECTAR [MOVIMENTAÇÕES SUSPEITAS]; FLAGRAR; IDENTIFICAR; OLHAR [AS

IMAGENS DA TV E AS FOTOS DOS JORNAIS]; PERICIAR [COMPUTADORES]; PRENDER [EM FLAGRANTE].

Sobre o uso da força no cumprimento dos deveres policiais, são poucos os exemplos de conectores verbais que explicitam este recurso. São eles: AVANÇAR [SOBRE A MULTIDÃO]; DAR [UM TIRO DE BALA DE BORRACHA]; GOLPEAR [COM CACETETE]; e “SENTAR A BORRACHA”. Cumpre citar, ainda, que também são poucas as ocorrências de verbos utilizados para demonstrar a falha da polícia na execução de suas funções. Os dois casos presentes em Zero Hora são: NÃO CONSEGUIR EVITAR [CENAS DE SELVAGERIA] e SER [IMPOTENTE DIANTE DO VANDALISMO].

De outra parte, os conectores verbais utilizados para noticiar as ações da Alma Castelhana/Geral do Grêmio indicam, massivamente, a destemperança, a inflamação, o descontrole e, em muitos casos, os arroubos de fúria e violência por parte de seus torcedores. Por muitas vezes, tais ações invadem o campo das infrações criminais. Os conectores verbais empregados para relatar o descontrole da torcida podem ser divididos, por sua natureza, em verbos que caracterizam *violência física*, *violência psicológica* e *violência material*¹⁷², *apoio à equipe/clube/jogadores*, *festejo*, *auto-elogio* e *autodefesa*. Destarte, a divisão das ações em grupos é trazida à vista a seguir, através dos seguintes exemplos:

- a) **Violência física:** aqui, os conectores verbais que mais se destacam são: ACERTAR [TIRO]; ACOTOVELAR-SE; AGREDIR; ARRASTAR; ATINGIR [UM TORCEDOR DA MÁFIA NA CABEÇA E OUTRO NO ESTÔMAGO]; ATIRAR [NA CABEÇA]; BALEAR; BRIGAR [ENTRE SI]; CHUTAR; FERIR; PISOTEAR; TIRAR [À FORÇA]; TROCAR [SOCOS];
- b) **Violência psicológica:** AMEAÇAR; APELIDAR [OS COLORADOS DE MACACOS]; DEBOCHAR; EXTORQUIR; GRITAR [PALAVRAS DE ORDEM CONTRA O INTER]; MOLESTAR; OFENDER; REAGIR [COM PALAVRÕES E CÂNTICOS CONTRA POLICIAIS]; RIDICULARIZAR; XINGAR;

¹⁷² Seguindo os critérios utilizados por Machado & Araújo (2004) e adotados pelo presente estudo para caracterizar as diferentes formas de violência, pode-se considerar a *violência física* como as agressões dirigidas ao corpo do indivíduo, quer resulte ou não em lesões; a *violência psicológica* se configura como os diferentes tipos de agressões causadoras do sofrimento psíquico à vítima, podendo ocorrer de forma sutil (e.g. a ameaça, a difamação, a perseguição, o abuso de poder, a provocação, etc.); e a *violência material* é a agressão relacionada ao dano material praticado contra um bem, seja ele privado ou público.

- c) **Violência material:** ACENDER [SINALIZADORES]; APEDREJAR O PATRIMÔNIO DO CLUBE]; ARRANCAR [ARMAÇÕES DE FERRO]; ATIRAR [CARRINHO DE PIPOCA DENTRO DO CAMPO]; DERRUBAR [GRADES DE PROTEÇÃO/DIVISÓRIAS]; DEPREDAR; FORÇAR [ARMAÇÕES DE FERRO MACIÇO]; INCENDIAR [BANHEIROS QUÍMICOS]; PÔR [FOGO EM BANHEIROS QUÍMICOS];
- d) **Apoio à equipe/clube/jogadores:** ENTOAR [HINOS E CÂNTICOS]; ANIMAR [COM SEUS HINOS EM LÍNGUA ESPANHOLA]; APOIAR [O TIME/PAULO ODONE E SEU CANDIDATO]; CANTAR [O TEMPO TODO]; CELEBRAR [COM “AVALANCHES” CADA GOL]; COLETAR [DINHEIRO PARA CONFECÇÃO DE BARRAS]; COMBINAR [VAQUINHAS PARA COMPRAR BOBINAS]; DAR [APOIO AOS JOGADORES/ INCENTIVO AO TIME]; DECLARAR [APOIO AO CANDIDATO DA CHAPA 2]; ESTAMPAR [FAIXAS]; ESTENDER [FAIXAS]; INCENTIVAR [O TIME DURANTE OS 90 MINUTOS];
- e) **Festejo:** FAZER [A “AVALANCHE”]; FAZER [FESTA]; ACENDER [SINALIZADORES]; CANTAR [O TEMPO TODO]; ENTOAR [OS GRITOS]; FESTEJAR [OS GOLS]; PULAR [O TEMPO TODO COMO OS ARGENTINOS]; TRANSFORMAR [EM ARQUIBANCADA O AEROPORTO];
- f) **Auto-elogio:** COLOCAR [UMA MÉDIA DE 30 MIL PESSOAS NO OLÍMPICO]; DENOMINAR-SE [BORRACHOS]; GLORIFICAR [BRIGAS]; PULAR [O TEMPO TODO COMO OS ARGENTINOS]; REALÇAR [CARACTERÍSTICA MULTIRRACIAL DA TORCIDA]; SER [APAIXONADA]; SOMAR [QUASE 40 MIL FILIADOS NO *ORKUT*]; TRANSFORMAR-SE [EM GRIFE]; TER [CRÉDITO PARA COBRAR]; VANGLORIAN-SE [DE ENFRENTAR A BRIGADA MILITAR];
- g) **Autodefesa:** AFIRMAR [QUE CANTOS SÃO UMA SÁTIRA]; ALEGAR [QUE TUDO O QUE É CRIADO PELO GRÊMIO É COPIADO PELO INTER]; DIZER [QUE NÃO SÃO RACISTAS]; NÃO ACEITAR [SER CHAMADA DE TORCIDA ORGANIZADA/ SER CULPADA]; NEGAR [ENVOLVIMENTO COM O CRIME/ PARTICIPAÇÃO NO CASO]; REPUDIAR [A GENERALIZAÇÃO]; TRANSFERIR [A CULPA].

Assim como as escassas menções sobre as falhas e os destemperos da polícia, são raros os conectores verbais que enaltecem atitudes positivas da torcida: ENTREGAR [UMA CAMISETA

DO CLUBE AO PADRE MARCELO ROSSI]; GANHAR [STATUS]; INCENTIVAR [O TIME DURANTE OS 90 MINUTOS]; PRESENTEAR [A ATRIZ DEBORAH SECCO COM UMA MANTA]; RECOLHER [AGASALHOS E ALIMENTOS]; SER [APAIXONADA].

Existem, incrustadas nas páginas de Zero Hora, referências sobre o uso/abuso de álcool e drogas por parte da torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio. As reportagens, quando mencionam a banalização de álcool e dos entorpecentes entre os torcedores, procuram traçar um paralelo entre este comportamento adicto e as manifestações violentas que irrompem dentro e fora dos estádios. Reis (2006) defende que o uso de álcool e drogas pode contribuir para a geração da violência no ambiente do futebol, pela capacidade de aflorar e potencializar atitudes agressivas e violentas nos torcedores de futebol - características estas que não são particulares ao universo futebolístico. Murad (2007) segue pela mesma senda, ao apontar que a vulgarização das drogas, em especial a cocaína e a maconha, e do álcool gera uma conexão explosiva com as torcidas de futebol em quase todos os países. Apesar disto, Reis (*idem*) reconhece a inexistência de pesquisas publicadas que apresentem uma correlação direta entre a violência promovida por torcedores de futebol e o consumo de álcool e drogas. Mediante tais observações, foi possível estabelecer o seguinte par de quadros:

Figura 47 – Quadro de codificação por tema: álcool e drogas (Alma Castelhana)

UNIDADE DE REGISTRO POR TEMA: DROGAS E ÁLCOOL (ALMA CASTELHANA)		
CÓDIGO (NODE)	FREQÜÊNCIA	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
ALCOOLIZADA - <i>adjetivo</i>	1	0,37
“AQUECIMENTO” - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,04
MACONHA [, CIGARRO DE] - <i>substantivo</i>	2	0,21
↳ “BASEADO” - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,40
BEBIDA(S) [ALCOÓLICAS] - <i>substantivo</i>	4	1,75
CACHAÇA - <i>substantivo</i>	1	0,08
CERVEJA [, GARRAFAS, LATINHAS] - <i>substantivo</i>	5	1,30
“COISINHA” [NA CABEÇA] - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,07
COLA [DE SAPATEIRO] - <i>substantivo</i>	1	0,13
DROGAS [, CONSUMO DE] - <i>substantivo</i>	2	0,23
VODKA - (<i>russo</i>) <i>substantivo</i>	1	0,05
TOTAL DE CÓDIGOS (NODES)	FREQÜÊNCIA TOTAL	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)
11	20	4,63

Figura 48 – Quadro de codificação por tema: álcool e drogas (Geral do Grêmio)

UNIDADE DE REGISTRO POR TEMA: DROGAS E ÁLCOOL (GERAL DO GRÊMIO)		
CÓDIGO (NODE)	FREQÜÊNCIA	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
AGUARDENTE - <i>substantivo</i>	1	0,02
“AQUECIMENTO” - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,01
BAGANAS [DE CIGARRO DE MACONHA] - <i>substantivo</i>	1	0,02
“BASEADO(S)” - <i>substantivo (gíria)</i>	2	0,16
BÊBADOS - <i>adjetivo</i>	1	0,10
BEBER [MUITO] - <i>verbo</i>	1	0,04
BEBIDA(S) [ALCOÓLICAS] - <i>substantivo</i>	2	0,06
BORRACHOS - (<i>espanhol</i>) <i>substantivo</i>	1	0,04
CACHAÇA - <i>substantivo</i>	1	0,05
CERVEJA - <i>substantivo</i>	6	0,31
CIGARRO [DE MACONHA] - <i>substantivo</i>	1	0,03
“COISINHA” [NA CABEÇA] - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,02
COLA [DE SAPATEIRO] - <i>substantivo</i>	1	0,09
COQUETEL - <i>substantivo</i>	2	0,11
MACONHA - <i>substantivo</i>	2	0,13
PAPEL [PARA ENROLAR BASEADO] - <i>substantivo</i>	1	0,02
SEDA - <i>substantivo (gíria)</i>	1	0,01
VINHO - <i>substantivo</i>	1	0,06
VODKA - (<i>russo</i>) <i>substantivo</i>	1	0,05
TOTAL DE CÓDIGOS (NODES)	FREQÜÊNCIA TOTAL	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)
19	28	1,33

Em ambos os quadros, é possível perceber a maior aparição de palavras (substantivos ou verbos) relacionadas ao uso de álcool do que aquelas que remetem ao consumo de drogas. Acredita-se que isto possa ser interpretado como um fato que se dá por força da licitude do álcool perante a sociedade, somado à permissão do consumo de bebidas alcoólicas nos estádios brasileiros até abril de 2008; desta forma, o álcool consumido em grande escala dentro e fora dos estádios seria um reflexo daquilo que é praticado comumente pela sociedade. Mesmo assim, o consumo de maconha também está presente, bem como o de cola de sapateiro (enquadrada na categoria dos *solventes*, ou *inalantes*).

Sobre a violência, ainda há mister de apresentar o terceiro par de quadros que, através da codificação por palavras (verbos, substantivos e adjetivos), elencou todas as manifestações de violência registradas pelas reportagens de Zero Hora sobre a torcida Alma Castelhana/Geral do

Grêmio. Tais quadros examinam a frequência com que cada palavra é utilizada, além de sua representatividade, em percentagem, no *corpus* textual total. Os resultados foram dispostos nos quadros que seguem:

Figura 49 – Quadro de codificação por palavra: violência (Alma Castelhana)

UNIDADE DE REGISTRO POR PALAVRA: MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA (ALMA CASTELHANA)		
CÓDIGO (NODE)	FREQÜÊNCIA	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
ACOTOVELAR-SE - <i>verbo</i>	1	0,02
AGREDIR - <i>verbo</i>	4	0,37
AMEAÇA - <i>substantivo</i>	1	0,01
↳ AMEAÇAR - <i>verbo</i>	1	0,17
APANHAR - <i>verbo</i>	1	0,06
ARMA [DE FOGO] - <i>substantivo</i>	1	0,07
ARRANCAR - <i>verbo</i>	5	0,49
ARRASTÃO(ÕES) - <i>substantivo (gíria)</i>	2	0,13
↳ ARRASTAR - <i>verbo</i>	1	0,09
ARRUACEIROS - <i>substantivo</i>	3	0,16
ASSALTO - <i>substantivo</i>	1	0,01
ATAQUE - <i>substantivo</i>	1	0,06
ATEAR [FOGO] - <i>verbo</i>	2	0,09
ATIRAR (<i>i. e. arremessar</i>) - <i>verbo</i>	4	0,19
BADERNA - <i>substantivo</i>	2	0,13
↳ BADERNEIRA - <i>adjetivo</i>	1	0,10
BAGUNCEIRA - <i>adjetivo</i>	1	0,09
BALA [DE REVÓLVER] - <i>substantivo</i>	1	0,06
BALBÚRDIA - <i>substantivo</i>	1	0,08
BARBÁRIE - <i>substantivo</i>	1	0,01
BARRABRAVAS - (<i>espanhol</i>) <i>substantivo</i>	1	0,19
BRIGA(S) - <i>substantivo</i>	11	1,08
CACETETE [, GOLPES DE] - <i>substantivo</i>	1	0,08
CADEIRAS [LANÇADAS] - <i>substantivo</i>	1	0,09
CONCRETO [, PEDAÇOS DE] - <i>substantivo</i>	1	0,05
CONFLITO(S) - <i>substantivo</i>	5	0,60
CONFRONTO(S) - <i>substantivo</i>	1	0,11
CONFUSÃO(ÕES) - <i>substantivo</i>	9	0,74
COPOS [JOGADOS] - <i>substantivo</i>	2	0,16
CORRERIA(S) - <i>substantivo</i>	3	0,23
DEDO [EM RISTE] - <i>substantivo</i>	1	0,07
DEPREDAÇÃO - <i>substantivo</i>	1	0,07
↳ DEPRENDAR - <i>verbo</i>	1	0,15
DESTRUÍDOS(AS) - <i>verbo</i>	4	0,31
DISTÚRBO(S) - <i>substantivo</i>	3	0,49
"ENTREGAR" [A CAMISETA] - <i>verbo</i>	1	0,09
ENSANDECIDOS - <i>adjetivo</i>	1	0,07
ESTUPRO - <i>substantivo</i>	1	0,05
FERIR - <i>verbo</i>	3	0,24
FRATURAS - <i>substantivo</i>	2	0,18

FUGIR - <i>verbo</i>	1	0,11
FÚRIA - <i>substantivo</i>	2	0,16
GARRAFAS [JOGADAS, LANÇADAS] - <i>substantivo</i>	2	0,02
HOOLIGANS - (<i>inglês</i>) <i>substantivo</i>	1	0,19
INCÊNDIO(S) - <i>substantivo</i>	2	0,24
↳ INCENDIAR - <i>verbo</i>	2	0,12
INCIDENTE(S) - <i>substantivo</i>	5	0,31
INVASÃO(ÕES) - <i>substantivo</i>	7	0,62
↳ INVADIR - <i>verbo</i>	2	0,4
↳ INVASORES - <i>substantivo</i>	3	0,24
LABAREDAS - <i>substantivo</i>	1	0,09
MACHUCAR - <i>verbo</i>	3	0,20
MADEIRA [, PEDAÇOS DE] - <i>substantivo</i>	1	0,08
MEDO - <i>substantivo</i>	3	0,18
MOLESTAR - <i>verbo</i>	1	0,18
PALAVRÕES - <i>substantivo</i>	1	0,09
PANCADARIA - <i>substantivo</i>	2	0,27
PÂNICO - <i>substantivo</i>	1	0,02
PEDRA(S) - <i>substantivo</i>	6	0,46
↳ PEDRADA(S) - <i>substantivo</i>	2	0,17
↳ APEDREJAR - <i>verbo</i>	2	0,44
PISOTEAR - <i>verbo</i>	2	0,33
↳ PISOTEADA - <i>adjetivo</i>	1	0,8
PONTAPÉ(S) - <i>substantivo</i>	1	0,01
QUEBRA - <i>substantivo</i>	1	0,23
↳ QUEBRADOS - <i>adjetivo</i>	1	0,03
↳ QUEBRADEIRA - <i>substantivo</i>	1	0,12
RACISTAS - <i>adjetivo</i>	1	0,18
REPRESÁLIAS - <i>substantivo</i>	3	0,22
ROUBOS - <i>substantivo</i>	1	0,01
SELVAGERIA - <i>substantivo</i>	3	0,38
SOCOS - <i>substantivo</i>	1	0,01
“SENTAR” [A BORRACHA] - <i>verbo (gíria)</i>	1	0,06
TÊNIS [JOGADOS] - <i>substantivo</i>	1	0,01
TIRAR [À FORÇA] - <i>verbo</i>	1	0,15
TUMULTO(S) - <i>substantivo</i>	11	1,40
VANDALISMO - <i>substantivo</i>	3	0,31
↳ VÂNDALOS - <i>substantivo</i>	1	0,05
VIDROS [ESTILHAÇADOS] - <i>substantivo</i>	1	0,05
VIOLÊNCIA - <i>substantivo</i>	12	1,17
↳ VIOLENTOS(AS) - <i>adjetivo</i>	1	0,20
TOTAL DE CÓDIGOS (NODES)	FREQUÊNCIA TOTAL	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)
81	186	17,75

Figura 50 – Quadro de codificação por palavra: violência (Geral do Grêmio)

UNIDADE DE REGISTRO POR PALAVRA: MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA (GERAL DO GRÊMIO)		
CÓDIGO (NODE)	FREQÜÊNCIA	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
ACERTAR [TIRO] - <i>verbo</i>	3	0,09
ACOTOVELAR-SE - <i>verbo</i>	1	0,01
AFRONTA - <i>substantivo</i>	1	0,02
AGLOMERAÇÃO [EXCESSIVA] - <i>substantivo</i>	1	0,06
AGRESSÃO - <i>substantivo</i>	6	0,27
↳ AGREDIR - <i>verbo</i>	8	0,31
↳ AGRESSIVA - <i>adjetivo</i>	1	0,05
↳ AGRESSIVIDADE - <i>substantivo</i>	2	0,08
↳ AGRESSOR - <i>substantivo</i>	6	0,17
ALIMENTAR [ÓDIO] - <i>verbo</i>	1	0,02
AMEAÇA - <i>substantivo</i>	10	0,24
↳ AMEAÇAR - <i>verbo</i>	8	0,26
ANARQUIA - <i>substantivo</i>	1	0,04
ANIMOSIDADE - <i>substantivo</i>	1	0,03
APEDREJAR - <i>verbo</i>	2	0,07
ARMA [DE FOGO] - <i>substantivo</i>	14	0,38
ARMAR [CONFUSÃO] - <i>verbo</i>	2	0,05
ARRANCAR - <i>verbo</i>	3	0,06
ARRASTAR - <i>verbo</i>	2	0,09
ARRUACEIRO(S) - <i>substantivo</i>	1	0,02
ATAQUE - <i>substantivo</i>	1	0,03
ATENTADO - <i>substantivo</i>	1	0,06
ATINGIR - <i>verbo</i>	6	0,26
ATIRAR (i. e. arremessar) - <i>verbo</i>	7	0,23
ATIRAR (i. e. disparar) - <i>verbo</i>	12	0,33
ATROPELAMENTO [, TENTATIVA DE] - <i>substantivo</i>	1	0,03
AUTORIA E MATERIALIDADE DELITUOSA - <i>substantivo</i>	1	0,05
AVALANCHE DE PÂNICO - <i>substantivo</i>	1	0,02
AVARIAR - <i>verbo</i>	1	0,03
BADERNA - <i>substantivo</i>	8	0,26
↳ BADERNEIRA - <i>adjetivo</i>	2	0,05
↳ BADERNEIRO(S) - <i>substantivo</i>	2	0,11
BALA [DE BORRACHA] - <i>substantivo</i>	1	0,01
BALBÚRDIA - <i>substantivo</i>	1	0,07
BALEAR - <i>verbo</i>	7	0,27
BANGUE-BANGUE - <i>substantivo</i>	1	0,05
BARRA [DE FERRO] - <i>substantivo</i>	1	0,01
BARRA-BRAVAS - (<i>espanhol</i>) <i>substantivo</i>	2	0,12
BOMBA(S) - <i>substantivo</i>	9	0,16
BRABO [, FICAR] - <i>adjetivo</i>	1	0,05
BRIGA(S) - <i>substantivo</i>	26	0,94
↳ BRIGAR - <i>verbo</i>	3	0,20
CADEIRAS [LANÇADAS] - <i>substantivo</i>	1	0,03
CERCAR - <i>verbo</i>	3	0,12
CHUTAR - <i>verbo</i>	1	0,05
“CHUTAR O BALDE” - <i>verbo (gíria)</i>	1	0,04

COAÇÃO - substantivo	1	0,01
COBRANÇA(S) - substantivo	2	0,15
↳ COBRAR - verbo	4	0,11
CONDUTA [INCONVENIENTE] - substantivo	1	0,02
CONFLITO(S) - substantivo	8	0,47
CONFRONTO(S) - substantivo	4	0,32
CONFUSÃO(ÕES) - substantivo	20	0,87
CONSTRANGIMENTO - substantivo	4	0,12
↳ CONSTRANGIDO(S) - adjetivo	2	0,12
CONTIDO [, TER DE SER] - verbo	1	0,06
CORRE-CORRE - substantivo	3	0,15
CORRERIA(S) - substantivo	8	0,14
CRIME - substantivo	4	0,15
↳ CRIME DE HOMICÍDIO SIMPLES - substantivo	1	0,04
↳ CRIME DE INCÊNDIO - substantivo	1	0,06
↳ CRIME DE PRECONCEITO DE RAÇA - substantivo	2	0,04
↳ CRIME DE TENTATIVA DE HOMICÍDIO - substantivo	1	0,07
↳ CRIMINOSO(S) - substantivo	2	0,13
DEBOCHAR - verbo	1	0,06
DELITO(S) - substantivo	3	0,10
↳ DELITUOSA [, MATERIALIDADE] - adjetivo	1	0,06
DEPREDAÇÃO - substantivo	3	0,16
↳ DEPRENDAR - verbo	2	0,06
↳ DEPREDADO(S) - adjetivo	1	0,03
DERRUBAR [GRADES DE PROTEÇÃO/DIVISÓRIAS] - substantivo	2	0,13
DESAVENÇA(S) - substantivo	1	0,04
DESCUMPRIR [ACORDOS COM A BRIGADA MILITAR] - verbo	1	0,04
DESORDEIRO(S) - substantivo	1	0,07
DESPREZADO [, SER] - verbo	1	0,01
DETIDO [, SER] - verbo	9	0,37
DISCRIMINAÇÃO [RACIAL] - substantivo	1	0,05
↳ DISCRIMINAR - verbo	1	0,08
DISPARO(S) - substantivo	9	0,53
↳ DISPARAR - verbo	1	0,15
↳ DISPARADO(S) - adjetivo	1	0,07
DISPUTA [DE PODER] - substantivo	3	0,14
DISTÚRBO(S) - substantivo	3	0,17
ELIMINAÇÃO [DO ADVERSÁRIO] - substantivo	1	0,01
EMPURRA-EMPURRA - substantivo	1	0,03
EMPURRAR - verbo	2	0,09
ENFRENTAR - verbo	2	0,18
ENSANDECIDO(S) - adjetivo	1	0,04
ESTAMPIDO(S) - substantivo	2	0,06
EXCESSOS(S) - substantivo	2	0,12
EXPULSAR - verbo	1	0,04
↳ EXPULSO(S) - adjetivo	3	0,12
EXTORQUIR - verbo	2	0,04
FACA(S) - substantivo	2	0,02
FACÇÃO(ÕES) - substantivo	10	0,42
FASCISTA - adjetivo	1	0,04
FERIR - verbo	5	0,14
FOGO [, PÔR/ATEAR] - substantivo	3	0,10
FOGUETE(S) - substantivo	3	0,07
FORAGIDO [, SER/ ESTAR] - adjetivo	10	0,47
FORMAÇÃO DE QUADRILHA [ARMADA]- substantivo	5	0,28

FUMAÇA - substantivo	2	0,11
FÚRIA - substantivo	1	0,05
FURTAR - verbo	1	0,04
FUZIL [CALIBRE 7.62] - substantivo	1	0,06
GARRAFA(S) [, GARGALOS DE] - substantivo	3	0,08
GERAL ATAQUE SURPRESA (G.A.S) - substantivo	6	0,38
GOLPE(S) - substantivo	1	0,07
HOMICÍDIO [, TENTATIVA DE] - substantivo	12	0,71
HOMOFÓBICAS [, MANIFESTAÇÕES] - adjetivo	1	0,02
HORDA [BÁRBARA] - substantivo	2	0,08
HOSTILIDADE - substantivo	1	0,08
↳ HOSTIL [ATO] - adjetivo	2	0,10
IMPACIENTAR-SE - verbo	1	0,01
IMPEDIR [DE TRANSITAR/DE COLOCAR FAIXAS] - verbo	2	0,08
INCÊNDIO(S) [DOS BANHEIROS QUÍMICOS] - substantivo	6	0,34
↳ INCENDIAR - verbo	2	0,19
↳ INCENDIÁRIOS - substantivo	1	0,08
INCIDENTE(S) - substantivo	17	1,09
INCITAR [A DISCRIMINAÇÃO RACIAL] - verbo	1	0,07
INVASÃO(ÕES) [, TENTATIVA DE] - substantivo	6	0,41
↳ INVADIR - verbo	6	0,28
IRA - substantivo	1	0,08
LANÇAR [CADEIRAS, PEDRAS, GARRAFAS, COPOS] - verbo	3	0,19
LOUCOS - substantivo	1	0,08
MÁ ÍNDOLE [, GENTE DE] - adjetivo/substantivo	1	0,01
MACACO [IMUNDO/DO INTERNACIONAL] - substantivo	34	2,10
MEDO - substantivo	5	0,28
MOLESTAR - verbo	2	0,11
NÃO ADMITIR COMPARTILHAR [A ARQUIBANCADA] - verbo	1	0,09
NÃO GOSTAR [DE NEGROS, HOMOSSEXUAIS E MULHERES] - verbo	1	0,03
OBRIGAR [A GUARDAR A BANDEIRA DO INTER] - verbo	1	0,02
ODIAR - verbo	1	0,13
OFENDER - verbo	2	0,05
ORQUESTRAR [TUMULTOS] - verbo	1	0,08
PALAVRÕES - substantivo	1	0,03
PANCADA(S) - substantivo	1	0,03
PEDAÇOS [DE CANO] - substantivo	1	0,01
PEDRA(S) - substantivo	5	0,13
PERDER [O CONTROLE] - verbo	1	0,03
PERIGO [, REPRESENTAR] - substantivo	1	0,03
↳ PERIGOSA(O) - adjetivo	3	0,13
PERSEGUIDO [, SER] - adjetivo/verbo	1	0,08
PERTURBAÇÃO [DA ORDEM] - substantivo	1	0,01
PISOTEAR - verbo	3	0,12
PISTOLA [, RÉPLICA DE] - substantivo	1	0,03
PONTAPÉ(S) - substantivo	5	0,14
PRECONCEITO [RACIAL/DE RAÇA] - substantivo	5	0,26
PRESO [, SER/ESTAR] - substantivo/verbo	10	0,44
PRESSÃO - substantivo	4	0,14
PRISÃO [, MANDADO DE/EM FLAGRANTE] - substantivo	4	0,14
PRISÃO [PREVENTIVA] DECRETADA [, TER] - substantivo	11	0,85
PROTESTO(S) - substantivo	5	0,24
PROVOCAÇÃO(ÕES) - substantivo	10	0,51
↳ PROVOCAR (i.e. incitar, desafiar) - verbo	2	0,06

↳ PROVOCAR (i.e. causar) [CALAFRIOS/CONFUSÕES] - verbo	12	0,76
PSICOPATAS - substantivo	1	0,02
QUEBRA-QUEBRA - substantivo	2	0,02
QUEIMA-ROUPA [, À] - substantivo	1	0,03
QUEIXA-CRIME - substantivo	1	0,07
RACISMO - substantivo	16	0,77
↳ RACISTAS - adjetivo	20	1,26
RADICAL - adjetivo	1	0,02
REAGIR - verbo	2	0,05
RECOLHIDO [, SER/ESTAR] (i.e. ser preso) - adjetivo/verbo	2	0,26
REVÓLVER [CALIBRE 38/CALIBRE 44] - substantivo	5	0,25
RIDICULARIZAR - verbo	1	0,04
RISCOS [DOS EXCESSOS] - substantivo	1	0,09
ROJÕES - substantivo	4	0,13
ROUBOS - substantivo	2	0,08
SAQUEAR - verbo	1	0,01
SELVAGERIA - substantivo	2	0,13
SINALIZADORES - substantivo	11	0,39
SOCOS - substantivo	6	0,27
SOQUEIRA [DE METAL] - substantivo	2	0,03
TAPA(S) - substantivo	2	0,01
TAPAR [O ROSTO PARA NÃO SER IDENTIFICADO] - verbo	1	0,05
TAQUARADAS - substantivo	1	0,02
TELEFONEMAS [ANÔNIMOS] - substantivo	1	0,08
TEMOR - substantivo	2	0,14
↳ TEMER - verbo	2	0,13
↳ TEMIDA - adjetivo	1	0,07
TENSÃO - substantivo	1	0,01
TENTAR FORÇAR [A TIRAR A CAMISA DO INTER] - verbo	1	0,06
TER [ALGUMA "COISINHA" NA CABEÇA] - verbo (gíria)	1	0,02
TIRAR [À FORÇA] - verbo	1	0,07
TIRO(S) - substantivo	13	0,89
TRAGÉDIA - substantivo	2	0,14
TUMULTO(S) - substantivo	18	1,16
VAIA(S) - substantivo	4	0,21
↳ VAIAR - verbo	2	0,06
VANDALISMO - substantivo	8	0,46
↳ VÂNDALOS - substantivo	4	0,15
VIAS DE COMBATE [, ESTAR EM] - substantivo	1	0,02
VIAS DE FATO - substantivo	3	0,14
VIDRO [QUEBRADO] - substantivo	1	0,02
VINGANÇA - substantivo	1	0,11
↳ VINGAR-SE - verbo	1	0,06
VIOLÊNCIA - substantivo	20	0,90
↳ VIOLENTOS(S) - adjetivo	1	0,08
VOADORA(S) - substantivo	1	0,02
XINGAR - substantivos	6	0,19
TOTAL DE CÓDIGOS (NODES)	FREQÜÊNCIA TOTAL	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)
202	742	34,46

Mediante a exposição dos quadros, é possível observar um aumento significativo na cobertura, por parte do jornal Zero Hora, das manifestações de violência entre a torcida: de 17,75% de representatividade total no *corpus* de texto (com uma frequência de 186 aparições), passou a 34,46% de representatividade total, com frequência de 742 aparições. Ou seja, mais de um terço das palavras impressas nas reportagens acerca da torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio carrega conteúdo baseado na violência e em suas diversas manifestações. Além disso, as palavras mais comumente empregadas foram: *briga* (37), *macaco* (34), *violência* (32), *confusão* (29), *tumulto* (29), *incidente* (22), *racista* (21), *racismo* (16), *arma [de fogo]* (15). O substantivo mais empregado é *briga* (37), o adjetivo é *racista* (21) e os conectores verbais são *agredir*, *atirar* (*i.e. arremessar*) e *provocar* (*i.e. causar*) (12). É relevante, ainda, salientar a presença de algumas palavras utilizadas para fazer referências à torcida e à violência. Por vezes, os torcedores recebem qualificativos como *arruaceiros*, *baderneiros*, *desordeiros*, *ensandecidos*, *loucos*, *psicopatas* e *vândalos*. Por outras, são comparados com *hooligans* e com os *barrabravas*. É vista como *bagunceira*, como uma *facção*, *gente de má índole*, uma *horda bárbara* e até *fascista*, capaz de, segundo os relatos jornalísticos, promover a *anarquia*, *balbúrdia*, *barbárie*, *medo*, *pânico*, *selvageria* e *tragédia*. Merecedores de um olhar mais detido, o tema “violência” e algumas das palavras associadas a ela serão debatidos com maior relevo na subseção 7.1 *As Presenças (e Ausências) em Zero Hora: uma relação simbiótica com o público leitor*.

Finalmente, um último par de quadros foi gerado, enfatizando a ponderação de frequência por direção da fala noticiosa em relação, primeiramente, aos relatos jornalísticos que tratam a torcida como Alma Castelhana e, secundariamente, passam a nomeá-la Geral do Grêmio. Trazendo a manchete (*headline*) e a data da publicação da notícia, foi atribuído um índice qualitativo – *favorável* (+), para reportagens que com manifestações positivas sobre a torcida, exaltando apenas a festa, as comemorações, o apoio dos torcedores, etc.; *neutra* (0), para notícias que não depõem nem a favor e nem contra a torcida, apenas citando-a; e *desfavorável* (–), para reportagens com exposições negativas sobre a torcida, cujos teores são a violência, os tumultos, as confusões e as infrações criminais promovidas por seus torcedores –, como é visto nos quadros que seguem:

Figura 51 – Quadro de codificação por direção (Alma Castelhana)

PONDERAÇÃO DE FREQUÊNCIA POR DIREÇÃO FAVORÁVEL (+), NEUTRA (0) OU DESFAVORÁVEL (-): “ALMA CASTELHANA”			
MANCHETE (HEADLINE) DA REPORTAGEM	DATA	ÍNDICE QUALITATIVO	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
“JOGO VIRA UM CIRCO COM OS INVASORES”	31.07.2003	(-)	3,78
“ALMA CASTELHANA CAUSA INCIDENTES”	09.03.2004	(-)	3,29
“ALMA CASTELHANA NÃO ASSUME RESPONSABILIDADE”	10.03.2004	(-)	2,43
“CERCO ÀS TORCIDAS – Entrevista: Renoir Cunha, da Promotoria de Defesa dos Direitos Humanos”	14.03.2004	(-)	18,17
“GRÊMIO IDENTIFICA GRUPO QUE PROVOCOU TUMULTO NO OLÍMPICO”	30.07.2004	(-)	4,15
“BARBÁRIE – Um dia de fúria”	25.10.2004	(-)	5,17
“SEGURANÇA REFORÇADA, INDIFERENÇA DA TORCIDA – Chegada do Grêmio a Porto Alegre não registrou protestos”	22.11.2004	(0)	5,89
“O CERCO ÀS ORGANIZADAS – Paz no futebol”	23.03.2005	(-)	4,15
“NA GERAL DO GRÊMIO”	29.04.2005	(-)	17,11
“BRIGADA MILITAR DIZ QUE ALMA CASTELHANA ESTÁ SOB CONTROLE”	30.04.2005	(-)	3,90
“UM POR TODOS, TODOS POR UM – Eduardo Bueno molda o time dos sonhos em ‘Grêmio, nada pode ser maior”	01.06.2005	(+)	4,10
“MELHOR IMPOSSÍVEL – Grêmio derrota Santo André e está na frente em seu grupo”	17.09.2005	(0)	3,65
“CLUBE INVESTIGA VIOLÊNCIA DA TORCIDA”	20.09.2005	(-)	1,51
“AVALANCHE PREOCUPA O GRÊMIO – Clube faz campanha entre torcedores para evitar a perigosa maneira de comemorar os gols do time no Olímpico”	27.09.2005	(0)	6,31
“SUOR E LÁGRIMAS”	28.11.2005	(0)	2,16
“REENCONTRO ILUMINADO”	24.02.2006	(0)	2,25
“REFÉM DAS TORCIDAS”	01.08.2006	(-)	11,92
TOTAL DE REPORTAGENS DO CORPUS TEXTUAL	TOTAL DE REPORTAGENS POR ÍNDICE QUALITATIVO	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)	
17	(+)	1	4,10
	(0)	5	20,26
	(-)	11	75,58

Figura 52 – Quadro de codificação por direção (Geral do Grêmio)

PONDERAÇÃO DE FREQUÊNCIA POR DIREÇÃO FAVORÁVEL (+), NEUTRA (0) OU DESFAVORÁVEL (-): “GERAL DO GRÊMIO”			
MANCHETE (HEADLINE) DA REPORTAGEM	DATA	ÍNDICE QUALITATIVO	REPRESENTATIVIDADE NO CORPUS TEXTUAL (%)
“NA GERAL DO GRÊMIO”	29.04.2005	(-)	4,75
“GRÊMIO IDENTIFICA GRUPO QUE PROVOCOU TUMULTO”	30.07.2005	(-)	1,43
“AVALANCHE PREOCUPA O GRÊMIO”	27.09.2005	(-)	2,17
“TORCIDA SUGERE AS PÁRA-AVALANCHES”	28.09.2005	(0)	0,70
“MEDIDAS PREVENTIVAS – Clube acelera obras na arquibancada”	29.09.2005	(0)	1,16
“REFORÇO NA ARQUIBANCADA”	14.10.2005	(+)	0,44
“ALERTA À TORCIDA”	21.10.2005	(-)	1,09
“VENDA DE INGRESSOS”	10.11.2005	(0)	0,29
“PELOTAS SOFRE PELOS INGRESSOS”	18.11.2005	(0)	0,41
“LIPATIN PRESSENTE QUE MARCARÁ UM GOL DE CABEÇA”	19.11.2005	(0)	1,16
“ISTO AQUI É MAIOR QUE TUDO”	28.11.2005	(-)	0,26
“AQUI DENTRO, TEMOS QUE GANHAR TUDO”	20.12.2005	(+)	1,00
“O SANTO QUER ENCONTRAR A TORCIDA”	13.01.2006	(+)	1,42
“TORCIDA PODE SUPRIMIR A PALAVRA ‘MACACO’”	07.03.2006	(-)	1,28
“EM RITMO DE TREINO”	09.03.2006	(-)	1,47
“TORCIDA JUSTIFICA REFRÃO POLÊMICO”	10.03.2006	(-)	1,08
“DUAS VISÕES SOBRE RACISMO – Torcedores da dupla Gre-Nal divergem sobre a expressão ‘macaco imundo’ adotada por torcida gremista”	11.03.2006	(-)	2,63
“ODONE FAZ A DEFESA DA TORCIDA”	13.03.2006	(-)	1,13
“PROVOCAÇÃO E DIVERTIMENTO NA ARQUIBANCADA”	03.04.2006	(-)	0,67
“PORTALUPPI NO CAMINHO”	06.05.2006	(0)	1,16
“ARGENTINO DE CONFIANÇA”	20.06.2006	(0)	1,09
“REFÉM DAS TORCIDAS”	01.08.2006	(-)	5,65
“A MÁFIA É ‘BARRA PESADA’”	03.08.2006	(-)	1,53
“TUDO POR AMOR AO GRÊMIO”	14.08.2006	(0)	0,91
“PROTESTO E MEDO”	30.08.2006	(-)	1,22
“GERAL NÃO ACEITA SER CULPADA”	03.09.2006	(-)	0,56
“ATO PELA PAZ”	13.09.2006	(-)	0,42
“GRÊMIO ENTREGA HOJE SALA PARA DELEGACIA”	03.11.2006	(-)	0,59
“A PAZ AINDA É UM SONHO”	06.11.2006	(-)	3,67
“NO RASTRO DA VIOLÊNCIA”	12.11.2006	(-)	6,91

“BADERNA.COM.BR – Violência da torcida”	13.11.2006	(-)	1,82
“SOLUÇÕES URGENTES”	14.11.2006	(-)	2,87
“AFLITAÇÃO”	26.11.2006	(0)	1,02
“E A AVALANCHE?”	03.12.2006	(0)	0,25
“ABRAÇOS NO XERIFÃO – Schiavi teve recepção de ídolo ontem”	30.12.2006	(0)	1,33
“EMPOLGAÇÃO – Motivada por contratações, torcida prestigia primeiro treino na Serra”	05.01.2007	(0)	1,51
“NADA MUDA”	15.01.2007	(-)	0,18
“TAPAS E PONTAPÉS EM VEZ DE FESTA – Tumulto no aeroporto”	18.01.2007	(-)	1,44
“BRIGA EM CIDREIRA É COMBINADA NO ORKUT – Integrantes da Popular prometem revidar agressões da Geral do Grêmio a Carvalho”	19.01.2007	(-)	1,21
“SUSPEITO NEGA AGRESSÃO A FERNANDO CARVALHO – Estudante afirmou não ter dado soco no dirigente do Inter”	20.01.2007	(-)	1,57
“O DIA DO GRÊMIO – Provocação”	28.03.2007	(-)	1,35
“ISTO É MATERIAL DE TORCIDA? – BM apreende facas, sinalizadores, bombas caseiras e até soqueira durante jogo contra Tolima”	29.03.2007	(-)	2,13
“EM VEZ DO JOGO, VISITA AO PALÁCIO DA POLÍCIA”	31.03.2007	(-)	1,02
“COAÇÃO – Torcedores invadem Olímpico e exigem reação”	18.04.2007	(-)	2,00
“TORCEDOR DETIDO PODE PASSAR JOGOS NA DELEGACIA”	21.04.2007	(-)	1,39
“MARCELO ROSSI”	01.05.2007	(+)	0,19
“ERA JOGO PELO CLAUSURA, MAS VIBRAÇÃO DE COPA”	11.06.2007	(0)	1,22
“AVENIDA GOETHE, O OLÍMPICO VIRTUAL”	14.06.2007	(0)	1,31
“SALDO NEGATIVO – Gremistas param em hospital portenho”	15.06.2007	(-)	1,21
“BOE ACONSELHA LÍDERES DA GERAL DO GRÊMIO”	19.06.2007	(0)	0,41
“PLANETA AZUL – Com o Grêmio onde a Internet estiver”	20.06.2007	(+)	0,52
“MANO: ‘FALTOU SER MAIS EQUIPE”	21.06.2007	(-)	2,09
“ACABOU NA POLÍCIA”	22.08.2007	(-)	1,70
“NO OLÍMPICO”	29.06.2008	(+)	0,48
“DEBORAH, A MISS E AS NOVAS CAMISETAS”	30.04.2008	(+)	0,72
“RACHOU GERAL”	15.10.2008	(-)	1,24
“TORCIDA GERAL VOLTA A SE UNIR”	17.10.2008	(-)	0,76
“BASTIDORES DE UMA PRESSÃO”	09.11.2008	(-)	0,83
“DENÚNCIA DE RACISMO E TIROS – Faixa com rosto de Everaldo teria provocado briga de torcida”	18.11.2008	(-)	1,65
“VIOLÊNCIA POR DINHEIRO”	19.11.2008	(-)	3,79
“DELEGADO ESTÁ COM A ARMA – Torcedor atingido com tiro na cabeça saiu de UTI”	21.11.2008	(-)	1,13

“CERCO ÀS ORGANIZADAS”	23.11.2008	(-)	1,82
“LUCAS DEIXA O HPS”	26.11.2008	(-)	0,43
“POLÍCIA PRENDE INTEGRANTES DE ORGANIZADA – Três torcedores da Geral do Grêmio foram detidos e outros seis são considerados foragidos”	29.11.2008	(-)	3,75
“SUSPEITO DE ATIRAR EM TORCEDORES SE ENTREGA – Integrante da Geral do Grêmio é apontado como autor de tiros”	03.12.2008	(-)	1,50
“POLÍCIA CIVIL OUVIRÁ DIREÇÃO DO GRÊMIO”	04.12.2008	(-)	1,08
“JUSTIÇA LIBERTA TORCEDORES DO GRÊMIO”	05.12.2008	(-)	1,15
“INTEGRANTES DA GERAL DO GRÊMIO VIRAM RÉUS – Três torcedores deverão ser submetidos a Júri por tentativa de homicídio de membros da Máfia Tricolor”	31.12.2008	(-)	1,68
TOTAL DE REPORTAGENS DO CORPUS TEXTUAL	TOTAL DE REPORTAGENS POR ÍNDICE QUALITATIVO	REPRESENTATIVIDADE TOTAL NO CORPUS TEXTUAL (%)	
68	(+)	7	4,77
	(0)	15	13,93
	(-)	46	81,30

O par de quadros mostra a larga preponderância de reportagens com cobertura desfavorável em relação à torcida, sendo 75,58% das notícias negativas (11 reportagens) para o período em que a imprensa alcunhava a torcida de Alma Castelhana (compreendido entre 2003 e 2006) e aumentando para 81,30% nas reportagens (46 ao todo) que passaram a reconhecer a torcida como Geral do Grêmio (lapso temporal de 2005 a 2008). Por outro lado, apenas 8 das 85 reportagens que compõem o *corpus* textual manifestam direção favorável à torcida, sendo a primeira notícia positiva veiculada somente em 2005, ou seja, após três anos de cobertura jornalística (por parte de Zero Hora) das ações da Alma Castelhana.

7.1 AS PRESENÇAS (E AUSÊNCIAS) EM ZERO HORA: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA COM O PÚBLICO LEITOR

Por meio da coleta dos dados presentes no *corpus* de texto, observa-se manifesta e notória a presença da violência, difundida através das páginas do jornal Zero Hora, quando está em questão noticiar as atividades da torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio. Antes de tudo, é preciso reconhecer que a violência, tão presente na sociedade contemporânea, recebe ampla cobertura por parte também da imprensa. O indivíduo é tocado, diariamente, pelos tentáculos da

violência exposta por meio das mídias de massa. A *violência*, segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, recebe a seguinte acepção: *s.f. 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Jur. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação.* O termo nasce do latim *violentia* (i.e., violência, força) e do verbo *violare* (i.e., violentar, transgredir); por sua vez, ambas as palavras derivam de *vis*, cujos significados são potência, força, vigor (RUIZ & MATTIOLI, 2004). Maffesoli discorre acerca da temática da violência, utilizando as palavras que seguem:

Violência que é fonte de vida. É o que qualquer um sabe empiricamente. É também este “saber incorporado” que constitui a sociedade. Precisamos portanto, dar nomes aos bois: a violência é um elemento essencial da construção simbólica do social: precisamente naquilo em que ela nos liga, ou nos religa, à natureza. É algo que quisemos esquecer, ou que negamos. Em “animal humano”, há também “animal”. Em “natureza humana”, há também “natureza”. E a sabedoria popular, mais sentida que teorizada, naturalmente integrou esse dado básico. É isto o bom senso, o senso comum, o “senso-comunologia” (Schopenhauer) que é extraordinariamente tolerante, digam o que disserem os dirigentes sociais que a manipulam, frente à insegurança da vida. Sem ela, o tédio prevaleceria. Não podemos interpretar de outra forma o extraordinário interesse da televisão e de seus espectadores por todas as formas de catástrofes naturais. O mesmo no que diz respeito aos acidentes rodoviários, que só são mencionados quando particularmente mortíferos ou quando acontecem num túnel, com todas as conseqüências que conhecemos. Não fosse este fascínio pela insegurança, como entender o permanente sucesso, em todas as culturas, dos bandidos de honra, os Robin Hood, Mandrin e Lampião? Como analisar a singular atração pelos crimes sangrentos, elementos essenciais da imprensa popular, ou as picantes fofocas de sociedade da imprensa das classes médias? Como interpretar a audiência nunca desmentida de *soap operas*, seriados e telenovelas, sempre construídos em torno da encenação de diferentes torpezas humanas? Vamos encontrar a cada vez o mitologema de uma violência incontornável, de um conflito antropológico, em suma, da morte onipresente (p. 69-71).

Podemos perceber, através do pensamento de Maffesoli, que a sociedade “anseia” pela violência e encontra nesta certa saciedade. Os periódicos, nesse sentido, abasteceriam estes anseios ao carregar, em suas páginas, notícias de foro violento. Porém, um dos pilares da imprensa é a objetividade. Acompanhada da neutralidade e da imparcialidade, a deusa objetividade passa a ser a meta de todos os jornais a partir da fase de industrialização do jornal, quando o objetivo da imprensa passa a ser o de atingir todos indiscriminadamente (a massa), e não mais um pequeno círculo de leitores (CAPARELLI, 1996). Dessa maneira, os jornais devem “filtrar” as notícias, para que estas sejam objetivas, neutras e imparciais, levando aos leitores

apenas o registro do “fato”, sem floreios e apelativos. Nenhum jornal quer receber o rótulo de “sensacionalista”! A imprensa sensacionalista (chamada de “imprensa marrom” no Brasil) advém da “imprensa amarela”, nascida nos Estados Unidos como conotação para as histórias em quadrinhos impressas nas páginas amarelas, cujo principal artifício era a superlativação das notícias, ardil empregado pelos jornais para angariar mais leitores a partir do superdimensionamento dos fatos que lhes garantissem o caráter de espetacularidade e curiosidade (MARSHALL, 2003).

A imprensa sensacionalista assim é chamada por buscar um apelo às sensações, provocando emoção e relação de aproximação com o fato, a partir de sua reconstrução através dessa memória de sensações (BARBOSA, 2007). Para Henn (1996), a imprensa sensacionalista dirige o acontecimento para a noção de notícia como mercadoria, onde pululam os relatos de delitos, as histórias fantásticas, as catástrofes e os desastres, onde o sucesso e o trágico se encontram no registro dos fatos. Esta imprensa marrom deu início à era dos escândalos, da denúncia, das sessões de fofocas, das notícias dos bastidores da sociedade, através da imaginação, da inferência, da invenção, da especulação e da espetacularização dos fatos na busca pelo sensacional (MARSHALL, 2003). Pedrosa (2001) salienta que o sensacionalismo é uma forma de comunicação buscada pelos jornais para as classes mais baixas da sociedade, uma imposição do sistema ideológico para a classe inferior, a grosseria. Logo, sensacionalista é um rótulo que nenhum meio de comunicação quer receber. Este é o termo amplamente utilizado para se acusar e condenar um veículo de comunicação – quaisquer que sejam as restrições dirigidas ao canal de televisão, à estação de rádio, ao periódico ou à revista: imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação da notícia ou editorial agressivo – e o melhor adjetivo para marginalizá-lo e afastá-lo das mídias “sérias” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995).

Não obstante, Bucci (2000) combate o mito da tríade objetividade–neutralidade–imparcialidade que os jornalistas “sérios” pregam, ao evidenciar que:

O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de “neutro”. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. Esse falseamento – ainda muito comum – pode ser facilmente verificado, em três variantes básicas. A primeira variante é a ocultação involuntária, que consiste em fazer de conta que não se têm convicções ou preconceitos, ou que esses não interferem na objetividade

possível. Resultam daí os relatos supostamente isentos, por trás dos quais o jornalista se esconde como se sua pessoa fosse um ente impessoal e como se a notícia não fosse também determinada pelo seu modo de olhar e narrar. [...] A segunda variante pela qual o jornalista simula neutralidade pode ser chamada de ocultação deliberada. Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas. A ocultação deliberada se beneficia da crença do público de que a neutralidade é possível e, além de não esclarecer ninguém sobre os fatos (pois, propositadamente, transmite uma versão montada dos fatos como se fossem os fatos falando por si mesmos), alimenta ainda mais o mito do jornalista neutro. Por fim, a terceira variante é a ocultação determinada pela servidão voluntária. Acontece mais entre aqueles que “vestem a camisa” não da empresa, mas do chefe. De preferência, já suada. Os que vestem a camisa do chefe anulam voluntariamente sua visão crítica em nome do cargo, do salário, da ambição ou do medo, e assumem para si os valores, as convicções e os preconceitos de quem está no comando (p. 97-98).

A partir disto e analisando o universo da imprensa gaúcha, o jornal Zero Hora, ramificação do jornalismo praticado pelo Grupo RBS materializado na forma impressa, carrega consigo a missão e os valores desta empresa de comunicação multimídia. Segundo o *site* do Grupo RBS, a missão basilar da corporação é “facilitar a comunicação das pessoas **com seu mundo**” e seus principais valores são a ética, a confiança, o respeito, a busca da excelência, a disciplina, a agilidade, o compromisso com o público consumidor (ouvintes, leitores, telespectadores e internautas) e o compromisso com resultados consistentes no curto e longo prazos; a visão estratégica da empresa é a busca por transformar a RBS em um grupo empresarial nacional, através do fortalecimento das operações em âmbito regional, da expansão para o mercado nacional e da aquisição de novas capacitações. Tal panorama, somado à liderança em circulação no Rio Grande do Sul, servem como indicadores de uma postura séria do jornal Zero Hora, socialmente responsável e empenhado em registrar temas de interesse público, com ética e neutralidade.

Contudo, as falas de Zero Hora que narram as ações da torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio não podem ser enxergadas pelo viés da neutralidade, posto que o que é neutral não declara prós nem contras, é imparcial. As reportagens de Zero Hora enveredam pelo caminho da cobertura da *violência* promovida pela torcida, uma vez que mais de 75% das notícias apresentam abordagem desfavorável dos torcedores e de suas ações. Cumpre dizer que a análise quantitativa dos dados, quando tomada isoladamente, não permite apontar indícios de parcialidade por parte de Zero Hora. Porém, quando os dados quantitativos são postos em consonância com o olhar

qualitativo lançado sobre as páginas do jornal, é possível perceber traços de uma factível falta de neutralidade.

Afora a aparição massiva da violência, seja através de substantivos, adjetivos e verbos, algumas figuras de linguagem são utilizadas para descrever as manifestações da torcida. Logo na primeira reportagem sobre a Alma Castelhana, datada de 31 de julho de 2003, a manchete estampa “Jogo vira **circo** com os invasores”, fazendo uso da metáfora, visto que a palavra “circo” – cuja acepção usual se dirige para o recinto circular onde se dão os espetáculos com acrobatas, palhaços, animais amestrados, etc. – cumpriu papel de fazer os leitores perceberem a confusão, a balbúrdia e os ruídos que, segundo a reportagem, a torcida Alma Castelhana ajudou a promover. A metáfora também é utilizada na reportagem “No rastro da violência” (6 de novembro de 2006), quando, através do jogo de palavras que utiliza a comemoração “avalanche” (marca registrada da torcida), é noticiado que “um torcedor, tatuagem do Grêmio no peito e chapéu do Inter, saiu trocando socos com outros gremistas e provocou uma **avalanche de pânico**”. Em outro momento, faz-se uso da sinestesia quando, para descrever o uso de drogas entre os torcedores da Geral do Grêmio, a reportagem “Na geral do Grêmio” (29 de abril de 2005) descreve o “**odor adocicado** da maconha, de livre circulação na geral”, mesclando, numa mesma expressão, sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido (olfato e paladar). Sobre a polícia, na mesma reportagem, surge a figura de linguagem eufemismo, onde a truculência da Brigada Militar é substituída por outra expressão menos brusca no seguinte trecho: “Desta vez, na tentativa de organizar a fila, os brigadianos a cavalo são **menos gentis**”. A metonímia também é utilizada, quando um torcedor, que a reportagem “Alma Castelhana causa incidentes” (9 de março de 2004) supõe ser membro da Alma Castelhana, é chamado de **castelhano**, no seguinte trecho: “– Isso aqui é festa para a torcida, não tem entrevista hoje - disse um dos **castelhanos**”; ou seja, do todo (Castelhana), surge uma referência para a parte (castelhanos).

Também podem ser verificados alguns preconceitos na fala jornalística de Zero Hora, quando conceitos são formulados de modo antecipado e sem fundamento sério ou imparcial. É o caso da reportagem “No rastro da violência” (29 de abril de 2005), que traz o seguinte trecho: “No final da partida, um desses iniciantes só não apanhou de um **torcedor com jeito de lutador de jiu-jitsu** porque três amigos mais sensatos – e menos bêbados – o seguraram”. A polícia, por sua vez, recebe manifestação elogiosa, pré-conceituada da seguinte forma na reportagem “Na

geral do Grêmio” (6 de novembro de 2006): “Alguns dos **mais qualificados integrantes da BM, a julgar pela estatura e pela envergadura dos homens**, seguem seus passos”.

Despertam a atenção os apostos explicativos utilizados nas reportagens de Zero Hora, ao longo de seis anos, para melhor detalhar a torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio. Alguns exemplos são: a) “*grupo que surgiu inspirado nas cantorias e na forma de torcer dos argentinos*” (“Alma Castelhana causa incidentes”, 9 de março de 2004); b) “*uma torcida independente que até o ano passado era conhecida pela reputação de baderneira e não oficializada pelo clube*” (“Na geral do Grêmio”, 29 de abril de 2005); c) “*mais problemática torcida do Olímpico*” (*ibidem*); d) “*torcida que anima o time com seus hinos em língua espanhola*” (“O Santo quer encontrar a torcida”, 13 de janeiro de 2006); e) “*que canta hinos em espanhol durante os jogos e não esconde sua admiração pelos jogadores argentinos da equipe*” (“Argentino de confiança”, 20 de junho de 2006); f) “*responsável pela violência que chegou a incendiar banheiros químicos*” (“Refém das torcidas”, 1 de agosto de 2006); g) “*ala mais ruidosa dos torcedores*” (“No rastro da violência”, 12 de novembro de 2006); h) “*torcida que protagonizou o tumulto*” (“Suspeito nega agressão a Fernando Carvalho”, 20 de janeiro de 2007); i) “*uma das mais fanáticas torcidas do futebol brasileiro*” (“Rachou Geral”, 15 de outubro de 2008). Alguns destes apostos fazem alusão às origens da torcida, conjecturando sobre as inspirações nas torcidas argentinas, enquanto outros remetem, novamente, à violência e ao fanatismo da torcida.

Em ao menos três passagens, as reportagens de Zero Hora adotam o sarcasmo para fazer referências à Alma Castelhana/Geral do Grêmio. Num momento, a Alma Castelhana é citada como torcida desorganizada, em comparação às torcidas organizadas (“*Cunha exige o cadastramento de integrantes das [torcidas] organizadas e também das desorganizadas – caso da Alma Castelhana, do Grêmio*”, na reportagem “Cercos às torcidas”, de 14 de março de 2004). Tal colocação gera uma dupla interpretação, pois a torcida pode tanto ser considerada uma manifestação que não se enquadra nas normas de funcionamento das torcidas organizadas, quanto se pode interpretar como uma confusão, desordem, ou até mesmo uma “horda” (“*Coação – Torcedores invadem Olímpico e exigem reação*”, em 18 de abril de 2007). Num outro momento, a manchete da reportagem surge com um questionamento carregado de escárnio: “Isto é material de torcida? – BM apreende facas, sinalizadores, bombas caseiras e até soqueira durante jogo contra Tolima” (29 de março de 2007). O tópico frasal da reportagem mantém o tom de ironia,

com outra pergunta: “*De que forma foguetes e sinalizadores com 40 centímetros de comprimento, bombas caseiras feitas com pólvora e bolas de gude, seis facas, soqueira de metal e gargalos de garrafas foram parar com integrantes da torcida Geral do Grêmio, na terça-feira?*”. O sarcasmo também pode ser visto na reportagem “*Coação – Torcedores invadem Olímpico e exigem reação*”, de 18 de abril de 2007, quando, em determinada fala noticiosa, surge o seguinte posicionamento: “*Ficou difícil entender se [os torcedores da geral do Grêmio] estavam lá para conversar, cobrar, ameaçar os jogadores ou para um coquetel. Idas e vindas ao bar eram comuns. Água, nem pensar. Só cerveja*”.

Se de um lado – mais manifesto e cristalino – temos as falas muitas vezes óbvias e por outras sutis de Zero Hora, de outro lado – e menos evidentes – estão os silêncios. Por repetidas vezes, Zero Hora se cala durante grandes períodos de tempo quando o tema é a torcida do Grêmio. Mesmo que as atividades da torcida não tenham cessado no lapso temporal compreendido entre 2003 e 2008, o jornal Zero Hora não produziu voz em vários momentos. A partir destes silêncios, é permissível inquirir sobre uma fala pontual de Zero Hora, que parece “levantar fervera” quando a matéria é regulada pela narrativa das ações violentas da torcida, dos constrangimentos produzidos por seus torcedores, da infração de leis e regras impostas pelo clube e/ou pela sociedade. As reportagens de Zero Hora sobre a Alma Castelhana/Geral do Grêmio parecem surgir em blocos, todos eles regulados por marco, um fato/acontecimento que desencadeia uma série de matérias, cujos escopos são analisar detalhadamente e esgotar cada caso. Tal verificação é posta em relevo na tabela que segue:

Figura 53 – Blocos de notícias publicadas com base em marcos desencadeadores

Bloco de Notícias	Data	Marco Desencadeador
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Alma Castelhana causa incidentes” ▪ “Alma Castelhana não assume responsabilidade” ▪ “Cerco às torcidas” 	09.03.2004 10.03.2004 14.03.2004	Confusões no Gre-Nal nº 358, disputado no Estádio Olímpico
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Avalanche preocupa o Grêmio” ▪ “Torcida sugere as pára-avalanches” ▪ “Medidas preventivas - Clube acelera obras nas arquibancadas” 	27.09.2005 28.09.2005 29.09.2005	Preocupação com o desgaste das arquibancadas por culpa da comemoração “avalanche”
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Torcida pode suprimir a palavra ‘macaco’” ▪ “Em ritmo de treino” ▪ “Torcida justifica refrão polêmico” ▪ “Duas visões sobre racismo - Torcedores da dupla Gre-nal divergem sobre a expressão ‘macaco imundo’ adotada por torcida gremista” ▪ “Odone faz defesa da torcida” 	07.03.2006 09.03.2006 10.03.2006 11.03.2006 13.03.2006	Cantos supostamente racistas entoados pela torcida Geral do Grêmio
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Refém das torcidas” ▪ “A Máfia é ‘barra pesada’” ▪ “Tudo por amor ao Grêmio” ▪ “Protesto e medo” ▪ “Geral não aceita ser culpada” 	01.08.2006 03.08.2006 14.08.2006 30.08.2006 03.09.2006	Confusões no Gre-Nal nº 366, disputado no Estádio Beira-Rio e marcado pelo incêndio de banheiros químicos por parte da torcida gremista
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “A paz ainda é um sonho” ▪ “No rastro da violência” ▪ “Baderna.com.br - Violência da torcida” ▪ “Soluções urgentes” 	06.11.2006 12.11.2006 13.11.2006 14.11.2006	Confusões no Gre-Nal nº 367, disputado no Estádio Olímpico
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Tapas e pontapés em vez de festa - Tumulto no aeroporto” ▪ “Briga em Cidreira é combinada no Orkut - Integrantes da Popular prometem revidar agressões da Geral do Grêmio a Carvalho” ▪ “Suspeito nega agressão a Fernando Carvalho - Estudante afirmou não ter dado soco no dirigente do Inter” 	18.01.2007 19.01.2007 20.01.2007	Agressões de integrantes da torcida Geral do Grêmio no presidente do Internacional, Fernando Carvalho, ocorridas no aeroporto Salgado Filho
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “O dia do Grêmio - Provocação” ▪ “Isto é material de torcida? - BM apreende facas, sinalizadores, bombas caseiras e até soqueira durante jogo contra o Tolima” ▪ “Em vez de jogo, visita ao Palácio da Polícia” 	28.03.2007 29.03.2007 31.03.2007	Confusões ocorridas na partida contra o clube colombiano Deportes Tolima, pela Copa Libertadores da América
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Saldo negativo - Gremistas param em hospital portenho” ▪ “BOE aconselha líderes da Geral do Grêmio” ▪ “Planeta Azul - Com o Grêmio onde a Internet estiver” ▪ “Mano: ‘Faltou ser mais equipe’” 	15.06.2007 19.06.2007 20.06.2007 21.06.2007	Confusões ocorridas nas finais disputadas com o clube argentino Boca Juniors, pela Copa Libertadores da América
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Rachou Geral” ▪ “Torcida volta a se unir” 	15.10.2008 17.10.2008	“Racha” na torcida Geral do Grêmio
<ul style="list-style-type: none"> ▪ “Denúncia de racismo e tiros - Faixa com rosto de Everaldo teria provocado briga de torcida” ▪ “Violência por dinheiro” ▪ “Delegado está com a arma - Torcedor atingido com tiro na cabeça saiu de UTI” ▪ “Cerco às organizadas” ▪ “Lucas deixa o HPS” ▪ “Polícia prende integrantes de organizada - Três torcedores da Geral do Grêmio foram detidos e outros seis são considerados foragidos” ▪ “Suspeito de atirar em torcedores se entrega - Integrante da geral do Grêmio é apontado como autor de tiros” ▪ “Polícia Civil ouvirá direção do Grêmio” ▪ “Justiça liberta torcedores do Grêmio” ▪ “Integrantes da Geral do Grêmio viram réus - Três torcedores deverão ser submetidos a Júri por tentativa de homicídio de membros da Máfia Tricolor” 	18.11.2008 19.11.2008 21.11.2008 23.11.2008 26.11.2008 29.11.2008 03.12.2008 04.12.2008 05.12.2008 31.12.2008	Tiroteio ocorrido no entorno do Estádio Olímpico, após o jogo Grêmio X Coritiba, envolvendo torcedores da Geral do Grêmio e da Máfia Tricolor, que resultou em dois torcedores baleados e gerou uma mobilização da Polícia Civil para apurar as causas e apontar e punir os culpados

Nesse sentido, as vozes e os silêncios de Zero Hora parecem estar de acordo com as palavras de Bourdieu (1996) sobre as orientações sociais que determinam a lógica do campo de produção e do campo de consumo:

[...] esse sentido da orientação social permite mover-se em um espaço hierarquizado onde os *lugares* – galerias, teatros, editoras – que marcam posições nesse espaço marcam ao mesmo tempo os produtos culturais que lhes estão associados, entre outras razões porque através deles indica-se um público que, com base na homologia entre campo de produção e campo de consumo, qualifica o produto consumido, contribuindo para constituir-lhe a raridade ou a vulgaridade (inconvenientes da divulgação). É esse domínio prático que permite aos mais avisados dos inovadores sentir e pressentir, *sem qualquer cálculo cínico*, "o que está por fazer", onde, quando, como e com quem fazê-lo, estando dado tudo que foi feito, tudo que se faz, todos aqueles que o fazem e onde, quando e como o fazem. A escolha de um lugar de publicação (no sentido amplo) – editora, revista, galeria, jornal – é tão importante apenas porque a cada autor, a cada forma de produção e de produto, corresponde um *lugar natural* (já existente ou a ser criado) no campo de produção e porque os produtores ou os produtos que não estão em seu devido lugar – que são, como se diz, "deslocados" – ficam mais ou menos condenados ao fracasso: todas as homologias que garantem um público ajustado, críticos compreensivos etc. para quem encontrou seu lugar na estrutura atuam ao contrário contra aquele que se extraviou de seu lugar natural. Da mesma maneira que os editores de vanguarda e os produtores de *best-sellers* estão de acordo ao dizer que correriam inevitavelmente para o fracasso se se atrevessem a publicar obras objetivamente destinadas ao pólo oposto do espaço da edição, assim também um crítico apenas pode ter "influência" sobre seus leitores na medida em que eles lhe concedem esse poder porque estão estruturalmente de acordo com ele em sua visão do mundo social, em seus gostos e em todo o seu *habitus* (p. 190-191).

E Bourdieu segue, tomando como exemplo o francês Jean-Jacques Gautier, crítico teatral, novelista e ensaísta:

Jean-Jacques Gautier descreve bem essa afinidade eletiva que une o jornalista ao seu jornal e, por intermédio dele, ao seu público: um bom diretor do *Figaro*, que foi ele próprio escolhido segundo os mesmos mecanismos, escolhe um crítico literário do *Figaro* porque "ele tem o tom que convém, para se dirigir aos leitores do jornal", porque, *sem ter necessidade de o querer*, "fala naturalmente a língua do *Figaro*" e porque seria "o leitor típico" desse jornal. "Se amanhã, no *Figaro*, eu me puser a falar a linguagem da revista *Les Temps Modernes*, por exemplo, ou das *Saintes Chapelles de Lettres*, não serei mais lido nem compreendido, portanto, não serei ouvido, porque me apoiarei em certo número de noções ou de argumentos que o leitor desdenha inteiramente." A cada posição correspondem *pressuposições*, uma *doxa*, e a homologia entre as posições ocupadas pelos produtores e as de seus clientes e a condição dessa cumplicidade que é tanto mais fortemente exigida quanto, como no teatro, o que se encontra

comprometido é mais essencial, mais próximo dos investimentos últimos (p. 191).

Das palavras de Bourdieu, pode-se depreender a estreita relação que aproxima as mídias e o público consumidor das mesmas (leitores, telespectadores, ouvintes, internautas). Por seu lado, os leitores de um jornal parecem desejar com veemência as notícias sobre a violência, os crimes, as desgraças. Consomem-nas com avidez! Pois assim procede a força societária, insaciável quando o terreno adentrado é aquele que compreende o sangue e a morte, as desgraças, as dores e o desamparo; tudo isto possui uma função ética, que cimenta o estar junto (MAFFESOLI, 2004), reforçando a unidade, a identidade, o todo, pois, como lembra Durkheim (*apud* MAFFESOLI, 2004, p. 133), “chorar coletivamente também é um modo de formar o vínculo social”.

Não cabe aqui, levemente, inserir Zero Hora no terreno do sensacionalismo, tomando a acepção mais pejorativa do termo. Porém, lembrando Dines (1971 *apud* BARBOSA, 2007), todo processo de comunicação é, de certa forma, sensacionalista, e, inserido nos meios de transmissão da informação, o jornalismo sublinha os elementos mais palpitantes da história com o intento de seduzir o leitor. Dessa forma, Zero Hora, ao assumir silêncio diante dos fatos mais brandos e positivos protagonizados pela torcida Alma Castelhana/Geral do Grêmio – como as manifestações positivas nas arquibancadas e fora delas, os cantos alentadores, as coreografias e a festa visualmente pulsante dentro do Estádio Olímpico e por vários estádios ao longo do continente sul-americano, só para citar alguns casos – e difundir uma fala pontual inclinada à violência, parece ir ao encontro dos apetites sociais, operando como um canal de liberação dos desejos reprimidos e censurados, e oferecendo a projeção da culpabilidade do ato, realizado no imaginário de cada leitor (PEDROSO, 2001), sobre os acontecimentos e as personagens envolvidas no universo da torcida gremista. Pedroso (*idem*) reforça que:

A leitura legítima, no espaço social, o impulso agressivo do leitor pela denúncia dos atos criminosos e pela designação dos culpados, permitindo-lhe a satisfação, imaginária ou verbal, de obedecer a sua própria violência. [...] O jornalismo sensacionalista, pela maneira própria de engendramento discursivo, estrutura, representa e permite o acesso ao mundo da liberdade pela exploração dos temas agressivos, homicidas e aventureiros, que não podendo realizar-se na vida cotidiana, submetida à lei e à censura, tendem a realizar-se, projetivamente, na leitura (p. 51).

Portanto, supondo como necessidades primárias da imprensa contemporânea auferir lucros, atrair audiências e angariar publicidades (MARSHALL, 2003), o jornal Zero Hora parece obter êxito em oferecer ao público leitor aquilo que o mesmo anseia consumir, visto que é o primeiro jornal do Rio Grande do Sul em distribuição paga e o sexto em âmbito nacional. Assim, esta relação entre mídia e público leva a crer que se trata de um mecanismo cíclico, onde não fica claro aquilo que é causa e aquilo que é consequência. Em uma face da moeda temos um leitor-consumidor, que busca na leitura uma liberação projetiva nos atos daqueles que representam um papel estigmatizado, rebelde, desviante, mas livre (PEDROSO, 2001) – caso dos torcedores de futebol ligados a alguma torcida e, mais especificamente, dos torcedores da Alma Castelhana/Geral do Grêmio – e acaba impondo exigências espontâneas sobre aquilo que busca nas leituras das páginas de um jornal, provocando, por parte dos órgãos de comunicação, uma preocupação em satisfazer e contentar imediatamente e a qualquer preço tais necessidades. Magnane (1969) depõe a favor disto, ao declarar que:

Reclamando sempre mais estórias sensacionais, sempre mais prodígios, o público incita os redatores e os repórteres especialistas a inventar incessantemente novas coisas. Estas invenções, por seu lado, suscitam novas necessidades, e assim por diante (p. 97).

Na outra face da moeda, temos uma mídia formadora de opinião, que incute seus “fatos” e suas “verdades” no imaginário dos leitores. Por esta perspectiva, a comunicação social pode ser considerada como:

Um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com o nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2002 *apud* LIPPI, SOUZA & NEIRA, 2008, p. 51).

Logo, é fundamental dizer que não pertence a este estudo definir o que é causa e o que é consequência ou em que medida mídia e público exercem e sofrem influências mutuais. Acredito que tal tema possa dar margem a outras pesquisas, cujo principal objetivo seja o de engolfar-se nas raízes desta matéria. Aqui, vale exprimir que há uma *simbiose* entre a imprensa e a sociedade,

entre o jornal Zero Hora e seus leitores, à medida que ambos modificam e são modificados por tal comunhão, contribuem para a manutenção um do outro e tiram proveito desta ligação que se estabelece, mesmo sem fincar a bandeira sobre quem inflama e acende o furor do sensacionalismo e do espetáculo em quem.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações presentes no jornalismo impresso promovido pelo jornal Zero Hora sobre a torcida Geral do Grêmio, ponderada através das vozes e silêncios, das presenças e ausências – além de uma análise da trajetória histórica da torcida e da fala de seus torcedores ao apoiar o Grêmio, entoar os cânticos e dirigir xingamentos e insultos aos adversários, à polícia e à própria imprensa –, entremeou e tornou praticável olhar com mais profundidade para o que era dito sobre a torcida. Na carência de outras fontes, a imprensa se tornou o único canal de informação sobre a Geral do Grêmio e, com isso, formadora (e deformadora) de pressuposições, opiniões e preconceitos sobre a torcida e seus partícipes. Distante da pretensa e ilusória “neutralidade”, foi possível inferir que Zero Hora pratica um jornalismo inclinado a oferecer aos seus consumidores aquilo que eles anseiam. Quando a pauta é a Geral do Grêmio, esta ânsia parece recair sobre a violência levada a efeito pelos torcedores que ocupam as arquibancadas gerais do Estádio Olímpico.

Não me permito aqui apresentar como execrável o jornalismo praticado por Zero Hora, nem sair em franca defesa da torcida Geral do Grêmio. A chave deste estudo, em minha opinião, parece ter sido lançar luz a uma possível parcialidade que afasta o jornal da utópica neutralidade apregoada pelas mídias – e que, cumpre ressaltar, não é atributo que diz respeito somente a Zero Hora, uma vez que todas mídias dão sinais de buscar a satisfação do consumidor através daquilo que ele procura quando acede aos veículos de comunicação. O razoável é tentar reconhecer que, se por um lado alguns torcedores agem com violência em situações variadas, por outro lado a fala noticiosa de Zero Hora enfoca majoritariamente estes fatos violentos, explorando-os com maior insistência e calando-se para outras manifestações positivas da Geral do Grêmio.

No que concerne à metodologia utilizada, a análise de conteúdo informatizada – concebida mediante o uso do QSR NVivo 7 – foi de grande valia para o estudo, por ter asseverado celeridade ao processo de coleta e tratamento dos dados. Mesmo assim, reconheço que a ferramenta utilizada contém diversas outras funcionalidades, capazes de dispensar muitas e diferentes abordagens daquelas realizadas aqui. Assim, o mesmo tema poderia receber, através do NVivo 7 ou de outras ferramentas de análise de conteúdo (informatizadas ou não), outros procedimentos de exame com vistas à produção de novos conhecimentos.

Além disso, acredito que o tema do estudo permite inferências e inflexões, que possam provocar curvaturas no conhecimento produzido. Longe de buscar respostas fechadas e “verdades” absolutas, a pesquisa não se esgota em si mesma, funcionando apenas como um prisma que, tal como decomposição da luz, fraciona os caminhos para outros microcosmos no campo do saber.

Como exemplos de passos a serem trilhados e aspectos a serem considerados num estudo vindouro, apresento como inspiração as possibilidades de exploração das fotografias utilizadas nas edições de Zero Hora na cobertura noticiosa da torcida Geral do Grêmio ou o lançamento de um olhar mais detido sobre as manchetes (*headlines*) de cada reportagem. Ou, se for o caso, há espaço para um estudo etnográfico junto aos líderes da torcida e seus demais torcedores. Portanto, as clivagens interdisciplinares poderiam ceder espaço ou acrescentar novas ciências, travando diálogos com a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, etc. Ao trançar conhecimentos e abordagens, torna-se praticável compor dialeticamente novas pesquisas, que também serão perpassadas por novos saberes, sem nunca atingirem o esgotamento.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, Jose; MOREIRA, María Verónica. **El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta**. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS - UFRGS, v. 14, n. 30, dez. 2008.

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. **Identities corporales: entre el relato y el aguante**. Revista Campos, v. 8, n. 1. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2007.

_____. **El "aguante": una identidad corporal y popular**. Intersecciones antropológicas. Olavarría, n. 9, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-373X2008000100020&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2009.

ALDÉ, Alessandra; XAVIER, Gabriela; BARRETOS, Diego. **Critérios jornalísticos de noticiabilidade: discurso ético e rotina produtiva**. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE – SIPEC, 5, 2004, Rio de Janeiro.

AMARAL, Thiago Trindade. **A violência entre as torcidas da dupla Gre-nal: o que gera e como conter a violência entre as duas maiores torcidas do estado**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. **Força Estranha - O Papel do Futebol Na Sociedade**. Ciência Hoje, v. 1, n. 1, 1982.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance.** São Paulo: Hucitec, 1998.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRA BRAVA. **El portal de las barras bravas latinoamericanas.** Disponível em: <www.barrabrava.net>. Acesso em: 13 out. 2009.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis: Vozes, 2005.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.

BEHAR, Eli. **Vultos do Brasil: Bibliografias, História e Geografia.** São Paulo: Hemus, 1967.

BEHS, Leandro; BENFICA, Luís Henrique. **Time sofre pressão da torcida antes de confronto com o Palmeiras.** Zerohora.com. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?newsID=a2287181.htm&tab=00014&uf=1>>. Acesso em: 24 set. 2010.

BLOCH, Marc. **Apología para la historia o el oficio de historiador.** Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BLOG DUPLA EXPLOSIVO. **Saci x Macaco.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/duplaexplosiva/2010/04/26/saci-x-macaco/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 22 ago. 2010.

BLOG FEEERDI. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_Jh2yuK7Ago/RnraGjIHqGI/AAAAAAAAAKw/4UkVkuLxBvs/s1600/soy+de+gremio.jpg>. Acesso em 4 abr. 2009.

BLOG GRÊMIO SEMPRE IMORTAL. Torcedore\$?. Disponível em: <<http://sempreimortal.wordpress.com/2009/07/06/torcedore/>>. Acesso em 18 jan. 2011.

BLOG IMORTAL SONHO. Disponível em <www.imortalsonho.blogspot.com>. Acesso em: 30 jun. 2009.

BLOG TRICOLOR. Disponível em: <<http://wp.kzuka.com.br/blogtricolor/2009/05/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

BONETTI, Alexandre. **Considerações acerca da polissemia de sentidos em um jornal diário: um ensaio sobre a mídia impressa.** *Athenea Digital*, 13. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/420>>. Acesso em: 23 out. 2010.

BORGES, Lucas. **Colorados chamam rivais de argentinos; Tricolores admitem influência, mas preferem termo castelhano.** *Site ESPN.* Disponível em: <http://espnbrasil.terra.com.br/futebol/futebol/noticia/66771_COLORADOS+CHAMAM+RIVAIS+DE+ARGENTINOS+TRICOLORS+ADMITEM+INFLUENCIA+MAS+PREFEREM+TERMO+CASTELHANO>. Acesso em 23 ago. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGA, Kenny. **Sport Club Internacional.** In: DORNELLES, Beatriz (org.). *Porto Alegre em destaque: história e cultura.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.671. **Estatuto de Defesa do Torcedor.** Brasília, 2003.

BRÜGGER, Ricardo. **Teatro, cultura e sociedade: o espaço público urbano como palco da cena contemporânea – Rio de Janeiro – de 1981 a 1992**. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, III, 2003, Florianópolis. *Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas*. Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **¿Qué es la Historia Cultural?**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **O arquétipo da alteridade e a riqueza simbólica do futebol: uma contribuição da Psicologia Simbólica Junguiana**. In: *Revista Psicologia Atual*, ano 5, n. 25. São Paulo: jul. 1982.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SILVA, Silvio Ricardo da. **As determinações do estatuto do torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo**. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 1. Campinas: set. 2008, p. 9-24.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 5 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

CARMONA, Lédio & POLI, Gustavo. **Almanaque do Futebol**. Rio de Janeiro: Casa da palavra: COB, 2006.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, n. 5, v. 11, abr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2011.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002.

CORREIA SOBRINHO, José; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol: metamorfoses de um fenômeno de massas**. In: *Revista Eletrônica Inter-Legere*. n. 3. jul./dez. 2008. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>> Acesso em: 8 set. 2009.

COUTO PEREIRA, Helena Bonito. **Michaelis Dicionário Escolar Espanhol-Português / Português-Espanhol**. 9 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando – Uma introdução à antropologia social**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Dissertação de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

_____. **Futebol e estética**. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001. p. 82-91.

_____. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **A superstição no futebol brasileiro**. In: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-20.

DE LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111–153.

DIEHL, Astor Antônio. **Do método histórico**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2001.

DIENSTMANN, Cláudio. **Campeonato Gaúcho: 68 anos de história**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

DRAMISINO, Hugo. **Freud Futbol Club: Psicoanálisis y futbol**. Buenos Aires: Ledra, 1997. p. 57.

DUCKER. **O site da torcida gremista**. Disponível em: <www.ducker.com.br>. Acesso em 15 mar. 2009

DUNNING, Eric. **As ligações sociais e a violência no desporto**. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985. p. 327-354.

_____. **El deporte como coto masculino: notas sobre las fuentes sociales de la identidad masculina y sus transformaciones**. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. ed. 2. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

DURKHEIM, Émile. **Las formas elementales de la vida religiosa**. Madri (ESP): Alianza Editorial, 2003.

ECK, Michael. **The internet: inside and out**. Nova Iorque: Rosen Book Works, 2002.

ELBAUM, Jorge. **Apuntes para el «aguante». La construcción simbólica del cuerpo popular**. In: ALABARCES, Pablo Alabarces *et al.* *Deporte y Ciencias Sociales*. Buenos Aires: EUDEBA - Instituto Gino Germani, 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos**. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985. p. 257-278.

ENTIN, Gabriel. **Patovicas eran los de antes**. Diário Página 12. Buenos Aires: 1 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-20860-2003-06-01.html>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

ESSLIN, Martin. **Uma anatomia do drama**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1976.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'Histoire**. Paris: Librairie Armand Colin, 1992.

FERRÁNDIZ, Francisco; FEIXA, Carles. **Jóvenes sin tregua: Culturas y políticas de la violencia**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRO, Juan Pablo. **Ni la muerte nos va a separar, desde el cielo te voy a alentar. Apuntes sobre identidad y fútbol en Jujuy**. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: Futbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

FLORES, Moacyr. **Origem e fundação de Porto Alegre**. In: DORNELLES, Beatriz (org.). *Porto Alegre em destaque: história e cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRAUSTO, Arturo I. Allende. **Agresividad y violencia en el fútbol**. Revista Digital Universitaria, v. 6, n. 6. Cidade do México: 10 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revista.unam.mx/vol.6/num6/art61/int61.htm>>. Acesso 15 set. 2009.

FRUTOS, Mario Barajas. **Comunicação Global e aprendizagem: usos da internet nos meios educacionais**. In: SANCHO, Juana. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

G1. **Em faixa, torcida do Grêmio exige a vitória**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL200920-5598,00-EM+FAIXA+TORCIDA+DO+GREMIO+EXIGE+VITORIA+SOBRE+O+CORINTHIANS.html>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

GÁNDARA, Lelia Mabel. **Las voces del fútbol. Análisis del discurso y cantos de cancha**. Literatura lingüística, n. 10. Santiago: 1997. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58111997001000003&lng=es&nrm=so>. Acesso em: 25 nov. 2009.

GARRIGA ZUCAL, Jose. **El aguante: prácticas violentas y identidades de género masculino en un grupo de simpatizantes del fútbol argentino**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2001. Tese de Licenciatura em Antropologia Social, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2001.

_____. **Haciendo amigos a las piñas. Violencia y redes sociales de una hinchada**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GASKELL, Ivan. **História das Imagens**. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 237-270.

GERAL DO GRÊMIO. **Letras**. Disponível em: <www.geraldogremio.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2008.

GERMANO, Íris. **Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil**. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). *RS negro: cartografia sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GIL, Gastón Julián. **El cuerpo popular en los rituales deportivos**. Lecturas em educación física e deportes. Ano 3, n. 10. Buenos Aires: mai. 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/gjil10.htm>> Acesso em: 8 set. 2009.

_____. **Hinchas em trânsito: violência, memória y identidad de um club del interior**. Mar del Plata: EUDEM, 2007.

GLOBOESPORTE.COM. **Meira, Grêmio sempre foi raça!**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/foto/0,,32987083-EX,00.jpg>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 28-40.

GOOGLE INC. **Google Earth**. Versão 6.1..0.5001, 2011. *Software* para exploração de conteúdo geográfico complexo.

GRÊMIO FBPA. **Site oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre**. Disponível em: <www.gremio.net>. Acesso em 28 jun. 2008.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

GUTIERREZ, Washington. **Organização da educação física e dos desportos**. Porto Alegre: Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre, 1980.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HENN, Ronaldo Cesar. **A pauta e a notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

HOFMEISTER, Naira. **Hinchadas argentinas, un fenómeno que se importa y se copia.** *Site Terra América Latina.* Disponível em: <<http://www.ar.terra.com/futebol/libertadores/2010/noticias/0,,OI4303966-EI14612,00-Hinchadas+argentinas+un+fenomeno+que+se+importa+y+se+copia.html>>. Acesso em 23 ago. 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988).** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

_____. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009a.

_____. **A invenção da torcida: futebol e música no Brasil.** *Site da Maison des Sciences de l'Homme.* Paris: 22 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ameriquelatine.msh-paris.fr/spip.php?article342>>. Acesso em: 10 dez. 2009b.

HOLSTI, Ole. **Content Analysis for the Social Sciences and Humanities.** Reading, Massachusetts (USA): Addison-Wesley, 1969.

HRYNIEWICZ, Roberto Romeiro. **Torcida de futebol: adesão, alienação e violência.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Pesquisas de Opinião Pública.** Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=2&temp2=3&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=pesquisa_home&db=caldb>. Acesso em: 18 nov. 2011.

IÑIGUEZ, Lupicínio (coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.

KANIGEL, Rachele. **The Student Newspaper Survival Guide**. Ames, Iowa (USA): Blackwell Publishing Professional.

KONTOS, Louis; BROTHERTON, David C. (edits.). **Encyclopedia of gangs**. Westport, Connecticut (USA): Greenwood Press, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LA PAGINA MILLONARIA. **Site da hinchada de C. A. River Plate**. Disponível em: <www.riverplate.com>. Acesso em 29 jul. 2009.

LABARTHE-TOLRA, Phillipe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia-antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAGE, Maria Campos, **Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD**. In: *Educação Temática Digital*. Campinas, v. 12, n. esp., mar. 2011. P. 198-226.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP. UNICAMP, 1990.

LIGA FÚTBOL. **Comunidade de aficionados por futebol.** Disponível em: <<http://www.ligafutebol.com/6537/foto/los-hinchas-del-boca-juniors>>. Acesso em: 13 set. 2009.

LIPPI, Bruno Gonçalves; SOUZA, Dirley Adriano de; NEIRA, Marcos Garcia. **Mídia e futebol: contribuições para a construção de uma mídia pedagógica.** In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 1. Campinas: set. 2008, p. 9-24.

LOPES, José Sérgio Leite; MARESCA, Sylvain. **A Morte da Alegria do Povo.** In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs, nº 20, p. 132.

LUSTOSA, Eliza. **O Texto da Notícia.** Brasília: Ed. UnB, 1996.

MACHADO, Danusa de Almeida; ARAÚJO, Maria de Fátima. **Violência de Gênero: quando o homem é a vítima.** In: ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (orgs). *Gênero e Violência*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

MACHADO, Vinicius Sant'Ana; BUCHMANN, Carolina Bützke. **Futebol de campo em Porto Alegre – RS.** In: MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (orgs). *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF-RS, 2005. p. 24.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do Diabo.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A terra fértil do cotidiano.** In: *Revista FAMECOS*. n. 36. Porto Alegre, ago. 2008, p. 5-9.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do Esporte.** São Paulo: Perspectiva, 1969.

MAINGUENEAU, Dominique. **A noção de hiperenunciador.** Traduzido por Roberto Leiser Baronas & Fabio César Montanheiro. In: *Revista Polifonia*. Revista do Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. n. 10. Cuiabá, 2005. p. 75-97.

MANCING, Howard. **The Cervantes encyclopedia**. Westport, Connecticut: Greenwood Publishing Group, v. 1 . A–K, 2004

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. **Português Instrumental**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002.

MARTINS, Cid; FARINA, Jocimar; ALMEIDA, Fábio. **Violência Futebol Clube – Das torcidas organizadas para as Barra Bravas**. Clic Esportes. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,1478770,Violenca-Futebol-Clube-Das-torcidas-organizadas-para-as-Barra-Bravas.html>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

_____. **Violência Futebol Clube – Os barra bravas dos Pampas**. Clic Esportes. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,1479797,Violenca-Futebol-Clube-Os-barra-bravas-dos-Pampas.html>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. **A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul**. In: *Lecturas: Educación Física y Deporte (Revista Digital)*. Buenos Aires, ano 5, n. 26, out. 2000. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm>>. Acesso em 10 mai. 2009.

_____. **Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil**. In: *Scripta Nova (Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales)*. Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-108.htm>>. Acesso em 29 jul. 2010.

_____. **A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade**. In: *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, jan./dez. 2005, n° 19-20, p. 61-70.

MATTOSO, Guilherme de Queirós. **Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MAURÍCIO, Ivan (org.). **90 minutos de sabedoria. A filosofia do futebol em frases inesquecíveis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p. 36.

MELLO, José Guimarães. **Dicionário Multimídia: Jornalismo, Publicidade e Informática**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

MELO, Victor Andrade de. **Porque devemos estudar História da Educação Física/Espportes nos cursos de graduação?**. In: *MOTRIZ. Revista de Educação Física*, v. 3, n. 1. UNESP: Rio Claro, jun./1997. p. 56-61.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2007.

MIGUÉLEZ, Antonio Martínez. **Europa Hooligan**. Madri (ESP): Vision Libros, 2008.

MOA BLOG. Disponível em: <<http://blog.moadesenhos.com.br/2007/06/19/tricolor/>>. Acesso em: 22 out. 2010.

MONET, Jean-Claude. **Polícias e Sociedades na Europa**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. tomo III.

MORATO, Márcio Pereira. **A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos.** In: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 73-104.

MOREIRA, María Verónica. **Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina.** In: *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n.13. Valdivia, 2007. p.5-20.

MOURA, Milton. **O nome da cena: uma reflexão sobre violência e espetáculo.** In: BIÃO, Armindo; PEREIRA, Antonia; CAJAÍBA, Luiz Cláudio; PITOMBO, Renata (orgs.). *Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade*. São Paulo: Anablume, 2000.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol.** São Paulo: Hedra, 2000.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. **O Brasil na Taça Libertadores e no Mundial Interclubes.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

NEVES, Milton. **Flamengo, Grêmio e Corinthians são as maiores torcidas dos estádios. E são paulinos decepcionam!.** Blog do Milton Neves. Disponível em: <<http://blog.miltonneves.ig.com.br/2008/08/27/flamengo-gremio-e-corinthians-sao-as-maiores-torcidas-de-estadio/>>. Acesso em 24 ago. 2010.

NORONHA, Nico; COIMBRA, David; SOUZA, Mário Marcos de. **A história dos Grenais.** 2 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas.** São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *A evolução e o uso dos pronomes de tratamento de segunda pessoa singular no português e no espanhol*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura, ano 05, n. 10. 1º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/pronomesportespanhol.pdf>>. Acesso em 31 ago. 2010.

OLIVEIRA JR., Antônio R. **A Fotografia Oficial: imagem do poder**. Boletim do Centro de Memória UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 10, p. 33-41, jul./dez. 1993.

OLIVIER, Diogo. **ClicEsportes**. 25 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/default,2521160,Conheca-Los-Demonios-Rojos-a-Geral-do-Gremio-do-Caracas.html.html>> Acesso em 17 set. 2009.

ORGANIZADAS BRASIL. **O Portal das Torcidas Organizadas**. Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/galerias/especial_jogador/images/t_25.jpg>. Acesso em: 19 set. 2010.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nós iremos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHØLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Michael (orgs.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PERSPECTIVA. Disponível em: <<http://perspectivabr.wordpress.com/author/lindalucia/page/3/>>. Acesso em 4 mar. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 14, n. 2, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200015&lang=pt> Acesso em 12 nov. 2009.

_____. **Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas**. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologías: fútbol, identidade y violência em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

_____. (2004a). **Hooligans. Barbárie e futebol**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. (2004b). **Torcidas Organizadas. Brutalidade uniformizada no Brasil**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

PIRES, Beatriz Helena Fonseca Ferreira . **O corpo como suporte da arte. Piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: SENAC, 2005.

PLUGEL, Leonel. **Al compás del tamboril**. Revista Un Caño, Bueno Aires, jun. 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998. Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____. **Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico**. Revista paulista de Educação Física, São Paulo, v. 17(2), p. 85-92, jul./dez. 2003.

_____. **Futebol e Violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; CARRO, Miguel Cardenal. **Iniciativas legislativas para la prevención de la violencia en los espectáculos deportivos: una comparación entre los modelos brasileños y español.** In: *X Congreso Internacional de Historia del Deporte: X Congreso Internacional de Historia del Deporte*. Sevilla: Universidade Pablo de Olavide, 2005.

REVISTA GOOOL. Edição Especial, n. 5. Porto Alegre: Cyncus, dez. 1983.

REVISTA Repórter FECESP. Ano 7, n. 105. São Paulo: A Federação, jun. 1997.

RIGHETTI, Sabine; QUADROS, Ruy. **Impactos da internet no jornalismo impresso.** In: *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 2009. Disponível em: <http://www.extecamp.unicamp.br/gestaodainovacao/biblioteca/Righetti&Quadros_comciencia_2009.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2011.

ROCCO JUNIOR, Ary José. **O “cyberhooligan” brasileiro: hacker, cracker ou cyberpunk?.** In: MARQUES, José Carlos (org.). *Comunicação e esporte: diálogos possíveis*. São Paulo: Artcolor, 2007.

ROMANCINI, R. **História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa.** In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 23 – 47.

ROMERO, Amílcar. **Apuntes sobre la violencia em el fútbol argentino.** In: *Educación Física y Deportes*. Ano 2, n. 8. Buenos Aires: dez. 1997. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd8/amilc81.htm>> Acesso em: 10 set. 2009.

_____. **Lo de los militares fue mundial.** I-bucs, 2003. Disponível em <<http://elortiba.galeon.com/pdf/mym78.pdf>> Acesso em: 10 set. 2009. p. 46-47.

_____. In: MARTÍNEZ, Facundo. **Las barras aparecen con la industrialización del fútbol.** jul. 2003. Disponível em <<http://www.pagina12.com.ar/diario/deportes/8-22673-2003-07-13.html>> Acesso em: 10 set. 2009.

ROMERO, Edith Cortés; ARAGO, Daniela Hinojosa; SANDOVAL, Janette Cruz. **Códigos de comunicación en los jóvenes que asisten al fútbol en el Nemesio Diez: sonidos, ruidos.** In: *Revista Electrónica Razón y Palabra: Deporte, Cultura y Comunicación*, n. 69, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/CODIGOS%20DE%20COMUNICACION%20EN%20LOS%20JOVENES.pdf>>. Acesso em 31 ago. 2010.

RUIZ, Josiane Machado; MATTIOLI, Olga Ceciliato. **Violência Psicológica e Violência Doméstica.** In: ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (orgs). *Gênero e Violência*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

SALOM, Luz Gil; MONREAL, Carmen Soler; STUART, Keith. **ACIA: corpus lingüístico del inglés académico científico-técnico.** In: PALMER, J. C.; POSTEGUILLO, S.; FORTANET, I. (eds.). *Discourse analysis and terminology in languages for specific purposes*. Castelló de la Plana (ESP): Publicacions de la Universitat Jaume I., 2001. p. 345-356.

SÁNCHEZ, A.; SARMIENTO, R.; CANTOS, P.; SIMÓN, J. **Cumbre. Corpus lingüístico del español contemporáneo. Fundamentos, metodología y aplicaciones.** Madri (ESP): SGEL, 1995.

SCLIAR, Moacyr. **Porto de histórias: mistérios e crepúsculo de Porto Alegre.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.

S. C. INTERNACIONAL. **Site da torcida do Sport Club Internacional.** Disponível em: <www.scinternacional.net>. Acesso em: 25 dez. 2009.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Site oficial do Sport Club Internacional**. Disponível em: <www.internacional.com.br>. Acesso em 3 nov. 2009.

SORENSEN, Asta. **Use of QSR NVivo 7 Qualitative Analysis. Software for Mixed Methods Research**. In: *Journal of Mixed Methods Research*, v. 2, ed. 1, jan. 2008. p. 106-108.

STIM, Richard. **Patent, copyright & trademark**. ed. 10. Berkeley, Califórnia (USA): Nolo, 2009.

TAGLIAFERRI, Mauro. **Eles estão de volta**. Folha de São Paulo. São Paulo: 25 ago. 1996.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: AGE, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

WONG, Li Ping. **Data analysis in qualitative research: a brief guide to using NVivo**. In: *Malaysian Family Phisician*, v. 3, n. 1, 2008. p. 14-20.

YARROCH, Gustavo. **Barras bravas: cuáles son sus verdaderas fuentes de financiación**. In: *Clarín digital*. 6. set. 2006. Disponível em <<http://www.clarin.com/diario/2006/09/06/deportes/d-04415.htm>> Acesso em: 11 set. 2009.

YOGUI, Rakso. **El fútbol del futuro**. Libros en red, 2008. p. 93.

ZANCHETTA JR., Juvenal. **Imprensa escrita e Telejornal**. São Paulo: Edunesp, 2004.

ANEXO A – PANFLETO DIVULGADO NAS IMEDIAÇÕES DO ESTÁDIO OLÍMPICO
MONUMENTAL ANTES DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DO GRÊMIO NA
GESTÃO 2011/2012

A Geral é do Grêmio!

E, sendo do Grêmio, se preocupa acima de tudo com os interesses do clube.

Por isso em 2007 colocamos 2 representantes no Conselho Deliberativo.

Com 2 conselheiros conseguimos marcar presença. Votamos a favor da queda da cláusula de barreira e por umas no interior do Estado. Fizemos o interesse do torcedor da arquibancada ser ouvido no conselho. E trouxemos do conselho, informações para o povo da Geral.

Além disso, ajudamos o filme que conta a história da torcida a virar realidade (estreia em Setembro) e conseguimos modificar o projeto da Arena para que ele se adapte ao nosso estilo.

Desta vez vamos de novo! Queremos aumentar esta nossa participação. E novamente vamos ao lado de pessoas que valorizam a torcida e podem fazer muito pelo nosso Grêmio.

Sempre com responsabilidade e nunca com oportunismo. Sempre sabendo que a torcida é o coração do clube, mas que o Grêmio precisa de mais. De profissionalismo, de gestão e de dirigentes competentes.

**Pela torcida e pelo Grêmio,
vamos com a Chapa 1 - Renova Tricolor!**



ANEXO B – NOTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE OS INCIDENTES ENTRE A TORCIDA GERAL DO GRÊMIO E A TORCIDA MÁFIA TRICOLOR



G r e m i o



NOTA DE ESCLARECIMENTO

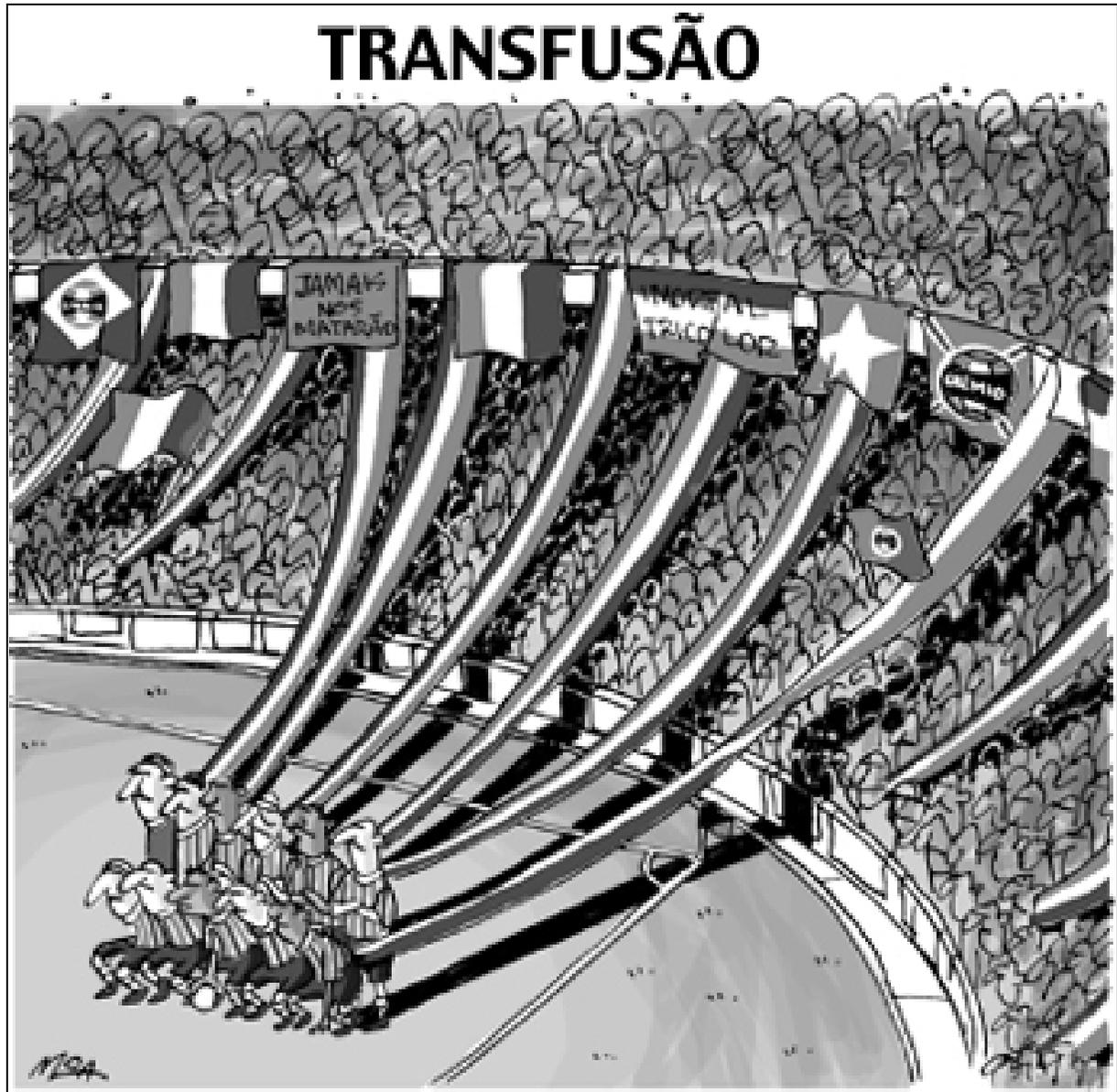
Em virtude de inúmeros fatos veiculados na imprensa do Estado, a Geral do Grêmio vem a público prestar os seguintes esclarecimentos:

1. A torcida repudia e lamenta os fatos ocorridos após o jogo do Grêmio com o Coritiba, domingo, dia 16/11/08, e espera que as autoridades competentes identifiquem e punam os culpados pelo fato;
2. As notícias veiculadas por grande parte da mídia em relação às causas do lamentável fato ocorrido domingo são inverídicas, fantasiosas e sensacionalistas;
3. Não há no movimento Geral do Grêmio nenhuma espécie de racismo OU DISCRIMINAÇÃO quanto a sexo, raça, idade, etc.
4. Todos aqueles que frequentam o Olímpico e a própria imprensa que obtém em todos os jogos imagens da Geral sabem que aquele espaço da arquibancada é democrático e aberto, sendo frequentado por crianças, mulheres, negros, brancos, pobres, ricos.
5. As faixas, bandeiras e "trapos" utilizados, há muito, exaltam jogadores negros como Anderson e Tarcísio;
6. A bandeira com a imagem de Lupicínio Rodrigues também há muito está exposta no lado oposto da Geral no Olímpico, não tendo causado nunca, nem agora, nenhuma espécie de incidente entre torcidas;
7. **NÃO HÁ, TAMBÉM, NENHUMA DISPUTA POR RECURSOS FINANCEIROS NA GERAL;**
8. A alegação de que a torcida teria faturamento mensal de aproximadamente R\$ 70.000,00 é absolutamente fantasiosa e sem o menor nexo com a realidade;
9. A Geral não recebe auxílio ou subsídio do Grêmio Football Portoalegrense, nem tampouco ingressos, visto que a grande maioria dos integrantes da Geral são associados do Clube;
10. Prova disso, aliás, foi o inenso esforço da torcida para que fossem instaladas roletas de associados junto ao Portão 10 do Olímpico;
11. Os poucos recursos arrecadados pela torcida com a venda de mantas e canecos são empregados na aquisição de instrumentos musicais, faixas e bandeiras.

Assim, feitos estes esclarecimentos, cumpre registrar, por fim, que um fato violento isolado, absolutamente reprovável, como muitos outros que já ocorreram com pessoas utilizando camisas de clubes ou ligadas a determinadas torcidas, não pode comprometer a imensa torcida do Grêmio, os milhares de grêmistas anônimos que em todos os jogos se dirigem para o Portão 10 do Estádio Olímpico com o único objetivo de torcer e apoiar o Grêmio, pois essa é a verdadeira cultura criada pela Geral, apoiar sempre, nunca se entregar!

Continuaremos fazendo a festa no Olímpico, fazendo dele o maior apoio de torcida no Brasil, sem violência, sem preconceito, sem discriminação, de forma democrática e aberta, sem estrutura hierárquica, de forma apaixonada e incansável, como sempre foi a Geral do Grêmio.

ANEXO C – CHARGE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GERAL DO GRÊMIO E JOGADORES



Fonte: Moa Blog.